



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

**MARTINHO LUTERO, RABELAIS E MARGARIDA DE NAVARRA: UM ESTUDO  
COMPARADO DAS BIOGRAFIAS DE LUCIEN FEBVRE**

SEROPÉDICA  
2026





THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

MARTINHO LUTERO, RABELAIS E MARGARIDA DE  
NAVARRA: UM ESTUDO COMPARADO DAS BIOGRAFIAS  
DE LUCIEN FEBVRE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do  
grau de Doutor em História, Área de concentração:  
Relações de Poder e Cultura.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Glória de Oliveira

SEROPÉDICA  
2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G963m      Guimarães, Thaís França, 27/10/1990-  
              MARTINHO LUTERO, RABELAIS E MARGARIDA DE NAVARRA:  
              UM ESTUDO COMPARADO DAS BIOGRAFIAS DE LUCIEN FEBVRE /  
              Thaís França Guimarães. - Seropédica, 2026.  
              260 f.: il.

              Orientadora: Maria da Glória de Oliveira.  
              Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
              de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História,  
              2026.

              1. Gênero biográfico. 2. Biografia Moderna. 3.  
              Lucien Febvre. I. de Oliveira, Maria da Glória,  
              25/08/1961-, orient. II Universidade Federal Rural do  
              Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História  
              III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a  
fonte

**O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

MARTINHO LUTERO, RABELAIS E MARGARIDA DE NAVARRA: UM ESTUDO  
COMPARADO DAS BIOGRAFIAS DE LUCIEN FEBVRE

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora no Programa de Pós-Graduação em História Área de concentração em relações de poder e cultura.

Tese aprovada em 09 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 206 / 2026 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.016681/2026-06

Seropédica-RJ, 13 de abril de 2026.

Nome do(a) discente: THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

TESE submetida como requisito parcial para obtenção do grau de DOUTORA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de DOUTORADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

TESE APROVADA EM : 09 de abril de 2026

Banca Examinadora:

Dra. SABRINA MAGALHÃES ROCHA, UFOP Examinadora Externa à Instituição  
Dr. ALEXANDRE DE SÁ AVELAR, UFU Examinador Externo à Instituição  
Dr. JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA, SME Examinador Externo à Instituição  
Dra. PATRICIA DA SILVA REIS MARQUES, UFRRJ Examinadora Externa ao Programa  
Dra. MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 08:22 )  
MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matrícula: 1544166

(Assinado digitalmente em 13/04/2026 13:25 )  
PATRICIA DA SILVA REIS MARQUES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matrícula: 1955819

(Assinado digitalmente em 11/05/2026 13:45 )  
SABRINA MAGALHÃES ROCHA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 014.476.486-50

(Assinado digitalmente em 01/06/2026 08:12 )  
ALEXANDRE DE SÁ AVELAR  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 074.357.057-05

(Assinado digitalmente em 14/04/2026 17:46 )  
JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 057.655.767-61

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: 206, ano: 2026, tipo: TERMO, data de emissão: 13/04/2026 e o  
código de verificação: 164439b454

Àqueles que persistem na pesquisa acadêmica,  
mesmo quando o percurso se torna árduo.  
Àqueles que mantêm o saber como farol em  
tempos de incerteza e obscurantismo.  
Àqueles que defendem o pensamento científico  
com coragem e compromisso.

especially to women in science.

## AGRADECIMENTOS

Várias vezes pensei em colocar um ponto final prematuro neste trabalho. Mas acabei deixando uma vírgula. E, assim, construí períodos, parágrafos, capítulos, uma tese inteira que, ao longo desses anos, foi algoz, mas também soube ser a minha salvação e refúgio.

O processo de pesquisa foi uma atividade solitária, solidária, de encontros e despedidas. Agradeço a todos que, de diferentes formas, participaram desta trajetória. Estive a sós, mas nunca sozinha. Provavelmente esta seja a última vez em que a escrita acadêmica me permita agradecer, em voz alta, às pessoas que tornaram este percurso mais suportável e, embora, por conta do espaço reduzido, eu não consiga incluir todos, cada gesto, apoio e palavra de incentivo seguem comigo. Neste espaço, *que é só meu*, alguns merecem mais do que um agradecimento protocolar: merecem minha declaração pública de amor e gratidão.

Agradeço, primeiramente, ao meu pai, José Guimarães e Silva. Ele que é o homem mais honesto, gentil, sensível e de bem com a vida que eu conheço. Obrigada por tudo, por cada gesto, cuidado e presença que moldam quem eu sou. Obrigada por ser meu pai, por existir em minha vida com essa força serena que só você tem. Obrigada por ser meu porto mais do que seguro, meu lugar de descanso, de proteção e de certeza. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu duvido; por me incentivar a ir além, por enxergar possibilidades onde às vezes eu vejo medo. Obrigada pelo amor incondicional, pela calma que tranquiliza, pela serenidade que ensina, pela força que sustenta e pela confiança que me impulsiona. Ter você como pai é um privilégio que agradeço todos os dias. Obrigada por seu apoio, amor e confiança em mim, que são inabaláveis. Você é uma fonte de resiliência, amor, sabedoria e esperança em minha vida. Que bom que você existe. Eu te amo.

Naquela tarde, em 2016, eu estava na graduação e buscava orientação para a monografia. Bati à porta de uma sala e encontrei um farol que, desde então, me ilumina em todas as etapas da vida acadêmica. Agradeço à mulher firme e generosa, que se tornaria minha guia, inspiração e orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória de Oliveira. Obrigada pela paciência ao me orientar na graduação, no mestrado e no doutorado. Obrigada pela liberdade ao me deixar criar, pela gentileza ao me cobrar, pelo respeito às minhas escolhas e por me ensinar como sustentá-las. Sou grata pelo ambiente acolhedor e inspirador que foi a sua orientação. A senhora me ensinou a não ter medo e a confiar no meu próprio trabalho; a não permitir que a insegurança fale mais alto, sobretudo para nós, mulheres, que tantas vezes carregamos o peso histórico de duvidar de nossa própria capacidade. Aprendi que as críticas não devem nos paralisar, mas nos fortalecer, pois são oportunidades para aprimorar argumentos, sustentar ideias e defender com firmeza aquilo que construímos com esforço e seriedade. Obrigada por moldar a minha direção acadêmica e me ensinar a ocupar o nosso espaço, como mulheres e intelectuais, com coragem, consciência e dignidade.

Faço um agradecimento especial ao Prof. Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes. Desde a primeira aula, ainda na graduação, eu já sabia: “*quero ser como ele quando crescer*”. O professor Edmundo é daqueles que, quando a aula termina, eu sinto vontade de me levantar e aplaudir; não apenas pelo conteúdo, mas pela forma como ele ensina, com clareza, paixão, generosidade e domínio absoluto do que está falando. Há mais de dez anos, tenho plena convicção de uma coisa: *a melhor aula é e sempre será a dele*.

Não poderia deixar de agradecer ao Prof. Dr. Ricardo de Oliveira (*in memoriam*), que foi meu primeiro orientador na graduação. Enquanto eu ainda tentava entender o que era uma monografia, ele já me incentivava a, no futuro, seguir no mestrado e no doutorado. Foi um professor que praticamente adotou a minha turma: ajudava com questões burocráticas e empecilhos acadêmicos. Sua sala estava sempre de portas abertas para nos atender. Botafoguense, sambista, *bon vivant*, cervejeiro: cada reunião com ele era uma alegria. Sua partida, de forma inesperada, foi muito triste, mas ver seu legado ainda hoje na UFRRJ é um afago.

Agradeço aos demais professores e professoras da UFRRJ. Agradeço também a todos os docentes que fizeram parte da minha banca de qualificação e defesa; as sugestões foram excepcionais e me dão a certeza de que “se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Aos secretários Paulo e Cheila. Se os quinze anos que estou na UFRRJ foram mais fáceis, certamente foi graças à ajuda de vocês.

Agradeço à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, minha *alma mater*.

Aos meus avós, Ângelo Custódio e Irany, vocês são a minha vida. Ao meu tio Adão, obrigada por tudo.

Para a minha tia Karla França as palavras quase que somem, não por falta do que dizer, mas pela imensidão do que ela representa em minha vida. Ela é meu ídolo desde que me entendo por gente. Cresci admirando sua força, sua luz, sua maneira única de cuidar e de transformar tudo ao redor. Você é inspiração, referência e abrigo. Me ensinou que os sonhos são possíveis e que a vida é mais leve com amigos, MPB, livros, vinhos e viagens. Te amo.

Rods (Rodolfo de Paula), é daquelas pessoas que transbordam generosidade. Como digo, você não é um amigo, *é um prefeito*: sempre atento, sempre disposto. É uma honra ter o privilégio da sua parceria, da sua mão estendida, do seu riso fácil e da sua companhia que ilumina qualquer ambiente. Você se fez presente nesta tese em cada lata de energético que me presenteou, no notebook formatado, e em todos os outros mimos. Obrigada pelo gesto, pela lembrança e pelo afeto que eles carregam. Você é parceria sólida. Sua amizade é muito importante e especial para mim.

Thainá Cardoso, obrigada pela amizade duradoura, que atravessa fases, silêncios e tempestades sem perder a força. Obrigada por tornar a vida boa quando ela não está tão boa e por torná-la ainda melhor quando está tudo bem. Eu amo *partilhar a vida com você*. Você tem o dom de

transformar dias comuns em memórias bonitas e de lembrar que sempre há alguma fresta de luz, mesmo quando o céu parece fechado. Eu te admiro muito.

Thayane Paloquine, ter sua amizade é ter leveza para enfrentar o dia a dia, é poesia declamada em voz alta em plena segunda-feira, é pôr do sol e banho de cachoeira após o trabalho, é um jantar cantando nossas músicas preferidas desde a adolescência. Obrigada por enfeitar a minha vida com a sua presença e com a poesia que existe no seu jeito leve de ver e viver o mundo. Você tem esse dom raro de enxergar o lado luminoso das coisas e, sem perceber, ensinar quem está por perto a fazer o mesmo.

Gabriel Sales, há quase dez anos você faz parte da minha vida, e nossa amizade é construída nos mínimos detalhes. Obrigada por me ensinar sobre perdão, companheirismo, cuidado, zelo, paciência e amor. Obrigada por todas as vezes que dividi com você as minhas confusões, você me trouxe calma, clareza e acolhimento. Ter você por perto é ter um mundo compreensivo e terno, baseado no diálogo honesto e no amor. Você tem uma simplicidade genuína, dessas que são pé na grama, pegar frutas direto do pé, rir fácil, valorizar o essencial e é justamente essa sua maneira de estar no mundo que torna tudo ao seu redor mais bonito e mais leve.

Meira (Rafael) é um dos meus amigos mais recentes, mas essa contagem de tempo não diz absolutamente nada sobre a intensidade e a importância da nossa conexão. Desde o dia em que nos conhecemos, você passou a fazer parte da minha vida. Obrigada pelo carinho que demonstra nos detalhes, pelo cuidado que aparece até nos gestos mais simples, pela presença constante, pelas brincadeiras que deixam meus dias mais leves e pelas surpresas inesperadas, como quando você surge no portão da minha casa com algum mimo. Generoso, companheiro, genuinamente atento e leal, você é daqueles amigos que não encontramos todos os dias e que, quando chegam, a gente só agradece por ter por perto. Sua amizade é um presente, e sou grata.

Minha amiga me aplaude tão alto que eu nem percebo quem não está aplaudindo. O nome dela é Tábata Catojo. Obrigada por ser afeto, carinho, presença, acolhimento, palavras de incentivo. Você transformou minha noção de amizade à distância e se tornou uma daquelas surpresas pelas quais só posso agradecer: alguém que transforma quilômetros em proximidade e mensagens em abraços. Ter sua amizade é como encontrar um trevo de quatro folhas todos os dias: é uma sorte rara e especial.

Mag (Magdiel Mendel) é um irmão que a vida me deu. Obrigada pelas músicas que alegraram os dias em que a tela do computador era minha única companhia. Sua presença é fonte de alegria e luz; sinônimo de diversão, de conversas intermináveis sobre qualquer assunto, de fotos engraçadas que jamais serão postadas. É um cafezinho compartilhado, um desabafo acolhido quando tudo parece difícil, um riso que alivia o peso do dia. É lugar de descanso e confiança, mesmo quando a distância existe. Amo rir com você das mesmas histórias e pensar: *ainda bem que somos amigos*.

Certa vez li que Albert Einstein passou dez anos estudando uma nova teoria e enviou o trabalho a Erwin Schrödinger, dizendo: “não estou enviando-o a mais ninguém, porque você é a única pessoa que conheço que não usa viseiras em relação às questões fundamentais da nossa ciência”. Para mim, essa pessoa é você, Gustavo Kifer. Admiro sua postura incansável em favor da ciência, da pesquisa e do pensamento crítico, sempre guiada por lucidez e rigor intelectual. Em um mundo onde opiniões levianas tantas vezes se impõem, você permanece firme na defesa da pesquisa séria, do método, da dúvida honesta e da coragem de revisar diante de novas evidências. Isso é admirável. Nos momentos finais desta pesquisa atravessei um período de profundo caos, e você foi luz. Obrigada pela generosidade, carinho, cuidado, empatia e sensibilidade. Obrigada por, de forma genuína e leve, ter trazido conforto e a esperança de que tudo ficaria bem. Meu sincero reconhecimento e minha profunda gratidão a essa mente brilhante, cuja inteligência e gentileza me inspiram.

Carlos Eduardo França Aguiar (*in memoriam*) partiu semanas antes da conclusão deste trabalho. O objetivo era entregar a versão final, viajar para encontrá-lo e mostrar pessoalmente o parágrafo dedicado a ele nos agradecimentos. Ele não sabia que seu nome estaria aqui, e todos os dias eu imaginava o quanto essa homenagem o deixaria feliz. Não tivemos tempo. Foi um primo que fez parte de toda a minha vida de uma forma linda. Suas palavras de apoio, carinho e incentivo foram a força necessária para concluir a tese e estudar para o concurso. Todos os dias ele fazia com que eu me sentisse especial. Obrigada por tudo, primo. Como você dizia: “*a gente tem que buscar levezas para enfrentar o dia a dia*” e “*a arte e a música salvam*”.

Edinho (Edson Poltronieri Filho, *in memoriam*) foi um grande incentivador. Com ele, a vida nunca passou em silêncio: comemoramos juntos o final da monografia, a aprovação no mestrado, a defesa da dissertação, a entrada no doutorado, o prêmio Rebello Mendes e tantas outras coisas que ele fazia questão de me chamar para brindar. Obrigada por tudo, meu amigo. Você faz falta todos os dias, e as minhas playlists de rock carregam agora um silêncio que nem o volume mais alto consegue preencher.

Um agradecimento especial para: tio Wagner Matos pelo encorajamento contínuo. Tio Álvaro pelo incentivo. Primo/irmão Matheus, pela presença e lealdade. Primo MV. Tio Marcos e Magna. Minha tia do coração Márcia Furtado e meninas. Tio Paulinho e Fabiana. Amiga Marcela de Oliveira, por me ajudar a retomar a confiança e o gosto pela pesquisa quando os perdi; sua presença foi crucial nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Para minha mãe, Maria Aparecida Custódio França Guimarães (*in memoriam*) e Selva Alencar (*in memoriam*); minhas queridas, vocês permanecem sempre no meu coração.

Agradeço a Deus, à Nossa Senhora das Graças e ao poder da medalha milagrosa. Obrigada pela proteção, esperança e confiança. Obrigada por terem sustentado cada passo até aqui.

*“Saber não saber, uma grande virtude.”  
(Lucien Febvre)*

*“Eu quase que nada não sei.  
Mas desconfio de muita coisa.”  
(João Guimarães Rosa)*

## RESUMO

GUIMARÃES, Thaís França. **Martinho Lutero, Rabelais e Margarida de Navarra**: um estudo comparado das biografias de Lucien Febvre. 2026. 230 folhas. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

Este trabalho analisa comparativamente três obras de Lucien Febvre dedicadas a personagens centrais do século XVI, *Un destin, Martin Luther* (1928), *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais* (1942) e *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane* (1944), com o objetivo de investigar em que medida esses estudos mobilizam procedimentos característicos da biografia moderna, apesar da recusa explícita do autor em classificá-las como biografias. A pesquisa examina as tensões entre história e biografia no interior do projeto intelectual dos *Annales* e parte-se da hipótese de que a rejeição do rótulo biográfico não implica a negação do biográfico como prática historiográfica, mas constitui condição para sua reformulação crítica. Sustenta-se que Febvre desenvolveu uma modalidade singular de escrita histórica que incorpora elementos da biografia moderna, como a complexidade psicológica das personagens, a recusa da hagiografia, a atenção às mentalidades e a articulação entre história, literatura e psicologia, subordinando-os, contudo, às exigências de uma história-problema centrada na relação entre indivíduo e sociedade. Do ponto de vista metodológico, adota-se uma abordagem comparativa, organizada a partir de eixos temáticos que contemplam o papel do biógrafo, a construção textual, a elaboração das personagens e questões transversais relativas à documentação, à ética e à crítica historiográfica. A análise dos prólogos, da estrutura interna das obras, das estratégias narrativas e da recorrência de conceitos-chave revela permanências e deslocamentos na escrita febvreana. Conclui-se que os estudos sobre Lutero, Rabelais e Margarida de Navarra formam uma série biográfica coerente, reafirmando o biográfico como instrumento legítimo e fecundo da investigação historiográfica no âmbito dos *Annales*.

Palavras-chave: gênero biográfico; biografia moderna; Lucien Febvre

## ABSTRACT

GUIMARÃES, Thaís França. **Martin Luther, Rabelais and Marguerite of Navarre: a comparative study of the biographies of Lucien Febvre.** 2026. 230 pages. Thesis (Doctorate in History) – Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

This study offers a comparative analysis of three works by Lucien Febvre devoted to central figures of the sixteenth century, *Un destin, Martin Luther* (1928), *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais* (1942), and *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane* (1944), with the aim of examining the extent to which these studies mobilize procedures characteristic of modern biography, despite the author's explicit refusal to classify them as biographies. The research explores the tensions between history and biography within the intellectual project of the Annales School and is grounded in the hypothesis that rejecting the biographical label does not entail denying the biographical as a historiographical practice, but rather constitutes the condition for its critical reformulation. It is argued that Febvre developed a distinctive mode of historical writing that incorporates elements of modern biography, such as psychological complexity, the rejection of hagiography, attention to mentalities, and the articulation between history, literature, and psychology, while subordinating these elements to the demands of a problem-oriented history centered on the relationship between the individual and society. Methodologically, the study adopts a comparative approach structured around thematic axes that address the role of the biographer, textual construction, the shaping of characters, and cross-cutting issues related to documentation, ethics, and historiographical critique. The analysis of the prefaces, the internal structure of the works, narrative strategies, and the recurrence of key concepts reveals both continuities and shifts in Febvre's writing. It concludes that the studies devoted to Luther, Rabelais, and Marguerite of Navarre form a coherent biographical series, reaffirming the biographical as a legitimate and fruitful instrument of historiographical inquiry within the Annales tradition.

Keywords: biographical genre; modern biography; Lucien Febvre

## RÉSUMÉ

GUIMARÃES, Thaís França. **Martin Luther, Rabelais et Marguerite de Navarre: une étude comparative des biographies de Lucien Febvre**. 2026. 230 pages. Thèse (Doctorat en Histoire) – Institut des Sciences Humaines et Sociales, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

Ce travail propose une analyse comparative de trois ouvrages de Lucien Febvre consacrés à des figures centrales du XVI<sup>e</sup> siècle, *Un destin, Martin Luther* (1928), *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle : la religion de Rabelais* (1942) et *Autour de l'Heptaméron : amour sacré, amour profane* (1944), afin d'examiner dans quelle mesure ces études mobilisent des procédés caractéristiques de la biographie moderne, malgré le refus explicite de l'auteur de les qualifier de biographies. La recherche analyse les tensions entre histoire et biographie au sein du projet intellectuel des École des Annales et part de l'hypothèse que le rejet de l'étiquette biographique n'implique pas la négation du biographique comme pratique historiographique, mais constitue la condition de sa reformulation critique. On soutient que Febvre a développé une modalité singulière d'écriture de l'histoire qui intègre des éléments de la biographie moderne, tels que la complexité psychologique des personnages, le refus de l'hagiographie, l'attention portée aux mentalités et l'articulation entre histoire, littérature et psychologie, tout en les subordonnant aux exigences d'une histoire-problème centrée sur la relation entre l'individu et la société. Du point de vue méthodologique, l'étude adopte une approche comparative, structurée autour d'axes thématiques comprenant le rôle du biographe, la construction textuelle, l'élaboration des personnages et des questions transversales relatives à la documentation, à l'éthique et à la critique historiographique. L'analyse des préfaces, de la structure interne des ouvrages, des stratégies narratives et de la récurrence de concepts clés met en lumière des permanences et des déplacements dans l'écriture febvréenne. On conclut que les études consacrées à Luther, Rabelais et Marguerite de Navarre forment une série biographique cohérente, réaffirmant le biographique comme un instrument légitime et fécond de l'enquête historiographique au sein des Annales.

Mots-clés: genre biographique; biographie moderne; Lucien Febvre

## Lista de figuras, gráficos e tabelas

|                                                                                                                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>Figura 1 - proporção de ocorrências da palavra "comprender" nas três obras</i>                                                                                             | 120 |
| <i>Figura 2 - distribuição das funções de "comprender" por obra</i>                                                                                                           | 120 |
| <i>Figura 3 - vida de Lutero em dois atos</i>                                                                                                                                 | 160 |
| <i>Figura 4 - Linha do tempo dos personagens</i>                                                                                                                              | 167 |
| <i>Figura 5 - Imagens de Lutero, Rabelais e Margarida</i>                                                                                                                     | 168 |
| <br>                                                                                                                                                                          |     |
| <i>Tabela 1 - esquema dos critérios de análise</i>                                                                                                                            | 111 |
| <i>Tabela 2 - Características da biografia moderna</i>                                                                                                                        | 241 |
| <i>Tabela 3 - Recorrências da palavra "Comprender"</i>                                                                                                                        | 244 |
| <i>Tabela 4 - número de repetições de "faire comprendre"</i>                                                                                                                  | 256 |
| <i>Tabela 5 - Divisões internas das obras (parte I) - Parte I – O esforço solitário, Rabelais ateísta? e Margarida, a cristã</i>                                              | 257 |
| <i>Tabela 6 - Divisões internas das obras (parte II e III) - Parte II e III – A maturidade/Retraimento em si; Crença ou incredulidade?; Margarida, a que fez o Heptamerón</i> | 259 |

## SUMÁRIO

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                     | 15  |
| CAPÍTULO I – MODERNISMOS, BIOGRAFIAS E COMPARAÇÕES .....                             | 56  |
| 1.1 “É preciso ser absolutamente moderno” .....                                      | 58  |
| 1.1.2 “Uma enorme fenda numa estrada lisa”: a Primeira Guerra Mundial.....           | 69  |
| 1.2. Biografias.....                                                                 | 75  |
| 1.3. O contexto inglês de biografias.....                                            | 84  |
| 1.4. O contexto francês de biografias .....                                          | 96  |
| 1.5. O criador inglês e o profeta francês: Strachey e Maurois.....                   | 101 |
| CAPÍTULO II - “COMPAREMOS, SIM. MAS COMO HISTORIADORES” .....                        | 110 |
| EIXO I: BIÓGRAFO .....                                                               | 116 |
| 2.1 <i>Corajosa busca pela verdade</i> .....                                         | 116 |
| 2.2 <i>Posição do biógrafo no texto</i> .....                                        | 128 |
| EIXO II: TEXTO .....                                                                 | 142 |
| 2.3 <i>Narrativa temática e simbólica</i> .....                                      | 143 |
| 2.4 <i>Liberdade de estilo e julgamento</i> .....                                    | 154 |
| 2.5 <i>Fazer da biografia uma arte</i> .....                                         | 156 |
| 2.6 <i>Fusão de gêneros: história, ficção e psicologia</i> .....                     | 158 |
| CAPÍTULO III – TRÊS FACES DO SÉCULO XVI: O PROJETO INTELECTUAL DE LUCIEN FEBVRE..... | 167 |
| EIXO III: PERSONAGEM .....                                                           | 167 |
| 3.7 <i>Complexidade da personagem</i> .....                                          | 167 |
| EIXO TRANSVERSAL .....                                                               | 203 |
| 3.8 <i>Documentação e pesquisa</i> .....                                             | 203 |
| 3.9 <i>Função Ética</i> .....                                                        | 223 |
| 3.10 <i>Abordagem crítica, desmistificadora e não hagiográfica</i> .....             | 224 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                            | 227 |
| BIBLIOGRAFIA .....                                                                   | 235 |
| APÊNDICE .....                                                                       | 241 |

## INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objetivo analisar as biografias *Un destin, Martin Luther* (1928)<sup>1</sup>, *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais* (1942)<sup>2</sup> e *Autour de "L'Heptaméron": Amour sacré, amour profane* (1944)<sup>3</sup>, escritas pelo historiador Lucien Febvre.<sup>4</sup>

A proposta é um desdobramento do trabalho que começou a ser desenvolvido ainda no curso de graduação em História, quando realizei uma análise das discussões sobre os usos da biografia como gênero e fonte histórica.<sup>5</sup> Naquele estudo monográfico, pude perceber as mudanças concernentes às formas da escrita biográfica, as aproximações e afastamentos com relação à história, além dos desafios e dificuldades dessa escrita, enfrentadas pelos biógrafos. De um modo geral, compreendi que as discussões relacionadas ao biográfico mostram que, embora a biografia tenha uma longa história como gênero narrativo, ainda há dificuldades por parte de alguns autores em incorporá-la como método de pesquisa e fonte no trabalho historiográfico, haja vista que, no decorrer do tempo, a biografia sofreu diversas mudanças. Logo, percebi que o tema das relações entre história e biografia mereceria ser melhor investigado, especificamente no caso das biografias de historiadores vinculados ao movimento dos *Annales*, posto que, nas suas sucessivas gerações, influenciados pelos paradigmas existentes, esses autores relacionaram-se de formas diferenciadas com a produção biográfica.

Para desenvolver a investigação no mestrado, aprofundi o estudo da escrita e da pesquisa biográficas no contexto dos *Annales*, através da análise da obra de um historiador vinculado à primeira geração e, portanto, também reconhecido como fundador da revista.<sup>6</sup> A

---

<sup>1</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928.

<sup>2</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais.** Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947.

<sup>3</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane.** 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944.

<sup>4</sup> É oportuno destacar que todas as traduções das obras biográficas de Febvre analisadas ao longo desta tese são de minha autoria. Realço também que a escolha das edições não é aleatória, mas metodologicamente orientada. Trata-se de versões consolidadas no circuito editorial francês. A obra sobre Rabelais corresponde a uma edição revista pelo próprio autor e a sobre Lutero inclui posfácio de Robert Mandrou, o que amplia sua contextualização historiográfica. A obra sobre Margarida foi selecionada por ser uma edição de fácil acesso.

<sup>5</sup> GUIMARÃES, Thaís França. **A biografia como gênero e fonte histórica:** discussões historiográficas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social:** a escrita biográfica de Lucien Febvre. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://shorturl.at/yP9Jg>. Acesso em 29 out. 2023.

fonte primária de investigação foi a obra *Martinho Lutero, um destino*, de Lucien Febvre, publicada em 1928.<sup>7</sup> Ao escrever o livro, o autor deixou claro o seu desejo de que o texto não fosse lido como uma biografia, contudo, como afirmar que o texto não é biográfico se ele comporta as principais características do gênero no campo historiográfico? Para responder ao paradoxo investiguei quem foi Lucien Febvre, qual o seu papel nos *Annales* e na historiografia francesa, qual era a concepção de história que ele defendia. Considerei sua trajetória e o campo em que estava inserido intelectualmente, com o intuito de obter elementos para entender sua recusa quanto à escrita biográfica. Por fim, mapeei a recepção da obra no meio acadêmico francês, as mudanças estruturais principalmente nos prólogos de suas obras e identifiquei características da escrita do autor.

Observei que, à luz da historiografia francesa do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, em um período de hegemonia da chamada Escola Metódica<sup>8</sup>, Febvre produziu uma obra biográfica original – sob seu estilo literário e apaixonado de escrita – cuja análise e investigação do objeto deu-se através das abordagens da psicologia histórica<sup>9</sup>. Apesar de *Martinho Lutero, um destino* ter sido publicado um ano antes do primeiro número da revista dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, o livro já apresentava algumas das inovações historiográficas que mais tarde seriam propostas no periódico. Lucien Febvre biografou Lutero como homem “(...) para integrá-lo em seu tempo, nos marcos mais amplos da história social”.<sup>10</sup> Interdisciplinaridade, uso de fontes variadas e história-problema já eram apresentadas na obra do historiador. Nos prólogos de 1927, 1944 e 1951, o autor revela-se orgulhoso de seu estudo, dos resultados alcançados e de sua originalidade, mostra-se, até o fim da vida, firme em sua

---

<sup>7</sup> A tradução e edição utilizada na pesquisa do mestrado foi: FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. 1ª ed 2ª reimpressão. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

<sup>8</sup> A Escola Metódica francesa é uma corrente historiográfica dominante na França entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, consolidada com a fundação da *Revue Historique* (1876), por Gabriel Monod e Gustave Fagniez. Defendeu uma história científica, objetiva e rigorosamente fundada na crítica documental, em oposição à história romântica. Embora frequentemente associada ao positivismo, não se inspirou diretamente na filosofia de Auguste Comte, mas no historicismo alemão e na crítica erudita das fontes. Privilegiou a história política, factual e nacional, valorizando documentos escritos e a neutralidade do historiador. Seus principais Marcos teóricos são o manifesto de Monod e o manual *Introduction aux études historiques* (1898), de Langlois e Seignobos.

<sup>9</sup> O termo foi usado por Henri Berr em 1900, ao formular o objetivo de sua recém-fundada *Revue de Synthèse Historique*. Bloch descrevia *Les Rois...* (1924) como uma contribuição à *psicologia religiosa* e alguns de seus últimos ensaios - sobre respostas às mudanças tecnológicas - como contribuições à *psicologia coletiva*. Febvre defendeu a *psicologia histórica* num artigo de 1938, publicado na *Encyclopédie française*, e descreveu o seu estudo de Rabelais (1942) da mesma forma. Robert Mandrou subtitulou seu *Introduction à la France moderne* (1961), baseado em notas deixadas por Febvre, e publicado numa coleção criada por Berr, “ensaio de psicologia histórica”.

<sup>10</sup> LOPES, Marcos A. apud MATOS, Júlia. Lucien Febvre e o Reformador. **Varia Scientia: Revista Multidisciplinar da Unioeste**. Cascavel, v. 1, n. 1, p. 149-153, 2001.

convicção de afirmar que o trabalho não foi de cunho biográfico. Contudo, posteriormente leitores e críticos não confirmaram o desejo do autor e a obra é sempre mencionada como a biografia que Febvre escreveu sobre Lutero.

Em continuidade à pesquisa, objetiva-se juntamente e, a partir da análise de *Martinho Lutero, um destino*, tomar os livros *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle: La religion de Rabelais* e *Autour de "L'Heptaméron": Amour sacré, amour profane* como biografias a fim de verificar em que medida Febvre constrói e utiliza os mesmos recursos nas três obras. Pretendo comparar as biografias com o objetivo de identificar especificidades e traços comuns, isso, mediante a seguinte questão: é possível que todas elas possuam características de biografia moderna? Por que Febvre recusa o fato de que em tais obras há uma produção biográfica? Apesar da rejeição, acredito que o tempo todo, em entrelinhas, o autor estava escrevendo história por um determinado tipo de abordagem biográfica, que a meu ver é a biografia moderna. Produzir à luz das inovações dos modernismos e da biografia moderna na Europa no período em que Febvre escreve, faz com que haja uma mudança na sua forma lidar com o gênero? Presumo que após escrever sobre Lutero, de alguma maneira, Lucien Febvre tenha gostado da experiência, logo, de certa forma essa escrita gerou um aprendizado e uma relação/aproximação com a biografia. Ainda que o historiador tenha recusado a empreitada biográfica em função da ênfase na história social proposta pelos *Annales*, entre 1928 e 1944, escreveu *Lutero* e, continuando com Rabelais e Margarida de Navarra, apostou nas possibilidades epistemológicas do gênero dentro de uma chave sociológica, centrada nas relações entre indivíduo e sociedade.

Considero que a concepção de história febvreana estava muito ancorada nos debates em torno do projeto da história social e que, justamente por se inscrever nos ideais dos *Annales*, essa perspectiva interditava uma adesão mais explícita a determinados modelos de escrita biográfica. Os estudos de Febvre sobre Lutero, Rabelais e Margarida de Navarra ilustram amplamente a sua vontade de não separar as individualidades do meio social, de não se limitar a monografias de personagens, mas sim formular e explorar um complexo de problemas históricos, psicológicos e metodológicos.<sup>11</sup> Logo, a rejeição ainda em voga nos períodos em que Lucien Febvre escreveu as obras contribuiu para que o historiador mantivesse a sua postura de não ceder ao seu enquadramento no gênero biográfico. Entendo que a recusa em adotar o

---

<sup>11</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190.

biográfico esteja ligada ao desprestígio, especialmente pela associação do gênero com uma história romanceada, política e com fortes influências da concepção de história que o autor francês ficaria consagrado a combater. Essa perspectiva ajudou a consolidar suas convicções. Mas e a relação com a biografia moderna? O que pode ter influenciado o fundador dos *Annales* a enveredar nesse caminho?

Impõe-se, inicialmente, um breve balanço conceitual e introdutório do contexto em que Lucien Febvre viveu e produziu suas obras, de modo a situar os pressupostos historiográficos mobilizados ao longo do trabalho. Na Europa dos anos 1920, a conjuntura parecia favorável à inovação e o período conheceu uma forte ebulição intelectual e cultural. Nesse período de valorização da novidade, em janeiro de 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.<sup>12</sup> A criação dos *Annales* inscreve-se também em uma dinâmica de renovação, que se enraíza nos combates da história-ciência, nas reflexões epistemológicas nascidas na virada do século e na afirmação de novas ciências sociais, em cuja linha de frente aparecem a sociologia durkheimiana e a geografia vidaliana.<sup>13</sup>

Os *Annales*, em sua primeira geração,<sup>14</sup> contou mais expressivamente com a participação dos seus fundadores e diretores. Conforme destacado por Joui Guimarães Yamashita, tinha como público-alvo profissionais de história franceses e estrangeiros, eruditos em geral e homens de negócios – especialmente banqueiros<sup>15</sup> –, a primeira ambição dos

---

<sup>12</sup>YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

<sup>13</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 148.

<sup>14</sup> Cabe destacar que quem construiu essa forma de fixar a história e a memória do movimento dos *Annales* através de uma cronologia de “gerações” sucessivas foi Peter Burke em seu livro laudatório **A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. Além do mais, ele designa os *Annales* de “escola”, referindo-se a uma “revolução francesa na historiografia”. François Dosse e Jacques Revel, por seu turno, são críticos desse tipo de abordagem.

<sup>15</sup> Conforme Bertrand Müller, os homens de negócio constituíam uma clientela menos identificável, porém muito importante para os *Annales*, contudo, para Febvre e Bloch que tinham poucas relações nestes meios, a oportunidade parecia mais arriscada. Nas palavras de Müller: “L. Febvre e M. Bloch dedicam uma atenção especial aos “eruditos locais”. No momento de redigir um prospecto de lançamento, voltado a todas as categorias de público possíveis, cogita-se anexar uma nota específica dirigida aos estudiosos da província e aos membros de sociedades eruditas. A essas duas categorias de leitores soma-se uma clientela menos facilmente identificável, mas muito importante para a revista, os homens de negócios. No entanto, para os dois historiadores, que têm poucos contatos nesses meios, a empreitada se revela mais arriscada. E, embora M. Bloch possa anunciar triunfalmente que, entre os cinco primeiros assinantes, dois, incluindo um amigo seu, banqueiro, já estão garantidos, os diretores dos *Annales* sentem-se despreparados para alcançar um público ardentemente desejado.” Ver BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t. 1: La naissance des Annales (1928-1933), p. XXXVII.

fundadores da revista foi “*fazer a revista dar certo*”.<sup>16</sup> Além do mais, objetivava-se que a revista fosse uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica, bem como porta-voz dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história.

A história que os *Annales* defendem e desenvolvem, se apresenta, em primeiro lugar, como econômica e social. Nesse sentido, Lucien Febvre adverte que o hábito de ligar os epítetos econômico e social advém das longas discussões sobre o materialismo histórico e que, quando foi decidido colocar ambas as palavras na capa do periódico, ele e Marc Bloch sabiam que “social” era um adjetivo “que por fim já não quer[ia] dizer quase nada”. De acordo com Febvre, a palavra “social” parecia ter sido criada para servir de insígnia a uma revista que não queria rodear-se de muralhas, mas sim fazer irradiar um espírito de livre crítica e iniciativa em todos os sentidos. Em 1941, o autor chega a negar a existência de uma história econômica e social, haja vista que, para ele, há simplesmente a história, na sua unidade, ou seja, “a história que é toda ela social, por definição”.<sup>17</sup> Para o historiador, o epíteto social que se junta ao de econômico nos lembra que o objeto dos nossos estudos não é um fragmento do real, um dos aspectos isolados da atividade humana – mas o próprio homem, entendido no interior dos grupos de que faz parte.<sup>18</sup>

Conforme assegura Revel, assim é que “social” se torna o nome genérico que designa esta história nova: a história, com os *Annales*, torna-se a “depositária do social”<sup>19</sup>; como a história dos metódicos o fora do nacional, porque o social se tornou a entrada mais eficaz para reconciliar a história com a vida, para recolocá-la no terreno das realidades, para que ela estivesse de acordo com as evoluções das ciências. Essa ancoragem da história no continente-ciência por parte dos *Annales* não implica, porém, abandonar o que deve garantir à história o seu lugar central nas ciências sociais: a sua plasticidade, a sua flexibilidade teórica (que pode parecer um ecletismo) própria em relação ao seu objeto e que lhe deixa uma liberdade de análise única.<sup>20</sup> Essa abertura às ciências sociais alimenta a renovação das ferramentas, das noções, das

---

<sup>16</sup> YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

<sup>17</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 29-30.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>19</sup> REVEL, Jacques apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 196.

<sup>20</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 196.

questões e dos métodos da história. Para garantir seu lugar entre as ciências sociais, a história deve, contudo, ela mesma se pensar e se praticar como uma *ciência social*.<sup>21</sup>

A Revista dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale* nasceu como uma crítica aos historiadores metódicos tradicionais, tendo Febvre e Bloch opondo-se ao predomínio da história política e ambicionando substituí-la por algo a que se referiam como “história ampla e mais humana”.<sup>22</sup> Para Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia, a criação da revista inscreve-se também em uma dinâmica de renovação, que se enraíza nos combates da história-ciência, nos debates epistemológicos nascidos das reviravoltas das ciências na virada do século e na afirmação de novas ciências sociais, em cuja linha de frente aparecem a sociologia de Émile Durkheim<sup>23</sup> e a geografia de Paul Vidal de La Blache<sup>24</sup>. Pode-se destacar que o ambiente ou “clima intelectual” efervescente e interdisciplinar da Universidade de Estrasburgo, marcado por jovens professores da área de Letras, da Geografia, da Sociologia, da Psicologia e da História (Bloch e Febvre) também é um elemento contextual que contribuiu para a criação dos *Annales*.<sup>25</sup>

Estrasburgo, “novidade” territorial francesa<sup>26</sup>, parecia um local estratégico: região fronteira entre França e Alemanha, motivo de todas as disputas recentes entre os dois países, era nela que seriam decididos os resultados dessa contenda intelectual. Na Universidade de Estrasburgo, em 1920, tem-se o primeiro encontro de Marc Bloch e Lucien Febvre, também nesse ambiente, deram início ao projeto da revista e, conforme Jougi Guimarães, a instituição funcionaria ao longo da década de 1920 como uma espécie de microcosmo da historiografia francesa, entre continuidades e renovações.<sup>27</sup> O período de encontros diários entre ambos os historiadores durou treze anos, de 1920 a 1933, sendo de vital importância para o movimento dos *Annales*.

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 176.

<sup>22</sup> BURKE, Peter. **História e teoria social**. – 2. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 34.

<sup>23</sup> David Émile Durkheim (1858-1917), foi um sociólogo francês considerado um dos fundadores da sociologia moderna. Em 1898 fundou a revista *L'Année Sociologique*.

<sup>24</sup> Paul Vidal de La Blache (1845-1918), fundador do periódico *Annales de géographie*. Lançou as bases do possibilismo geográfico.

<sup>25</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-148.

<sup>26</sup> YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 69.

<sup>27</sup> Ibid., pp. 93-95.

Segundo Charles Carbonell e Georges Livet<sup>28</sup>, o ambiente da Universidade de Estrasburgo e o “espírito de Estrasburgo” são classicamente associados à criação dos *Annales*. A escolha dos professores assinalava a vontade do governo francês de fazer da universidade uma vitrina da reconquista francesa e seu clima intelectual era a originalidade, a ênfase dada à colaboração entre professores de diferentes disciplinas à pesquisa interdisciplinar. Nas “reuniões de sábado”, cujo intuito era reunir professores de diversas disciplinas para “livres conversas”, Febvre e Bloch tratavam frequentemente de história social. Durante esse período estrasburguense, ambos afirmam sua concepção de história e produzem obras-chave como *Martinho Lutero, um destino* (Febvre) e *Os reis taumaturgos* (Bloch).<sup>29</sup> Graças à congruência de pensamentos entre profissionais, o ambiente, sempre aberto à inovação também era colaborativo. A abundância e positividade na atmosfera estrasburguense duraria até metade da década de 1920 quando, a partir de então, os recursos começaram a escassear, o que levou professores a partirem para Paris em busca de cargos nas grandes universidades; Febvre, por exemplo, em 1923 já mostrava uma mudança de pensamento e mirava a cidade-luz como horizonte.<sup>30</sup>

Faz-se necessário proceder a um breve balanço da historiografia francesa anterior aos *Annales*, em especial do período correspondente à Escola Metódica, visto que foi em diálogo crítico com essa tradição que Marc Bloch e Lucien Febvre se posicionaram e, a partir dela, elaboraram suas próprias definições de história. Para a adequada contextualização do problema de pesquisa impõe-se remontar ao ensaio de François Simiand, *Método Histórico e Ciência Social*, publicado pela primeira vez em 1903<sup>31</sup>, tendo em vista que tal estudo terá importância crucial na formulação do programa dos fundadores do movimento *dos Annales*.

Segundo a fórmula de Robin Collingwood, os historiadores metódicos foram considerados como o símbolo de uma história a banir: “feita com tesouras e um pote de cola”, ignorante da sua construção, segura dos seus fatos, implicada na glorificação da nação, presa à

---

<sup>28</sup> CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-145.

<sup>29</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-145.

<sup>30</sup> YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 106-107.

<sup>31</sup> SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003. François Simiand (1873-1935), sociólogo e economista francês mais conhecido como participante da revista *Année Sociologique*.

política e comprometida com a colonização.<sup>32</sup> No que tange ao termo utilizado para designar tal grupo, Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia optam pelo termo “metódico” em face de “positivistas”, “metodista” (usado por Gérard Noiriel) e “metodologista” (usado por François Simiand e Lucien Febvre).<sup>33</sup>

A narrativa da França conduzida pelos metódicos não pretende ser nacionalista, mas apenas patriótica. Nesse âmbito, opera-se a união entre história e geografia, que se torna uma das características do ensino francês. Em 1903, Lucien Febvre, responsável pela crônica dos trabalhos de geografia na *Revue de Synthèse Historique*, ressalta o interesse dessa “geografia humana”. A partir de 1914, quando Febvre retoma as críticas dirigidas contra a escola metódica por François Simiand, rejeita as críticas feitas à geografia, além do mais, define a geografia vidaliana como “possibilista”.<sup>34</sup> Paul Vidal de La Blache (1845-1918), fundador da Escola Francesa de Geografia, defensor da ideia de que a pesquisa científica devia ser uma atividade ancorada no presente, impactou diretamente os caminhos da renovação historiográfica de Bloch e Febvre.<sup>35</sup>

Segundo os seus defensores, a aliança da história com as ciências sociais seria porto seguro para o correto desenvolvimento da objetividade e o enquadramento efetivo da história no campo das “ciências do espírito”, em que a ação humana era vista como dotada de sentido. Durkheim estabelecia uma diferenciação que seria central para a sociologia e para a história escrita a partir daquele momento: o objeto de estudo de sua disciplina residiria naquilo que fosse *social*. Segundo Yamashita, esse foi o primeiro argumento que favoreceu a iniciativa entre Bloch e Febvre, pois apesar de ambos encararem de forma distinta o peso das ciências sociais para a história, Durkheim foi um nome de prestígio em suas visões da disciplina que defendiam.<sup>36</sup>

É fundamental notar que, paralelamente, desenvolviam-se outras discussões sociológicas pautadas por propostas distintas. Ao evocar esses debates, busca-se evidenciar a coexistência de diferentes projetos de ciências sociais em disputa e destacar que os *Annales*

---

<sup>32</sup>COLLINGWOOD, Robin G apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 69. Robin George Collingwood (1889-1943), foi um filósofo, historiador e arqueólogo britânico.

<sup>33</sup> Ibid., p. 70.

<sup>34</sup>DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 111.

<sup>35</sup>YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 88.

<sup>36</sup>Ibid., p. 88.

optam por dialogar com um deles. Essa discussão é importante para dimensionar o que estava disponível para os *Annales* quanto à compreensão do papel do indivíduo e do social na história. O modo mais difundido e quase exclusivo de contar a história das ciências sociais consiste em estabelecer o traçado de uma narrativa linear que, a partir de um ponto de ruptura imaginário, apresentava o desenvolvimento da disciplina como uma sucessão de ideias tornadas mais acuradas e apuradas. Conforme o sociólogo Eduardo Viana Vargas, no que diz respeito ao processo de emergência das ciências sociais francesas, os “mitos de origem” atribuem a Durkheim e aos durkheimianos um lugar central, se não exclusivo, assim a aura que cerca o seu nome ganhou foros de lenda.<sup>37</sup> Na França, em oposição ao projeto de Durkheim, o qual Febvre e Bloch dialogavam, havia o projeto de Jean-Gabriel Tarde, que participou do processo de emergência das ciências sociais na passagem do século XIX, desenvolveu uma teoria sociológica consistente e singular e, no último ano desse século, já era considerado um dos sociólogos com maior reputação em Paris.<sup>38</sup> A grande notoriedade que gozou durante a vida não impediu que fosse esquecido pouco depois de sua morte.

No entanto, tanto Febvre quanto Bloch não se cansam de recordar o que devem à sociologia durkheimiana, além do mais, boa parte da legitimidade do empreendimento de ambos está ligada ao fracasso dos metódicos em se oporem aos sociólogos durkheimianos que, segundo Febvre, na virada do século, se assenhoreavam da história. É essa análise mais aprofundada e a ampliação do questionário e dos métodos a partir das outras ciências sociais que os *Annales* vão pôr em prática, defendendo e desenvolvendo uma história que se apresenta em primeiro lugar como *econômica e social*.<sup>39</sup>

No que tange à iniciativa do confronto entre historiadores e sociólogos, tal empreendimento deve-se a Charles Seignobos que, em nome da natureza específica do conhecimento histórico como conhecimento por meio de “rastros”, pretende arruinar toda a inflexão sociológica da história, ou até o projeto sociológico em si. A principal reação vem de François Simiand, que se faz o arauto do grupo durkheimiano. O debate entre Seignobos e Simiand dura cerca de sete anos e, em resposta a *La méthode historique appliquée aux sciences*

---

<sup>37</sup> VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca**: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, pp. 40-41.

<sup>38</sup> Ibid., p. 176. Jean-Gabriel Tarde (1843-1904), foi um sociólogo e psicólogo social francês, um dos pioneiros da criminologia moderna. Rival de Émile Durkheim nos primeiros debates que deram origem à sociologia francesa moderna.

<sup>39</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 176.

*sociales*, publicada em 1901 por Seignobos, Simiand redige, em 1903, dois longos artigos na *Revue de Synthèse Historique*: “Méthode historique et science sociale”.<sup>40</sup>

O artigo célebre de François Simiand, apresentado como uma reação às obras dos historiadores Paul Lacombe<sup>41</sup> e Charles Seignobos, faz uma dura crítica à tradição da história metódica francesa, dita “positivista” e centrada nos acontecimentos políticos. Para tanto, Simiand denuncia – em referência à doutrina de Francis Bacon<sup>42</sup> – os três “ídolos da tribo dos historiadores”: o “ídolo político”; o “ídolo individual”, que seria o hábito dos historiadores metódicos de fazerem a história dos indivíduos e não dos fatos sociais e o “ídolo cronológico”. Pode-se destacar que o ponto em comum entre esses “ídolos” é o indivíduo. O texto de Simiand é importante por definir não apenas uma crítica à historiografia tradicional, “historicizante”,<sup>43</sup> metódica, mas também para se considerar a ponderação feita ao “ídolo individual”, ou seja, à chamada história dos grandes homens, argumento que será crucial no desenvolvimento da história social e na formulação do programa dos fundadores do movimento dos *Annales*.<sup>44</sup>

Ao incitar os historiadores a quebrar seus três ídolos, Simiand interrogava: “por que não eliminar completamente, pelo menos da história científica, os trabalhos consagrados a biografias puras e simples (...) para a história anedótica e o romance histórico (...)?”<sup>45</sup> Para François Dosse, essa acusação à biografia assume sua importância quando o programa de Simiand torna-se, em 1929, o próprio paradigma dos *Annales*. Como a história política, o gênero biográfico faz parte dos “sacrifícios no altar da ciência”, contudo, insiste Dosse, as obras de Bloch e de Febvre não se afastam tão radicalmente das tentativas biográficas como faz crer o conteúdo da revista. Porém, a opção pelos fenômenos de massa diminui o peso dos indivíduos na história.<sup>46</sup> O historiador Guillaume Piketty por seu turno, corrobora que os *Annales* não se

---

<sup>40</sup>Ibid., pp. 128-129. Charles Seignobos (1854-1942), historiador francês, figura central da chamada Escola Metódica.

<sup>41</sup> Paul Lacombe (1834-1919), destacou-se por suas reflexões críticas sobre a prática historiográfica e por sua defesa de uma história atenta aos fenômenos sociais e econômicos, para além do relato político e factual tradicional.

<sup>42</sup> Francis Bacon (1561-1626), foi um cientista, filósofo e estadista inglês. Defendeu a possibilidade de conhecimento científico baseado unicamente no raciocínio indutivo e na observação cuidadosa de fenômenos naturais.

<sup>43</sup> A expressão “História Historicizante” foi cunhada por Henri Berr, mas consagrada por Lucien Febvre como uma adversária a se combater. Em *Combates pela História* (1953), Febvre explica a origem da expressão, além de definir o gênero. Ver FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 117-121.

<sup>44</sup>REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O’Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, pp. 23-24.

<sup>45</sup>SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003, p. 113.

<sup>46</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 196-199.

opunham tanto à biografia como se dizia, e exemplifica a questão com o fato de Lucien Febvre ter se servido magistralmente da biografia em seu inovador trabalho dedicado a Martinho Lutero.<sup>47</sup>

No final dos anos 1990, no texto “Microanálise e construção do social”, Jacques Revel destaca que uma das versões dominantes da história social é a que se definiu na França e em torno dos *Annales*. Apesar de sua formulação não ter sido homogênea e constante, ela apresentou certo número de traços relativamente estáveis que se relacionam com o programa crítico que o durkheimiano François Simiand elaborou para o uso dos historiadores. Simiand relembra aos historiadores as regras do método sociológico, destinadas a reger uma ciência social unificada, na qual diferentes disciplinas proporiam modalidades particulares. Dali em diante, os historiadores deveriam se afastar do único, do acidental, do indivíduo, do acontecimento e do caso singular para investir no que poderia tornar-se objeto de um estudo científico: o repetitivo e suas variações e as regularidades observáveis dos fenômenos sociais, das quais seria possível deduzir leis. Revel destaca que essa opção inicial, posteriormente retomada pelos fundadores dos *Annales*, leva à compreensão das características originais da história social à francesa e que esse modelo entrou em crise no final dos anos 1970 e início de 1980, quando os grandes paradigmas que unificavam as ciências sociais foram seriamente questionados.<sup>48</sup>

O fato de os *Annales* incorporarem uma crítica dirigida a certa concepção de história, a princípio, não significou um total afastamento do gênero biográfico, porém, como se dá a prática dessa escrita biográfica? A hipótese seria de que ela se dá, sobretudo, por meio da recusa de uma determinada ideia de biografia. Ao rejeitar a biografia enquanto gênero explícito, Febvre não abandona o biográfico, mas o reinscreve em outro regime de legitimidade historiográfica. O indivíduo deixa de ser o fim da narrativa e passa a funcionar como ponto de condensação de problemas históricos, o que permite ao autor preservar a centralidade do sujeito sem romper com os pressupostos da história social defendida pelos *Annales*.

A historiadora Sabina Loriga, em seu *O pequeno x: da biografia à história*, assegura que, no século XX, o antagonismo entre história social e história política se endurece e se banaliza, haja vista que a primeira continua a cultivar “sua vocação impessoal” e a segunda a

---

<sup>47</sup> PIKETTY, Guillaume. La biographie comme genre historique? Étude de cas. In: **Vingtième Siècle : Revue d'histoire**, n.63, 1999, pp. 119-126.

<sup>48</sup> REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.17- 19. Jacques Revel (1942), historiador francês. Foi diretor de estudos da *École des hautes études en sciences sociales* na década de 1990.

propor personagens convencionais e monolíticos. Para Loriga, foi provavelmente na França onde a biografia talvez tenha sido mais desprezada. A batalha contra a história historicizante foi vencida pelos historiadores dos *Annales*, que, para além dos acontecimentos particulares, se dedicaram a aprender as estruturas sociais, as representações mentais, os fenômenos de longa duração. Portanto, em pouco tempo, a biografia se torna um dos símbolos da história tradicional, da crônica dos acontecimentos, cuja preocupação se voltava mais para os grandes homens do que para as massas, mais com a cronologia do que com as estruturas.<sup>49</sup>

Jacques Revel entende que o empreendimento dos *Annales* também pode ser compreendido tanto como um conjunto de proposições científicas, tanto como uma expressão de uma estratégia científica, disciplinar e institucional. Sobre o êxito dos *Annales*, Revel a enxerga na origem de um caráter original da experiência francesa do século XX: não somente a história foi considerada, nesse contexto, como uma ciência social, mas, em grande medida, foi em torno dela que as ciências sociais se organizaram até 1960 pelo menos.<sup>50</sup>

Lucien Febvre e Marc Bloch, quando lançaram os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, convidaram Simiand para participar da comissão diretiva da revista, porém, o sociólogo não se juntou ao movimento. Em 1929, são retomadas, na revista, certas preocupações já expressas por Simiand em 1903. Pode-se destacar que um dos traços mais importantes do movimento dos *Annales* está no fato de que ele nasce a partir de um debate com as ciências sociais e a sociologia durkheimiana, emergentes naquele contexto.

As resenhas críticas redigidas por Febvre em 1940 e em 1941<sup>51</sup> sobre *La société féodale* de Bloch, permitem avaliar com particular nitidez as inclinações divergentes que orientam a prática da história social desses dois historiadores. Ao comentar o segundo tomo da obra, Febvre torna sua crítica mais severa e censura Bloch por ter relegado o indivíduo a um plano secundário. Não que a psicologia esteja ausente do livro, escreve Febvre, mas trata-se sempre de psicologia coletiva. Daí a sua interrogação incisiva: “por que não, de quando em quando, um homem que se destaque da massa? Ou, se for pedir demais, pelo menos um gesto de homem? Gesto de homens, de homens particulares?”.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup>LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 45.

<sup>50</sup>REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 42.

<sup>51</sup> Ver: FEBVRE, Lucien. La société féodale. *Annales HES*, v. 2, n. 1, 1940 e FEBVRE, Lucien. La société féodale: une synthèse critique. *Annales HES*, v. 3, n. 3-4, 1941.

<sup>52</sup> FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 187.

Prosseguindo nesse argumento, Febvre sustenta que o trabalho do historiador deve fazer compreender, isto é, mostrar ao mesmo tempo em que explica: “não hesitemos em dar a ver, em mostrar indivíduos em ação (...) e não apenas demonstrar a mecânica do homem feudal”.<sup>53</sup> Essa exigência de visibilidade do indivíduo, contudo, não implica uma negação da dimensão coletiva da vida social, mas antes uma diferença de ênfase na maneira de articulá-la à experiência histórica. É nesse sentido que Delacroix, Dosse e Garcia, apoiando-se nessas observações críticas de 1941, avaliam o que distingue Febvre de Bloch: no primeiro, identificam um maior apego às expressões conscientes da atividade humana - como a arte e a religião - e à consideração dos indivíduos; no segundo, reconhecem a primazia concedida às representações coletivas, às práticas e às maneiras de fazer menos conscientes. Ainda assim, ambos permanecem ligados por uma preocupação comum com as formas mentais que estruturam a vida social.<sup>54</sup>

É precisamente no interior desse projeto intelectual de reconfiguração das relações entre história e ciências sociais que se esclarece a maneira pela qual Lucien Febvre concebe o lugar do indivíduo, do coletivo e da psicologia na explicação histórica. Em sua concepção, a história não é “apenas obra dos indivíduos”, mas resulta da ação conjunta dos indivíduos e dos grupos. É nesse sentido que suas obras se apresentam como uma reflexão exemplar sobre as relações entre *a personagem histórica* e a coletividade. O autor frisa que o indivíduo histórico, ou seja, *a personagem histórica* desenvolve-se em e pelo grupo. Em certos momentos desprende-se dele temporariamente e aponta-lhe novos caminhos.<sup>55</sup> O personagem histórico não é uma potência autônoma, isolada do meio social, pois o homem recebe as suas determinações da sociedade.<sup>56</sup>

Nesse ínterim, como meta da história, Febvre define reconstruir todo o universo físico, intelectual e moral das gerações passadas. A noção de *instrumental mental* (título do primeiro tomo da *Encyclopédie française*, confiado por Febvre a Abel Rey<sup>57</sup>) reflete esse interesse pelas realidades coletivas psicológicas e de sensibilidade.<sup>58</sup> O instrumental mental, segundo Febvre, é formado por todas as ferramentas mentais à disposição dos homens de uma sociedade; essa

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 188.

<sup>54</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 188.

<sup>55</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 87.

<sup>56</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190.

<sup>57</sup> Abel Rey (1873-1940), foi um filósofo e historiador da ciência francês influenciado pela sociologia de Verry-Brühl.

<sup>58</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 189.

concepção que coloca a existência dessas ferramentas fora de seus empregos pode levar a uma “reificação das funções e dos ensinamentos culturais”.<sup>59</sup>

Na concepção de história intelectual formulada por Lucien Febvre, a preocupação em articular inseparavelmente o individual e o social aparece como um princípio estruturante. Trata-se de uma história das ideias, dos pensamentos, dos preconceitos e das modas, atenta a sua influência e a sua ação sobre as diferentes camadas da sociedade. Essa história social das ideias é, portanto, “parte integrante de uma história social, uma história que não está ligada nem ao único, nem ao raro, mas ao comum, ao feito em série, ao banal.”<sup>60</sup> Sempre preocupado em evitar o anacronismo<sup>61</sup> psicológico, ou seja, “o anacronismo do instrumental mental” e pondo-se sob a autoridade de Charles Blondel<sup>62</sup> e de Henri Wallon<sup>63</sup>, Febvre coloca o problema da psicologia histórica: “a impossibilidade de usar a psicologia dos homens do século XX para compreender os homens de antigamente”. Para Febvre, isso é integrar a psicologia à prática da história.<sup>64</sup>

---

<sup>59</sup> REVEL, Jacques Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 189.

<sup>60</sup> FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190

<sup>61</sup> No artigo “Os sentidos do anacronismo”, Bruno Gonçalves demonstra que o anacronismo é um conceito polissêmico, cuja definição variou ao longo do tempo e conforme os debates teórico-historiográficos. Longe de possuir um único significado, o termo aparece na literatura especializada com diferentes acepções e estatutos epistemológicos. O autor identifica, em primeiro lugar, o anacronismo como erro metodológico, entendido como projeção indevida de categorias, valores ou conceitos do presente sobre o passado. Nessa acepção, o anacronismo constitui uma falha profissional que compromete a compreensão histórica. Trata-se da formulação mais difundida na tradição historiográfica e aquela que associa o anacronismo a um “pecado” do historiador. Em segundo lugar, o artigo evidencia que o anacronismo também pode ser tratado como problema conceitual, isto é, como questão inerente à própria linguagem da história. Toda escrita histórica mobiliza categorias que não pertencem originariamente ao período estudado, o que torna o risco anacrônico estrutural à prática historiográfica. Além disso, Gonçalves aponta interpretações que compreendem o anacronismo como recurso heurístico ou crítico. Nessa perspectiva, o deslocamento temporal não é necessariamente um erro, mas pode funcionar como instrumento de reflexão, revelando tensões entre diferentes regimes de historicidade ou permitindo leituras críticas do passado. O artigo também mostra que o anacronismo já era um problema assinalado antes de Lucien Febvre. Embora Febvre tenha se tornado uma referência central ao qualificá-lo como o “maior dos pecados do historiador”, sua formulação insere-se em uma tradição historiográfica anterior que já advertia contra projeções temporais indevidas. A força de Febvre reside menos na inauguração do debate e mais na ênfase que conferiu ao tema, integrando-o às preocupações da história das mentalidades e reforçando sua dimensão metodológica. Assim, conforme demonstra o artigo, o anacronismo não é apenas um erro a ser evitado, mas um conceito historicamente construído, objeto de disputas e redefinições, cuja centralidade na teoria da história não se limita à obra de Febvre, ainda que ele tenha desempenhado papel decisivo em sua consagração como problema historiográfico fundamental. Ver: GONÇALVES, Bruno. Os sentidos do anacronismo. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 285–314, 2022. DOI: 10.15848/hh.v15i38.1829. Disponível em: <https://shorturl.at/i3npO>. Acesso em: 20 nov. 2025.

<sup>62</sup> Charles Blondel (1876-1939), foi um filósofo, psicólogo e médico francês. Lecionou filosofia e psicologia na Universidade de Estrasburgo. Marc Bloch e Lucien Febvre adotaram o seu conceito de Mentalidade.

<sup>63</sup> Henri Wallon (1879-1962), foi um psicólogo, médico, membro da resistência e político francês. Considerado um dos principais psicólogos infantis, foi diretor de estudos da *École pratique des hautes études (EPHE)* e professor do *Collège de France*. Seu nome está associado ao Plano Langevin-Wallon, uma proposta de reforma do sistema educacional francês (1947).

<sup>64</sup> FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190.

Ainda em referência aos debates metodológicos e epistemológicos que permeiam a história e o conjunto das ciências humanas, cabe destacar a importância da *Revue de Synthèse Historique*. Criada em 1900, pelo filósofo Henri Berr, ela tem o projeto explícito de reaproximar os pesquisadores de diversas disciplinas. Tal revista não se alinha às posições durkheimianas e, ante os sociólogos, defende a necessidade de levar em conta o papel dos indivíduos. Em suas colaborações, há certo ecletismo, haja vista que suas colunas eram abertas tanto para Langlois<sup>65</sup> quanto para Durkheim, para Simiand tanto quanto a Halphen<sup>66</sup>. Contudo, nas colunas, predominam os jovens pesquisadores; a maioria dos colaboradores tem menos de 40 anos quando publica nela pela primeira vez, Lucien Febvre, por exemplo, publicou o seu primeiro artigo na *Revue de Synthèse Historique*, aos 27 anos. Essa revista permitiu aos futuros fundadores dos *Annales* contrair alianças, especialmente com a geografia vidaliana, e afirmar suas próprias posições contra a “história historicizante”; a *Revue de Synthèse Historique* é caixa de ressonância dos debates que permeiam as ciências sociais do começo do século XX dos quais Febvre e Bloch tirarão por sua conta seus próprios ensinamentos e o primeiro deles será romper com a atitude ecumênica de Berr em proveito de uma intervenção mais definida. Dosse destaca que, nesse ponto de vista, mais que a *Revue de Synthèse Historique*, é *L'Année Sociologique* que constituirá o modelo dos *Annales*.<sup>67</sup> Yamashita adverte que cada historiador pareceu adotar uma das revistas como influência: a Bloch, inspirado por Durkheim, *L'Année Sociologique* seria protagonista; a Febvre, *Revue de Synthèse Historique*, que, inclusive apresentaria dois caminhos que seriam ambições dos organizadores dos *Annales*: espírito colaborativo e divulgação de pesquisas que fossem atuais. A partir de ambos os modelos, Bloch e Febvre procurariam desenvolver a noção de uma comunidade profissional, idealizando, assim, o campo de conhecimento da história.<sup>68</sup>

Em 1922, Febvre publica *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire* na coleção *L'évolution de l'humanité* de Berr. Tal livro, que fora preparado antes da guerra, representa uma etapa decisiva na redefinição por Febvre de uma identidade histórica perante as outras ciências sociais. O autor intervém como representante de uma disciplina, a

---

<sup>65</sup> Charles-Victor Langlois (1863-1929), foi um historiador francês. Foi coautor, com Charles Signobos de *L'introduction aux études historiques* da Escola Metódica.

<sup>66</sup> Louis Halphen (1880-1950), foi um historiador francês.

<sup>67</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 133-135.

<sup>68</sup> YAMASHITA. Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 90-92.

história, e se propõe levar adiante uma crítica de método, de resultados, que ele distingue do puro debate acadêmico sobre metodologia. Dosse salienta que há aí um jeito *polêmico* e *pragmático* de recompor uma identidade epistemológica para a história.<sup>69</sup>

Na década de 1920, um novo “fazer da história” estava em ação. Após o fracasso da tentativa de 1921, Bloch retoma a iniciativa em 1928, para relançar o projeto de uma nova revista de história econômica e social. Apoiados, sobretudo, por Albert Demangeon<sup>70</sup> - diretor dos *Annales de Géographie* e amigo de Febvre -, Marc Bloch e Lucien Febvre negociam com a editora Armand Colin.<sup>71</sup> O título escolhido para tal empreendimento foi *Annales d'Histoire Économique et Sociale (Annales HES)*, por analogia aos *Annales de Géographie*, de Vidal de la Blache, publicados pela mesma editora. A direção da revista era composta por Lucien Febvre e Marc Bloch; no comitê de redação, apareciam nomes como Albert Demangeon (geógrafo), Georges Espinas<sup>72</sup>, Maurice Halbwachs (sociólogo), Henri Hauser<sup>73</sup>, André Paganio<sup>74</sup>, Henri Pirenne, Charles Rist<sup>75</sup> (economista), André Siegfried<sup>76</sup> (cientista político e discípulo de Vidal de la Blache) e Paul Leulliot<sup>77</sup>. O primeiro número surgiu em 15 de janeiro de 1929.<sup>78</sup> Cabe destacar que a rede de colaboradores não constituiu um grupo homogêneo, e publicar na revista não implicava aderir integralmente às suas orientações.<sup>79</sup>

Desde o seu início, o periódico foi planejado para ser algo mais do que outra revista histórica, pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica, seria o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história. Em sua primeira edição, trazia uma mensagem dos editores, na qual eles lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de um intercâmbio intelectual.<sup>80</sup>

---

<sup>69</sup> MULLER, Bertrand apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 145.

<sup>70</sup> Albert Demangeon (1872-1940), foi um geógrafo francês. O seu foco disciplinar era a geografia humana. Contribuiu para a *Geografia Universal* de Paul Vidal de La Blache e para os *Annales* de Bloch e Febvre.

<sup>71</sup> YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 113.

<sup>72</sup> Georges Espinas (1869-1948), foi um arquivista e historiador francês.

<sup>73</sup> Henri Hauser (1866-1946), foi um historiador francês especializado na Reforma e na Contrarreforma.

<sup>74</sup> André Paganio (1883-1968), foi um arqueólogo e historiador francês.

<sup>75</sup> Charles Rist (1874-1955), foi um dos principais economistas franceses de sua época.

<sup>76</sup> André Siegfried (1875-1959), foi um sociólogo, historiador e geógrafo francês, pioneiro da sociologia eleitoral.

<sup>77</sup> Paul Leulliot (1897-1987), historiador e diretor da *École des hautes études en sciences sociales* em 1983.

<sup>78</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 149-150.

<sup>79</sup> Ibid., p. 156.

<sup>80</sup> BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 36.

No contexto do ideal de renovação que envolve a criação dos *Annales*, Yamashita procura relativizar a memória segundo a qual o surgimento da revista teria sido imediatamente revolucionário incontestável. Ao examinar os “bastidores” dessa produção, o autor evidencia desafios e dificuldades nem sempre levados em conta “dada a aura do marco de mudança historiográfica que reveste a publicação”. Nesse sentido, observa que as denominações “movimento”, “revolução”, e “escola historiográfica” tendem a apagar a realidade inicial do empreendimento que começava naquela data: uma publicação à procura de espaço para a sua consolidação acadêmica. Contudo, não se pode negar a intencionalidade de Febvre e Bloch em promover debates pautados por um horizonte de renovação historiográfica, mas tal ação só ganhou efetividade porque o projeto de ambos “vingou”.<sup>81</sup>

O historiador Tiago de Melo Gomes garante que a sacralização do ano de 1929 é bastante sintomática, “visto que marca a fundação da revista em torno da qual gravitavam as diversas gerações dos *Annales*, levando os menos informados a ignorarem o fato de que a renovação em História naquele momento era discutida em outros espaços, muitas vezes em termos semelhantes”. Conforme o autor, os historiadores dos *Annales* construíram uma história da historiografia mundial na qual aquele ano aparecia como um marco zero da renovação historiográfica que derrubou as correntes vigentes no século XIX e essa visão teve grande sucesso ao difundir a “lenda dourada dos *Annales*”, de que fala Jacques Revel. Contudo, a visão apologética veiculada pelos membros dos *Annales* está longe de ser a única possível sobre o assunto.<sup>82</sup>

A ideia de que o ano de 1929 marca o início de uma historiografia renovada, que abandonou em definitivo as correntes do século XIX cristalizou-se e por muitos anos não foi questionada, no entanto, recentemente o cenário se modificou. Diversos autores, sem deixar de reconhecer o pioneirismo da escola francesa, têm tentado complexificar o quadro, matizando a ideia de que haveria uma total descontinuidade entre a obra dos *Annales* e a historiografia anterior e observando a incoerência presente no fato de os *Annales* contarem a sua própria história de modo nacionalista, linear e heroico, ou seja, nos mesmos termos que a historiografia antecedente era por eles criticada. Nota-se também importantes esforços para mostrar que a

---

<sup>81</sup>YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 69-70.

<sup>82</sup>GOMES, Tiago de Melo. A força da tradição: a persistência do antigo regime historiográfico na obra de Marc Bloch. **Varia Historia**, v. 22, n. 36, 2006, pp. 444-445.

historiografia no qual eles se opunham não era a caricatura que o grupo francês desenhou.<sup>83</sup> A obra de Lucien Febvre, por exemplo, tem sido avaliada como contendo elementos das tradições anteriores, sendo associada à influência de Fustel de Coulanges<sup>84</sup>, Charles Seignobos ou à hermenêutica alemã.<sup>85</sup>

Embora a historiografia costume atribuir aos *Annales* o estatuto de “revolução historiográfica”, convém matizar o alcance dessa ruptura. As inovações promovidas por Bloch e Febvre não surgiram de forma totalmente inédita, mas se inseriam em uma atmosfera intelectual mais ampla de renovação já em curso nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, como aponta Julio Benvivoglio, muitas das contribuições associadas aos *Annales* derivavam de influências preexistentes, como a sociologia durkheimiana, a geografia de La Blache, o projeto sintético de Berr, a historiografia econômica alemã e mesmo certas inflexões presentes entre os chamados metódicos. Assim, mais do que uma ruptura absoluta com a tradição precedente, os *Annales* podem ser compreendidos como um movimento de síntese, sistematização e difusão de tendências renovadoras já existentes, ainda que tenham desempenhado papel decisivo em uma consolidação e projeção internacional.<sup>86</sup>

Essa perspectiva de relativização da ruptura promovida pelos *Annales* também pode ser estendida à trajetória intelectual de Lucien Febvre. Embora sua relevância para a renovação historiográfica do século XX seja amplamente reconhecida, algumas leituras contemporâneas permitem problematizar interpretações excessivamente celebratórias acerca do caráter inovador de suas interpretações. Nesse sentido, o comentário de Maurice Halbwachs sobre a obra II revela-se particularmente sugestivo. Ao afirmar que Febvre “arrombava portas abertas”<sup>87</sup>, Halbwachs indicava que o historiador, em determinados momentos, mobilizava grande esforço argumentativo para demonstrar questões cuja validade já não constituía necessariamente objeto central de disputa. A observação não diminui a importância de Febvre como historiador, divulgador e articulador intelectual, mas contribui para matizar a imagem de uma inovação absoluta frequentemente associada à sua trajetória.

---

<sup>83</sup> Ibid., p. 446.

<sup>84</sup> Numa Denis Fustel de Coulanges (1830-1889), foi um historiador francês.

<sup>85</sup> GOMES, Tiago de Melo. A força da tradição: a persistência do antigo regime historiográfico na obra de Marc Bloch. *Varia Historia*, v. 22, n. 36, 2006, pp. 447-456.

<sup>86</sup> BENVIVOGGIO, Julio. **Desconstruindo Marc Bloch (1886-1994):** um guia de leitura para os brasileiros. Conferência proferida durante o XIV Encontro Estadual de História. Disponível em: <https://shorturl.at/4Sj07> Acesso em: 16 mai. 2026.

<sup>87</sup> ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história:** a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942). 2018. Tese (doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, p. 221.

Em 1949, Febvre faz uma resenha da *Apologia da História* de Bloch na qual aborda, a partir da prática mesma da história, a questão da função social da história, que consiste em organizar o passado em função do presente. Segundo Febvre, essa era uma questão inquietante que ameaçava comprometer a objetividade da história.<sup>88</sup>

O projeto dos *Annales* deve ser analisado como uma resposta ao desafio de deslegitimação lançado – direta ou indiretamente – à história pelas outras disciplinas científicas (quer pertençam às ciências da natureza, quer às ciências sociais). Essa estratégia intelectual precisava de uma ruptura com as escolhas teóricas e práticas unilateralmente defensivas dos metódicos. Para os *Annales*, a história deve tornar-se uma ciência social, para não mais se isolar no campo científico. A estratégia disciplinar e profissional de Bloch e Febvre subordina-se a este objetivo intelectual.<sup>89</sup>

Ao examinar a existência de uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre - considerando que ambos produziram, paralelamente às obras de história, reflexões sobre o próprio ofício, sobre a história universal e sobre a metodologia do conhecimento<sup>90</sup> -, Massimo Mastrogregori assinala que não se encontra, em nenhum dos dois, uma teoria sistemática da historiografia. Em outros termos, inexistente uma obra de referência única à qual se possa recorrer com segurança para definir a natureza de seu pensamento e delinear suas linhas de desenvolvimento.<sup>91</sup> Tal constatação impõe, portanto, a necessidade de uma reconstrução. Para esse fim, os materiais fundamentais desse processo seriam encontrados, antes de tudo, na revista dos *Annales* a partir de 1929: que além de alguns artigos, continha *comptes rendus*, notas e discussões; outras contribuições deveriam ser procuradas na *Revue de Synthèse Historique*, bem como em várias outras revistas. Documentações pertinentes também seriam obtidas nas reuniões, artigos e, finalmente, nas obras de história propriamente ditas, sobretudo nas seções introdutórias – nas quais se formulam o *plano* da obra – e nas conclusões.<sup>92</sup>

Em artigo publicado na *Revue de Synthèse*, André Burguière registra que – se queremos discorrer sobre “estratégias” blochianas e febvreanas – tomar parte das discussões teóricas pode

---

<sup>88</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 161.

<sup>89</sup> Ibid., p.196.

<sup>90</sup> MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 410.

<sup>91</sup> Ibid., pp. 421-422.

<sup>92</sup> Ibid., p. 422.

ter servido para mascarar o fato de os *Annales* retomarem o projeto dos durkheimianos em favor da história, um projeto que havia sido elaborado pela sociologia justamente contra a história.<sup>93</sup>

Marc Bloch e Lucien Febvre com a mesma facilidade com que confessam não serem teóricos e não quererem sê-lo, conduzem a grande maioria de seus trabalhos históricos a uma discussão teórica.<sup>94</sup> Os dois historiadores tiveram boas razões para pensar sobre a história. Ademais, destaca Mastrogregori, desde o início de suas carreias conduziram um áspero *combat* para impor certo modo de escrever a história; e, como está demonstrado (Burguière, Revel, Craig) que esse *combat* respondia a um plano estratégico definido, é natural concluir, portanto, que ele se apoiava também em um programa teórico, embora de forma variável, em via de definição, eclético. Pode-se citar ainda o fato de que, pouco a pouco, nos anos seguintes à fundação dos *Annales*, vem à baila uma noção, a de *esprit des Annales*, que representa uma espécie de programa, teórico e concreto ao mesmo tempo, além de implícito e comum. A própria teoria madura febvreana da *histoire-problème* impõe ao historiador um estudo e uma concepção teórica preliminares: e toda a polêmica contra a erudição não quer dizer mais do que isto, que o historiador tem qualquer coisa a mais, são as *idées*, como a consciência e a invenção dos problemas postos.<sup>95</sup> Febvre e Bloch propunham problemas, encaminhavam teorias, criavam soluções, perseguiam uma imagem de ciência, e souberam aprimorar a historiografia.<sup>96</sup> De acordo com o autor, depois de haver examinado vários textos dos fundadores dos *Annales*, não podemos excluir que exista, na obra deles, uma formulação teórica e um amplo número de *considérations sur l'histoire*.<sup>97</sup>

\*\*\*\*

A partir dessa contextualização geral, cabe destacar algumas considerações específicas acerca de como Lucien Febvre definia sua concepção de história dentro do movimento historiográfico dos *Annales*.

Em *Combats pour l'Histoire*, obra em que se presta a orientar os jovens historiadores, o autor deixa claro que não tem a intenção de erguer a ele próprio uma espécie de monumento. O título escolhido visa lembrar os seus “combates pela História”: algo que sempre houve de

---

<sup>93</sup> Ibid., p. 427.

<sup>94</sup> Ibid., p. 428.

<sup>95</sup> Ibid., p. 430.

<sup>96</sup> Ibid., p. 437.

<sup>97</sup> Ibid., p. 428.

militante em sua vida. O historiador adverte que seus leitores “possam ter um sentimento exato da evolução das ideias e da mudança incessante dos pontos de vista em História”, haja vista que os textos selecionados, escritos ao longo de meio século, não sofreram alterações.<sup>98</sup> A obra é composta por uma coleção de trinta e três artigos escritos entre 1906 e 1952, nos quais Febvre desenvolve sua visão geral dos campos da história, seguida por onze retratos dos grandes intelectuais de 1930. A partir de tais textos, tentarei compreender o que era a história para Febvre.

Em texto de 1933, o historiador dos *Annales* destaca que o *Collège*, ao suprimir a cadeira de História e de Moral em 1892, seguia a sua razão de ser. Conforme o autor, a História, naquele ano, tal como era concebida, tinha jogado e vencido a partida: estava nos liceus, nas Universidades, nas escolas especiais; transbordava para as direções de ensino, reitorias e todos os grandes postos da Instrução Pública. Sua filosofia era feita, de qualquer maneira, com fórmulas tiradas de Auguste Comte, Taine, Claude Bernard. Febvre afirmava que a História se sentia à vontade na corrente destes pensamentos fáceis e, muitas vezes dizia a si mesmo que “os historiadores não têm necessidades filosóficas muito grandes”. Além do mais assegura que, em 1892, não havia definição prévia: a história era a história. E, quando se davam ao trabalho de defini-la era pelo seu rico material, não pelo seu objeto.<sup>99</sup>

“A história faz-se com textos”: conforme Febvre em 1933, a virtude dessa fórmula célebre, porém perigosa se lhes dermos atenção, ainda não havia esgotado. Aos trabalhadores orgulhosos da sua consciência de eruditos, em batalha contra obras fáceis e frouxas, tal fórmula serviu de palavra de ordem e senha. Através de um estreito laço, ligava a história à escrita. Porém, Febvre adverte que a pré-história redigia, *sem textos*, o capítulo mais longo da história humana. Esse esquema parecia fazer evaporar as observações e o exame das marcas deixadas ao longo das gerações, contudo, os estudiosos de sociedades antigas escapavam a tal fórmula de estreitamento e mutilação. Febvre classificava o trabalho com texto como um “trabalho sedentário, de secretária e de papel; trabalho de janelas fechadas e de cortinas corridas”, nessa perspectiva, “a história era uma grande senhora”. Ainda nesse período, a Universidade, até então de acordo com a máxima de que a história se faz com textos, contentava-se quase unicamente com palavras, datas, nomes de lugares e de homens, deixando de lado outras explicações fundamentais para o dia a dia.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 7-11.

<sup>99</sup> Ibid., pp. 15-16.

<sup>100</sup> Ibid., pp. 16-18.

Nesse sentido, Lucien Febvre indaga se, pelos textos, atingiam-se os fatos. Conforme mencionado, todos diziam que fazer a história era estabelecer os fatos e depois tratá-los; o autor concorda, mas assegura que seria verdade, sobretudo, se a história fosse tecida apenas ou quase exclusivamente de acontecimentos. Para Febvre, os fatos históricos não podem ser apreendidos em uma escolha direta, em uma narrativa exata e precisa. Os investigadores elaboram-nos lentamente e com a ajuda de milhares de observações. A partir daí, questiona o que seria um fato e onde os historiadores poderiam buscá-lo.<sup>101</sup>

Devido ao acaso que destruiu e salvou vestígios do passado, devido ao homem que resume, simplifica, põe em destaque e apaga documentos, devido ao historiador que cria ou recria os seus materiais, Febvre afirma que toda a história é escolha.<sup>102</sup> Em suas palavras, “elaborar um fato é construir. E se quiser, é fornecer uma resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada.”<sup>103</sup> Contudo, os alunos eram educados para terem horror à hipótese, considerada por homens que carregavam as palavras método e verdade científica, como o pior dos pecados contra o que chamavam *Ciência*. E, para a classificação dos fatos, a única máxima erguida por eles era a de seguir rigorosamente a ordem cronológica.<sup>104</sup>

Em tal período, Febvre também enxerga que a história não era uma disciplina particular com um conteúdo perfeitamente definido. Acreditava que ela era um método: “em condições de se tornar, no domínio das ciências do Homem, o método quase universal”.<sup>105</sup> No meio das dúvidas nascidas da guerra, em plena crise, deu-se o despertar, brusco e desagradável;<sup>106</sup> tal ciência dos fatos humanos que se constituía pela aplicação ao domínio humano de métodos experimentados até então no domínio de uma matéria voltada ao mais rigoroso determinismo, desmoronava em grandes pedaços, sob o choque de ideias novas. Febvre diz que há que se reconstruir sobre um fundamento sólido: a Humanidade. O autor destaca que a História é a ciência do Homem, do passado humano. E, de modo algum, ciência das coisas ou dos conceitos: “No sentido mais lato, não há História a não ser a do Homem”.<sup>107</sup> Logo, os fatos são humanos pois é tarefa do historiador encontrá-los, os textos são humanos haja vista que as palavras que os formam estão cheias de substância humana.<sup>108</sup>

---

<sup>101</sup> Ibid., p. 18.

<sup>102</sup> Ibid., p. 19.

<sup>103</sup> Ibid., p. 20.

<sup>104</sup> Ibid., p. 20.

<sup>105</sup> Ibid., p. 21.

<sup>106</sup> Ibid., p. 22.

<sup>107</sup> Ibid., p. 23.

<sup>108</sup> Ibid., p. 24.

Para Lucien Febvre, todos os textos – documentos de arquivos, um poema, um quadro, um drama – são documentos e testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência. Vislumbra um documento de história como um pólen milenar onde a história faz com ele o seu mel e se edifica para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento. O autor acredita que uma das tarefas primordiais das que se impõe a uma história é negociar novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas, concentrando um feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas.<sup>109</sup>

Adverte para que os historiadores não tenham ilusões acerca do passado, haja vista que o homem não se lembra do passado, reconstrói-o sempre e, é através do presente que se conhece e interpreta o passado. Afirmar também que o homem isolado é uma abstração e o homem em grupo é uma realidade. Para Febvre, o historiador interpreta, organiza, reconstitui e completa as respostas, ou seja, faz o passado de quem tem necessidade e não vê nisso nenhum escândalo ou atentado à suposta majestade da ciência, pois “a Ciência não se faz numa torre de marfim. Faz-se a par e passo com a vida, e através de seres vivos que mergulham no século”.<sup>110</sup> A ciência está ligada às atividades divergentes dos homens e sofre influência das modas e, para Febvre, ela “só toca com a varinha, para as ressuscitar, em certas partes: só as que têm valor para o ideal que ela serve, no tempo em que o serve...”.<sup>111</sup> Qualquer que seja o cientista, ele escolhe e, de fato, toda história é uma escolha a julgar pelo fato de que destrói um testemunho, vestígio do passado, conjunto de documentos e, em contrapartida salvaguarda outros.<sup>112</sup> A ciência é feita por historiadores que radicam no meio da sua época, em outras palavras, afirma que ela não é um império dentro do império, pois ela não se separa do meio social em que se elabora, pelo contrário, sofre a sua pressão.<sup>113</sup>

No que tange às suas intenções no texto, Lucien Febvre adverte que, para ele, não se tratava “de edificar um sistema, de vos apresentar um homem, as suas intenções, as suas opiniões, talvez, e as suas fraquezas, decerto a sua boa vontade”.<sup>114</sup> Febvre destaca que gostaria que, em um futuro próximo ou longínquo, lhe fosse rendida tal homenagem:

na história, viu só a história, mais nada... No seu ensino, não dominou os espíritos, porque não teve sistemas (...) mas preocupou-se com as ideias e com as teorias; com as ideias, porque as ciências não avançam senão pelo poder criador e original do

---

<sup>109</sup>Ibid., p. 24.

<sup>110</sup> Ibid., p. 26.

<sup>111</sup> Ibid., p. 26.

<sup>112</sup> Ibid., p. 63.

<sup>113</sup> Ibid., p. 62.

<sup>114</sup> Ibid., p. 27.

pensamento; com as teorias, porque bem sabemos que nunca abarcam a infinita complexidade dos fenômenos naturais (...).<sup>115</sup>

Ainda em 1933, apresentou a história como uma disciplina de estatuto científico baixo e de autonomia epistemológica ainda incerta. Em 1936, para ele, na assembleia das ciências humanas, a história é “uma Gata Borralheira sentada no lugar mais humilde da mesa”<sup>116</sup>, que, no fim da década de 1930, ainda não integrou as contribuições da nova filosofia científica. Para tanto, pede que as ideias sejam revistas em função dos métodos. Tal inferioridade tem suas vantagens: a história não está presa a doutrinas preconcebidas que limitariam a liberdade de julgamento do historiador. O que Febvre e Bloch visam reconstruir é uma identidade epistemológica para a história que a vincule às outras ciências e ao mesmo tempo a singularize.<sup>117</sup>

Cabe destacar que, nesse período, no fim do século XIX e ao longo das primeiras décadas do XX, conforme afirma Carlo Ginzburg, muito da historiografia – sobretudo a historiografia política e, de forma especial, a historiografia relacionada à Revolução Francesa – desenvolveu-se em uma atmosfera semelhante à de um tribunal.<sup>118</sup> Esse modelo judicial, enfatizando tendências existentes, causou duplo impacto na historiografia: por um lado, fez com que historiadores visassem a eventos (políticos, militares, diplomáticos) que pudessem ser facilmente atribuídos a ações específicas de um ou mais indivíduos; por outro lado, abandonam-se fenômenos (como a vida social, *mentalités*, dentre outros) que resistem a uma abordagem baseada nesse paradigma explanatório. Nos *Annales*, encontramos *slogans* invertidos: há a rejeição à chamada *histoire événementielle* [história acontecimental] e a ênfase nos menos evidentes, mas mais profundamente significativos fenômenos históricos.<sup>119</sup> Nesse panorama, surge a História Social, sucessora intelectual da *histoire de moeuf* [história dos costumes] do século XVIII. No que tange à biografia, Ginzburg, nesse panorama, define-a como um tipo de gênero fronteiro que trabalha com as vidas dos indivíduos.<sup>120</sup>

Em suas palavras dirigidas aos alunos da *École Normale Supérieure*, no início do ano letivo de 1941, em três conferências de iniciação sobre história, Lucien Febvre abre o debate

---

<sup>115</sup> Ibid., p. 27.

<sup>116</sup> Ibid., p. 143.

<sup>117</sup> Ibid., p. 164.

<sup>118</sup> GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. v.1, p. 344.

<sup>119</sup> Ibid., p. 345.

<sup>120</sup> Ibid., p. 350.

afirmando que ama a história e que se não a amasse não seria historiador. Conforme o autor, quando ele entrou em 1899 na *École Normale Supérieure*, após o seu ano de serviço militar, inscreveu-se na Seção de Letras e atesta que: “era uma traição: tinha desde a mais tenra infância uma vocação de historiador metida no corpo”. Febvre receia de que as coisas não tenham mudado desde que iniciou a sua formação para o início daquele ano letivo em que discursava, haja vista que em seu tempo, os professores nos liceus diziam que fazer história era aprender, senão todos os pormenores, pelo menos o maior número possível deles.<sup>121</sup>

Assegura que a crise da história não foi uma doença específica que atingisse unicamente a história, pois seria “um sinal e uma das consequências de uma transformação muito nítida e muito recente da atitude dos homens de ciência, dos cientistas, frente à Ciência”.<sup>122</sup> De acordo com Febvre, era preciso substituir as antigas teorias por novas e rever todas as noções científicas sobre as quais se tinha vivido até então.<sup>123</sup> Nesse período, Febvre qualifica a história como um estudo cientificamente conduzido, e não como uma ciência, “(...) pela razão de que falar de Ciências é antes de tudo evocar a ideia de uma soma de resultados, de um tesouro, se quiserem, mais ou menos recheados de moedas, umas preciosas, outras não; não é acentuar o que é a força motora do sábio, isto é, a Inquietação (...)”.<sup>124</sup>

Febvre adverte que nos obstinamos em pensar as coisas da história por camadas, por andares, por pedras, por alicerces que nos forneceria finalmente todo um conjunto de imagens que se inseririam com muito mais maleabilidade no quadro dos nossos pensamentos.<sup>125</sup> Diz que a ciência daquele tempo não é mais a mesma de quando ele tinha vinte anos – os postulados em que essa ciência se assentava estavam todos abalados, criticados e ultrapassados, os cientistas haviam renunciado a eles e os substituído por outros. Faz então, uma simples pergunta aos historiadores: “Vamos ser nós, historiadores, os únicos a continuar a tê-los como válidos? (...) as ciências do mundo físico e da natureza? Não será tempo de substituir essas velhas noções caducas por noções novas, mais exatas, mais aproximadas?” Para Febvre, responder a essas perguntas “seria resolver a crise da história”.<sup>126</sup>

Na visão do fundador dos *Annales*, a história é como qualquer disciplina: precisa de uma clara visão das coisas, precisa trabalhar de acordo com todo o movimento do seu tempo,

---

<sup>121</sup>FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 28-29.

<sup>122</sup> Ibid., p. 35.

<sup>123</sup> Ibid., p. 38.

<sup>124</sup> Ibid., p. 30.

<sup>125</sup> Ibid., p. 35.

<sup>126</sup> Ibid., pp. 38-39.

além do mais, precisa ter horror ao pequeno, mesquinho, pobre e antiquado. Segundo o autor, é preciso saber pensar e “é isto que falta terrivelmente aos historiadores desde há meio século, devemos reconhecê-lo”.<sup>127</sup>

Em 1946, escreve “Contra ao vento: manifesto dos novos Annales”, um texto central, por ser a abertura de uma nova fase dos *Annales* no imediato pós-II Guerra Mundial. Tal texto possui um significado especial, na medida em que é um manifesto que procura justificar a continuidade da publicação da revista e a persistência dos *Annales* reafirmando seus princípios. Bloch e Febvre pertencem à estirpe que sucede e se contrapõe à “Geração de 1870”, ou, nas palavras de Febvre, “Os vencidos de 1870”, na França. Esta última marcada pelo nacionalismo germânico. Nesta linha, pode-se compreender, especialmente por Febvre, a rejeição da história política. Percebe-se, também, por esta via, a importância estratégica da Universidade de Estrasburgo como o *locus* desse movimento de pretensões renovadoras.<sup>128</sup>

O autor inicia o texto referindo-se às mudanças na revista dos *Annales* e evidenciando que, desde 1929, quaisquer que fossem as calamidades que se abatiam sobre a França e o mundo, a sua publicação jamais foi interrompida; em nenhum ano, os editores enunciaram à sua dupla tarefa científica e educacional, pelo contrário, se adaptaram às transformações e continuaram, em um clima novo, com fórmulas novas e um título novo.<sup>129</sup>

Além dos problemas de velocidade - que pôs bruscamente em contato grupos humanos carregados de eletricidades contrárias - técnicos e econômicos, Febvre afirma que para o futuro da humanidade, o problema humano é o que conta, o drama da civilização. Adverte que a civilização não morre e que, a partir de tal momento, viver é e será “adaptar-se a um mundo perpetuamente escorregadio”.<sup>130</sup> Nesse ínterim, salienta que será preciso adaptar-se, não se perder, e em suma, situar-se no tempo e no espaço.<sup>131</sup>

Pede que expliquemos o mundo ao mundo através da história, mas indaga qual história seria usada para melhor explicar:

a que “romanceia” a vida de Maria Stuart? Que “lança luz” sobre o cavaleiro d’Eon e as suas saias? (...)Perdão, estava a confundir. Pois bem, não! Já não temos tempo para isso. Demasiados historiadores e, o que é pior, bem formados e conscienciosos – demasiados historiadores se deixam ainda enganar pelas nobres lições dos vencidos de 70. Oh eles trabalham muito! Fazem história como velhas avós fazem tapeçaria. Em ponto miúdo. Aplicam-se. Mas se lhes perguntam por que todo esse trabalho, o

---

<sup>127</sup>Ibid., p. 41.

<sup>128</sup> NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 62.

<sup>129</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp 42-43.

<sup>130</sup>Ibid., p. 44.

<sup>131</sup> Ibid., p. 45.

melhor que podem responder, com um sorriso bom de criança, é a expressão do velho Ranke: “Para saber exatamente como se passou”. Com todos os pormenores naturalmente.<sup>132</sup>

O historiador Stuart Clark lembra que a ideia de que a história deve ser uma narrativa das realizações de atores políticos individuais foi seriamente desafiada pela primeira vez durante o Iluminismo francês. Nesse contexto, a “nova história” do século XVI deveria preocupar-se mais com os hábitos, costumes e crenças de povos inteiros e com padrões gerais de seu desenvolvimento social e cultural. Em referência à impaciência dos historiadores franceses com a narrativa convencional da história política, Clark destaca que esta tem suas origens no período anterior à guerra. E foi com o propósito de derrubar os meios intelectuais que a circundavam que Bloch e Febvre fundam os *Annales*. Acrescenta que ambos eram admiradores da visão mais calorosa e suave de Michelet, e desdenhavam o que consideravam ser o “positivismo” estéril da historiografia oficial francesa – a *histoire sorbonniste*.<sup>133</sup>

A inspiração provinha das outras ciências sociais e dos historiadores. De Henri Wallon e Charles Blondel, Febvre extraiu seu interesse pela psicologia social, que o acompanhou por toda a vida. Do geógrafo humano Paul Vidal de la Blache, aprendeu a reconhecer as diferentes formas pelas quais as sociedades respondem ao meio ambiente físico. Do filósofo Lévy-Bruhl, ele e Bloch desenvolveram a noção de que, para além dos pensadores individuais e suas expressões particulares de valores e crenças, repousam sistemas de pensamento padronizados – “mentalidades” que variam radicalmente segundo a época. Acima de tudo, seguindo Durkheim, ambos os historiadores aceitaram a primazia do social e do coletivo na vida dos atores históricos. Como consequência, Bloch e Febvre passaram a julgar artificial e irrelevante a história centrada em eventos isolados, ligados apenas por sua posição relativa em séries cronológicas. O manifesto que inaugurava o novo periódico atacava os ideais de Leopold von Ranke e o culto pelo detalhe factual. Juntos, Febvre e Bloch, desenvolveram interesse intenso pelas mentalidades e pela psicologia coletiva.<sup>134</sup>

O objetivo central dos *Annales* seria a expansão massiva do campo de visão do historiador a fim de incluir, na formulação epigramática de Febvre, tudo aquilo que diz algo a respeito dos homens. A lista de Febvre, tem ela mesma um aspecto semiológico:

palavras, signos, paisagens, títulos, o desenho dos campos, ervas, eclipses lunares, arreios, análise de rochas por geólogos e de espadas de metal por químicos, em uma

---

<sup>132</sup> Ibid., p. 48.

<sup>133</sup> CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, v. 1, pp. 181-183.

<sup>134</sup> Ibid., p. 184.

palavra, qualquer coisa que, pertencendo ao homem, dele depende, a ele serve e expressa e sinaliza sua presença, atividade, gostos e formas de existência.<sup>135</sup>

As trajetórias de vida de Lucien Febvre e Marc Bloch são diretamente marcadas por relações estreitas com a cultura alemã, o que viria a influenciar o vínculo que a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* teria com os estudos germânicos. Em grande medida, as relações entre historiografia francesa e historiografia alemã foram compreendidas a partir da identificação da primeira com o movimento historiográfico dos *Annales* e a segunda com o historicismo. Nesse sentido, foram interpretadas sob o signo de oposições: história nova *versus* história tradicional; história socioeconômica *versus* história política.

Em relação à convivência com as ciências históricas alemãs, cabe ressaltar que, na primeira metade do século XX, a Alemanha ainda se configurava como um dos mais importantes centros produtores e difusores do conhecimento histórico, mantendo o *status* conquistado no século anterior. Nesse momento, a repercussão da literatura alemã na França está associada a diversos fatores além dos político-culturais, a rede de distribuições de livros e periódicos entre França e Alemanha – existente desde o século XVII e amadurecida no século XX, certamente influenciou o acompanhamento que os historiadores e cientistas sociais franceses fizeram da pesquisa no país vizinho.<sup>136</sup>

Dos dois lados do Reno, as bibliotecas e os institutos de pesquisas funcionavam como importantes instrumentos de troca intelectual. Bloch relata, por exemplo, que a Biblioteca Nacional da Alemanha assinava a revista *Annales* desde o seu primeiro ano de publicação.<sup>137</sup> O trânsito entre estudantes e pesquisadores também consistia em um fator fundamental nas relações entre França e Alemanha; o movimento de estudantes franceses em direção além-Reno ocorreu de forma efetiva desde o século XIX, Marc Bloch, por exemplo, estudou na Alemanha entre 1908 e 1909.

O envolvimento dos dois autores com essa cultura remonta à origem familiar: Febvre, por exemplo, cidadão “francês do leste”, nascido e educado em Nancy, à época (década de

---

<sup>135</sup> FEBVRE, Lucien apud CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, v. 1, pp. 193-194.

<sup>136</sup> ESPAGNE, Michel; WERNER, Michäel APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 71.

<sup>137</sup> BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p.71.

1880) situada a alguns quilômetros da fronteira alemã fez sua primeira viagem a Alemanha em 1918. O contato com a língua alemã deu-se nos anos do *lycée*, com a educação formal. Bloch e Febvre viveram em uma época em que a França se aproxima da cultura alemã, fizeram parte de uma geração “curiosa das coisas alemãs”, para a qual o conhecimento da língua e cultura germânica era uma virtude, conferia *status* acadêmico.<sup>138</sup> Se formaram em uma tradição historiográfica francesa influenciada por modelos alemães, ou pelo menos em contato íntimo com ela; são “herdeiros” da geração de 1870, de nomes como Ernest Lavisse, Gabriel Monod, Victor Langlois e Charles Seignobos, além do mais, também sofreram influências de Henri Pirenne e Henri Berr que possuíam uma trajetória de laços estreitos com o país vizinho.

Conforme a historiadora Sabrina Magalhães Rocha, na rede de personagens que conectaram Febvre e Bloch com as ciências históricas alemãs, Henri Pirenne parece ter sido uma das figuras mais centrais. Pirenne, mestre intelectual de Febvre e Bloch, estudou em Berlim e em Leipzig, onde se aproximou de Karl Lamprecht e onde também foi um dos editores da *Revista Quadrimestral*. Profundo conhecedor da cultura alemã e de sua historiografia em particular, dono de contatos diretos com alguns de seus mais expressivos nomes, o autor colocava-se, em território franco-belga, como uma eminência em questões relacionadas à academia alemã. Além do mais, foi responsável por ajudar a compor a rede de colaboradores da *Annales*, e muitas de suas indicações foram exatamente de pesquisadores germânicos, ou ainda de estrangeiros conhecedores da Alemanha que poderiam compor as seções da revista dedicadas ao país. Outro personagem relevante foi o historiador e filósofo belga Henri Berr, cuja influência deu-se mais no sentido de estabelecer discussões com as ciências históricas alemãs e debruçar-se sobre “problemas alemães”.<sup>139</sup>

A temporada em Estrasburgo foi um dos marcos mais relevantes dessas trajetórias de contatos com a cultura germânica. Em sua aula inaugural na universidade, Lucien Febvre colocava-se contra a oposição radical entre ciência francesa e ciência alemã. A importância das considerações acerca da opinião de intelectuais alemães aparece em correspondência trocada com Bloch datada de 1928, na qual este menciona que havia conhecido o alemão Hermann Aubin (1885-1969), professor de história econômica medieval, que havia sido aluno de Georg von Below (1858-1927) e o sucedera na direção da *Revista Quadrimestral de História*

---

<sup>138</sup> SCHÖTTLER, Peter apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 54-55.

<sup>139</sup> ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 80-81.

*Econômica e Social*. Conforme Bloch, ao apresentar o projeto para a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, o historiador alemão teria aprovado o empreendimento.<sup>140</sup>

\*\*\*

Dadas as considerações acima, proponho realizar um estudo comparativo entre os trabalhos em que Febvre se dedica a três personagens do início da modernidade para investigar as especificidades e recorrências nos usos dos recursos biográficos nas três obras. A trilogia fez parte de uma conjuntura muito próxima, e se relaciona a um contexto de debate sobre modernismo e modernidade. Nesse sentido, por qual motivo o autor escolhe biografar essas três figuras representativas que são centrais para pensar a Reforma protestante na Europa? Julgo importante, para compreender o Febvre historiador - biógrafo, averiguar através da comparação, como ele construiu essas biografias e quais foram as suas estratégias. Escritas em momentos diferentes, comparativamente o que permanece do estilo de Febvre? O que ele incorpora da biografia moderna em seus trabalhos? Como suas obras são organizadas? Existe alguma relação entre elas?

No Brasil, o estudo sobre as obras biográficas de Febvre ainda são escassos. Acerca da biografia de Lutero, grande parte das produções enfatiza as contribuições da obra para o campo dos estudos das religiosidades.<sup>141</sup> Na área da história da historiografia, pode-se destacar o trabalho de Sabrina Magalhães Rocha, que busca compreender a relevância da biografia de Lutero na historiografia francesa dos anos 1920 e as contribuições para o debate contemporâneo desse campo.<sup>142</sup> Júlia Silveira Matos, por seu turno, propõe-se a analisar a herança quádrupla no desenvolvimento do método de investigação de Febvre e sua proposta teórica para o campo de estudo da biografia. Tal herança diz respeito às quatro influências marcantes na formação intelectual de Febvre: a geografia de Vidal de La Blache, Durkheim e a escola francesa de

---

<sup>140</sup> BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 75.

<sup>141</sup> Para algumas dessas produções ver: CAVALCANTE, Ronaldo de Paula. Você é piedoso- A Piedade Cristã e o desafio do Humanismo: breve ensaio a propósito de um texto clássico de Lucien Febvre sobre Lutero (e Erasmo). **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online)**, v. 14, p. 1274-1297, 2016. MATOS, Júlia Silveira. Lutero como mito: a exploração do mito enquanto signo de linguagem. **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 18, p. 47-54, 2006.

<sup>142</sup> ROCHA, Sabrina Magalhães. O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 16, 2014, pp. 280-286.

sociologia, a psicologia e a última influência, rigorosamente negativa, a “história historicizante” da qual se declarou adversário.<sup>143</sup>

*O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*, talvez seja o livro mais conhecido de Febvre.<sup>144</sup> Ao analisar a recepção da obra na França entre 1943 e 1950, Rocha assegura que, salvo algumas divergências pontuais, todas as resenhas são favoráveis, o livro é tratado por revistas conceituadas como um monumento, que convidaria o leitor a repensar as convicções seja pelos fatos abordados, seja pelo método de investigação de Febvre. Destaca-se também o fato de o livro ser um exercício contra o anacronismo e, nesse sentido, era apresentado como uma “lição de método”, haja vista que o objetivo do autor fosse menos oferecer informações novas e específicas sobre o tema e mais motivar a compreensão de uma época.<sup>145</sup> No Brasil, o trabalho do fundador dos *Annales* foi recebido com uma resenha de Ronaldo Vainfas, na qual assegura que a obra, dedicada às mentalidades na França do século XVI, é “o principal livro do grande historiador”. Para Vainfas, a inovação de Febvre está na demonstração da impossibilidade do ateísmo no século XVI, com base na análise exaustiva do vocabulário daquele contexto, lançando, assim, o conceito de *outillage mental* para aludir ao conjunto de crenças e sentimentos de determinada sociedade, antecipando a *história das mentalidades*. O resenhista sugere que Lucien Febvre demonstra falsa modéstia ao afirmar que seu livro não é apenas mais um estudo sobre Rabelais, já que a obra expõe os dilemas de consciência do próprio Rabelais.<sup>146</sup>

Os trabalhos cujo tema é a obra biográfica sobre Margarida de Navarra, mostram-se bastante escassos, acredita-se que a falta de tradução em língua portuguesa seja um dos fatores para essa lacuna. Percebe-se que a maioria dos autores apenas cita a importância sem dedicar à obra um estudo mais específico e aprofundado. Michelle Perrot destaca o brilhantismo do ensaio de Febvre sobre Navarra e, para ela, a obra esboça uma história do sentimento

---

<sup>143</sup> MATOS, Júlia Silveira. Lucien Febvre e a quádrupla herança: aspectos teóricos do campo biográfico. **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande: Editora FURG, 2006, p. 165-178, v. 20.

<sup>144</sup> É oportuno mencionar que ainda hoje, em 2024, o livro é um dos mais vendidos no site da *Amazon* francesa. Por exemplo, é o 2º mais vendido na categoria “Literatura francesa do século XVI” e o 6º na categoria “História francesa do século XVI”. Disponível em: <<<https://shorturl.at/zenaq>>> acesso: 18. ago. 2024

<sup>145</sup> ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. Tese (doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, pp. 218-219.

<sup>146</sup> VAINFAS, Ronaldo. A religião de Rabelais. **Jornal de Resenhas**, n. 104, mar. 2009. Disponível em: <https://shorturl.at/QRWv3>. Acesso em 10 nov. 2022.

amoroso.<sup>147</sup> Ainda que a proposta de seu estudo não seja referente à história da historiografia, Denise Lezan de Almeida contribui com análise sob a vertente da teoria literária.<sup>148</sup>

Há autores que acentuam a importância das três biografias febvreanas.<sup>149</sup> Alexandre de Sá Avelar e Marcos Antônio Lopes reiteram que recuperar o historiador francês significa situá-lo “em uma quadra decisiva, em que a história, como disciplina científica, foi pensada, repensada, escrita e reescrita”.<sup>150</sup> Sobre Lutero, de 1928, Avelar e Lopes não afirmam que Febvre rompia com a tradição do gênero biográfico, tal como acreditava Roger Chartier. Para os autores, “recusar ou contrapor-se a uma tradição de literatura histórica não significa necessariamente dissolvê-la por inteiro”. Febvre teria superado a mera narração cronológica ao biografar indivíduos em suas relações interativas com aspectos sociais de relevo. Se, na obra, a Alemanha acompanha Lutero, mas o indivíduo preserva intactas as suas cartas de nobreza, isso também é biografia, ainda que por outros meios, afirmam os autores.<sup>151</sup>

Jacques Revel evidencia que podemos compreender certos tipos de biografias históricas como tentativas dos historiadores para se conformar aos requisitos da história social, dentre elas, destaca-se a biografia reconstruída em contexto. O autor classifica a história das mentalidades, tal como concebida e praticada por Lucien Febvre em *Lutero*, *Rabelais* e *Margarida de Navarra*, como um primeiro caso dessa representação, pois suas biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma, elas consistem em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir.<sup>152</sup> Uma das inovações marcantes na escrita de Febvre foi a análise

---

<sup>147</sup> PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 19.

<sup>148</sup> ALMEIDA, Denise Lezan de. **Apareceu a Margarida...: a trajetória da mulher nas obras de Marguerite de Navarra**, Dinah Silveira de Queiroz e Anne Hébert. 1989. 195 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1989.

<sup>149</sup> Para algumas dessas produções ver: AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, nº1, 2012. JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico**. 2000, 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000. LIMA, Andrew Guilherme Okamura. **Lucien Febvre e a Europa: as fronteiras da história**. 2010, 136 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010. SANT'ANNA, Luiz Alberto Sciamarella. A história do mental de Lucien Febvre: uma complexidade reflexiva. 2009. 179 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. PEREIRA, André Luis Mitidieri. **Vidas e varões enovelados: como e porque (des)ler os clássicos da biografia**. 2008. 306 f. Tese (Doutorado em Letra) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

<sup>150</sup> AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, n.1, 2012, p. 09.

<sup>151</sup> Ibid., p. 15.

<sup>152</sup> REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 243-244.

psicológica de seu biografado. O autor utiliza a psicologia para descrever o personagem, enfatizando os traços temperamentais. Revel considera essa abordagem como parte da renovação das fontes e do repertório da escrita biográfica do século XX, impulsionada pela “evolução da escrita biográfica”.

Para Roger Chartier, a biografia pode ser a melhor ou a pior das formas de escrita. Na França, esse gênero ocupava a posição dominante nas livrarias no campo da história: tratava-se do modelo mais clássico e comercial, marcado por certos padrões narrativos e pela expectativa de reconhecimento, isto é, pela busca de uma outra vida, sem que isso implicasse necessariamente uma reflexão crítica sobre o objeto abordado. No entanto, no âmbito da tradição dos *Annales*, sobretudo quando os seus paradigmas iniciais passaram a ser questionados, manifestou-se a vontade de renovar, e mesmo de subverter, esses gêneros consagrados. Nesse sentido, observa Chartier, tal movimento significava, em certa medida, uma retomada da herança de Lucien Febvre. Inserido em uma tradição que mobilizava a biografia como instrumento para a discussão de problemas históricos, Febvre escreveu predominantemente obras desse gênero, com exceção de sua tese, mas não nos moldes das biografias comerciais, como aquelas publicadas pela editora Fayard.<sup>153</sup> Seus trabalhos dedicaram-se a figuras como Lutero, Bonaventure des Periers<sup>154</sup>, Rabelais e Margarida de Navarra, concebidas como objetos de investigação histórica e intelectual, e não como simples narrativa de vida.<sup>155</sup> Quando Chartier afirma que as biografias febvreanas não são como as da

---

<sup>153</sup> De acordo com informações no site: “a Editora Fayard, também conhecida como Librairie Arthème Fayard, é uma das editoras mais antigas e prestigiadas da França. Fundada em 1857 por Joseph-François Arthème Fayard, a editora começou como uma livraria e rapidamente se estabeleceu como uma importante editora em Paris. Inicialmente, a Fayard focava em literatura popular, publicando obras acessíveis ao grande público, incluindo romances, séries literárias e revistas. Ao longo do tempo ela se tornou conhecida por publicar uma ampla gama de gêneros, desde biografias e obras históricas até ficção e ensaios. Um dos principais elementos de seu sucesso foi a capacidade de adaptar sua produção às demandas do mercado, o que ajudou a garantir sua longevidade e relevância no cenário editorial francês. Na primeira metade do século XX, a Fayard começou a se especializar em biografias, que se tornaram uma parte significativa de seu catálogo. Essas biografias eram, em muitos casos, voltadas para o público em geral, muitas vezes seguindo um formato tradicional que priorizava a narrativa da vida das figuras históricas sem uma análise crítica profunda.” Disponível em: << Fayard <https://shorturl.at/xGJAC> >> Acesso: 12 ago. 2024,

<sup>154</sup> Optei por não incluir essa obra na análise uma vez que o ano de publicação é o mesmo ano de publicação da obra sobre Rabelais, 1942. Sendo assim, acredito que o autor possa ter utilizado os mesmos critérios de escrita em ambos os livros; dessa forma, escolhi analisar somente o livro “O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais” por conta de sua vasta recepção e por ser um dos mais conhecidos de Lucien Febvre. Bonaventure Des Périers (1510-1543 ou 1544), foi um autor de poesia, diálogos e contos franceses. A autoria da obra *Cymbalum Mundi*, publicada anonimamente em 1537 é atribuída a ele. Des Périers trabalhou para Margarida de Navarra.

<sup>155</sup> SALOMON, Marlon ; CAMPOS, Raquel ; CHARTIER, Roger. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. **História da Historiografia**, v. 22, 2006, pp. 313-314.

Fayard, acredito que ele esteja se referindo à diferença entre o enfoque tradicional e comercial das biografias populares e a abordagem inovadora e crítica de Febvre. As biografias publicadas pela Fayard, uma renomada editora francesa fundada em 1857, eram tipicamente mais comerciais, voltadas para o grande público e seguiam um formato convencional, muitas vezes focando na narrativa da vida de figuras históricas sem uma análise profunda ou reflexão crítica sobre o que estava sendo escrito. Assim, ao destacar essa diferença, Chartier aponta que Febvre usava a biografia de maneira mais sofisticada e crítica, ao contrário do padrão mais tradicional e menos analítico das biografias da Fayard.

Tendo em vista que, no Brasil, a tradução de *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais* foi publicada apenas em 2009; *Martinho Lutero, um destino*, em 2012 e *Autour de L'Heptaméron: Amour sacré, amour profane* ainda não tenha edição em língua portuguesa, considera-se que há uma relevância significativa no estudo dessas obras, através de uma discussão acerca da história da escrita biográfica nas suas conexões e interseções no campo da historiografia, bem como com as reflexões da teoria da história. Conforme evidenciado, existe uma lacuna voltada ao enfoque proposto. Desta forma, a pesquisa contribui significativamente ao se inserir em um campo historiográfico em expansão, que busca tanto utilizar as biografias como fonte quanto analisar o problema da escrita da biografia pelo historiador.<sup>156</sup>

O objetivo central da pesquisa é realizar um estudo comparativo das três obras biográficas de Lucien Febvre - *Un destin*, *Martin Luther* (1928)<sup>157</sup>, *Le problème de l'incroyance*

---

<sup>156</sup> De forma não exaustiva, pode-se citar alguns autores e estudos que abordam a questão. Essas referências demonstram que o uso da biografia como fonte e o estudo da biografia como um problema historiográfico são temas que vêm ganhando força e reconhecimento na academia, consolidando-se como um campo de estudo relevante e em crescimento. Giovanni Levi e Pierre Bourdieu na coletânea *Usos e abusos da história oral*, Jacques Revel com seu artigo *A biografia como problema historiográfico*, François Dosse em *O Desafio biográfico* e Sabina Loriga ao escrever *A biografia como problema* são alguns dos autores estrangeiros que levaram a cabo a tarefa de sistematizar características que permitem e devem estar presentes para legitimar a biografia como escrito historiográfico. No Brasil, destacamos os trabalhos/autores: OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história:** a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas**, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1 jan.-jul., 2007. SCHMIDT, Benito Bisso. "Construindo Biografias. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos" In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1997, n. 19. SILVA, Semíramis Corsi. "O Historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho." In **História, imagem e narrativas**. 2012, n. 14. GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço:** biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009. ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a Sinédoque de um Tempo:** Uma Análise sobre Biografias do Imperador. Curitiba: Editora Appris, 2021. OLIVEIRA, Maria da Glória de. "As vidas de um gênero: biografia, história, ficção." **Diálogos**, vol. 21, n. 2, 2017, pp. 22-31.

<sup>157</sup> Originalmente publicado na França em 1928, *Martin Luther, un destin* desde então ganhou múltiplas reimpressões e traduções. Foi traduzida para o inglês (1929), italiano (1949), espanhol (1956), português luso

*au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais* (1942)<sup>158</sup> e *Autour de "L'Heptaméron": Amour sacré, amour profane* (1944) -, <sup>159</sup> explorando um conjunto de questões em torno de seu contexto de produção e estratégias discursivas do historiador. A comparação das biografias visa identificar as singularidades de cada texto, bem como os traços e recursos comuns na escrita do historiador entre 1920 e 1940. Para alcançar essa meta, os objetivos específicos são: analisar as características da biografia moderna na França e na Inglaterra entre 1920 e 1944, no contexto dos debates sobre os modernismos que surgiram imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, e compará-las; em seguida, através dos temas expostos que demonstram características da biografia moderna, elencarei dez quesitos para examinar as três biografias selecionadas e avaliar em que medida o fundador dos *Annales* utiliza recursos comuns nas obras, identificando mudanças e permanências e verificando se elas incorporam características da biografia moderna; e investigar se, além das influências e do ambiente intelectual em que vivia, a rejeição do autor em relação à escrita biográfica também se insere nas experimentações da biografia moderna e nas tentativas de desenvolver uma nova forma de narrativa biográfica.

Primeiramente, à luz dos modernismos pós-Primeira Guerra Mundial, analisarei as características da biografia moderna na França e na Inglaterra, focando especialmente nos trabalhos de André Maurois e Lytton Strachey. Após identificar as semelhanças e diferenças entre esses estilos biográficos, compararei as três biografias escritas por Lucien Febvre, investigando em que medida ele emprega os mesmos recursos nessas obras. Em seguida, examinarei as mudanças e permanências em sua abordagem, avaliando se e como as características da biografia moderna estão presentes de forma recorrente. Por fim, investigarei se, além da postura de distanciamento dos historiadores em relação ao gênero biográfico, a recusa de Febvre em identificar suas obras como biografias também pode ser entendida dentro do campo de possibilidades de uma escrita biográfica em sua forma moderna.

A intenção da pesquisa não é fazer uma análise classificatória identificando erros e acertos, avaliando seus métodos ou classificando as biografias escritas por Febvre como boas ou ruins. Pretendo analisar as obras, tendo em vista as reflexões teórico-metodológicas sobre

---

(1976), alemão (1976), chinês (2014), turco (2016), coreano (2016). No Brasil, a obra foi lançada em 2012, 84 anos depois de seu lançamento francês.

<sup>158</sup> *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais* teve a primeira publicação na França em 1942. Foi traduzida para o italiano (1978), inglês (1982), espanhol (1993), alemão (2002) e português (2009).

<sup>159</sup> *Autour de l'Heptaméron: Amour sacré, amour profane* foi publicado na França em 1944. Em 1975 e em 1996 foi reeditado com o título *Amour sacré, amour profane: autour de l'Heptaméron*. A única edição em língua estrangeira é a publicada em alemão, em 1998, com o título *Margarete von Navarra. Eine Königin der Renaissance zwischen Macht, Liebe und Religion*. No Brasil, tal obra ainda não foi publicada em português.

o biográfico, que circularam na França e na Inglaterra nos séculos XIX e XX, sobretudo na perspectiva moderna para poder compreender a escrita do historiador. Por meio da abordagem comparativa<sup>160</sup>, serão identificados os elementos recorrentes e os traços singulares na série de biografias escritas pelo pai dos *Annales*.<sup>161</sup>

A escrita biográfica possui uma história, tendo passado por mudanças e variações ao longo do tempo. Como destaca François Dosse, a biografia é um gênero antigo, difundida com base na noção grega de *bioi* (bios) e que não se restringe apenas a retratar a “vida” de um indivíduo, mas também uma “maneira de viver”. Essa noção emergiu de um saber filosófico grego que fazia referência à moralidade. Logo, a biografia surgiu como um gênero relacionado à esfera do julgamento moral.<sup>162</sup>

Sabina Loriga, por sua vez, assegura que, desde a sua origem, a biografia é considerada um gênero híbrido e compósito que sofreu profundas transformações ao longo do tempo quanto à escolha e à elaboração dos fatos e ao estilo narrativo. Para a autora, o gênero biográfico equilibra-se entre a verdade histórica e a verdade literária.<sup>163</sup> Loriga defende que, ao explorarmos a fronteira que separa a biografia da literatura e da história, descobrimos que ela é fluida, instável e se desloca no tempo. Logo, é necessário historicizar a prática do gênero, pois a biografia não é a mesma no século XVIII, no fim do XIX e na década de 1920, portanto,

---

<sup>160</sup> Desenvolver este pequeno tópico é de extrema importância para situar o leitor sobre o tipo de comparação que será mobilizado na presente tese. Em 1928, quando Marc Bloch publicou na *Revue de Synthèse Historique* o seu famoso artigo sobre a história comparada, esta era apenas uma instigante promessa historiográfica. O mundo já conhecera os horrores da Primeira Guerra Mundial, e outros horrores ainda maiores estavam por vir com a ascensão do nazismo e a eclosão do segundo conflito mundial. Como destaca o historiador José D’Assunção Barros, havia indícios de um certo “mal-estar” da historiografia da época. Nesse contexto, surgem os primeiros esforços de sistematização de uma história comparada – ou melhor, é nesse cenário que ocorre a assimilação mais sistemática do comparativismo histórico pelos historiadores profissionais. Comparar era, de algum modo, abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, contrapor ao mero orgulho nacional um elemento de “humanidade”. É oportuno lembrar que essa modalidade historiográfica tem muitas origens e, com o texto de Bloch, teve apenas um fundamento simbólico. No contexto do pós primeira guerra, a comparação despertou o interesse dos historiadores e um dos pioneiros a adotar e a defender esse método foi Henri Pirenne. Para o autor, esses avanços metodológicos tornavam a escrita da história “mais rica e mais precisa”. Sua proposta seria a de utilizar a metodologia comparada, para compreender de forma mais objetiva o que é singular de cada nação e o que é partilhado. Ver: BARROS, José D’Assunção. História comparada: atualidade e origens de um campo disciplinar. **História Revista**, Goiânia, v. 12, n. 2, jul./dez. 2007, pp. 279-280. Ver: FRAZÃO DA SILVA, A. C. L.; REIS FERREIRA TORRES, A. “Do método comparativo em história”, de Henri Pirenne. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography** v. 8, n. 17, 29 abr. 2015.

<sup>161</sup> Para outras abordagens do método comparativo que também utilizaremos, ver: CHARLE, Christophe. “A prosopografia ou biografia coletiva; balanço e perspectivas”. In: HEINZ, F.M. Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 41-53. KOCKA, Jürgen. “Comparison and Beyond”. *History and Theory*, v. 42, n.1, February 2003, pp. 93-44.

<sup>162</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 123.

<sup>163</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 18.

segundo a autora, é difícil e perigoso generalizar através da categoria de gênero textual, enfatizando que há várias formas de escrita biográfica.<sup>164</sup>

A autora do *Pequeno x* sugere que, ao investigar a interseção entre biografia, literatura e história, é possível perceber a fluidez e a instabilidade do gênero. Isso se reflete nas mudanças observadas nas décadas que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, quando a prática da biografia se diversificou. A afirmação de que a biografia não é a mesma ao longo do tempo reforça a ideia de que, na década de 1920, a escrita biográfica passou por uma redefinição, adaptando-se às novas demandas sociais e intelectuais, e, conseqüentemente, desafiando as categorias tradicionais de gênero textual. Acredita-se que uma dessas novas formas de escrita biográfica seja a biografia moderna, que se estabelece como um campo dinâmico que reflete a complexidade do gênero, permitindo uma relação mais rica entre a verdade histórica e a verdade literária.

Loriga destaca que as convicções que traçam a via para a *new biography* e para a *debunking life*, são partilhadas pelos maiores biógrafos da primeira metade do século XX: Harold Nicolson, Philp Guedalla, Gamaliel Bradford, Giovanni Papini, Emil Ludwing, André Maurois, Friedrich Gundolf e Stefan Zweig. Para a autora, é nesse período que certos biógrafos renunciam ao imperativo da verdade fatual e reivindicam o direito, e até a obrigação, de imaginar o passado.<sup>165</sup>

Conforme Berman, a “modernidade” é um tipo de experiência vital – de tempo, espaço, de si mesmo e dos outros, de possibilidades e perigos da vida – que hoje é compartilhada por pessoas de todo o mundo. Nesse sentido, ser moderno é “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.<sup>166</sup> Por modernização, geralmente, subentende-se uma ruptura com as instituições e os paradigmas tradicionais de pensamento, seja na religião, na economia ou na política.<sup>167</sup>

---

<sup>164</sup> LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 9, ago. 2012, p. 31.

<sup>165</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 25.

<sup>166</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 15.

<sup>167</sup> MALERBA, Jurandir. Historiografia moderna em perspectiva global. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 3, 2009, p. 169. Disponível em: <https://shorturl.at/plMsM>. Acesso em: 04 jan. 2023.

O caminho percorrido pelo modernismo desde o século XIX foi de constante mudança, vivendo avanços, retrocessos e conflitos.<sup>168</sup> O intervalo entre as duas grandes guerras foi um período de transformações. Foi nesse espaço entre os eventos que vimos as vanguardas europeias se consolidarem na sua forma mais radical. Destaca-se que o efeito perturbador da Primeira Guerra Mundial na produção literária mundial não deva ser subestimado. Robert Skidelsky afirma que:

(...) O movimento biográfico moderno foi moldado pela experiência dessa guerra e pela perda de fê nos líderes e nos valores oficiais que ela causou. A biografia moderna—movimento que datamos a partir de *Eminent Victorians* (1918), de Lytton Strachey—foi, acima de tudo, uma biografia desmistificadora. (...).<sup>169</sup>

Em relação ao biógrafo moderno, Nicolson destaca que este

com razão, descarta o motivo comemorativo ou didático (...) ele insiste em um distanciamento absoluto de considerações éticas ou sentimentais, e esse distanciamento se torna, por si só, o ponto de vista, tendendo muito facilmente a produzir o distanciado, o condescendente, ou, na melhor das hipóteses, o satiricamente afetuosos.<sup>170</sup>

De acordo com o diplomata, outro interesse principal da biografia moderna era a introspecção, uma vez que o leitor moderno de biografia, em oposição ao leitor do século XIX, foi encorajado a compreender e até conviver com o tema da biografia que lia.<sup>171</sup> Dessa forma, o biógrafo moderno tentou participar da vida interior de seu sujeito para melhor entendê-lo e transmitir sua personalidade da maneira mais verdadeira possível.<sup>172</sup> Um dos dilemas enfrentados pelo biógrafo moderno foi a de como transmitir a vida interior do seu sujeito e ao mesmo tempo o seu próprio ponto de vista. Uma solução possível seria encontrada na psicanálise, que influenciou fortemente a moderna biografia.<sup>173</sup>

---

<sup>168</sup> MARAZÃO, Karine de Fátima. **Modernismos em perspectiva: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil**. 2013. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2018, p. 16. Disponível em: <https://shorturl.at/uDei6>. Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>169</sup> SKIDELSKY, Robert apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014, p. 45. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>170</sup> NICOLSON, Harold apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 45. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>171</sup> RAITT, Suzanne apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014, p. 45. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>172</sup> GITTINGS apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014, p. 45. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>173</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024, p. 46. Disponível em: <<  
[>>](https://shorturl.at/9riXk) Acesso: 11. ago. 2024.

No cenário europeu, o debate sobre a existência de uma biografia moderna ganhou corpo no momento imediato ao fim da Primeira Guerra Mundial. Na Inglaterra, no século XX, houve uma forte reação contra a biografia vitoriana, o que levou ao surgimento do que passou a ser chamado de biografia moderna. Os mestres notáveis na arte biográfica desse período foram Lytton Strachey (1880-1932), Harold Nicolson (1886-1968), e Virgínia Woolf (1882-1941) na Inglaterra, André Maurois (1885-1967) na França, Emile Ludwing (1881-1948) na Alemanha e Stephan Zweig (1881-1942) na Áustria, todos se tornaram arautos de uma biografia moderna, também chamada de romanceada ou literária.<sup>174</sup> Strachey fora apresentado como o criador da biografia moderna na Inglaterra e Maurois o profeta, intérprete e divulgador dos ensinamentos desse mestre na França.

O principal objetivo do biógrafo moderno era fazer da biografia uma arte. De fato, até o século XX havia pouca ou nenhuma preocupação com a forma artística do gênero biográfico, uma vez que, até então, a motivação tinha sido de tipo prático, como registrar, elogiar ou instruir. A maneira mais imediata de abordar a biografia para arte era focar no estilo: a linguagem tinha que ser adaptada através do estilo para capturar a experiência humana inconstante.<sup>175</sup> Segundo Cymbrykiewicz, a “nova biografia” está no meio do caminho entre ficção e a realidade.<sup>176</sup>

\*\*\*

A presente tese investiga em que medida Lucien Febvre, ao dedicar-se aos personagens Martinho Lutero, François Rabelais e Margarida de Navarra, constrói uma modalidade singular de escrita que, embora explicitamente dissociada do gênero biográfico, mobiliza procedimentos característicos da biografia moderna europeia uma vez que determinadas características presentes nessas formulações biográficas também aparecem, sob formas particulares, em sua escrita. Partindo da hipótese de que a recusa declarada do biográfico se inscreve no projeto historiográfico dos *Annales*, sustenta-se que Febvre não abandona o biográfico, mas o reconfigura no interior de uma história-problema.

A pesquisa propõe, assim, analisar comparativamente as três obras dedicadas a personagens do início da modernidade, a fim de identificar permanências, deslocamentos e

---

<sup>174</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 26.

<sup>175</sup> EDEL apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 45. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>176</sup> CYMBRYKIEWICZ, Joanna apud ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo: uma análise sobre as biografias do imperador**. Curitiba: Appris, 2021, p. 31.

estratégias narrativas que revelam a incorporação, ainda que não assumida, de recursos associados à biografia moderna. Desse modo, a tese busca demonstrar que Febvre produz uma forma de escrita na qual o indivíduo é um ponto de condensação de problemas históricos, culturais e psicológicos mais amplos. Pretende-se contribuir para a compreensão do lugar do biográfico na renovação historiográfica promovida pelos *Annales*, evidenciando que a obra de Febvre não exclui o biográfico, mas o transforma à luz de sua própria concepção de história e da biografia moderna. O problema que orienta este trabalho consiste em compreender se a recusa febvreana do rótulo biográfico não teria sido, paradoxalmente, a condição mesma para a elaboração de uma prática renovada: uma escrita que, ao rejeitar a biografia tradicional, incorpora criticamente os debates da biografia moderna e os reconfigura segundo as exigências da concepção de história do biógrafo, articulando indivíduo, mentalidades e estruturas sociais.

Para uma classificação simples, em determinados momentos, *Un destin, Martin Luther* será referido como “obra I”; *Le problème de l’incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais* como “obra II” e *Autour de “L’Heptaméron”: Amour sacré, amour profane* como “obra III”. Essa categorização tem como objetivo evitar a menção repetitiva dos títulos das obras, considerando a necessidade frequente de especificar a qual dos textos estou me referindo.

No capítulo I, o objetivo é realizar uma contextualização sobre Modernismos, Biografias e Comparações, que possibilite um ponto de partida teórico e metodológico. Abordarei que modernismo é esse sobre o qual discorro, quais classificações biográficas me servem de referência, bem como os critérios e estratégias de comparação a serem explorados. Discorrerei brevemente sobre os impactos da Primeira Guerra Mundial na literatura e na escrita biográfica. O presente capítulo também servirá como apoio para elencar as características da biografia moderna que serão a base da análise dos trabalhos de Lucien Febvre.

No capítulo II, criarei uma sistematização em forma de tabela com eixos de análise e investigarei as escolhas e estratégias narrativas que orientam o fazer biográfico de Febvre, observando o papel do autor e a construção do texto enquanto espaço de experimentação. Pretendo identificar os aspectos da biografia moderna nas obras do historiador a partir dos eixos temáticos “biógrafo” e “texto”. O foco será em quem escreve e em como escreve.

No capítulo III, dando continuidade à análise proposta na tabela, examinarei a construção dos personagens, assim como as dimensões da ética, da documentação e da crítica. O foco desloca-se, então, para os eixos temáticos “personagem” e “transversal”. Nesse movimento, analisarei a figura biografada, sua forma de construção, interpretação e

enquadramento pelo autor, bem como os temas que atravessam toda a obra e estruturam a narrativa biográfica em sua totalidade.

## CAPÍTULO I – MODERNISMOS, BIOGRAFIAS E COMPARAÇÕES

Este capítulo será dividido em blocos temáticos distintos que se conectam ao analisar o objeto de estudo. Para iniciar, é importante realizar uma breve contextualização dos “modernismos”, que são considerados a base para a elaboração de um novo estilo de biografia, denominado biografia moderna. Essa abordagem pode ter impactado Lucien Febvre na composição das obras que analisarei adiante. Discutirei os impactos da Primeira Guerra Mundial na literatura e na escrita biográfica e, em seguida, explorarei as biografias e a base teórica que adotei ao considerar o conceito de “biografia moderna”, focando no contexto inglês e francês; esta parte também servirá como base para a coleta de dados, que será usada na análise das biografias febvreanas.

Lucien Febvre reconhece a utilidade do método comparativo, mas insiste que ele deve ser usado com cuidado e prudência pelos historiadores. Defende uma abordagem que leve em consideração a singularidade de cada contexto histórico, evite generalizações excessivas e afirma:

(...) não creio ter alguma vez tomado posição contra o método comparativo. Ao contrário, creio bem saber que poucas vezes terci armas por ele. Mas com as prudências necessárias. Comparemos, sim. Mas como historiadores. (...) Comparemos, não para, por fim, fabricar, com fatos chineses misturados com fatos indianos, russos e romanos, confusamente, não sei que conceitos abstratos de Igreja ecuménica, de Estado universal ou de Invasão de Bárbaros. Comparemos para poder, com conhecimento de causa, substituir estes singulares por plurais. Para poder dizer, se me é permitido escolher um exemplo familiar: já não a Reforma, mas as Reformas do século XVI – mostrando como se operaram diferentemente nos diversos meios, nacionais ou sociais, em resposta aos “desafios” do mundo medieval decomposto; as Reformas, o que não quer dizer uma coleção de dissertações monográficas sobre o pormenor dos dogmas formulados por Lutero, Zuinglio, Melancton, Bucer ou Calvino, mas a explicação das variantes que a vida, com as suas particularidades, introduzia no conjunto das “concepções do mundo” que esses homens formulavam para seu uso próprio, e para uso dos seus contemporâneos: devendo cada uma dessas variantes ter em conta as dos vizinhos – que tinham origem nas condições de existência específicas dos indivíduos, dos grupos, das classes e das nações.<sup>177</sup>

O historiador francês enxerga o método comparativo como uma ferramenta potencialmente útil na análise histórica, desde que seja aplicado com sensibilidade, prudência e um reconhecimento da singularidade de cada contexto histórico. A sua frase encapsula sua abordagem cautelosa e crítica em relação ao método comparativo na história.

---

<sup>177</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 140-141.

Já nas primeiras décadas do século XX, em artigos publicados na *Revue de Synthèse Historique*, Louis Davillé<sup>178</sup> e Lucien Febvre

[...] apresentaram a possibilidade de aplicar o método comparativo aos estudos históricos, buscando superar uma concepção tradicional de História que privilegiava a singularidade do factual de caráter político, e afastando-se, portanto, das práticas pouco científicas dos “historiadores historicizantes” [...]<sup>179</sup>

Para Paul Veyne<sup>180</sup>, “toda história é história comparada”<sup>181</sup>, logo, a minha pesquisa também se justifica por enveredar nos campos da história comparada, esta que mostra ter conquistado o seu próprio mosaico de possibilidades, podendo ser considerada um campo intradisciplinar bem-estabelecido com direito a uma rubrica própria. Ao concentrar o trabalho nesse período específico (1920-1940/44) e nesses contextos geográficos (Inglaterra e França), busco evitar distorções na interpretação das tendências e desenvolvimentos históricos. Com a delimitação do escopo do estudo, objetivo aprofundar o entendimento das características da biografia moderna nessas épocas e nações, realizando uma comparação mais precisa e significativa sobre as possíveis influências nas obras de Lucien Febvre.

No que tange às hipóteses do presente trabalho, é importante ressaltar que a década de 1920, no imediato pós Primeira Guerra Mundial, representa um período de significativa transformação e reflexão. Esse momento é caracterizado pela necessidade de reconstrução social, econômica e cultural nas sociedades europeias, que estavam devastadas pela guerra. Além disso, o desencanto generalizado, resultante das decepções com as promessas de progresso e estabilidade, levou a intensos debates sobre novas perspectivas de vida e pensamento. Nesse contexto, surgem movimentos inovadores que desafiam as tradições estabelecidas, estimulando a criatividade e a experimentação em diversas áreas, incluindo a arte, a filosofia e a historiografia. Esse ambiente efervescente não apenas propiciou a busca por novas formas de expressão, mas também influenciou a discussão sobre a biografia moderna, que emergiu como um gênero literário e historiográfico renovado, refletindo as complexidades e as nuances da experiência humana. As inovações da Europa nesse período se conectam com as ambiências ou ao debate sobre os modernismos, no plural. Há uma efervescente busca por criar, afetando diversos âmbitos, como as produções artísticas, filosóficas, historiográficas,

---

<sup>178</sup> Louis Davillé (1871-1933), historiador e crítico literário francês.

<sup>179</sup> MELO, Jaqueline Lima Ximenes. Da contribuição do método comparado para a história. **Revista Historiador**, nº 5, ano 5, dez. 2012, P. 119.

<sup>180</sup> Paul-Marie Veyne (1930-2022), historiador francês, especialista em Roma antiga.

<sup>181</sup> VEYNE, Paul apud MELO, Jaqueline Lima Ximenes. Da contribuição do método comparado para a história. **Revista Historiador**, n. 5, 2012, p. 120.

grosso modo, intelectuais,<sup>182</sup> o que se conecta com a discussão sobre a biografia moderna. Essa modalidade biográfica suscitou intensos debates e teve impacto em vários países, ganhando notoriedade na Inglaterra com Lytton Strachey<sup>183</sup> e em solo francês, em 1928, com André Maurois<sup>184</sup>.

### 1.1 “É preciso ser absolutamente moderno”<sup>185</sup>

Autores “modernos”, mas respeitáveis: tinham direito a uma meia-encadernação ou, pelo menos, a uma encadernação simples na biblioteca dos nossos pais – um sinal claro de aceitação.<sup>186</sup> Lucien Febvre

Longe de ser um conceito unívoco, a noção de modernidade tem sido objeto de interpretações diversas, formuladas a partir de campos disciplinares e pressupostos teóricos distintos que evidenciam a complexidade do conceito e a necessidade de situá-lo historicamente e teoricamente. A formação do sentido das palavras “moderno”, “modernidade” e “modernismo” está estritamente relacionada com as mudanças na Europa na virada do século XIX para o século XX.<sup>187</sup>

Em 1837, o filósofo Friedrich Hegel<sup>188</sup> dividiu os períodos da história com base na sucessão e contraposição dos grandes Estados, expressão das civilizações “históricas” (pois havia, para o filósofo alemão, “povos sem história”, no que se contrapunha ao cosmopolitismo idealista kantiano), seguindo o modelo dos impérios do mundo: orientais, grego, romano, germânico, desaguando, finalmente, na racionalidade do Estado moderno.<sup>189</sup>

---

<sup>182</sup> Utilizo a palavra numa acepção propositalmente aberta e englobando, apesar das diferenças, o trabalho com a arte.

<sup>183</sup> Giles Lytton Strachey (1880-1932), escritor e crítico literário britânico.

<sup>184</sup> André Maurois (1885-1967), romancista, biógrafo e ensaísta francês. Também assinou com o pseudônimo Émile Salomon Wilhelm Herzog.

<sup>185</sup> Frase do poeta francês Arthur Rimbaud (1854-1891), em 1873.

<sup>186</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 51. Utilizo uma edição cuja tradução é para o português de Portugal. Tradução minha.

<sup>187</sup> MARAZÃO, Karine de Fátima. **Modernismos em perspectiva: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil**. 2013. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2018, p. 10 Disponível em: <https://shorturl.at/uDei6>. Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>188</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), foi um filósofo alemão; sua obra pertence ao idealismo alemão e teve uma influência decisiva em toda a filosofia contemporânea.

<sup>189</sup> HEGEL apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 09. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

Outro significado do termo remonta ao final do século XVII. Com a “querela entre os antigos e os modernos”, desloca-se do plano da organização racional do tempo histórico para o domínio da sensibilidade e da experiência estética. É nesse registro que Charles Baudelaire,<sup>190</sup> em ensaio publicado em 1863 no jornal *Le Figaro*, define a modernidade como o “o transitório, o fugidio, o contingente”,<sup>191</sup> sublinhando a tensão entre o efêmero e o eterno que atravessa a arte. Ao afirmar que “houve uma modernidade para cada pintor antigo”, Baudelaire cumpre com a ideia de uma modernidade única e cumulativa, fazendo emergir uma sensibilidade marcada pela descontinuidade, pelo choque e pela instabilidade do presente. Essa compreensão seria posteriormente reafirmada de modo militante por Arthur Rimbaud, que declarou, em 1873, que “é preciso ser absolutamente moderno”.<sup>192</sup>

No campo da historiografia, na década de 1970, Reinhart Koselleck<sup>193</sup> definiu a modernidade pela emergência de uma nova concepção da história, no século XVIII, concomitantemente à valorização da racionalidade como principal elemento para conhecimento de mundo e domínio da natureza.<sup>194</sup> A divisão da história em períodos ou “eras”, demarcadas a partir de eventos reais ou imaginários de projeção universal, supõe a preservação de sua unidade e continuidade, para além das rupturas ou divisões, um conceito que será objeto de variadas críticas na segunda metade do século XX, em especial as originadas no estruturalismo e seus derivados.<sup>195</sup> O pensamento humanista-renascentista, na tentativa de se desvencilhar das concepções teológicas medievais, descartou a ideia de uma “era final” da história e propôs um “sistema tripartite” aberto para o futuro (Antiguidade – Idade Média – Modernidade), que foi a base das periodizações históricas modernas.<sup>196</sup>

Nos anos 1980, o filósofo Marshall Berman, em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, afirmou que, para compreendermos os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX na Europa industrializada, a primeira observação

---

<sup>190</sup> Charles Baudelaire (1821-1867), poeta francês.

<sup>191</sup> BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Organização de Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Mimo; 7), p. 42.

<sup>192</sup> RIMBAUD, Arthur apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 04. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>193</sup> Reinhart Koselleck (1923-2006), modernista alemão e historiador contemporâneo, geralmente considerado um dos mais importantes do século XX.

<sup>194</sup> KOSELLECK apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 06. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>195</sup> COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 07.. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>196</sup> Ibid., p. 08.

feita é em relação à nova paisagem: altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica. Era formada por engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, zonas industriais, cidades que cresceram em ritmo acelerado, jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de *media* que estreitaram os canais de comunicação.<sup>197</sup>

No que tange à história da modernidade, Berman a divide em três fases: a primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII, quando as pessoas estão começando a experimentar a vida moderna; a segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790 e, nesse período, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro e, dessa dicotomia e da sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização; a terceira fase representa o século XX, quando o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo.<sup>198</sup> Conforme o autor, o século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade uma vez que sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo e produziu uma assombrosa quantidade de obras e ideias da mais alta qualidade.<sup>199</sup>

Mais recentemente, autores contemporâneos atualizaram o debate, mostrando como a modernidade é vista como projeto e processo, e não apenas como época. O historiador Jurandir Malerba<sup>200</sup> pontua que grande parte da teoria social desde o Iluminismo foi construída a partir do pressuposto de que a história moderna equivale ao processo acelerado de modernização do Ocidente. Por modernização, usualmente, subentende-se uma ruptura com as instituições e os paradigmas tradicionais de pensamento, seja na religião, na economia ou na política. Tal ruptura está ancorada em três pontos: o surgimento da ciência moderna (rompendo com o senso comum e o pensamento dogmático), as revoluções liberais do longo século XIX e o processo de industrialização capitalista.<sup>201</sup>

O historiador Osvaldo Coggiola<sup>202</sup> destaca que para os autores que não usam o conceito como um simples marco cronológico, a modernidade é um projeto, divergindo quanto

---

<sup>197</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 18. Marshall Howard Berman (1940-2013), foi um filósofo americano associado à escola de pensamento marxista humanista.

<sup>198</sup> Ibid., p. 16.

<sup>199</sup> Ibid., p.23.

<sup>200</sup> Historiador, atualmente é professor titular livre da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>201</sup> MALERBA, Jurandir. Historiografia moderna em perspectiva global. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 3, 2009, p. 169. Disponível em: <https://shorturl.at/plMsM>. Acesso em: 04 jan. 2023.

<sup>202</sup> Osvaldo Luis Angel Coggiola (Buenos Aires, 1952) é um historiador argentino

ao período de sua vigência.<sup>203</sup> Em uma formulação consensual, a modernidade seria “um conjunto amplo de modificações (...) um conceito estritamente vinculado ao pensamento ocidental, um processo de racionalização que atinge as esferas da economia, da política e da cultura”, uma noção, portanto, histórica e até geograficamente delimitada.<sup>204</sup>

De acordo com o historiador italiano Scipione Guarracino<sup>205</sup>, a “modernidade” pertence a uma ordem conceitual mais ampla, refletida na polissemia do termo, que possui os significados gerais de “recente”, “novo”, até “melhor”, ao mesmo tempo em que designa uma fase histórica diferenciada, “da civilização europeia ou ocidental” (ou seja, não de todas as civilizações). Na sua origem latina, *modernus* significa “atual, pertencente aos nossos dias” - ou seja, contemporâneo -, expressão derivada de modo, “agora, de certa maneira” ou de *modus*, “medida, maneira”.<sup>206</sup> Entretanto, a expressão “era moderna” foi usada para delimitar um período histórico, surgido quando se evidenciou “um sentimento de ruptura com o passado”.<sup>207</sup>

Cabe ressaltar a dificuldade em estabelecer um único marco histórico para a modernidade, já que diferentes áreas do conhecimento e contextos culturais apontam para momentos distintos como pontos de origem desse conceito. Hannah Arendt entende a modernidade como momento marcado por grandes eventos que remontam aos século XVI: a descoberta da América, a Reforma e a invenção do telescópio.<sup>208</sup> Marshall Berman identifica três momentos da modernidade, sendo que o primeiro remonta ao século XVI e vai até o XVIII. Anthony Giddens também entende que a experiência da modernidade surge com a descoberta do Novo Mundo, o Renascimento e a Reforma (século XV e XVI); desenvolve-se com a Ciências Naturais no século XVII, atinge seu clímax político nas revoluções do século XVIII,

---

<sup>203</sup> COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 05. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>204</sup> SILVA, Karina Vanderlei *et all* apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 05. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>205</sup> Scipione Guarracino (1943), lecionou metodologia história na Faculdade de Ciências Políticas de Florença. Pesquisador da história da historiografia e da história das ideias.

<sup>206</sup> GUARRACINO, Scipione apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 04. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>207</sup> LE GOFF, Jacques apud COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021, p. 04. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

<sup>208</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 260. <sup>208</sup> Hannah Arendt (1906-1975), foi uma cientista política, filósofa e jornalista americana nascida na Alemanha, conhecida por seu trabalho sobre atividade política, totalitarismo, modernidade e filosofia da história.

desenrola suas implicações gerais após a Revolução Industrial do século XIX e termina no limiar do século XX.<sup>209</sup>

Os autores mencionados acima permitem um panorama multidisciplinar e evidenciam o quanto a noção de modernidade é disputada, plural e permanente revisitada. Cada um deles representa um momento-chave em sua formulação histórica e contribui para uma compreensão diversa e crítica do tema. Essa pluralidade de interpretações não se limita ao plano teórico, mas se manifesta de forma particularmente visível em determinados contextos históricos, nos quais a modernidade passa a ser apropriada como palavra de ordem e elemento de disputa cultural.

Após 1880, a modernidade se tornou um *slogan* e o termo “vanguarda”, em seu sentido moderno, tornou-se comum nas conversas de pintores e escritores franceses, a distância entre o público e as artes mais ousadas estava se reduzindo. De acordo com Eric Hobsbawm<sup>210</sup>, isso se dava porque as ideias “avançadas” sobre a sociedade e a cultura pareciam combinar-se naturalmente, em especial nas épocas de depressão econômica e tensão social e, em parte, porque o gosto de importantes setores da classe média tornou-se mais flexível.<sup>211</sup>

O historiador Eugen Weber<sup>212</sup> afirma que as décadas finais do século XIX foram fortemente marcadas na França pela sensação de fim de uma era e por isso foi comum e corrente o uso de termos que expressavam este sentimento, tais como *fin-de-siècle* ou *décadence*.<sup>213</sup> A ligação entre decadência e degeneração como diagnóstico de um momento histórico altamente marcado pela modernização partia do pressuposto segundo o qual o homem moderno seria a própria causa, na medida em que suas aspirações à igualdade desestabilizavam as hierarquias e estruturas da sociedade e cultura tradicionais.<sup>214</sup>

---

<sup>209</sup> GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. Anthony Giddens é um sociólogo britânico, professor de sociologia na Universidade de Cambridge. É considerado um dos mais importantes contribuidores para o campo da sociologia contemporânea.

<sup>210</sup> Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012), foi um historiador marxista britânico reconhecido como um dos principais nomes do movimento.

<sup>211</sup> HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875 – 1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2011 apud MARAZÃO. Karine de Fátima. **Modernismos em perspectiva: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil**. 2013, pp. 10-11. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2018. Disponível em: <https://shorturl.at/uDei6>. Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>212</sup> Eugen Joseph Weber (1925-2007), foi um historiador americano nascido na Romênia, com foco especial na civilização ocidental.

<sup>213</sup> WEBER, E apud HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, pp. 74-75. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>214</sup> HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, pp. 74-75. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

Se, por um lado, o discurso oficial pregava o progresso moderno, por outro, defendia sua moderação pela própria tradição. No fundo, a sociedade francesa *fin-de-siècle* era incapaz de esconder sua desconfiança com relação aos ideais modernos, embora fosse oficialmente organizada pela cartilha positivista da Terceira República defensora do progresso, da ordem e da razão. De forma análoga, o final do século XIX era vivido em Paris de uma maneira ambígua, pela qual conviviam a noção do bem-estar advindo do progresso e a sensação de medo dos limites e perigos da modernização talvez incontrolável e um pouco indesejável. Mesmo defendendo e difundindo uma moral nacionalista e utilitária segundo a qual o cidadão deveria ser útil à nação, a Terceira República ofereceu uma grande margem de liberdade aos artistas, e configurou-se assim como espaço privilegiado para a gênese e difusão das produções modernistas.<sup>215</sup> Paris funcionava como principal centro de difusão do modernismo, oferecendo diversas situações de sociabilidades entre artistas e outros representantes importantes dos campos artísticos, como críticos, editores e membros da imprensa.<sup>216</sup> Essa disposição respondia à visão de um mundo que parecia mudar cada vez mais rapidamente, processo sentido como perda, mas também como novidade e enriquecimento. A busca frenética pelo real e verdadeiro, que partia da crença que sempre haveria algo novo para surpreender em um mundo que se encontrava em mudanças cada vez maiores e mais rápidas, colocou de maneira aguda e atual a questão acerca das fronteiras entre ficção e realidade.<sup>217</sup>

O próprio Lucien Febvre informa que a passagem do século XIX para o XX, nos anos que vão de 1896 a 1902, em Paris, foram anos agitados de “lutas e crises - políticas, morais, estéticas. Tudo ao mesmo tempo”. Nesse ínterim, continua Febvre, as pessoas procuravam “outros olhos, outras orelhas uma nova maneira de sentir o mundo”.<sup>218</sup> Aos dezesseis anos, o autor estava em vésperas de alcançar Paris, vindo de sua cidade natal, Nancy. Nesse sentido, evoca tudo o que leu, viu e escutou desde aquela idade que contribuiu para as sucessivas transformações “de um espírito duas ou três vezes modificado, até o âmago, por revoluções de arte e de literatura”.<sup>219</sup>

---

<sup>215</sup> Ibid., p. 76

<sup>216</sup> BRADBURY apud HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, p. 77. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>217</sup> HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, pp. 77-78. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>218</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 53.

<sup>219</sup> Ibid., p. 51.

No que se refere à relação de Febvre com a história, já no prefácio de *Combats pour L'Histoire*, em 1952, o autor reconhece que “tanto quanto a minha memória alcança, vejo-me historiador por prazer ou por desejo, para não dizer de coração e de vocação”.<sup>220</sup> Ao longo do texto, Febvre evidencia que Essa inclinação se formou precocemente, sob a influência decisiva de seu pai e de seu tio, ambos professores, que desde a infância lhe ensinaram a amar a história. Como o próprio afirma, “alimentado por estes conselhos, rico destas leituras e dos sonhos que fazia nascer em mim, como não teria eu sido historiador?”<sup>221</sup> Nesse sentido, considera o seu pai e o tio como seus verdadeiros mestres.<sup>222</sup> A esse aprendizado inicial somam-se ainda outras referências intelectuais que marcaram a formação do jovem Lucien Febvre, entre as quais Élisée Reclus<sup>223</sup>, Jacob Burckhardt<sup>224</sup>, Stendhal<sup>225</sup>, Ernest Renan<sup>226</sup>, Gustave Flaubert<sup>227</sup>, Proudhon<sup>228</sup> e Jules Michelet.<sup>229</sup>

Ao contextualizar o seu gosto pela literatura, música e arte, bem como de seus contemporâneos, os homens letrados nascidos entre 1875 e 1880, Febvre salienta que eles liam Jules Michelet, Gustave Flaubert, Ernest Renan, Alfred Victor de Vigny<sup>230</sup>, Leconte de Lisle<sup>231</sup>, Léon Vanier<sup>232</sup>, de Calmon<sup>233</sup> ou Georges Charpentier<sup>234</sup>, Jérôme Coignard<sup>235</sup>, os

---

<sup>220</sup> Ibid., p. 07.

<sup>221</sup> Ibid., pp. 07-08.

<sup>222</sup> Ibid., p. 08.

<sup>223</sup> Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), geógrafo e militante anarquista francês. Tornou-se conhecido por sua extraordinária obra *Nouvelle Géographie Universelle*.

<sup>224</sup> Jacob Burckhardt (1818-1898), historiador e filósofo suíço, um de seus principais livros foi *La Civilisation de la Renaissance en Italie* de 1860.

<sup>225</sup> Marie-Henri Beyle (1783-1842), mais conhecido como Stendhal, escritor francês de *Roma*, *Nápoles e Florença*.

<sup>226</sup> Joseph Ernest Renan (1823-1892), foi um escritor, filólogo, filósofo, epigrafista e historiador francês. Autor da obra “Qu’est-ce qu’une nation?” de 1882.

<sup>227</sup> Gustave Flaubert (1821-1880), considerado, ao lado de Victor Hugo, Stendhal, Balzac e Zola, um dos maiores romancistas franceses do século XIX. Suas principais obras foram: *Madame Bovary*, *L’Éducation sentimentale* e *Salammbô*.

<sup>228</sup> Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), conhecido anarquista que escreveu *Qu’est-ce que la propriété?* e *La propriété c’est le vol*.

<sup>229</sup> Jules Michelet (1798-1874), foi um filósofo e historiador francês.

<sup>230</sup> Alfred Victor de Vigny (1797-1863), francês. Figura influente do romantismo francês.

<sup>231</sup> Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894), francês. É considerado o líder do movimento parnasiano.

<sup>232</sup> Léon Vanier (1847-1896), foi um editor francês. Sua livraria era famosa por publicar os poetas simbolistas da Boêmia e os Modernos como Verlaine e Rimbaud. Após a morte de seu criador, a editora Vanier continuou sua atividade.

<sup>233</sup> Em referência à editora francesa Calmann-Lévy fundada em 1836. A editora teve origem em uma pequena sala de leitura sob a direção de Simon Lévy e seu filho Michel. Mais tarde, se tornaria a Librairie Michel Lévy Frères. Em seu catálogo havia os nomes dos mais prestigiados escritores do século XIX, tais como Dumas, Baudelaire, Flaubert, Hugo, Balzac, Renan. <https://shorturl.at/8R9T5>

<sup>234</sup> Georges Charpentier (1847-1905), foi um editor francês que se descrevia como o “editor dos naturalistas”. Publicou notavelmente Émile Zola, de quem era amigo, Gustave Flaubert e Guy de Maupassant. Ele promoveu pintores impressionistas e, com sua esposa, reuniu uma importante coleção de arte.

<sup>235</sup> Jérôme Coignard é um personagem dos romances de Anatole France.

chamados “romances ideológicos” de Maurice Barrès<sup>236</sup>, Paul Verlaine<sup>237</sup>, Ernest La Jeunesse<sup>238</sup>, Edmond Goncourt<sup>239</sup>, Joris-Karl Huysmans<sup>240</sup>, Guy de Maupassant<sup>241</sup>, Alphonse Daudet<sup>242</sup> e Émile Zola<sup>243</sup>. Conforme Febvre, “autores ‘modernos’, mas respeitáveis: tinham direito a uma meia-encadernação ou, pelo menos, a uma encadernação simples na biblioteca dos nossos pais – um sinal claro de aceitação”.<sup>244</sup>

Na música, esses compatriotas contemporâneos escutavam Ludwing Van Beethoven<sup>245</sup>, Robert Schumann<sup>246</sup>, Hector Berlioz<sup>247</sup>. Na pintura e escultura, amavam o monumento de Auguste Rodin<sup>248</sup>, erguido na cidade de Nancy, em homenagem ao pintor francês do século XVII, Claude Lorrain<sup>249</sup>. Apesar da curiosidade dos jovens de dezesseis anos, nem Febvre nem nenhum do seu grupo tinha visto Édouard Manet<sup>250</sup>, Claude Monet<sup>251</sup> e Auguste Renoir<sup>252</sup>. Contemplavam o livro Figaro-Salon de Albert Wolf<sup>253</sup>, Léon Bonnat<sup>254</sup>, Benjamin Constant<sup>255</sup>,

---

<sup>236</sup> Maurice Barrès (1862-1923), escritor e político francês. Figura de proa do nacionalismo francês e um dos escritores mais influentes da França na *Belle Époque* e um dos principais pensadores da direita nacionalista durante o período entre guerras.

<sup>237</sup> Paul Verlaine (1844-1896), escritor e poeta francês. Um dos principais representantes do decadentismo e do simbolismo, sendo também reconhecido como um dos fundadores da poesia moderna.

<sup>238</sup> Ernest Léon La Jeunesse (1874-1917), escritor, caricaturista e crítico literário francês. Escreveu muitos romances.

<sup>239</sup> Edmond Huot de Goncourt (1822-1896), escritor francês do gênero romance.

<sup>240</sup> Joris-Karl Huysmans (1848-1907), francês. Escritor e crítico de arte. Fervoroso discípulo e amigo de Émile Zola.

<sup>241</sup> Guy de Maupassant (1850-1893), escritor e jornalista literário francês. Associado a Gustave Flaubert e Émile Zola.

<sup>242</sup> Alphonse Daudet (1840-1897), escritor e autor dramático francês.

<sup>243</sup> Émile Zola (1840-1902), considerado expoente do naturalismo, é um dos romancistas franceses mais populares, mais publicados, traduzidos e comentados em todo o mundo.

<sup>244</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 51.

<sup>245</sup> Ludwing Van Beethoven (1770-1827), alemão. Último grande representante do classicismo vienense. Preparou a evolução em direção ao romantismo na música e influenciou a música ocidental durante grande parte do século XIX.

<sup>246</sup> Robert Schumann (1810-1856), compositor e pianista alemão. Sua música insere-se no movimento romântico que domina, no início do século XIX, uma Europa em plena transformação.

<sup>247</sup> Hector Berlioz (1803-1869), compositor, chefe de orquestra, crítico musical e escritor francês.

<sup>248</sup> Auguste Rodin (1840-1917), É um dos mais importantes escultores franceses da segunda metade do século XIX, considerado um dos pais da escultura moderna.

<sup>249</sup> Claude Gellée, conhecido como Claude Lorrain (1600-1682), figura central na história da paisagem clássica europeia. Foi pintor, desenhista e gravador.

<sup>250</sup> Édouard Manet (1832-1883), Foi um importante pintor e gravador francês do final do século XIX, precursor da pintura moderna.

<sup>251</sup> Claude Monet (1840-1926), pintor francês e um dos fundadores do Impressionismo.

<sup>252</sup> Pierre-Auguste Renoir (1841-1919), Foi um dos mais célebres pintores franceses. Membro pleno do grupo impressionista.

<sup>253</sup> Albert Wolf, nascido Abraham Wolff (1835-1981). Escritor, dramaturgo, jornalista e crítico de arte francês de origem alemã.

<sup>254</sup> Léon Bonnat (1833-1922), foi pintor, gravador e colecionador de arte francês. É responsável por cerca de 200 retratos de personalidades de sua época, incluindo os de Louis Pasteur, Victor Hugo, Hippolyte Taine, Ernest Renan, entre outros.

<sup>255</sup> Benjamin Constant de Rebecque (1838-1921). Romancista, homem político e intelectual (filósofo) francês.

Jean-Paul Laurend<sup>256</sup>, Paul-Albert Besnard<sup>257</sup>. Conforme Febvre, nesses anos febris, os homens da sua idade estavam prontos a acolher Marcel Proust<sup>258</sup>, Paul Valéry<sup>259</sup>, Richard Wagner<sup>260</sup>, Claude Debussy<sup>261</sup>, Maurice Ravel<sup>262</sup>, Igor Strawinsky<sup>263</sup>, Florent Schmitt<sup>264</sup>. Além do mais, “era preciso ajustar, eliminar e ver as coisas antigas com olhos novos”. Era preciso, conforme o autor, “restabelecer laços desfeitos, recriar uma ordem necessária, ajustar principalmente o *décor* de suas vidas”. Imbuído de tais recordações que são evocadas quando já contava com cerca de cinquenta anos de idade, Febvre ressalta que não são apenas as conquistas da ciência que conduzem ao que considerou como as verdadeiras “mutações” do intelecto humano, pois haveria que se considerar que as revoluções da arte também trouxeram mudanças fundamentais, haja vista o seu poder de “iluminar o escuro”.<sup>265</sup>

Ao analisar os quarenta e um nomes citados por Febvre, a maior parte são de origem francesa e uma pequena parcela é de origem alemã. Observa-se também o fato de que quase todos os citados possuem alguma relação com o romantismo francês e o modernismo. Pode-se presumir, a partir dessas referências de Febvre e de seus contemporâneos, que o autor, tal como afirmou em relação à biblioteca de seus pais, também possuía certa aceitação a autores modernos e românticos. Entende-se que essa predileção pode ter impactado nos caminhos da escrita de suas biografias.

A partir do conjunto de nomes citados por Febvre, é possível presumir alguns traços estruturantes de sua formação intelectual e sensibilidade histórica, bem como do hábito cultural de sua geração. Essas referências não aparecem de modo aleatório, elas delineiam um campo de tensões entre tradição e renovação, que ajuda a compreender tanto a sua concepção de história quanto o projeto intelectual que mais tarde se cristalizaria nos *Annales*. A presença simultânea de historiadores, escritores, pensadores políticos, geógrafos, músicos e pintores indicam uma formação que ultrapassa os limites estritos da erudição histórica. Pode-se presumir

---

<sup>256</sup> Jean-Paul Leurens (1838-1921), sua pintura é representativa da pintura de história do final do século XIX.

<sup>257</sup> Paul-Albert Besnard (1849-1934), foi um pintor e gravador francês.

<sup>258</sup> Marcel Proust (1871-1922), foi um escritor francês, cuja obra principal é a série romanesca intitulada *À la recherche du temps perdu*, publicada entre 1913 e 1927.

<sup>259</sup> Paul Valéry (1871-1945), escritor, poeta e filósofo francês.

<sup>260</sup> Wilhelm Richard Wagner (1813-1883), foi um compositor, director teatral, escritor e maestro alemão do período romântico.

<sup>261</sup> Claude Debussy (1862-1918), compositor. Seu impacto será decisivo na história da música.

<sup>262</sup> Maurice Ravel (1875-1937), juntamente com seu antecessor, Claude Debussy, Ravel foi a figura mais influente da música Francesa do início do século XX.

<sup>263</sup> Igor Strawinsky (1882-1971), russo naturalizado francês e depois americano. É um compositor, maestro e pianista de música moderna, considerado um dos compositores mais influentes do século XX.

<sup>264</sup> Florent Schmitt (1871-1958), foi um compositor francês.

<sup>265</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 51-58.

que Febvre se constituiu intelectualmente em um universo cultural no qual literatura, arte, música, filosofia e ciência se comunicavam, favorecendo uma concepção de história sensível às múltiplas dimensões da experiência humana. Ao destacar a autores que eram considerados “modernos, mas respeitáveis”, aceitos nas bibliotecas familiares, pode-se presumir uma socialização cultural marcada pela mediação, e não pela ruptura. A geração de Febvre não rejeita o cânone, mas o reinterpreta, ajustando-o progressivamente a novos horizontes estéticos e culturais. A recorrência da ideia de “ajustar”, “eliminar”, “ver com novos olhos” aponta para uma geração consciente de sua tarefa histórica: reorganizar o legado recebido, restabelecer continuidades rompidas e constituir uma nova ordem intelectual. Em conjunto, essas referências permitem presumir que Febvre se formou em um ambiente cultural densamente plural, no qual a história se pensava em diálogo com a literatura, as artes e a música.

Tomando como exemplo a cidade em que Lucien Febvre atuou como historiador, pode-se dizer que, desde o final do século XVIII e ao longo do século XIX, Paris se constituiu como singular espaço de encontro entre as forças modernizadoras e as tradições estabelecidas do Antigo Regime. Nesse sentido, a capital francesa se configurou como um espaço de tensões e disputas entre tendências, valores e culturas muitas vezes diametralmente opostas. O final do século XIX foi acompanhado de uma espécie de confusão na vida artística e literária parisiense, expressa principalmente pelo acirrado embate entre tradição e vanguarda.<sup>266</sup>

Em relação ao campo literário francês, Paul Souday<sup>267</sup> se identificava como defensor de uma posição, no início do século XX, contrário às novas tendências modernistas, acusando-as de irracionalistas e obscurantistas: no fundo, considerava os modernistas como subjetivistas e místicos, pautados num ceticismo radical.<sup>268</sup> Albert Thibaudet<sup>269</sup>, considerado um dos maiores críticos literários franceses do período entre guerras e modelo a ser seguido por conciliar uma importante querela então entre modernismo e classicismo<sup>270</sup>, na *Nouvelle Revue Française* de

---

<sup>266</sup> HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, pp. 72-81. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>267</sup> Paul Souday (1869-1929), crítico literário e ensaísta francês. Contribuiu para inúmeras revistas, incluindo *La Grande Revue* e *La Revue de Paris*. Escreveu uma biografia de Marcel Proust.

<sup>268</sup> SOUDAY apud HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, p. 83. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>269</sup> Albert Thibaudet (1874-1936), foi um crítico literário francês muito conceituado no período entre guerras, escreveu para a *La Nouvelle Revue française* (NRF) de 1912 até sua morte.

<sup>270</sup> LESAGE e YON apud HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, p. 09. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

primeiro de maio de 1920, através de seu texto “Discussion sur le moderne”, apresentava o impulso modernista como característica central da literatura francesa entre 1870-1920, considerando que, desde Charles Baudelaire e os Irmãos Goncourt<sup>271</sup>, havia um modernismo que não entrava em nenhuma das categorias existentes, como o classicismo, o romantismo, o realismo ou mesmo o simbolismo.<sup>272</sup>

A análise realizada centrou-se no contexto parisiense, destacando-o não apenas como o epicentro dos problemas da modernidade, mas também como um campo de disputa entre diversas correntes, especialmente nos debates estéticos, literários e intelectuais. Foi crucial ressaltar que Paris desempenhou um papel central nas questões modernistas, particularmente nas crises relacionadas ao modelo iluminista do homem moderno, tornando-se um ponto de atenção prioritário para os intelectuais da época.<sup>273</sup>

Segundo Frederick Robert Karl<sup>274</sup>, as narrativas deveriam mudar, não apenas na literatura, mas também na pintura, música e escultura. As novas linguagens determinariam direções inovadoras para todas as formas de arte e significariam que o artista que esperava ser moderno deveria transcender as referências e tradições que até então moldavam seu trabalho, teria de saltar em território desconhecido. Tal “salto”, como diz o autor, seria sua carta de membro da vanguarda. Esse processo envolveria romper com convenções estabelecidas e experimentar novas formas, técnicas e abordagens que abriria novos caminhos e possibilidades. Karl afirma que uma constante em todo modernismo era o desafio à autoridade. A autoridade poderia ser da geração ou do governo, ou poderia representar, de maneira mais ambígua, o “Estado” ou a “sociedade”, ou “um outro”. Em qualquer estágio determinado, o modernismo deveria romper não apenas com a arte tradicional, mas também com a cultura humanística tradicional, que estava vinculada ao processo histórico.<sup>275</sup>

---

<sup>271</sup> Entre 1850 e 1870 os irmãos Edmond e Jules de Goncourt registraram, na forma de diários, os bastidores do ambiente sociocultural da França.

<sup>272</sup> THIBAUDET apud HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, p. 09. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>273</sup> HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020, p. 09. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>274</sup> Frederick Robert Karl (1927-2004) foi um biógrafo literário, mais conhecido por seu trabalho sobre Joseph Conrad, crítico literário e editor. Lecionou no *City College de Nova York e na Universidade de Nova York*.

<sup>275</sup> KARL, Frederick R apud MARAZÃO, Karine de Fátima. **Modernismos em perspectiva: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil**. 2013. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2018, p. 12. Disponível em: <https://shorturl.at/uDei6>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Nos parágrafos anteriores, apresentei a modernidade como uma experiência histórica marcada pela ruptura com o ideal clássico e a examinei tanto como uma era ou um período histórico quanto como uma forma específica de organizar a experiência. A seguir, verificarei brevemente os impactos e o corte produzido pela Primeira Guerra Mundial no campo literário, ressaltando como o conflito não apenas interrompeu trajetórias, mas também instaurou uma fissura profunda na sensibilidade estética e nos modos de representação da experiência humana, inaugurando novas formas de escrita e redefinindo os rumos da produção literária.

### 1.1.2 “Uma enorme fenda numa estrada lisa”<sup>276</sup>: a Primeira Guerra Mundial

Diversos intérpretes da literatura e da cultura do século XX convergem ao identificar a Primeira Guerra Mundial como um ponto de inflexão decisivo na experiência histórica europeia. Eric Auerbach, por exemplo, compreende o moderno como resultado direto do choque provocado pela guerra e pelo turbilhão de transformações que marcaram o início do século, no interior do qual se desagrega a possibilidade de apreender a realidade como um todo coerente. Essa leitura encontra formulação sistemática em *Mimesis*, obra publicada em 1946, na qual o autor analisa as mutações das formas de representação da realidade na tradição literária ocidental. Nesse contexto de crise, o romance modernista – em autores como Marcel Proust, Virginia Woolf e James Joyce – responde à desagregação do mundo histórico não por meio de uma ordem narrativa estável, mas pela fragmentação e interiorização da experiência humana, estruturada pelo tempo, pela memória e pela multiplicidade das consciências. A guerra acelerou transformações simultâneas nos âmbitos social, técnico, político e cultural, produzindo um sentimento generalizado de desorientação e de crise de adaptação.<sup>277</sup>

Essa interpretação do moderno como experiência de ruptura encontra um paralelo decisivo na leitura historiográfica de Eric Hobsbawm. Como observa o autor, para aqueles que cresceram antes de 1914, o contraste com o mundo posterior foi tão profundo que muitos se recusaram a reconhecer qualquer continuidade com o passado. A humanidade sobreviveu, mas o edifício simbólico da civilização europeia entrou em colapso.<sup>278</sup> Tal percepção de ruptura não foi apenas uma elaboração retrospectiva da historiografia, mas já se encontrava formulada entre

---

<sup>276</sup> Frase de Virginia Woolf no ensaio “A torre inclinada” (1940). Ver: WOOLF, Virginia. A torre inclinada. IN: WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 290.

<sup>277</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2021, pp. 668-773.

<sup>278</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 25.

os contemporâneos do conflito. Quando a Grã-Bretanha entrou em guerra com a Alemanha, Edward Grey, então secretário das Relações Exteriores, ao observar as luzes de Whitehall, afirmou que “as luzes se apagaram em toda a Europa” e que não voltariam a se acender naquela geração. Em Viena, Karl Krauss, o célebre satirista, preparava-se para registrar e denunciar o conflito em sua obra monumental *Os últimos dias da humanidade*. Tanto Grey quanto Kraus enxergaram na guerra mundial o fim de uma era histórica.<sup>279</sup> A interpretação do moderno como experiência de ruptura, formulada por Eric Auerbach no campo da crítica literária, encontra um paralelo decisivo na leitura historiográfica de Eric Hobsbawn. A crise de representação literária e a consciência historiográfica da ruptura, assim, constituem respostas articuladas a uma mesma experiência histórica de desagregação.

Escritores e intelectuais contemporâneos ao conflito, como Virginia Woolf, já percebiam, que a guerra havia produzido uma fratura irreversível na experiência histórica, alterando a percepção do tempo, do sujeito e das formas de representação. Diante desse cenário, muitos escritores modernos buscaram aproximar-se da condição comum dos seres humanos, rejeitando uma escrita distante ou idealizada. Como observa Virginia Woolf, quando tudo parecia oscilar ao redor, o único ponto relativamente estável era o próprio sujeito. A autora destaca que até 1914, os escritores ainda podiam serem vistos sentados, olhando para a vida humana: escreviam, mas não tinham pressa de publicar; viajavam com frequência, aproveitavam longas férias de verão pela Inglaterra, França e Itália. Tinham a sensação de que sempre continuariam a viver desse modo e a escrever assim, “mas então bruscamente, como uma enorme fenda numa estrada lisa, veio a guerra”.<sup>280</sup> A civilização e a sociedade se modificavam em seu todo. Livros começaram a ser escritos sob a influência das mudanças e sob a ameaça da guerra, “é talvez por isso que os nomes se liguem tão intimamente; havia uma influência que afetava a todos e os fazia organizar-se, mais do que seus antecessores, em grupos”.<sup>281</sup>

A Primeira Guerra Mundial provocou profundas feridas na vida dos intelectuais que a viveram ou para aqueles que foram educados no interior da sociedade europeia em ruínas, “não havia refúgio, não havia caverna ou floresta na qual pudessem buscá-lo para escapar da brutal

---

<sup>279</sup> Ibid., p.24.

<sup>280</sup> WOOLF, Virginia. A torre inclinada. IN: WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 289-90.

<sup>281</sup> Ibid., p. 294.

descomposição dos valores religiosos, morais, econômicos e políticos”.<sup>282</sup> Muitos escritores modernos expressavam um desejo profundo de se aproximar mais da condição comum dos seres humanos e grito que ecoava através de seus livros era “tudo o que eu gostaria era de ser humano”, frase que simbolizava a busca de não escrever de forma distante, solitária ou idealizada – como se estivessem isolados em uma torre acima dos outros – mas sim compartilhar experiências, sentimentos e linguagem de maneira mais direta com o conjunto da humanidade.<sup>283</sup> Quando tudo oscilava ao redor, o único ser que se mantinha relativamente estável era a própria pessoa e assim, os autores escreveram sobre si mesmos; Woolf destaca que nenhuma outra década produziu tantas autobiografias quanto a que se estende entre 1930 a 1940. Os escritores da chamada “torre inclinada” escreveram sobre si mesmos com franqueza, revelando até as verdades desagradáveis, o que deu mais força e autenticidade às suas autobiografias, muitas vezes superiores à sua ficção ou poesia. Dizer a verdade sobre si – reconhecer vaidade, futilidade, fracasso ou deslealdade – é algo raro e difícil. Escritores do século XIX, ao evitarem esse tipo de confissão, produziram obras que por vezes parecem artificiais, como se falassem de bonecos e não de pessoas reais.<sup>284</sup> De qualquer modo, esse escritor “teve a coragem de dizer a verdade, a verdade desagradável, a seu próprio respeito. Esse é o primeiro passo para dizer a verdade sobre outras pessoas”.<sup>285</sup>

No romance *Passeio ao farol*, de 1927, Woolf elucida as modificações ocorridas no gênero romance ao apresentar os conflitos causados pela Primeira Guerra Mundial. No ensaio *Um teto todo seu*, a autora relata sua visão enquanto intelectual a respeito das consequências que a guerra trouxe à sociedade arcaica e conservadora de seu tempo, em outras palavras, a guerra não dizimou apenas os homens nos campos de batalha, mas toda a tradição conservadora.<sup>286</sup> A autora cita que

Quando os canhões dispararam em agosto de 1914, será que o rosto dos homens e das mulheres pareceu tão feioso aos olhos uns dos outros a ponto de matar o romantismo? Há de ter sido um choque (particularmente para as mulheres, com suas ilusões sobre educação, e assim por diante) ver o rosto de nossos governantes à luz do fogo de

---

<sup>282</sup> ZUIN, João Carlos Soares. **A crise da modernidade no início do século XX**. Disponível em: <https://shorturl.at/gZJnc>. Acesso em: 14 set. 2025, p. 85.

<sup>283</sup> WOOLF, Virginia. A torre inclinada. IN: WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 300.

<sup>284</sup> Ibid., p. 301.

<sup>285</sup> Ibid., p. 302.

<sup>286</sup> RODRIGUES, Giancarlo Moreira; BRITO, Luciana. Romance e memória: retratos da Primeira Guerra Mundial em *Passeio ao Farol* de Virginia Woolf. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 1, 2020, p. 07. DOI: 10.26512/aguavivav5i1.25862. Disponível em: <https://shorturl.at/BSAxn>. Acesso em: 14 set. 2025.

artilharia. Tão feios eram eles — os alemães, os ingleses, os franceses, tão estúpidos!<sup>287</sup>

O romance de Virginia Woolf assumiu a tarefa reservada aos artistas do início do século XX: representar, por meio de sua arte, um homem mutilado e sem forças coletivas.<sup>288</sup> No ensaio *Mr. Bennett and Mrs. Brown*, Woolf argumenta que as convenções literárias devem acompanhar as transformações da sociedade e propõe que o modernismo literário seja um meio de representar a condição mutável dos indivíduos no início do século XX.<sup>289</sup>

Do ponto de vista intelectual, a Primeira Guerra Mundial produziu feridas profundas, cuja interpretação atravessou campos disciplinares distintos e foi elaborada em momentos históricos diversos. Intelectuais que viveram diretamente o conflito, assim como aqueles formados no interior da sociedade europeia em ruínas, viram-se privados de refúgios simbólicos diante da desagregação dos valores religiosos, morais, econômicos e políticos. De certa maneira, o modernismo adquiriu o mesmo espírito dos combatentes que voltavam da guerra. Ao invés de narrarem suas experiências bélicas e seus feitos heroicos, silenciaram-se e ocultaram para si todo o sofrimento experimentado.<sup>290</sup> Essa ruptura manifestou-se ainda de modo decisivo na experiência subjetiva dos escritores e na crise da transmissão da experiência. Em ensaio publicado em 1936, Walter Benjamin observa que “os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha”.<sup>291</sup> Ao analisar o período pós-guerra, observa que

os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.<sup>292</sup>

Nesse sentido, o sociólogo José Carlos Zuin, em reflexão recente sobre a violência moderna, destaca que a eclosão da guerra revelou uma situação inédita na história: a emergência

---

<sup>287</sup> WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014, p. 21.

<sup>288</sup> RODRIGUES, Giancarlo Moreira; BRITO, Luciana. Romance e memória: retratos da Primeira Guerra Mundial em Passeio ao Farol de Virginia Woolf. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 1, 2020, p. 07. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i1.25862. Disponível em: <https://shorturl.at/BSAxn>. Acesso em: 14 set. 2025.

<sup>289</sup> WOOLF, Virginia. **Mr. Bennett and Mrs. Brown**. London: Hogarth Press, 1924.

<sup>290</sup> RODRIGUES, Giancarlo Moreira; BRITO, Luciana. Romance e memória: retratos da Primeira Guerra Mundial em Passeio ao Farol de Virginia Woolf. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 1, 2020, p. 05. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i1.25862. Disponível em: <https://shorturl.at/BSAxn>. Acesso em: 14 set. 2025.

<sup>291</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura história e cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 114-115.

<sup>292</sup> Ibid., p. 115.

de uma guerra total cuja fúria destrutiva alterou decisivamente os sentidos associados à tradição, à ciência, ao progresso e à própria ideia de civilização, produzindo uma profunda crise das categorias de interpretação do mundo social.<sup>293</sup>

No campo literário, os efeitos dessa ruptura foram igualmente duradouros. Ao analisar retrospectivamente as transformações do início do século XX, Otto Maria Carpeaux, em sua *História da literatura ocidental*, publicada originalmente entre 1942 e 1947, observa que o modernismo constituiu uma literatura relativamente autônoma, que “sofre com as dores do corpo inteiro e reflete as intervenções cirúrgicas que a guerra e a revolução representam. Mas guarda sempre uma autonomia que nenhum estilo literário, desde a Renascença, possuía”.<sup>294</sup>

É a partir dessa convergência interpretativa que se orienta a mobilização dos autores aqui discutidos, conforme a função analítica que desempenham na compreensão dos efeitos do conflito. Auerbach e Hobsbawm são convocados para delinear o horizonte histórico e civilizacional da ruptura inaugurada em 1914; Zuin e Carpeaux, como mediadores da reflexão cultural e literária, permitem pensar a desagregação simbólica e a redefinição das formas estéticas; Benjamin e Woolf, por sua vez, oferecem uma leitura da crise da experiência e da necessidade de reinventar os modos de interpretação literária. Assim, articulação desses autores responde a um princípio analítico que privilegia a coerência conceitual e a convergência argumentativa, visando compreender a primeira guerra mundial não apenas como evento histórico, mas como experiência transformadora que reconfigura a sensibilidade, a escrita e a própria ideia de modernidade.

Também é importante considerar o impacto da Primeira Guerra Mundial sobre a geração intelectual francesa à qual pertenciam Lucien Febvre e Marc Bloch. O conflito produziu consequências humanas e institucionais profundas, afetando diretamente o ambiente universitário e intelectual do país. A guerra provocou a morte de numerosos estudantes, professores e intelectuais, gerando um vazio geracional que marcou profundamente a vida acadêmica francesa do pós-guerra. Nesse contexto, a experiência de guerra não constitui apenas um acontecimento político ou militar, mas um elemento estruturante das sensibilidades intelectuais do período, influenciando projetos de renovação científica e historiográfica.

---

<sup>293</sup> ZUIN, João Carlos Soares. **A crise da modernidade no início do século XX**. Disponível em: << <https://shorturl.at/gZJnc> >> Acesso em 14 set. 2025, p. 67.

<sup>294</sup> CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 10. ed. Brasília: Senado Federal, 2011. v. 4, p. 2454.

Se, no campo literário e cultural, a primeira guerra mundial foi interpretada como uma ruptura da experiência e dos modos de representação, seus efeitos não se limitaram às formas estéticas. A crise instaurada pelo conflito atingiu também os regimes de inteligibilidade do passado, colocando em xeque os fundamentos, as funções e as responsabilidades do saber histórico. A guerra não apenas transformou a sensibilidade dos escritores e intelectuais, mas impôs aos historiadores a necessidade de repensar seus métodos, seus compromissos e o lugar social da disciplina. É nesse ponto que a reflexão se desloca do campo da literatura para o da historiografia, buscando compreender de que modo o trauma de 1914 reconfigurou a prática histórica e abriu espaço para disputas, continuidades e reorientações no interior do ofício do historiador.

No que diz respeito à história produzida no pós-guerra de 1914-1918, para os historiadores metódicos o conflito não teria abalado o vínculo entre a função cognitiva da história e sua função cívica de carácter nacional. Para Lucien Febvre, contudo, a experiência da guerra deveria conduzir os historiadores a um profundo exame de consciência. Mais do que isso, o conflito revelaria uma crise da própria história, levando-os a reconhecer tanto sua responsabilidade enquanto cientistas quanto à necessidade de reorganizar o trabalho de transformação da disciplina. Na França do pós-guerra, difundiu-se um sentimento de crise intelectual marcado pela incerteza, instabilidade e indefinição, associado também à percepção da falência da ciência.<sup>295</sup>

Trata-se também de um período de reconstrução, no qual o reposicionamento do cenário internacional e a construção de uma nova normalidade interna se impunham à França como um caminho particularmente tortuoso. Como lembra Yamashita, para a historiografia a guerra igualmente representou um divisor de águas: enquanto os historiadores metódicos buscaram reafirmar suas bases e seus espaços de atuação, Febvre e Bloch souberam identificar as brechas que possibilitaram sua iniciativa. Apesar das diferenças entre esses dois momentos, o que movia a historiografia era, em ambos os casos, a vontade de consolidar as bases científicas da disciplina.<sup>296</sup>

Em 1919, Febvre é nomeado para a cátedra de história moderna da faculdade de Letras de Estrasburgo, que voltara a ser francesa após a reanexação da Alsácia e Lorena. Nesse período

---

<sup>295</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 138-141.

<sup>296</sup> YAMASHITA. Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 69-104.

de pós-guerra, Febvre indaga se tem o direito de retomar o seu trabalho de historiador. Sem hesitar, responde que teria o direito de fazer história, na medida em que ela “é a única capaz de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos além do medo”.<sup>297</sup> Orienta que os historiadores vão para o trabalho com uma boa hipótese na cabeça, que nunca sejam colecionadores de fatos ao acaso. Por fim, clama que a história dada seja problemática, não automática e elucida que o método histórico, método filosófico e método crítico são belos utensílios de precisão.<sup>298</sup>

Após contextualizar brevemente os modernismos na Europa e a turbulência mencionada por Febvre na transição do século XIX para o XX, marcada por crises políticas, morais e estéticas, entende-se que a abordagem biográfica do historiador francês, iniciada com a obra *Martinho Lutero, um Destino*, em agosto de 1926, está profundamente enraizada nas transformações provocadas por esses movimentos.<sup>299</sup> O período também reflete uma fase de experimentação, em que o autor explora novas abordagens, inovando nas análises de suas fontes, na organização e na escrita de seus textos. Pode-se afirmar que o trabalho de Febvre, bem como o ambiente intelectual e a sociedade na qual fazia parte, ajudaram o autor a enveredar no caminho das experimentações trazidas pelos modernismos. As características apontadas por autores como Strachey, Maurois, Woolf e Nicolson oferecem uma chave de leitura profícua para sua obra biográfica. Sob essa perspectiva, as obras de Lucien Febvre podem ser interpretadas como textos que compartilham preocupações semelhantes às da biografia moderna, especialmente na atenção às contradições do indivíduo, à dimensão psicológica dos personagens e à articulação entre trajetória pessoal e contexto histórico.

## 1.2. Biografias

Quanto à biografia e à escrita biográfica, meu objetivo não é realizar um levantamento exaustivo dos autores que a definem de diferentes maneiras ou explorar suas transformações ao

---

<sup>297</sup>FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 48.

<sup>298</sup> Ibid., p. 49.

<sup>299</sup> Em julho de 1925, a convite do diretor Paul Louis Clouchod, Febvre foi requisitado para produzir um livro que integraria a coleção “Cristianismo”, lançada pela editora parisiense Les Éditions Rieder. O propósito da coleção, como nos mostra a historiadora Sabrina Magalhães Rocha, era produzir ensaios direcionados para um público vasto, erudito, mas não especialista. Conforme a autora, o processo de escrita de *Martinho Lutero, um destino* não se iniciou imediatamente; em agosto de 1926, Febvre confessava que ainda não havia começado a redação, cuja entrega estava prevista para fevereiro de 1927, o término do manuscrito só ocorreu em novembro de 1927 e a publicação em maio de 1928. VER: ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. Tese (doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

longo do tempo. Embora reconheça a importância dos pesquisadores que, recentemente, têm focado na biografia e nos estudos sobre esse tipo de escrita, o propósito desta tese é, sobretudo, apresentar uma exposição relacionada ao contexto francês e inglês das produções biográficas, especialmente no período de 1928 a 1944, quando Lucien Febvre escreveu as obras que serão analisadas.

A relação entre a biografia e a história sempre foi de aproximações e afastamentos, sendo que o gênero biográfico viveu a todo o momento em uma gangorra de aceitação e rejeição, porém, sem nunca deixar de ser praticado. A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada e, em todas as épocas, podemos encontrar historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas.<sup>300</sup> Também nos meios literários a biografia suscitou múltiplas hostilidades. As acusações eram esmagadoras e recorrentes: superficialidade, excesso de coerência, aborrecimento, falsidade, voyeurismo.<sup>301</sup>

No período moderno, o modelo do gênero biográfico será a escrita entre a exemplaridade moral e a anedota singular. Com o advento do século XVII, há um aprofundamento da ruptura moderna para acompanhar o movimento de individualização, o que desembocará no século XVIII com a crise da figura do herói. Com as Luzes do século XVIII, a exemplaridade heroica desce do pedestal e o período cederá espaço ao “grande homem” que progressivamente substituirá o herói. Nesse momento, conforme Daniel Fabvre, há uma evolução no campo lexical do termo “herói”. Se até o século XVIII ele estava ligado aos *herooi*, semideuses da Antiguidade, no século das Luzes o termo passa a designar o simples “personagem” de uma narrativa.<sup>302</sup>

A historiadora Maria da Glória de Oliveira destaca que as reflexões filosóficas do final do século XVIII além de contribuírem para a constituição da concepção de história como agente e sujeito de si mesma, também colocam em xeque a categoria antiga de herói ou de varão ilustre

---

<sup>300</sup> Arnaldo Momigliano nos lembra que, durante o período ático, Tucídides não escondia o seu desprezo pela biografia, considerada como um gênero muito popular e, dois séculos mais tarde, Políbio também proclamava uma separação entre biografia e história. Conforme Sabina Loriga, tais proposições dos pensadores da Antiguidade também estiveram presentes junto aos historiadores modernos. Em 1599, John Hayward demonstra sua desconfiança em relação à biografia e, um século mais tarde, Thomas Burnet atribui um lugar importante à história, mas reconhece apenas um valor secundário e ornamental à biografia. Ver LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 33-34.

<sup>301</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 26.

<sup>302</sup> FABVRE, Daniel apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 161.

plutarquiano, em nome de um novo personagem: o grande homem.<sup>303</sup> Ao longo desse século, há uma crise na figura do herói e, em nome da razão, através da filosofia das Luzes, seu caráter semidivino é contestado. Em uma sociedade que anseia a paz, os valores guerreiros do herói são vistos como ultrapassados. Nesse contexto, Voltaire irá propor a substituição do herói pelos *grands hommes*. Para ele, grandes homens são aqueles “que se superaram no útil e no agradável” e, diferentemente dos heróis, esses homens deveriam ser proveitosos à sociedade.<sup>304</sup> Oliveira destaca que o novo heroísmo das Luzes corresponde a uma nova relação com a temporalidade, advinda da experiência de ruptura do tormentoso período revolucionário. E, conforme afirma François Hartog, na vida do grande homem inscrevem-se as marcas da aceleração do tempo, como uma espécie de prenúncio do futuro, à medida em que remete à noção de perfectibilidade do gênero humano. Os historiadores do Oitocentos, entre o paradigma heroico dos varões de Plutarco e os embates para a fixação dos méritos dos grandes homens na cultura das Luzes, herdaram o dilema que estará na base das suas relações ambíguas com o gênero biográfico.<sup>305</sup>

Após a ruptura da Revolução Francesa, eclode uma proliferação de relatos biográficos que tentam articular individualidade e exemplaridade. Registrar a vida dos que alcançaram certa notoriedade nessa sociedade passa a ser um dos objetivos, visto que “a disseminação dos sujeitos biográficos é o corolário de uma sociedade que se democratiza e atribui ao indivíduo um valor cada vez maior”.<sup>306</sup> Nesse contexto, conforme Dosse, a biografia se apresenta como uma “subdisciplina auxiliar da história”.<sup>307</sup> Na segunda metade do Oitocentos, duas posturas teórico-metodológicas viriam abalar as convicções individualistas: de um lado, Hegel – em cuja filosofia da história aparece a noção de “grande homem”; do outro, Marx – que definiu a história como “luta de classes”. Teresa Maria Malatian lembra que “a tensão entre indivíduo e sociedade privilegiou a primeira e a biografia visava encontrar no destino individual a força do contexto geográfico, cultural, histórico, social”.<sup>308</sup>

---

<sup>303</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 17.

<sup>304</sup> FABVRE, Daniel apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 166.

<sup>305</sup> HARTOG apud OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 18-19.

<sup>306</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 170.

<sup>307</sup> Ibid., pp. 169-170.

<sup>308</sup> MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**. Marília, vol. 1, n. 1, 2008, p. 18.

Referente ao contexto francês de produção de biografias, François Dosse destaca que, ao longo do século XIX e início do XX, o gênero biográfico se sai melhor no discurso escolar e nas publicações ditas populares. O autor acrescenta que, nesse período, a biografia sofre um demorado eclipse, haja vista que “o mergulho da história nas águas das ciências sociais” contribuiu para o seu “desaparecimento em proveito das lógicas massificantes quantificáveis”; a biografia torna-se, então, “refúgio da história e do relato anedótico cuja ambição é encantar e distrair”.<sup>309</sup> Tal contato entre os sociólogos e a história terá por efeito reforçar ainda mais o desdém à biografia.<sup>310</sup> Dosse salienta que, até meados dos anos 1980, o distanciamento dos historiadores eruditos com respeito ao gênero biográfico era explícito.<sup>311</sup>

Quando Henri Berr menciona que a obra de Febvre não é estritamente uma biografia ou não é uma biografia romanceada, pode-se interpretar que ele estava querendo distanciar o fundador dos *Annales* de um debate que não gerou consenso ou apaziguamento, envolvendo o contraponto entre uma biografia romanceada *versus* uma biografia histórica. Acredita-se que havia um certo estatuto biográfico indicando que a pesquisa documental desempenhava um papel crucial na caracterização da natureza daquele texto. Febvre, com seu estilo profundamente literário, utilizava-se constantemente de metáforas, enriquecendo a narrativa e distinguindo seu trabalho. Esse desprezo pelo biográfico que Dosse identifica na França do século XIX difere substancialmente da tradição de escrita biográfica que se consolida na Inglaterra no mesmo período e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX.

Em 1898, na *Introduction aux études historiques*, Langlois e Seignobos formulam o discurso do método histórico. A obra é um ensaio sobre o método das ciências históricas, um manual de metodologia – sendo a primeira publicação com essa amplitude em francês –, e dedica-se à história prática, define uma deontologia, uma ética da história e uma epistemologia.<sup>312</sup> Conforme Joui Guimarães Yamashita, Langlois e Seignobos propunham que o tratamento das fontes mereceria grande atenção por parte do historiador, sendo a relação sujeito (historiador) e objeto (documentação) a pedra filosofal da prática historiográfica.<sup>313</sup> Nesse cenário, a história não era literatura nem filosofia; não era a Auguste Comte (1798-1857)

---

<sup>309</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 181.

<sup>310</sup> Ibid., p. 195.

<sup>311</sup> Ibid., p. 181.

<sup>312</sup> Ibid., pp. 92-93.

<sup>313</sup> YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 74.

ou a Jules Michelet (1798-1874) a quem eles se referiam, mas a Leopold von Ranke (1795-1886), grande fonte de inspiração devido ao período em que estudaram na Alemanha.<sup>314</sup> Foi a esse grupo que Marc Bloch e Lucien Febvre ficariam consagrados por combater.

Dois textos de referência em que Febvre critica Seignobos, os metódicos e a história “tradicionalista” são: “Nem história de tese nem história-manual, entre Benda e Seignobos”, publicado em 1933, e “Pela síntese contra a história-quadro. Uma história da Rússia moderna: Em primeiro lugar a política?”, publicado em 1934. Ambos os textos foram publicados originalmente na *Revue de Synthèse* e republicados, com cortes, na obra *Combates pela história*, em 1953.

No primeiro texto, ao dialogar com Julien Benda,<sup>315</sup> Febvre reconhece a pertinência de algumas críticas formuladas pelo escritor francês à prática historiográfica. Segundo Benda, o predomínio da história política, diplomática e militar não se deve apenas à dificuldade de apreender os sentimentos das massas, mas sobretudo à postura passiva dos historiadores diante das fontes, que “se calam porque os textos não lhe fornecem respostas acabadas”. Em resposta a essa atitude, Febvre convocar o historiador a “ser ativo diante do desconhecido”, a não se limitar ao que os documentos oferecem de imediato e, na ausência de textos, a explorar outros tipos de vestígios e materiais.<sup>316</sup>

No segundo texto, Febvre evidencia a chamada história-quadro ou “sistema da cômoda” utilizada por Seignobos: um sistema que expõe de maneira ritual para toda a sociedade, a política, população, sociedade, economia e, na “gaveta” da economia, a agricultura, indústria e o comércio. Finaliza, proclamando que a história não é uma miscelânea anedótica que visa o resumo de acontecimentos políticos vistos sob um dos seus atores.<sup>317</sup>

Lucien Febvre ataca com mais truculência um tipo de história que só se preocupa com a esfera político-diplomática e a psicologia dos grandes personagens. Nesse ínterim, os epítetos “história política” e “história eventual” são denominações polêmicas, usadas muitas vezes pelos *Annales* para estigmatizar a história segundo os metódicos.<sup>318</sup> Charles Seignobos é a figura que melhor representa, conforme Febvre, a história do “político em primeiro lugar”. Os textos de

---

<sup>314</sup> Ibid., p. 79.

<sup>315</sup> Julien Benda (1867-1956), foi um crítico, filósofo e escritor francês. Indicado ao Prêmio Goncourt e quatro vezes ao Prêmio Nobel de Literatura, ele foi na década de 1930 uma das figuras mais respeitadas entre os intelectuais antifascistas.

<sup>316</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 91.

<sup>317</sup> Ibid., pp. 77-79.

<sup>318</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp.191-192.

Febvre contra Seignobos vão contribuir para recompor uma nova memória disciplinar, um legado identitário que separa o antes e o depois dos Annales e no qual Seignobos aparecerá como representante da história “eventual” a rejeitar; além do mais, os dois textos são repertório de temas críticos e polêmicos contra os metódicos e sua história “tradicionalista”: a redução da história ao evento, história-quadro e “sistema de cômoda”, ignorância das realidades geográficas, econômicas, da vida material e das ciências, das artes e das letras, falta de abertura para o presente, anacronismo das falsas continuidades, passividade diante dos documentos, responsabilidade dos metódicos no descrédito da história, falta de explicação, recusa da história comparada, recusa do método estatístico, recusa das hipóteses e da colocação de problemas.<sup>319</sup>

Febvre destaca que não é a Seignobos que ele se contrapõe, mas a uma concepção de história da qual, durante anos, em nome das suas funções, influência pessoais e escritos, Seignobos se serviu. Uma concepção que repudiava fortemente “e que de bom grado consideraria responsável, em parte, por esta espécie de descrédito, ao mesmo tempo injusto e justificado, com que a história é, muitas vezes, vista pelos ‘leigos’”<sup>320</sup> Conforme Febvre, Seignobos daria uma amostra desse tipo de história na obra *História cordial da nação francesa*, publicada em 1933. Sobre essa produção, na correspondência com Henri Pirenne, Febvre exprime seu espanto diante do livro “pré-histórico” do “pobre Seignobos”: “Que Marselhesa da impotência e que pobreza”.<sup>321</sup> A crítica da história política por Febvre não é, portanto, uma crítica da sua legitimidade, mas dos seus procedimentos e de seus conteúdos, da história política tal como se praticava na maioria dos casos: separada da história econômica e social e impregnada de preguiça mental e de passividade.<sup>322</sup> Uma história que já não podia pretender ser uma disciplina científica, pois não passava, segundo Febvre, de “uma paginação cronológica, no máximo, de acontecimentos superficiais, na maioria dos casos filhos do acaso. Digamos: uma narrativa”.<sup>323</sup>

Entre os anos 1890 e 1910, a história metódica entra em uma zona de turbulência: por um lado, é censurada por seu culto da objetividade e pouca atenção aos processos específicos do conhecimento histórico, por outro, é denunciado o seu arraigamento excessivo no particular e no individual, o que provocaria um *déficit* científico. A sua definição empírica das práticas

---

<sup>319</sup> Ibid., pp. 192-193.

<sup>320</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989.

<sup>321</sup> BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t. 1: La naissance des Annales (1928-1933), p. 357.

<sup>322</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 194.

<sup>323</sup> FEBVRE, Lucien Apud Ibid., p. 194.

históricas é atacada com violência.<sup>324</sup> Como recorda Yamashita, a contestação ao modelo metódico precede a fundação da revista *Annales HES* e, tal publicação, não foi uma “criação espontânea”, surgida de lugar nenhum.<sup>325</sup>

O debate em torno dos metódicos e da virada metodológica que antecede os *Annales* pode ser tensionado com a emergência da biografia moderna no século XIX, destacando convergências, fricções e pontos de ruptura. A crítica de Febvre aos metódicos não é apenas um ataque a um método ultrapassado, mas também uma tomada de posição no interior de um debate mais amplo sobre a escrita biográfica, que já vinha sendo reformulada. A história metódica francesa permanecia centrada nas grandes individualidades, reconstituía ações políticas em um esquema linear, tratava o indivíduo como sujeito estável e transparente, se apoiava em fatos e documentos oficiais e mantinha uma separação radical entre história política e vida social. Já a biografia moderna explorava zonas de opacidade do indivíduo, desconfiava de documentos como espelho da interioridade, integrava psicologia e sensibilidade, desmontava o heroísmo, ironizava, relativizava e contextualizava, além disso, trabalhava com problemas, não com vidas exemplares. Nesse contexto, Febvre ao criticar os metódicos alinhava-se muito mais com a renovação biográfica moderna do que ele próprio reconhece.

Márcia de Almeida Gonçalves destaca que, na floresta quase impenetrável das inúmeras obras produzidas no século XIX, a maioria dos biógrafos só tinha à sua disposição uma psicologia de senso comum, improvisada e ingênua. Conforme a autora, não era uma época fácil para os biógrafos, daí o recurso a um modelo biográfico mais analítico e até de certo rigor documental, em que o cenário histórico prevalecia quase inteiramente sobre o biografado. Gonçalves destaca que o recurso à narrativa de cunho mais literário foi uma das maneiras de aprofundar o retrato psicológico do indivíduo sem o risco de diluí-lo completamente no cenário histórico de seu tempo.<sup>326</sup> Para a historiadora, certos letrados, ao apostarem nessa nova biografia, desenvolveram questionamentos e indagações interessantes, tais como as da positividade de seu hibridismo – “história e romance ao mesmo tempo” –, constituindo referências com as quais ainda dialogamos de certa forma. O biógrafo moderno deveria assentar

---

<sup>324</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 124.

<sup>325</sup> YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 79.

<sup>326</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, pp 11-12.

o seu trabalho sobre o tripé romance, história e psicologia, elementos que acredito terem sido fundamentais para a motivação de Lucien Febvre.

No cenário europeu, o debate sobre a existência de uma biografia moderna ganhou corpo no momento imediato ao fim da Primeira Guerra Mundial. Os mestres notáveis na arte biográfica desse período foram Lytton Strachey (1880-1932) na Inglaterra, André Maurois (1885-1967) na França, Emile Ludwing (1881-1948) na Alemanha e Stephan Zweig (1881-1942) na Áustria, todos se tornaram arautos de uma biografia moderna, também chamada de romanceada ou literária.<sup>327</sup> No que tange à aproximação da história com o romance, cabe ressaltar que esta deu-se por conta de Michelet, a quem Febvre tanto admirava. Strachey fora apresentado como o criador da biografia moderna na Inglaterra e Maurois o profeta, intérprete e divulgador dos ensinamentos desse mestre na França. Embora Ludwing e Zweig sejam considerados grandes mestres da biografia moderna no contexto alemão e austríaco, este trabalho não se aprofundará em seus estudos e definições, pois o foco está na comparação entre a biografia moderna inglesa e a francesa.

A Era Vitoriana resgatou a biografia clássica, apresentando narrativas hagiográficas e/ou laudatórias sobre os personagens. Foi retomado o interesse em vidas exemplares para usos didáticos-sociais. Tudo isso levou a mudanças no campo biográfico. O século XX e os efeitos da Primeira Guerra Mundial fizeram com que esse estilo de biografia passasse a ser criticado, entrasse em desuso e uma nova forma de narrar vidas passou a ser necessária. Para além das fronteiras inglesas, o novo jeito de pensar/narrar vidas também apareceu na Alemanha e França.<sup>328</sup>

Na Inglaterra, no século XX, houve uma forte reação contra a biografia vitoriana, o que levou ao surgimento do que passou a ser chamado de biografia moderna. A sensação de cansaço e opressão, criada pela natureza oculta da biografia vitoriana, levou autores como Strachey, Nicolson e Woolf a revolucionarem a biografia, ao atacarem os valores pré-fabricados e a autoestima dos vitorianos em nome da verdade.<sup>329</sup> Destaca-se que o efeito perturbador da Primeira Guerra Mundial na produção literária mundial não deva ser subestimado. Robert Skidelsky afirma que:

---

<sup>327</sup> Ibid., p. 26.

<sup>328</sup> CYMBRYKIEWICZ, Joanna apud ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo**: uma análise sobre as biografias do imperador. Curitiba: Appris, 2021, p. 30.

<sup>329</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners**: Virginia Woolf and Biography. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 45. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

esse conjunto de entendimentos e acordos foi despedaçado pela Primeira Guerra Mundial. O movimento biográfico moderno foi moldado pela experiência dessa guerra e pela perda de fé nos líderes e nos valores oficiais que ela causou. A biografia moderna—movimento que datamos a partir de *Eminent Victorians* (1918), de Lytton Strachey—foi, acima de tudo, uma biografia desmistificadora. Seu propósito era expor personagens eminentes como impostores ou prisioneiros de valores falsos. Para o biógrafo moderno, dizer a verdade não era simplesmente fidelidade aos fatos ou uma dependência meticulosa de "fontes originais": envolvia a correta avaliação moral. E nenhuma avaliação moral era considerada correta se estimava personagens, atitudes e políticas que haviam contribuído para a matança em massa.<sup>330</sup>

Ou seja, o biógrafo moderno visava a verdade e uma “avaliação moral correta”, mas como Skidelsky aponta, seu julgamento parecia obscurecido pela vingança e pela raiva contra aqueles que contribuíram para o início da primeira grande guerra. Em relação ao biógrafo moderno, Nicolson destaca que este

com razão, descarta o motivo comemorativo ou didático (...) ele insiste em um distanciamento absoluto de considerações éticas ou sentimentais, e esse distanciamento se torna, por si só, o ponto de vista, tendendo muito facilmente a produzir o distanciado, o condescendente, ou, na melhor das hipóteses, o satiricamente afetuosos.<sup>331</sup>

De acordo com o diplomata, outro interesse principal da biografia moderna era a introspecção, uma vez que o leitor moderno de biografia, em oposição ao leitor do século XIX, foi encorajado a compreender e até conviver com o tema da biografia que lia.<sup>332</sup> Dessa forma, o biógrafo moderno tentou participar da vida interior de seu sujeito para melhor entendê-lo e transmitir sua personalidade da maneira mais verdadeira possível.<sup>333</sup> Um dos dilemas enfrentados pelo biógrafo moderno foi a de como transmitir a vida interior do seu sujeito e ao mesmo tempo o seu próprio ponto de vista. Uma solução possível seria encontrada na psicanálise, que influenciou fortemente a moderna biografia.<sup>334</sup>

---

<sup>330</sup> SKIDELSKY, Robert apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 45. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>331</sup> NICOLSON, Harold apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 46. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>332</sup> RAITT, Suzanne apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 46. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>333</sup> GITTINGS apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 46. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>334</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 46. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

O principal objetivo do biógrafo moderno era fazer da biografia uma arte. De fato, até o século XX havia pouca ou nenhuma preocupação com a forma artística do gênero biográfico, uma vez que, até então, a motivação tinha sido de tipo prático, como registrar, elogiar ou instruir. A maneira mais imediata de abordar biografia para arte era focar no estilo: a linguagem tinha que ser adaptada através do estilo para capturar a experiência humana inconstante.<sup>335</sup> Segundo Cymbrykiewicz, a “nova biografia” está no meio do caminho entre ficção e a realidade.<sup>336</sup>

Ao analisar as diferenças e aproximações entre biografia histórica e moderna, o historiador e biógrafo Luis Viana Filho (1908-1990), em ensaio intitulado *A verdade na biografia*, publicado em 1945, destacou que a biografia histórica teria seus objetivos limitados ao traçado do perfil histórico de uma individualidade, enquanto a biografia moderna teria horizontes mais largos e procuraria figurar o biografado como um todo, tentando estudar e expor o máximo de características de uma personalidade.<sup>337</sup>

À luz dos debates, tensões e inquietudes que marcaram o período de 1920 a 1940, e considerando as classificações da biografia moderna, proponho como hipótese central desta tese, que Lucien Febvre escreveu biografias dentro desse novo paradigma. Com essa abordagem, tem-se uma chave analítica valiosa para discutir a firme recusa do historiador francês em categorizar suas obras sobre Lutero, Rabelais e Margarida de Navarra como biografias. A hipótese a ser investigada é que, ao contrário do que sugeria, o autor fez uma aposta consciente nesse gênero, explorando suas potencialidades e limites.

### 1.3. O contexto inglês de biografias

Sabina Loriga afirma que os primeiros verdadeiros biógrafos foram ingleses: Izaak Walton, autor de uma vida do poeta John Donne em 1640; John Aubrey, que, entre 1670 e 1690, escreveu uma série de notícias biográficas sobre personalidades de Oxford; Samuel Johnson com suas *Lives of the Poets* (1779-1781) e James Boswell, autor de uma *Life of Samuel Johnson* (1791).<sup>338</sup>

---

<sup>335</sup> EDEL apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners**: Virginia Woolf and Biography. 2014, p. 47. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>336</sup> CYMBRYKIEWICZ, Joanna apud ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo**: uma análise sobre as biografias do imperador. Curitiba: Appris, 2021, p. 31.

<sup>337</sup> VIANA FILHO apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 189.

<sup>338</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 18.

Na Inglaterra, a biografia conheceu ricos desenvolvimentos teóricos e práticos. Dois escritores se destacam: o inglês Samuel Johnson (1709-1784) e o escocês James Boswell (1740-1795). Este último, estava convencido de que o método biográfico tal como o concebia, capaz de oferecer não apenas a história do curso visível da vida de Johnson, mas também uma visão de seu espírito, tal como se manifesta em suas cartas e conversações, constitui a forma mais perfeita de escrita biográfica, sendo “mais uma vida” do que qualquer obra até então publicada. Fazer reviver o biografado, associar à narração a descrição pitoresca, multiplicar as cenas para produzir a ilusão de movimento e a impressão de presença, bem como aspirar a uma verdade total alcançada não apenas pela imparcialidade do ponto de vista, mas também pela riqueza documental e por densidade da tessitura verbal: eis a chamada “fórmula boswelliana”, que serviria de modelo à biografia inglesa do século XIX, libertada das normas clássicas e aberta às possibilidades do romantismo nascente.<sup>339</sup>

Os trabalhos de alguns autores merecem ser contextualizados ao se discutir biografias ao estilo inglês e, nesse ínterim, nomes como o de Leslie Stephen (1832-1904), Sidney Lee (1859-1926), Harold Nicolson (1886-1968), Virginia Woolf (1882-1941) e Lytton Strachey (1880-1932) merecem destaque.

Leslie Stephen (1832-1904), pai de Adeline Virginia Stephen, mais conhecida pelo nome de casada como Virginia Woolf, foi um eminente filósofo, crítico literário e biógrafo da época vitoriana, autor das biografias de Samuel Johnson (1878), Alexander Pope (1880), Jonathan Swift (1882), George Eliot (1902) e Thomas Hobbes (1904). Em consonância com a sua antipatia moda biográfica excessivamente longa e reverente do período, essas biografias caracterizavam-se pela concisão e pelo rigor documental, sustentadas por um enquadramento histórico preciso e pelo uso criterioso de citações.<sup>340</sup> Ao longo de sua vida, Stephen empreendeu quatro tipos de biografias: ensaios periódicos, monografias sobre homens de letras, vidas autorizadas e verbetes de dicionários.<sup>341</sup> Em sua opinião, um bom biógrafo deveria ser “bastante diligente, moderadamente inteligente e escrupulosamente sincero”.<sup>342</sup> Já em 1876, seus artigos

---

<sup>339</sup> MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, pp. 53-56.

<sup>340</sup> BELL, Allan apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 22. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>341</sup> ROSENBAUM apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 21. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>342</sup> MAITLAND apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 21. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

eram elogiados por sua visão biográfica e sua estreia oficial no gênero foi com suas contribuições para o *English Men of Letters*, uma série de biografias literárias escritas por alguma importante figura do período.<sup>343</sup> Foi também, entre 1885 e 1891, o primeiro editor do *Dictionary of National Biography* (DNB), um projeto que pretendia elaborar um dicionário biográfico da história universal.<sup>344</sup> Sendo o primeiro responsável por tal obra, Stephen teve a ideia de restringi-la a nomes referentes ao Reino Unido e a suas colônias. Em certa medida, o trabalho foi inspirado na publicação setecentista “Biografia britânica”, tendo, contudo, pretensões de levantamento exaustivo, quicá enciclopédico, de nomes que deveriam figurar entre os que construíram ou contribuíram para a nação inglesa e sua grandeza.<sup>345</sup> O DNB é uma referência biográfica para pessoas falecidas notáveis na história britânica. A primeira edição foi publicada em 63 volumes de 1885 a 1900 em Londres pela Smith, Elder, and Co.<sup>346</sup> Esse trabalho incluiu a entrada de 30.000 homens e mulheres ativos no passado britânico, sendo todos os nomes selecionados de pessoas falecidas, uma vez que o projeto não incluía sujeitos vivos. O trabalho no *Dicionário* começou em 1882, as publicações foram em sequência alfabética com intervalos trimestrais entre 1885 e 1900. Esse cronograma colocou muitos fardos sobre Stephen, que se aposentou em 1891, passando a editoria para seu vice — o estudioso literário Sidney Lee (1859-1926) — que levou o projeto até sua conclusão.<sup>347</sup>

O primeiro dever do biógrafo, destacou Stephen, era “fazer com que cada estudo lance toda a luz possível sobre o outro; e assim dar nova vitalidade a duas linhas diferentes de estudo”.<sup>348</sup> O autor reuniu uma série de ensaios biográficos que escreveu durante sua carreira

---

<sup>343</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 21. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>344</sup> Cabe destacar que, nos últimos anos, tem havido algumas controvérsias sobre o DNB, em particular com relação à discriminação contra as mulheres. Jane Marcus declarou: “Os ensaios de Leslie Stephen eram um discurso masculino autoritário, argumentativo e assertivo. O *Dicionário de Biografia Nacional* é uma obra-prima patriarcal ao excluir mulheres e homens que não em enquadravam no padrão de poder. Nas prateleiras da biblioteca, os volumes do DNB são um monumento horizontal à cultura falocêntrica” Ver: MARCUS, Jane apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 25. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>345</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011, pp. 122-123.

<sup>346</sup> THE ONLINE BOOKS PAGE. **Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://shorturl.at/zqy58>. Acesso em: 11. ago. 2024.

<sup>347</sup> OXFORD DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://shorturl.at/DG2VP>. Acesso em: 11 ago. 2024.

<sup>348</sup> STEPHEN, Leslie apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 26. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

literária para o *National Review*, *The Fortnightly Review*, *The Cornhill Magazine*, *The Nineteenth Century*, *The Quarterly Review* and *The Monthly Review* e publicou-as nos quatro volumes de *Studies of a Biographer*.<sup>349</sup> Os volumes apareceram em 1898 e 1902 e continham ao todo 29 ensaios. No primeiro, *National Biography*, o autor sublinha um ponto-chave do seu método biográfico: a importância fundamental do contexto e, portanto, a estreita ligação entre história e biografia, destacando que

as áreas do historiador e do biógrafo são cuidadosamente distintas, embora estejam intimamente relacionadas. É claro que a história está relacionada à biografia, na medida em que a maioria dos acontecimentos está ligada a alguma pessoa específica. [...] E, por outro lado, cada vida individual é, em certa medida, uma indicação das condições histórias do seu tempo.<sup>350</sup>

Desde o início da publicação do DNB, Sidney Lee (1859-1926) trabalhou como assistente de Leslie Stephen e, no projeto, também escreveu parte significativa dos verbetes. Em 1901, começou a trabalhar nos primeiros volumes suplementares para cobrir pouco mais de mil "pessoas desaparecidas", que morreram entre 1885 e janeiro de 1901; e em 1908-9 supervisionou a publicação de uma reedição corrigida do DNB completo. Em 1904, após a morte de Stephen, sua biografia no DNB foi escrita por Sidney Lee e publicada em 1912. Em 1926, após a morte de Lee, sua biografia escrita por Edward Irving Carlyle (1871-1952), foi publicada em 1937.<sup>351</sup>

De acordo com o obituário publicado no *The Times*, em 4 de março de 1926, Lee foi apresentado como estudioso de Shakespeare e como biógrafo. Em 1911, o autor proferiu em Cambridge, na então criada *Leslie Stephen Lecture*, a conferência “Princípios da Biografia”. Em 1917 e 1918, versão similar de suas ideias apareceu no texto publicado pela *English Association*, sob o título “A perspectiva da biografia”.<sup>352</sup> Conforme Gonçalves, as ideias presentes nesses textos de Lee, bem como sua notoriedade como biógrafo, fez dele, naquelas circunstâncias, o representante de certa maneira de conceber o gênero biográfico, questionada, entre outros, por Harold Nicolson, Lytton Strachey e Virginia Woolf, jovens interlocutores contemporâneos, adeptos da criação de uma “nova biografia”, propositores das ideias e práticas que deveriam norteá-la.<sup>353</sup>

---

<sup>349</sup> Ibid., p. 25.

<sup>350</sup> Ibid., p. 26.

<sup>351</sup> OXFORD DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://shorturl.at/DG2VP>. Acesso em: 11 ago. 2024.

<sup>352</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011, p. 123.

<sup>353</sup> Ibid., p. 123.

Em seus “Princípios da Biografia”, Sidney Lee afirma que

A biografia não se impõe tanto aos olhos de todos como as pirâmides e os mausoléus, estátuas e colunas, retratos e memoriais, mas é o meio mais seguro (...) de proteger uma memória do esquecimento. (...) O propósito da biografia é, em termos gerais, garantir para o futuro a história de indivíduos, homens e mulheres, e fazer perdurar seu caráter e suas ações meritórias. (...) A biografia proporciona a satisfação do instinto de comemoração por meio do esforço de transmitir uma personalidade.<sup>354</sup>

No sentido de delimitar as condições para a produção biográfica, Lee destacava os cuidados na escolha do sujeito a ser biografado, uma vez que esses deveriam despertar o “interesse da posteridade”. Além do mais, o estilo de registro, ou seja, de escrita, deveriam superar os modismos do calor da hora. O autor lançava mão da metáfora cunhada por Ariosto, poeta quinhentista italiano, de que as medalhas de cada um seriam atiradas pelo tempo no rio do esquecimento – *Lethe* – e que alguns nadadores recolheriam certas medalhas para depositá-las no templo ou no museu da imortalidade. Os “nadadores” de Ariosto seriam os biógrafos. Mesmo ao afirmar o papel do biógrafo como aquele que salvaria alguns indivíduos do esquecimento, Lee buscava estabelecer critérios gerais que deveriam orientar a possibilidade de imortalizar uns e não outros. Destacava que o tema adequado para uma biografia seria uma trajetória séria, completa e de certa magnitude; isso criaria a distinção entre as “medalhas” de cada um e deveria direcionar o trabalho do biógrafo. No tratamento dessas vidas, o biógrafo deveria afirmar a autonomia do método biográfico. Nesse sentido, criticava os perigos das abordagens moralistas e das biografias que pecassem pelo excesso de idolatria. Conforme Gonçalves, é interessante destacar o quanto nas abordagens de Lee há uma aposta na escrita biográfica como um campo particular e fundamental da produção letrada. Foi nesse contexto de autonomização da escrita biográfica que uma geração de letrados ingleses iniciou suas atividades intelectuais.<sup>355</sup>

Conforme Lee, o fenômeno mais notável da biografia moderna foi quando Strachey escreveu sua obra sobre a rainha Victoria e demonstrou não que o herói é um homem comum, mas que um homem ou mulher comuns podem se tornar um herói ou uma heroína.<sup>356</sup> O escritor tentava definir a primeira característica da biografia moderna e destacava que esta seria “a corajosa busca pela verdade”.<sup>357</sup>

---

<sup>354</sup> Ibid., pp. 123-124.

<sup>355</sup> Ibid., p. 124.

<sup>356</sup> MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova York: D. Appleton&Company, 1929, p. 22.

<sup>357</sup> Ibid., p. 24.

Harold Nicolson (1886-1968), diplomata, jornalista e autor de biografias como a de Paul Verlaine (1921), Tennyson (1923), Byron (1924) e Saint Beuve (1926). Também escreveu *Some People* (1927) e os artigos “How I Write Biography” e “Development of English Biography”. Relacionou-se com aqueles que integraram o *Bloomsbury Group* – Virginia Woolf e Lytton Strachey.

*Some People* é uma série de nove obras semifictícias e semiautobiográficas. Em sua epígrafe afirma: “muitos dos seguintes esboços são puramente imaginários. As verdades que podem conter são apenas meias-verdades”.<sup>358</sup> A razão de seu apelo à fantasia era proteger o autor e os personagens dos quais ele zombava dos perigos da difamação.<sup>359</sup> Ao comentar essa obra em seu ensaio “The New Biography”, que foi originalmente escrito como uma resenha do livro de Nicolson, Woolf declarou que ele

deu um passo por iniciativa própria. Pois aqui ele desenvolveu um método de escrever sobre as pessoas e sobre si mesmo como se fossem ao mesmo tempo reais e imaginários. Ele teve um sucesso notável, se não inteiramente, em tirar o melhor dos dois mundos. *Some People* não é ficção porque tem a substância, a realidade da verdade. Não é biografia porque tem a liberdade, a arte da ficção.<sup>360</sup>

Em 1934, Nicolson escreveu um artigo para a *Saturday Review of Literature*, intitulado “How I Write Biography”, que consiste em uma breve análise da sua ideia de biografia, seu método e os problemas que um biógrafo deve enfrentar.<sup>361</sup> Para ele, a biografia é

a história da vida de um indivíduo escrita como um ramo da literatura. Como história, deve ser verdade. Na medida em que descreve um indivíduo, deve ser pessoal. E por ser um ramo da literatura, deve ser escrito levando em consideração a construção, o equilíbrio e o estilo.<sup>362</sup>

Seu texto sobre o desenvolvimento da biografia inglesa compôs uma sistematização da história desse tipo de narrativa. Nicolson constrói uma abordagem cronológica, entremeadada pela periodização associada a autores e obras. Uma de suas preocupações era definir a biografia como arte e distingui-la por seus procedimentos narrativos cuja avaliação era o caminho para

---

<sup>358</sup> NICOLSON, Harold apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 53. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>359</sup> RAITT apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 53. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>360</sup> WOOLF, Virginia apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 54. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>361</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 54. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>362</sup> Ibid., p. 54.

identificar a qualidade do gênero. Para tanto, ele distingue as biografias entre “puras” e “impuras”: as puras tinham compromisso com a verdade histórica e sua elaboração narrativa deveria possibilitar o ir além do meramente informativo; já as impuras continham o desejo de celebrar o morto, a composição da trajetória de vida de um indivíduo na qualidade de ilustração de uma teoria ou de concepções estranhas ao que de fato o biografado realizou, além de subjetividade indevida por parte do biógrafo, no sentido dos exageros de certos juízos de valor.<sup>363</sup> Destacava que a verdade era um problema para o biógrafo porque mesmo que ele estivesse familiarizado com o assunto, ainda assim era impossível dizer toda a verdade e, ademais, admitia nunca ter escrito uma biografia pura.<sup>364</sup>

Segundo Nicolson, o segundo aspecto essencial da biografia pura seria sua elaboração narrativa, assentada em critérios para sua construção, devendo causar uma resposta diferenciada no leitor, algo como uma impressão que afastasse sua percepção e experiência própria. Afirmou que os biógrafos do século XIX, a despeito do crescimento da importância das biografias, não conseguiram estabelecer uma concepção própria para o gênero, cegos pelos exageros comemorativos, ou atraídos pela história, ou pela ficção. Para o autor, o processo de diferenciação da biografia estava em curso naquele momento. Reiterava, então, sua natureza particular: nem história, nem ficção, mas sim uma arte com características próprias.<sup>365</sup> Destacou que o desafio para o biógrafo do século XX era “combinar o máximo de cientificidade com a perfeição da forma literária”, o que implicaria descartar motivos comemorativos ou certa pedagogia. Ao final de “The Development of English Biography”, o autor lançava interrogações sobre o futuro da biografia e avaliava que a demanda de 1928 pela combinação entre investigação científica e valor literário talvez viesse a favorecer as premissas conceituais de certo uso da psicologia.<sup>366</sup> As ponderações de Nicolson parecem ter reverberado em um debate que mobilizou outras discussões semelhantes. Virgínia Woolf, em outubro de 1927, tecia considerações similares a de Harold e delimitava o início do século XX como um momento de mudança para a biografia, a ficção e a poesia.<sup>367</sup>

---

<sup>363</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011, p. 125

<sup>364</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 54. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>365</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011, p. 126.

<sup>366</sup> Ibid., p. 127.

<sup>367</sup> Ibid., p. 127.

Virgínia Woolf (1882-1941), foi uma romancista, ensaísta, biógrafa e feminista inglesa cujo estilo modernista mudava a cada romance.<sup>368</sup> Terceira filha de Leslie Stephen, homem de letras vitoriano e editor do já citado *Dictionay of National Biography*, foi educada por tutores particulares e leu copiosamente a vasta biblioteca de clássicos literários de seu pai.<sup>369</sup> A educação vitoriana de Woolf influenciaria sua decisão de participar do círculo de *Bloomsbury*, conhecido por suas ideias originais. Este grupo começou a se reunir para as “Quintas-feiras à noite” na Gordon Square, Londres em 1906, que logo foi seguida pelo “Friday Club” de Vanessa Bell, para discutir as artes. Com o surgimento desses dois círculos literários e artísticos, criou-se o *Bloomsbury Group*.<sup>370</sup>

Em 1924, durante o auge do modernismo literário, Woolf tentou explicar o que havia de novo na ficção “moderna”. A escritora argumentou que, embora toda a ficção tentasse expressar o caráter humano, a ficção moderna tinha que descrevê-lo de uma nova maneira porque “por volta de dezembro de 1910, o caráter humano mudou”. A escolha da autora por essa data para simbolizar o divisor de águas se referia acima de tudo à primeira Exposição Pós-Impressionista, organizada por seu amigo, pintor e crítico de arte Roger Fry. A sensação de diferença entre o mundo “moderno” ou o mundo antes e depois da Primeira Guerra Mundial tornou-se um tema importante na ficção de Woolf.<sup>371</sup> Nesse contexto, em relação às mudanças, Woolf afirmava:

Não quero dizer aqui que saímos um belo dia, como se sai num jardim para ver que uma rosa floriu ou que uma galinha pôs um ovo. Não, a mudança não foi tão súbita, tão nítida. Não obstante, houve uma mudança e, já que não podemos precisar melhor, datemo-la do ano de 1910. [...] Todas as relações humanas se alteraram: entre mestres e servidores, entre marido e mulher, entre pais e filhos. E quando as relações humanas mudam, há ao mesmo tempo uma mudança na religião, na conduta, na política e na literatura<sup>372</sup>

Em outubro de 1927, em artigo publicado no periódico *New York Harold Tribune*, a feminista inglesa tecia considerações similares às de Harold Nicolson. Ao citar os trabalhos de Strachey e Maurois, Woolf afirmava o fato de o biógrafo ter deixado de ser mero cronista e ter

---

<sup>368</sup> YALE UNIVERSITY. **Virginia Woolf. Modernism Lab.** Disponível em: <https://shorturl.at/FkIV0>. Acesso em: 13 ago. 2024.

<sup>369</sup> Mais tarde, ela se ressentiu da degradação das mulheres em uma sociedade patriarcal e repreendeu seu próprio pai por enviar seus irmãos para escolas e universidades (seus irmãos homens estudaram em Cambridge), enquanto ela nunca recebeu uma educação formal. Ver: YALE UNIVERSITY. **Virginia Woolf. Modernism Lab.** Disponível em: <https://shorturl.at/FkIV0>. Acesso em: 13 ago. 2024.

<sup>370</sup> YALE UNIVERSITY. **Virginia Woolf. Modernism Lab.** Disponível em: <https://shorturl.at/FkIV0>. Acesso em: 13 ago. 2024.

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup> WOOLF, Virginia. **Mr. Bennett and Mrs. Brown.** London: Hogarth Press, 1924, pp.4-5.

se tornado um artista. Contudo, a autora alertava para os riscos envolvidos: se, por um lado, destacava o valor dessa combinação, nos termos das idiossincrasias da nova biografia que nascera junto com o século XX, por outro, advertia sobre os perigos de certa ingenuidade por parte de biógrafos que viessem abusar de determinadas invenções sobre seus biografados, ao se inspirarem nos recursos retóricos e dramáticos da prosa do romance.<sup>373</sup>

À maneira de Richard Holmes, Virginia Woolf concebe a biografia como um gênero transversal, nascido do “comércio incestuoso” entre ciência e ficção. Trata-se, segundo a autora, de um “gênero espúrio, fruto do casamento desnaturado da ficção com os fatos” e, por isso mesmo refratário, permanentemente aberto ao questionamento. Enquanto arte, a biografia ocuparia uma posição menor e minimalista, subordinada a um rigoroso exercício de apresentação de provas: ao passo que o romancista goza de liberdade criativa, o biógrafo permanece manietado pelas exigências factuais. Ainda assim, Woolf saúda o surgimento, no início do século XX, de uma concepção mais solta do gênero, menos presa às malhas da moral vitoriana, orientada para captar a verdade da personagem por meio da ruptura com o silêncio pudico que até então circunscrevia a esfera privada. Nessa perspectiva, o êxito ou fracasso do empreendimento biográfico dependeria da capacidade do biógrafo de “dosar” adequadamente os elementos ficcionais e factuais.<sup>374</sup>

“A biografia é uma arte?”<sup>375</sup> Perguntava-se Virginia Woolf em 1939, em um texto que se coloca como um testemunho das intensas transformações sofridas pelo relato biográfico na Europa das primeiras décadas do século XX. A questão aparentemente simples levantada pela autora, é apresentada como uma profunda reflexão ao mencionar que, ao abrir uma nova biografia, “capturando uma sombra em suas páginas”, sugere que a biografia tenta dar vida a algo efêmero e intangível que talvez seja a essência ou o espírito de uma pessoa. No entanto, essa tentativa nem sempre é bem-sucedida, o que explica por que poucas biografias realmente sobrevivem e continuam a ser apreciadas ao longo do tempo.<sup>376</sup>

Qual a razão para essa alta taxa de mortalidade? Woolf destaca que a biografia, comparada com artes como a poesia e a ficção, é uma arte jovem. Além do mais, o interesse em nossos “eus” e em outras pessoas é um desenvolvimento tardio do pensamento humano. Destaca

---

<sup>373</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011, p. 127.

<sup>374</sup> WOOLF, Virgínia apud DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 62.

<sup>375</sup> CASTRO, Norida de. A Arte da Biografia / The Art of Biography. *Dispositiva*, v. 1, n. 2, 2012, p. 200. Disponível em: <https://shorturl.at/nRuXZ>. Acesso em: 14 ago. 2024.

<sup>376</sup> Ibid., p. 201.

que, na Inglaterra, até o século XVII, tal curiosidade só se expressou por meio da escrita de histórias sobre vidas de pessoas privadas e somente no século XIX a biografia passou a ser produzida mais intensamente. Conforme a autora, nessa época houve somente três grandes biógrafos: Johnson, Boswell e Lockhardt.<sup>377</sup>

“A arte da biografia é a mais restrita de todas as artes”, pontua a escritora inglesa, para em seguida questionar o que significa chamar um livro de obra de arte. Destaca-se uma distinção entre biografia e ficção, uma vez que elas se diferem na própria substância da qual são feitas. A primeira é escrita com a ajuda de amigos e fatos; a outra é criada sem quaisquer restrições, salvo as que o artista escolhe obedecer. Woolf explora as dificuldades e pressões que os biógrafos enfrentam ao tentar retratar com precisão uma vida, especialmente quando confrontados com as expectativas e demandas de pessoas próximas ao biografado, como cônjuges e amigos que são descritos como “senhores severos” porque exercem um controle rígido sobre como a vida do falecido é retratada. A viúva, por exemplo, reconhece os defeitos do marido, mas, ainda assim, insiste que o biógrafo omita esses detalhes para não desiludir o público. Essa censura forçada resulta em biografias que oferecem apenas uma “superficial semelhança” com a realidade, comparando-as com figuras de cera: belas e bem-feitas, mas desprovidas de vida e autenticidade. Essa crítica da autora é dirigida especialmente às biografias vitorianas, que muitas vezes sacrificavam a verdade em prol de preservar uma imagem idealizada. Como resultado, esse tipo de biografia acaba sendo superficial, parecendo mais efígies cerimoniais do que representações verdadeiras da pessoa que retratam. Porém, no final do século XIX houve uma mudança: as viúvas passaram a ter a mente mais aberta, o público uma visão mais aguçada e o biógrafo conquistou mais liberdade.<sup>378</sup>

Para a escritora inglesa, Lytton Strachey é uma figura de extrema importância e um marco na história da biografia. Seus três famosos livros: *Eminent Victorians* (1918), *Queen Victoria* (1921) e *Elizabeth and Essex* (1928) mostravam o que um biógrafo podia ou não fazer. Destaca-se que Strachey estreou como autor em um momento de sorte, uma vez que, em 1918, quando fez sua primeira tentativa de escrever uma biografia, o gênero já se mostrava como uma forma que oferecia muitos atrativos, justamente em função das novas liberdades que passou a permitir. “Para um escritor como ele, (...) a biografia parecia ser uma alternativa promissora”.<sup>379</sup> Com Victoria e Elizabeth, a biografia estava sendo testada por um escritor destemido, que era

---

<sup>377</sup> Ibid., p. 201.

<sup>378</sup> Ibid., p. 202.

<sup>379</sup> Ibid., p. 202.

capaz de fazer uso de todas as liberdades ao tentar uma tarefa ambiciosa. Na primeira obra, Strachey tratou a biografia como um ofício, submetendo-se às suas restrições; na segunda, elevou-a à condição de arte e delas prescindiu.<sup>380</sup>

As duas personagens apresentaram problemas muito diferentes para o seu biógrafo. Tudo o que a rainha Victoria fazia e pensava era conhecimento comum; o biógrafo não poderia inventá-la, pois a qualquer momento algum documento estaria à mão para checar sua invenção. Aqui, Strachey se manteve estritamente no mundo dos fatos; cada afirmativa foi verificada e cada fato autenticado. Em relação à rainha Elizabeth pouco se conhecia, o que deu ao artista a liberdade para inventar, mas sob o auxílio de fatos, tornando esse livro não somente uma biografia, mas também um trabalho de arte.<sup>381</sup> Woolf destaca que essa combinação se mostrou impraticável, pois fato e ficção recusaram-se a se misturar: “‘Elizabeth’ nunca se tornou real como a Rainha Victoria tinha sido, mas, nem fictícia, no sentido em que Cleópatra ou Falstaff é ficção”.<sup>382</sup> Se esse diagnóstico é verdadeiro, somos forçados a dizer que o problema está na própria biografia pois

“ela impõe condições que devem ser baseadas em fatos, que podem ser verificados por outras pessoas além do artista. Se o autor inventa fatos como um artista os inventa – os fatos que ninguém mais pode verificar – e tanta combiná-los com fatos de outra sorte, eles destroem um ao outro.”<sup>383</sup>

A escritora inglesa conclui que, por causa dessa diferença, os dois tipos de fatos não se misturarão, pois se eles se tocam, eles se destroem. Não se pode fazer o melhor dos dois mundos: “você deve escolher, e deve se conformar com a sua escolha”.<sup>384</sup> Destaca-se que o fracasso de Strachey em *Elizabeth* não representa um impasse, mas antes abriu caminho para descobertas posteriores, ao resultar de um experimento ousado conduzido com grande habilidade. Ao tencionar os limites do gênero, Strachey indicou a via pela qual outro teria de avançar. O biógrafo, embora necessariamente vinculado aos fatos, não lida com dados fixos à maneira da ciência: esses fatos sujeitos a mudanças interpretação, que variam conforme os tempos e as sensibilidades históricas. Por isso, cabe-lhe admitir versões contraditórias de uma mesma personagem, acolhendo a multiplicidade de perspectivas produzidas por cartas, diários, testemunhos e registros diversos. Longe de conduzir à desordem, essa diversidade pode dar

---

<sup>380</sup> Ibid., p. 203.

<sup>381</sup> Ibid., p. 204.

<sup>382</sup> Ibid., p. 204.

<sup>383</sup> Ibid., p. 204.

<sup>384</sup> Ibid., p. 204.

origem a uma unidade mais rica, desde que orientada por senso de verdade atento, capaz de detectar convenções obsoletas e redefinir critérios de relevância e grandeza biográfica.<sup>385</sup>

Àquela época, a autora de *Orlando* afirmou que a biografia estava em início de carreira. Concluindo que o trabalho do biógrafo não é um trabalho de arte, mas algo intermediário e localizado entre ambos.<sup>386</sup> Toda a obra de Virgínia Woolf se opõe ao estilo de escrita biográfica vitoriano, ressaltando o caráter ambivalente e contraditório do gênero, que se configura como um “romance verdadeiro”. Essa impureza do gênero a seduziu, levando-a a escrever três biografias: *Orlando* (1928), *Flush* (1933) e *Roger Fry* (1940).<sup>387</sup> Tanto ela quanto seu amigo Lytton Strachey partilhavam o fascínio pela arte biográfica e o desejo de romper com a herança vitoriana.<sup>388</sup> Como observa Floriane Reviron, a primeira obra de Strachey, *Eminent Victorians* (1918), ainda está bem próxima da recuperação de fatos, embora já ignore radicalmente certos postulados daquela época. As personagens que escolheu para sujeitos de suas biografias são todas figuras públicas e ligadas a um período que ele desprezava, logo, o autor rompeu com o costume, por parte do biógrafo, de só escrever sobre as pessoas que ama. Com essa obra, o autor afirmava o direito do biógrafo de expressar seu ponto de vista e de incorporar sua subjetividade na narrativa.<sup>389</sup>

Nas biografias vitorianas, a qualidade mais valorizada pelas famílias dos biografados era o respeito. A vida cotidiana do indivíduo, incluindo suas excentricidades e defeitos, deveria ser mantida em sigilo. Se o biografado tivesse levado uma vida escandalosa, apenas referências vagas eram permitidas. O historiador, e mais ainda o biógrafo, enfrentava desafios em manter uma investigação imparcial; o biógrafo, por ser humano, poderia ser influenciado por sentimentos de amor ou ódio pelos seus sujeitos, o que poderia distorcer seu julgamento. Portanto, seria irrealista imaginar que o biógrafo moderno seja completamente imparcial.<sup>390</sup>

Lytton Strachey será abordado em momento oportuno, especialmente em relação a André Maurois, dado que o trabalho de ambos oferece uma comparação mais próxima. Essa relação constitui um elo importante na análise do contexto francês e inglês da escrita biográfica. Madélenat destaca que o sucesso de Strachey levou a uma inundação biográfica sem

---

<sup>385</sup> Ibid., pp. 205-206.

<sup>386</sup> Ibid., pp. 206-207.

<sup>387</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 62.

<sup>388</sup> Ibid., p. 62

<sup>389</sup> REVIRON, Floriane apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 62-63.

<sup>390</sup> MAUROIS, André. **Aspects of biography.** Nova York: D. Appleton&Company, 1929, pp. 12-13.

precedentes; uma massa de obras que pouco se importava com a documentação inédita, reivindicando o direito à imaginação, à verdade poética, à reconstrução inventiva, uma vez apreendida a lógica de uma personalidade.<sup>391</sup>

#### 1.4. O contexto francês de biografias

Referente ao contexto francês, em 1928, André Maurois (1885-1967), romancista e biógrafo, sistematizou um conjunto de reflexões, intitulado *Aspectos da biografia*. Em seis capítulos, o autor se dispôs a fazer uma espécie de radiografia do estado das questões sobre a escrita de biografias com os seguintes temas: biografia moderna, biografia como arte, biografia como ciência, biografia como meio de expressão, autobiografia e as relações entre a biografia e o romance. No momento de sua emergência, as indagações de Maurois constituíram uma matriz importante de ideias sistematizadas acerca dos usos, valores e características do gênero biográfico.<sup>392</sup>

A mudança na forma do texto biográfico foi o principal indicativo para a confirmação de que uma nova biografia estava surgindo no alvorecer do século XX.<sup>393</sup> Conforme André Maurois, os biógrafos modernos retratavam seus biografados evitando julgamentos morais e, entre os seus aspectos marcantes, destaca-se, primeiramente, “a procura corajosa pela verdade”.<sup>394</sup> Uma das características dessas biografias seria a adequação desses textos àquilo que os leitores da época procuravam encontrar em narrativas sobre vidas alheias. A biografia funcionaria, então, como instrumento para compreender e, em certa medida, julgar as ações dos indivíduos na história.<sup>395</sup>

Algumas regras deveriam nortear o trabalho do biógrafo moderno, a saber: seguir a ordem cronológica na apresentação das vivências do seu biografado, situar o leitor na atmosfera de seu biografado para que se pudesse ter uma compreensão dos sentimentos e atitudes do protagonista em sua juventude e diversos momentos de sua vida, cuidado com a seleção dos detalhes e, além disso, o biógrafo deveria ler tudo o que dissesse respeito à vida do sujeito em estudo para não correr o risco de perder detalhes importantes. Contudo, a biografia não deveria consistir em uma narrativa que pudesse tudo contar, com a seleção do detalhe significativo e

---

<sup>391</sup> MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, p. 66.

<sup>392</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, pp. 156-157.

<sup>393</sup> Ibid., pp. 157-158.

<sup>394</sup> MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova York: D. Appleton&Company, 1929, pp. 30, 11.

<sup>395</sup> GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 161.

essencial e o descarte do desnecessário, o biógrafo melhor destacaria os aspectos que vivificassem o biografado.<sup>396</sup>

Maurois levanta alguns questionamentos e busca entender se existe algo como uma biografia moderna; alguma forma literária diferente daquela da biografia tradicional; se seus métodos são legítimos ou devem ser abandonados e se a biografia deve ser uma arte ou ciência.<sup>397</sup> O autor se pergunta se existe um tipo de biografia que poderíamos chamar de “moderna”, mas com características específicas e permanentes que a diferenciam de períodos anteriores. Sobre a referida questão, o autor francês destaca que, naquele momento, a opinião literária inglesa estava dividida, além do mais, a palavra “moderno” era uma fonte de irritação para muitos ingleses.<sup>398</sup> Afirma que, em 1918, Strachey já enfatizava que a arte da biografia parecia ter caído em maus tempos na Inglaterra e tal veredicto foi aprovado pela maioria dos que o leram.<sup>399</sup>

Para Maurois, é possível admirar as qualidades de um tipo de biografia e, ao mesmo tempo, admitir a existência de outro. Conforme o autor, por exemplo, ao ler uma página de uma biografia vitoriana e depois uma página de Strachey, poderíamos constatar imediatamente que estávamos diante de dois tipos diferentes; um livro de Trevelyan<sup>400</sup> ou de Lockhart<sup>401</sup>, além de ser construído perfeitamente, era, acima de tudo, um documento; um livro de Strachey era uma obra de arte.<sup>402</sup>

Por fim, sendo ela boa ou má, conforme Maurois, existe uma biografia moderna. Pode-se pensar quando a velha biografia deixou de existir e a moderna passou a existir; Woolf e Nicolson estão quase de acordo sobre a data da mudança, para ele seria em 1907 enquanto para ela teria sido em dezembro de 1910.<sup>403</sup>

As reflexões de André Maurois, formuladas em 1928, constituem um momento inaugural de sistematização das questões centrais da biografia moderna, ao problematizar seus métodos, seus valores e sua posição entre arte e ciência. Daniel Madélenat retoma essas

---

<sup>396</sup> MAUROIS, André apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 164-166.

<sup>397</sup> MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova York: D. Appleton&Company, 1929, p. 05.

<sup>398</sup> Ibid., p. 06.

<sup>399</sup> Ibid., pp. 06-07.

<sup>400</sup> George Macaulay Trevelyan (1876-1962), foi um historiador e escritor britânico. Ligado à tradição liberal inglesa e herdeiro direto da historiografia vitoriana.

<sup>401</sup> John Gibson Lockhart (1794-1854), foi um escritor e editor escocês. Mais conhecido como o autor da biografia em sete volumes de seu sogro, “*Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*”.

<sup>402</sup> MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova York: D. Appleton&Company, 1929, pp. 07-08.

<sup>403</sup> Ibid., p. 09.

indagações em *La biographie* (1984), deslocando-as para um plano teórico mais amplo, ao inscrevê-las em uma tipologia histórica do gênero e relacioná-las às transformações epistemológicas e culturais da modernidade. Assim, o que o em Maurois aparece como diagnóstico e orientação metodológica surge, em Madélenat, como expressão de um paradigma moderno da biografia, permitindo compreender Maurois como uma figura de transição entre a tradição biográfica e as formulações mais complexas e experimentais que se afirmaram ao longo do século XX.

Em sua obra *La biographie*, de 1984, Madélenat discorre sobre biografia e história, relação biográfica, trabalho biográfico e sobre a biografia moderna.<sup>404</sup> Nascida no alvorecer de um período de secularização acelerada, a palavra biografia parece denotar um ato e uma obra com rigor “científico”, em oposição às antigas formas, tais como panegírico, elogio fúnebre etc.<sup>405</sup>

O autor destaca a biografia *Les Fortunes de la glorie: le roman de John Law*, escrita por Cendrine de Porthal, em 1982, para sublinhar o caráter surpreendente de uma existência e para denotar um romance documentado que respeita os grandes fatos históricos, ao mesmo tempo em que se permite fazer ressurreição romântica da vida parisiense do início do século XVIII.<sup>406</sup> Com Norman Mailer e seu “romance biográfico” – uma variedade de romance que se submeteu às regras da biografia – as técnicas do romance moderno, tais como objetivismo, behaviorismo, apagamento textual do narrador, focalizações internas, inserções de depoimentos, artigos e diálogos gravados, convergem para uma representação efetiva e tumultuada da vida.<sup>407</sup>

Madélenat distingue três paradigmas: a biografia clássica (em que as normas quantitativas e qualitativas são estáveis desde a Antiguidade até o século XVIII); a biografia romântica (do fim do século XVIII ao início do século XX); e a biografia moderna (filha do relativismo ético da psicanálise e das transformações da epistemologia histórica). O autor destaca que essa tripartição não é uma periodização estrita, mas uma sucessão de quadros dominantes e valorizados.<sup>408</sup>

No paradigma clássico, as finalidades da biografia são precisas: relatar – e não representar – uma vida, obter um efeito político, moral ou religioso através da elaboração ou

---

<sup>404</sup> MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.

<sup>405</sup> Ibid., pp.13-14.

<sup>406</sup> Ibid., p. 29.

<sup>407</sup> Ibid., pp. 29-30.

<sup>408</sup> Ibid., p. 34.

estilização dos eventos.<sup>409</sup> Recusando as limitações clássicas de medição quantitativa, divisões estruturais e tradições temáticas em nome de um propósito único – a verdadeira representação do personagem –, o paradigma romântico surgiu no século XVIII.<sup>410</sup> Em 1750, a sede de informação tanto quantitativa quanto qualitativa resultou na “decolagem” da indústria biográfica com a multiplicação de dicionários, além de séries dedicadas aos artistas, às mulheres e aos literatos.<sup>411</sup>

Na França, sem dúvida, a biografia mantém uma função educativa: estender e popularizar a influência dos gênios, como na coleção “Vie des hommes illustres”, dedicada a Michelangelo, Beethoven e Tolstoi. Os franceses conseguem um compromisso entre o velho paradigma e as novas aspirações. O arquétipo dessa biografia mista continua sendo o “retrato” praticado por Sainte Beuve<sup>412</sup> de 1829 a 1849: amplo prólogo poético; “vida”, misturada com análises e apreciações literárias, com comparações que trazem relevos e sombras; breve conclusão.<sup>413</sup>

Conforme Daniel Madélenat, a biografia moderna nasceu da crise que afetou os valores do humanismo greco-latino, da religião cristã e do racionalismo, em especial nas sociedades europeias.<sup>414</sup> O sentimento moderno, filho do espírito dos tempos, da ruína das crenças e das obras cardeais, impõe uma fragmentação da psique em “personalidades parceladas” (Jung), em instâncias antagônicas, forças conturbadas e ideias muito claras. O homem é feito de diferentes personalidades, que ora estão juntas nele, ora se sucedem nele<sup>415</sup>; é “uma colônia de sentimentos, uma poliparidade de gentes diversas”<sup>416</sup>.

A escrita biográfica assemelha-se muito à do romance moderno, com seu jogo de pontos de vista e tempos, seus mergulhos na interioridade, seu arranjo convergente de tramas secundárias; inspira-se também na poesia, no jornalismo e no cinema. O biógrafo, menos sujeito ao decoro e aos documentos, dá-se liberdade: a experiência empírica e intuitiva de uma pessoa projeta-se, literalmente, no desdobramento dramático de uma personalidade em ação.<sup>417</sup>

---

<sup>409</sup> Ibid., p. 36.

<sup>410</sup> Ibid., p. 51.

<sup>411</sup> Ibid., p. 53.

<sup>412</sup> Charles-Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), francês, representante do Romantismo. É renomado por sua crítica literária e pelo método de escrita que empregou.

<sup>413</sup> MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, p. 61.

<sup>414</sup> Ibid., p. 63.

<sup>415</sup> Ibid., p. 65.

<sup>416</sup> MAUROIS André apud MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, p. 65.

<sup>417</sup> MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, p. 65

Na França, a transição foi mais moderada, graças ao talento de André Maurois e suas posições metodológicas menos aventureiras. Maurois não sofre apenas a influência da psicanálise, sua psicologia permanece fiel às concepções clássicas. Depois dele, o gênero teve grande sucesso popular. A evolução de Maurois é sintomática da aproximação de inovadores e conservadores após 1930, além do mais, são emprestados do romance processos que tornam a narração efetiva, como a subordinação de detalhes e episódios a uma impressão de conjunto, variedade estilística, busca do pitoresco e da expressividade.<sup>418</sup>

A “superbiografia”, horizonte ideal dos modernos, implica a e a onipresença do psicólogo-narrador e a manipulação narrativa dos materiais. O crítico literário e biógrafo canadense Léon Edel (1907-1997) reivindica o direito à síntese e refinamento dos materiais com que o biógrafo pode transitar entre o passado e o futuro de uma determinada vida; ele pode tentar isolar certas cenas ou usar incidentes banais – que outros podem descartar – para iluminar um personagem; ele se tornou tão imbuído de seus documentos que pode se libertar da escravidão a eles sem se desligar de sua verdade. Esse senso prometeico de poder, fundamentado na erudição, na simpatia intuitiva, na fé na interpretação e nas possibilidades da obra literária, representa a evolução extrema (e aventureira) do paradigma moderno. Crises, recusa da massificação, questionamento das ideologias dominantes, renúncia a uma inteligibilidade total da realidade; todos esses fenômenos econômicos, sociais e culturais parecem ter formado um clima favorável à biografia (como ao individualismo, ao “novo romantismo”, a um amor nostálgico e ecológico pelo patrimônio). O gênero biográfico que os anglo-saxões jamais deixaram de cultivar, conheceu na França um amplo ressurgimento. Em 1979, o historiador Jean-Noël Jeanneney<sup>419</sup> chegou a proclamar “viva a biografia”, defendendo a retomada da chamada “história dos grandes homens”, então amplamente desacreditada pelos *Annales*, desde que – como ele próprio ressalva – “toda a luz possível se concentre no destino de um homem, que se pergunte sobre suas raízes pessoais, sobre suas redes de amizade e relacionamentos, em seu universo mental e intelectual, em sua relação com o dinheiro, nos caminhos de sua infância e na natureza de seus fracassos, nas dimensões práticas de sua liberdade”.<sup>420</sup>

---

<sup>418</sup> Ibid., pp. 68-69.

<sup>419</sup> Jean-Noël Jeanneney é um historiador e político francês.

<sup>420</sup> JEANNENEY apud MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984, p. 73.

### 1.5. O criador inglês e o profeta francês: Strachey e Maurois

Lytton Strachey (1880-1932) foi um biógrafo e crítico inglês que abriu uma nova era de escrita biográfica no final da Primeira Guerra Mundial. Adotando uma atitude irreverente em relação ao passado e especialmente aos volumes monumentais de vidas e cartas da biografia vitoriana, o autor propôs escrever vidas com “uma brevidade que exclui tudo o que é redundante e nada que seja significativo”.<sup>421</sup> Virginia Woolf certa vez o chamou de “grande mestre da biografia” por ele ter recusado o modelo vitoriano e por ter elevado o gênero a outro nível: ele conseguiu uma arte.<sup>422</sup>

No prefácio a *Eminent Victorians* (1918), Strachey escreveu:

Preservar, por exemplo, uma brevidade adequada – uma brevidade que exclui tudo o que é redundante, mas nada do que é significativo – é, sem dúvida, o primeiro dever do biógrafo. O segundo, com igual certeza, é manter sua própria liberdade de espírito. Não é sua função ser elogioso; sua função é expor os fatos do caso, conforme ele os entende.<sup>423</sup>

A insistência nessas qualidades literárias transformou o biógrafo da condição de simples registrador de fatos, ou, pior ainda, de bajulador, para a de artista. Para Strachey, a biografia estava inextricavelmente ligada tanto à verdade quanto à arte: não se tratava de acumular informações nem de prestar homenagens edificantes, mas de selecionar, iluminar e expor fragmentos significativos do real, com liberdade de espírito e rigor estético.<sup>424</sup> Nessa coletânea, o autor escolhe quatro personagens para fustigar as principais instituições vitorianas: o evangelismo, o humanitarismo, o sistema educacional e a política colonial britânica. Assim, abala duas regras usuais da tradição biográfica: a ideia de uma homenagem necessária e a primazia do público. Em suas obras não há alusão à virtude, à grandeza, à virilidade. O biógrafo atribui mais importância à personalidade do que às ações e às obras. Por exemplo, em seu texto, Vitória é mais mulher do que rainha.<sup>425</sup>

Seu trabalho seguinte, *Queen Victoria* (1921), foi considerado como sua obra-prima. Cobre os 81 anos de vida de Victoria, cada um deles foi bem documentado porque todos eram ricos em eventos importantes. Dessa maneira, o autor tinha à sua disposição uma enorme massa

---

<sup>421</sup> ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Lytton Strachey**. Disponível em: <https://shorturl.at/9epFR>. Acesso em: 14 ago. 2024.

<sup>422</sup> WOOLF, Virginia apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners**: Virginia Woolf and Biography. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 48. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>423</sup> STRACHEY, Lytton. **Eminent Victorians**. Michael Holroyd, ed., London: Penguin Books, 1986, p. 7.

<sup>424</sup> Ibid., pp. 5-7.

<sup>425</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 24.

de material e, graças a essa abundância de fontes publicadas, havia pouca necessidade de ele manipular fatos ou encontrar um significado particular em episódios triviais.<sup>426</sup> Sua obra *Elizabeth and Essex* (1828) foi um experimento biográfico, cujo humor e narração relevaram a flexibilidade do seu estilo. Uma vez que o material sobre o assunto era bastante escasso, ele se sentiu inclinado a ser um biógrafo imaginativo.<sup>427</sup> Cada uma das biografias de Strachey era diferente uma da outra e todas eram experimentos para fazer da biografia uma arte.<sup>428</sup>

A biografia *a la* Strachey privilegiou obras irônicas/sarcásticas, pequenas e com a presença do biógrafo na narrativa, que passou a ser valorizado. Esse tipo biográfico tinha como objetivo realizar críticas sociais e políticas, contrariar a ordem vigente.<sup>429</sup> As irônicas biografias desse autor apesar de inovadoras, não tinham um método para a sua elaboração.<sup>430</sup>

Conforme Floriane Reviron-Piégay, sua ideia de escrever sobre Strachey e Maurois deu-se enquanto era comemorado o centenário da obra prima que revolucionou a biografia: *Eminent Victorians*, de Strachey. A autora francesa destaca que, na Grã-Bretanha, Maurois é visto como um dos maiores imitadores de Strachey no continente e, por isso, decidiu analisar a trajetória desses homens cujos destinos e obras estiveram ligados.<sup>431</sup> Um dos seus objetivos é tentar entender por que o que funcionou tão bem para um autor na Inglaterra não funcionou para outro na França. *Eminent Victorians* de Strachey ainda é aclamado como “a biografia que mudou a biografia para sempre”<sup>432</sup>, cabe destacar que o centenário de sua publicação foi assunto de um painel durante a Convenção Modern Language Association em Nova York, em janeiro de 2018.

Reviron-Piégay não acredita que os franceses possam comemorar o centenário de qualquer uma das biografias de Maurois, contudo, a obra deste é quantitativamente mais impressionante do que a de Strachey. Durante seus quase 50 anos de carreira como romancista,

---

<sup>426</sup> HOLROYD apud TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners**: Virginia Woolf and Biography. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, p. 50. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>427</sup> TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners**: Virginia Woolf and Biography. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014, pp. 51-52. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

<sup>428</sup> Ibid., p. 52.

<sup>429</sup> CYMBRYKIEWICZ, Joanna apud ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo**: uma análise sobre as biografias do imperador. Curitiba: Appris, 2021, p. 30.

<sup>430</sup> ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo**: uma análise sobre as biografias do imperador. Curitiba: Appris, 2021, p. 30.

<sup>431</sup> REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 126. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>432</sup> DIDA apud REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 126. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

ensaísta, historiador, crítico e biógrafo, o francês escreveu 18 biografias, foi celebrado por alguns críticos como “O Príncipe dos Biógrafos”<sup>433</sup> e citado entre os maiores biógrafos do século XX por sua capacidade de narrar vidas autênticas que se leem como romance. Maurois foi membro da elite intelectual parisiense, tendo uma brilhante carreira ao se tornar membro da Academia Francesa em 1938. Contudo, quase imediatamente após sua morte em 1968, sua fama diminuiu e hoje está injustamente esquecido.<sup>434</sup>

André Maurois foi contemporâneo de Lytton Strachey e, embora raramente tenham se encontrado, o primeiro admitiu que as obras do segundo exerceram considerável influência em sua carreira como biógrafo.<sup>435</sup> Conforme Reviron-Piégay, poderíamos ser levados a dizer que a teoria e a prática biográficas de Maurois girava em torno de Strachey e que ele era um grande promotor dessas ideias na França, contudo, “revolução” também significa mudança, alteração, mutação e, embora mais rara, essa aceitação nos convida a olhar como a arte biográfica de Maurois se distinguia da de Strachey.<sup>436</sup>

Em 1918, quando Strachey ganhou fama imediata e duradoura após a publicação de *Eminent Victorians*, Maurois publicou seu primeiro romance que se tornou um best-seller, *The Silences of Colonel Bramble*. Os dois escritores foram colocados no centro das atenções ao mesmo tempo, mas, por razões diferentes, suas trajetórias no mundo literário permaneceriam diametralmente opostas; o francês foi para a biografia por acaso. A *Vida de Shelley* inspirou Maurois a escrever sua primeira tentativa de livro autobiográfico, *Ni Ange ni bete*, que foi “uma transposição para seu próprio meio da vida de Shelley”, publicado em forma de romance em 1918. Esse livro não foi um grande sucesso, mas o levou a lançar seu primeiro empreendimento verdadeiramente biográfico: *Ariel or Shelley’s Life*, publicado em 1923.<sup>437</sup>

O primeiro encontro entre o criador e o profeta foi em agosto de 1923: ambos foram convidados por André Gide para participarem das conferências de verão, um encontro de intelectuais franceses que discutiu uma variedade de assuntos morais e literários durante dez dias, na abadia de Pontigny. Conforme Reviron-Piégay, Strachey não ficou muito impressionado com esse grupo de intelectuais, embora Maurois se lembrasse da impressão que o escritor inglês causou neles, e narra esse encontro no final do prefácio da tradução francesa

---

<sup>433</sup> REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, pp. 126-127. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>434</sup> Ibid., p. 127.

<sup>435</sup> Ibid., p. 126.

<sup>436</sup> Ibid., p. 127.

<sup>437</sup> Ibid., p. 127.

de *Eminent Victorians*.<sup>438</sup> Reviron-Piégay observa que essas palavras são parte do retrato de Strachey feito por Maurois, no qual sobressaem tanto os aspectos físicos do biografado quanto uma certa ironia.

Strachey certamente era muito britânico, mas também um grande amante da literatura e filosofia francesas; foi um grande admirador de Voltaire e Racine. Contudo, seu desdém pelos escritores contemporâneos franceses se estendia ao próprio Maurois. Gabriel Merle, o primeiro biógrafo francês de Strachey, lembra que, entre amigos, o inglês referiu-se ao francês como “le petit merdaillon”.<sup>439</sup> Embora Maurois fosse amigo de Dorothy Bussy, uma das irmãs de Strachey, seus encontros permaneceriam esporádicos e o criador certamente não leu nenhuma das obras do profeta.<sup>440</sup> Por outro lado, Maurois em diversas vezes provou sua admiração pelas obras de Strachey: primeiro em 1928, em seu *Aspects of Biography*; depois, em 1933, ao prefaciá-la tradução francesa de *Eminent Victorians*.<sup>441</sup> Strachey figurava entre os escritores ingleses que Maurois considerava terem trazido a seus contemporâneos “não apenas um prazer estético, mas também uma filosofia”.<sup>442</sup>

Reviron-Piégay destaca que os primeiros trabalhos e principais abordagens teóricas da biografia moderna foram escritos assim que Nicolson publicou seu *The Development of English Biography* e *Some People*, em 1927; quando Virginia Woolf publicou seu ensaio “The New Biography” em 1927 e *Orlando* em 1928; quando Strachey publicou sua última biografia *Elisabeth and Essex: A Tragic History*, também em 1928. Conforme Reviron-Piégay, isso não é coincidência, mas mostra como esses escritores uniram forças para renovar um gênero mal utilizado e contribuir para o seu renascimento.<sup>443</sup>

---

<sup>438</sup> Ibid., p. 127-128.

<sup>439</sup> MERLE, Gabriel apud REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885-1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 128. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>440</sup> REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 128. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>441</sup> Ibid., p. 128.

<sup>442</sup> MAUROIS, André apud REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885-1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, pp. 128-129. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>443</sup> REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 129. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

As obras de Maurois e Strachey ilustram a definição de biografias do século XX como incluindo “detalhes ilustrativos, ação simbólica, organização temática, interpretação psicológica e análise de caráter”.<sup>444</sup> Podemos dizer que Maurois revolucionou o gênero como Strachey fez na Inglaterra? O fato é que quando ele começou a escrever a sua vida de Shelley, a biografia estava em má situação na França. O francês lamentou o fato de que lá a biografia era quase inexistente; além de algumas obras conhecidas como *Charles XII* de Voltaire, *La Vie de Rancé* de Chateaubriand, as vidas de Stendhal, de Victor Cousin, biografias de Sainte-Beuve e vidas heroicas de Romain Rolland, a biografia era sobretudo um gênero acadêmico.<sup>445</sup>

O século XIX foi o século do romance e da obra de Strachey. Ao contrário deste, Maurois foi aclamado em sua vida pela capacidade de escrever biografias que fossem tão prazerosas quanto um bom romance. Foi consciente de que se “a biografia é uma arte como o romance, isso não significa que uma biografia deve ser um romance”.<sup>446</sup> Biografia e história caminharam de mãos dadas nas obras de ambos. Strachey estudou história em Cambridge e ela continuou sendo uma de suas disciplinas prediletas; Maurois escreveu vários livros de história e seu interesse pela disciplina reforçou suas biografias. O século XIX francês e a Era Vitoriana foram uma fonte inesgotável de investigação e fascínio para os dois que concordavam que a história não era uma ciência, mas uma arte. Consideraram que a compilação de documentos não era um fim em si, mas um meio para atualizar ou corrigir seus retratos dos predecessores: a história era “o afresco de fundo” contra o qual a vida de seus heróis era desenvolvida.<sup>447</sup>

Uma das principais diferenças entre Strachey e Maurois é que o escritor francês era, antes de tudo, um romancista, cujo trabalho, segundo ele, não era muito diferente se estava fazendo uma biografia ou um romance. Maurois foi acusado de produzir uma “biografia romântica”. De onze biografias escritas entre 1923 e 1965, nove foram dedicadas a poetas e

---

<sup>444</sup> NADEL apud REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 129. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>445</sup> MAUROIS, André apud REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, pp. 129-130. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

<sup>446</sup> Ibid., p. 130

<sup>447</sup> REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020, p. 130. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

romancistas. A partir da década de 1930, o autor buscou incansavelmente a forma de mesclar harmoniosamente a vida e a obra de seus biografados.<sup>448</sup>

Outra diferença entre os biógrafos é que o inglês se afastou dos fatos e aproximou-se da ficção. Considerando que o caminho de Maurois foi de uma biografia novelizada para uma biografia mais crítica e documentada, de sua vida de Proust em diante, ele incluiu notas de final de página (embora inicialmente ele fosse contra o procedimento) e suas próximas vidas (as de Georges Sand, Victor Hugo, Dumas, Fleming, Madame de Lafayette e Balzac) foram acompanhadas de centenas de notas, referências precisas, bibliografias completas e índice de nomes citados.<sup>449</sup>

Compartilharam a ideia de que a biografia era “o mais delicado e mais humano de todos os ramos da arte da escrita”,<sup>450</sup> exigindo as qualidades combinadas do historiador, do cientista social, do psicólogo e do crítico, nunca esquecendo, no processo, de que a principal qualidade necessária era a visão artística. Maurois sempre teve em mente de que “um belo retrato é ao mesmo tempo um retrato semelhante ao seu tema e uma transferência artística da realidade”.<sup>451</sup>

As biografias de Maurois apresentam expressões tais como “à la verité”, “en verité”, “à vrai dire”, “au vrai” que são um índice de uma busca constante pela verdade histórica.<sup>452</sup> Em seus trabalhos, rastreou todos os possíveis e até então inéditos documentos relativos ao seu assunto (papéis privados como correspondências, memórias, o menor dos fragmentos de reminiscência pessoal, manuscritos, esboços, registros, relatórios policiais, etc), visitou lugares onde seus biografados viveram ( a casa de George Sand e Newstead Abbey, a casa de Byron), levou às vezes até três anos para reunir provas, analisar os vários documentos e selecioná-los antes de começar a escrever suas biografias. Durante a gestação dos livros, ele viveu em simbiose com suas personagens. Ao selecionar os dados, o biógrafo-artista substituiu o biógrafo-historiador. Adotar um ponto de vista artístico ou poético foi o passo crucial para ajudar o biógrafo a organizar seus dados e igualmente útil caso não houvesse documentos em mãos.<sup>453</sup> Em suas biografias, orientava os leitores, pedindo-os que se esforçassem para imaginar a vida de um personagem. “A corajosa busca da verdade” foi considerada por Maurois a primeira característica da biografia moderna.<sup>454</sup>

---

<sup>448</sup> Ibid., pp. 131-132.

<sup>449</sup> Ibid., p. 132.

<sup>450</sup> Ibid., p. 132.

<sup>451</sup> Ibid., p. 132.

<sup>452</sup> Ibid., p. 133.

<sup>453</sup> Ibid., p. 133.

<sup>454</sup> Ibid., p. 134.

Maurois certamente concordava com Strachey que o segundo dever do biógrafo moderno era “manter sua própria liberdade de espírito”<sup>455</sup>. A escolha do biógrafo resultou, na maioria das vezes, desta grande liberdade. Em seu prefácio à tradução francesa de *Eminent Victorians*, apresentou a obra como um “pequeno livro que causou grande agitação” na Inglaterra e como “um desafio” porque os personagens apresentados por Strachey eram “todos quase sagrados, já embalsamados pela lenda”. O francês admirou a originalidade do método de Strachey, que consistia em rejeitar a lenda e procurar o ser humano.<sup>456</sup>

Os autores estavam ligados por um fascínio por seus predecessores imediatos; os vitorianos para Strachey e os românticos para Maurois. Figuras como Voltaire, Boswell, Disraëli, Edward VII foram tratados por ambos, que também foram atraídos por grandes estadistas e políticos.<sup>457</sup> O princípio de que a biografia deveria ser a história de um indivíduo único (em oposição à história que é interessada na história de sociedades e grupos) os orientou. Tiveram predileção para escritores prolíficos (para Maurois: Proust, Balzac, Hugo e Byron; para Strachey: Shakespeare, Molière, Racine e Rousseau) e isso combinado com a ideia de que o personagem escolhido precisava ser um homem ou mulher de ação, tendo deixado atrás de si “sinais de suas ações” como cartas, diários ou depoimentos de amigos.<sup>458</sup> Ao escolher seus personagens, eles insistiam na complexidade da personalidade, que foi definida por Maurois como a segunda característica da biografia moderna. Tanto um quanto o outro, pretendiam dar uma impressão de vida e entenderam a biografia como a “evolução de uma alma humana”, que deveria se beneficiar dos avanços da psicologia e da psicanálise. Maurois, que não era naturalmente inclinado ao exame dos motivos ocultos de seus personagens, contudo, foi encorajado por seu amigo, o escritor e crítico literário francês Charles Du Bos (1882-1939) para aprofundar a análise dos sentimentos de seus personagens. Nesse ponto, ambos seguiram o mesmo caminho para uma percepção mais psicológica, mesmo que Strachey estivesse naturalmente mais pronto para reconhecer a necessidade de pesquisar a infância de seus personagens para encontrar as motivações ocultas do comportamento adulto. Ao contrário de Strachey, Maurois admitiu que escolheu seus personagens porque sentiu um verdadeiro sentimento de parentesco com eles, às vezes havia um verdadeiro processo de identificação.<sup>459</sup> O autor francês chegou a afirmar que “a biografia é um meio de expressão quando o autor

---

<sup>455</sup> Ibid., p. 134.

<sup>456</sup> Ibid., p. 134.

<sup>457</sup> Ibid., p. 134.

<sup>458</sup> Ibid., p. 135.

<sup>459</sup> Ibid., p. 135.

escolhe o seu tema para responder a uma necessidade secreta de sua própria natureza(...) Em certa medida será autobiografia disfarçada de biografia”.<sup>460</sup>

As duas partes estavam cientes de que os personagens, para se tornarem vivos, deveriam ser estilizados (mas não simplificados demais). Assim, Maurois construiu seus personagens em torno de um tema orientador e unificador (Ariel, Lélia, Don Juan, René, Prometeu, Olympio). O seu tom para com seus biografados era, na maioria das vezes, de humor gentil e suave ironia. Ele foi testemunha benevolente e divertida das falhas e fracassos de seus biografados.<sup>461</sup>

As contribuições dos dois intelectuais para a biografia, embora diferentes em escopo, atestam o mesmo esforço para lidar com “o mais delicado e humano de todos os ramos da arte de escrever”. Strachey foi, para o bem ou para o mal, universalmente aclamado como um desmistificador, um revolucionário. E seu nome não deixa de aparecer mesmo nas análises mais recentes da história da biografia, sendo a recepção crítica internacional desse autor universal. A fama de Maurois, em 1967, quando ele morreu, era grande; ele foi homenageado com um prêmio nacional, cerimônia no pátio da Academia Francesa, sepultado no local onde se encontram seus livros e onde são adorados. Durante a sua vida, os livros foram a única religião de Maurois. No entanto, a sua obra e seu papel na renovação da biografia não foram muito valorizados. Seus trabalhos receberam a devida atenção no estudo de Daniel Madelénat sobre biografia, em 1984, que comentou suas biografias e adotou a terminologia crítica criada por ele (notavelmente a frase “Homo Biographicus”).

Logo, parece que a razão pela qual Maurois foi evidenciado durante a vida foi precisamente a mesma pela qual ele foi esquecido após a sua morte: seu interesse pela vida dos escritores em uma época em que se tornava totalmente desnecessário pesquisar a vida do escritor para compreender o texto. François Dosse em *O desafio biográfico* dedica várias páginas a Maurois no primeiro capítulo, intitulado “Biografia, um gênero impuro”, além do mais, em prefácio à edição de 2011, afirma que escritores contemporâneos como Yannick Haenel, Gilles Leroy, Jean Echenoz e J.M. Coetzee seguem André Maurois ou Stefan Zweig.

A distinção entre a tradição biográfica inglesa e a francesa talvez seja outro fator que prejudicou Maurois. Reviron-Piégay indaga se ver Maurois como o representante da tradição francesa não é fonte de mal-entendidos e leitura errônea de suas obras. Os *insights* de Maurois sobre questões de fato *versus* ficção, biografia *versus* autobiografia, arte *versus* ciência provam

---

<sup>460</sup> Ibid., p. 135.

<sup>461</sup> Ibid., p. 136.

ser particularmente esclarecedoras num momento em que as biografias dos escritores estão na moda, na França e fora do país. Mais do que um satélite da New Biography e de Strachey, Maurois mereceria, segundo a autora, ser visto como uma estrela do firmamento da biografia, uma inspiração.

## CAPÍTULO II - “COMPAREMOS, SIM. MAS COMO HISTORIADORES”<sup>462</sup>

O presente capítulo tem como objetivo analisar a forma e o conteúdo das obras I, II e III, examinando a organização interna dos textos, a construção dos três personagens principais e a presença de elementos característicos da biografia moderna nesses trabalhos de Lucien Febvre. A análise comparativa será guiada por eixos temáticos e critérios formais, com o objetivo de estabelecer uma leitura padronizada da estrutura das obras, da construção dos personagens e da incorporação - ou ausência - dos elementos característicos da biografia moderna na produção do historiador francês.

Tabelas de acompanhamento das leituras foram criadas com base nos critérios de análise da tese. A tabela 1, apresenta um esquema dos critérios de análise da biografia moderna em três eixos fundamentais: biógrafo, texto e personagem. A tabela 2, intitulada “características da biografia moderna”, foi construída com base nos aspectos do gênero examinados no primeiro capítulo.<sup>463</sup> A tabela 3 indica as recorrências da palavra “*comprendre*”.<sup>464</sup> A tabela 4 mostra o número de repetições do termo “*faire comprendre*”.<sup>465</sup> Por fim, as tabelas 5 e 6, intituladas “divisões internas das obras”, serão utilizadas como instrumento de orientação para a comparação entre as diferentes partes dos três livros, com ênfase na análise do foco temático de cada seção e de suas respectivas subdivisões.<sup>466</sup>

Acredito que a forma como Febvre organizou seus textos seja o primeiro indicativo da sua predileção pela biografia moderna e, para a minha pesquisa, optei por adotar como referencial teórico os principais traços desse tipo biográfico, conforme delineado por autores que utilizei no primeiro capítulo, destaque: Lytton Strachey, André Maurois, Harold Nicolson, Virgínia Woolf, entre outros. A escolha desses critérios foi guiada pela intenção de verificar em que medida as obras observadas se aproximam ou se afastam da biografia moderna, sendo a análise dos tópicos feita através de eixos temáticos a fim de evitar redundâncias, uma vez que vários temas se conectam. Partirei de três perspectivas: biógrafo, texto e personagem e um eixo transversal entre elas. Na matriz biógrafo, investigarei os tópicos da “corajosa busca pela verdade” e a posição do biógrafo no texto. Na matriz texto, examinarei os tópicos da narrativa

---

<sup>462</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 141.

<sup>463</sup> Para conferir os dados, ver apêndice A.

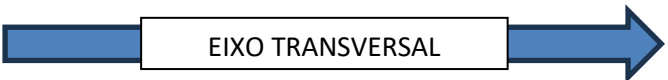
<sup>464</sup> Para conferir os dados, ver apêndice B.

<sup>465</sup> Para conferir os dados, ver apêndice C.

<sup>466</sup> Para conferir os dados, ver apêndice D e E.

temática e simbólica, liberdade de estilo e julgamento, “fazer da biografia uma arte” e a fusão de gêneros. Na matriz personagem, observarei a complexidade da personagem. O eixo transversal são os tópicos documentação e pesquisa, função ética e abordagem crítica.

*Tabela 1 - Esquema dos critérios de análise*

| BIÓGRAFO                                                                                                                                                                                                                                                                                         | TEXTO                                                                                                                                                                                                                            | PERSONAGEM                                                                     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- A “corajosa busca pela verdade”</li> <li>- Posição do biógrafo no texto</li> </ul>                                                                                                                                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Narrativa temática e simbólica</li> <li>- Liberdade de estilo e julgamento</li> <li>- Fazer da biografia uma arte</li> <li>- Fusão de gêneros: história, ficção e psicologia</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Complexidade da personagem</li> </ul> |
| <div style="text-align: center;">  </div> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Documentação pesquisa</li> <li>- Função ética</li> <li>- Abordagem crítica, desmistificadora e não hagiográfica</li> </ul> |                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                |

Fonte: produzido pela autora

De modo a garantir maior fluidez à leitura e melhor distribuição das reflexões, o presente capítulo abordará dois eixos: biógrafo e texto. E, no próximo capítulo, abordarei os eixos sobre personagem e transversal. Comparar as obras por camadas e blocos de análise evidencia as suas nuances e complexidades. Não visio mapear todas as ocorrências dos tópicos analíticos em cada obra; mais do que acumular dezenas de exemplos, selecionarei aqueles que são representativos e que sintetizam a posição do autor. Os temas aparecerão e serão citados conforme se enquadrarem nos eixos temáticos em que propus analisar. Essa escolha já permite mostrar se o tema aparece e como se manifesta, além de serem suficientes para sustentar uma análise sólida e sem redundância. Isso gera um *corpus* manejável e suficientemente denso para discutir a presença das características da biografia moderna nas obras de Febvre. Essa metodologia visa facilitar a compreensão das ideias centrais e das relações entre os diferentes elementos presentes nos textos.

Antes da análise propriamente dita, cabe destacar que Lucien Febvre ao trabalhar com indivíduos antecipa uma solução historiográfica que Jacques Le Goff formulará de modo explícito décadas depois. A reflexão de Le Goff em *São Luís* oferece uma chave decisiva para compreender o lugar do indivíduo na historiografia dos *Annales*. Ao afirmar que o indivíduo não deve ser tomado como origem explicativa na história, mas como um ponto de convergência de estruturas sociais, simbólicas e mentais, Le Goff reconfigura o problema biográfico sem reabilitar o herói nem a narrativa exemplar. Essa concepção ilumina retrospectivamente o procedimento de Febvre, cujas obras dedicadas a Lutero, Rabelais e Margarida não tomam o indivíduo como o fim da análise, mas como operador heurístico de uma história problema.

O historiador Jacques Le Goff (1924-2014) classificou a biografia histórica como “uma das maneiras mais difíceis de fazer história”<sup>467</sup>, para ele o método biográfico, mais ainda que outros métodos históricos visa a produzir “efeitos do real” e isso é o que o aproxima do romancista. Porém, “uma biografia não é só a coleção de tudo o que pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem”, é preciso saber respeitar as falhas e lacunas documentares.<sup>468</sup> O historiador deve ser capaz de destrinchar os documentos para fazer com que neles apareça o que introduz uma convicção razoável de verdade histórica, deve também manter-se em guarda ao exprimir que construiu o “verdadeiro” sujeito biografado haja vista que sua documentação é contrabalanceada pelas dúvidas quanto à confiabilidade das fontes e a manipulação destas pode apresentar um personagem imaginado, imaginário. Le Goff cita o exemplo dos estereótipos presentes nas fontes do gênero hagiográfico que compõem personagens cheios de lugares-comuns e ressalta o cuidado necessário ao analisá-las. O autor mostra que, através das suas fontes, houve a necessidade de se perguntar se era possível chegar perto de um sujeito biografado o qual se pudesse dizer “verdadeiro”, ou seja, verdadeiramente histórico.

O autor de *São Luís* também destaca o perigo referente à narrativa, para tanto, cita o risco do “excesso de sentido e de coerência inerente a qualquer tentativa biográfica” proposto por Jean-Claude Passeron. Diz Le Goff que o que Passeron chama de “a utopia biográfica” não consiste apenas no risco de acreditar que “nada é insignificante” na narrativa biográfica, sem escolha nem crítica. Fica-se talvez mais ainda na ilusão de que a narrativa reconstitui autenticamente um destino.<sup>469</sup>

---

<sup>467</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 20.

<sup>468</sup> Ibid., pp. 21-22.

<sup>469</sup> Ibid., p. 23.

Para Le Goff, “o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo. O conhecimento da sociedade é necessário para ver nela se construir e nela viver uma personagem individual”, logo o seu propósito foi apresentar segundo a vida, fontes e temas fundamentais da personalidade de seu personagem em si mesmo e em seu tempo, uma história “total” de *São Luís*.<sup>470</sup>

No leque de dificuldades apresentadas por Le Goff, pude encontrar as que também fizeram parte do trabalho de Febvre tais como respeito às lacunas, preocupação com a representação da imagem “verdadeira” do sujeito e confiabilidade das fontes. Foi a partir de problemas da história da arte que Lucien Febvre se expressou com mais clareza sobre os problemas da biografia, frisando que a monografia individual tende necessariamente

a chamar a atenção para o que há de original, pessoal e único num artista ou numa obra – o que o isola e o distingue: aquilo, portanto, que não é objeto do conhecimento científico [...]. Pode-se objetar que uma boa monografia não se limitará a identificar o que distingue e isola, mas também o que aparenta e congrega [...]. Teoricamente, nada mais certo. Mas e na prática?<sup>471</sup>

Para o autor, a história da arte é uma disciplina que muitas vezes se alimenta de monografias individuais – que podem estar cheias de talento ou banalidade - sobre artistas, monumentos ou suas obras. Ao analisar um destes trabalhos, Febvre avalia que este seja sólido, minucioso e de acordo com os métodos certos, também faz um elogio à cronologia; salienta a forma cuidadosa em que foram reconstruídos os sucessivos “círculos” pelos quais o herói passou.<sup>472</sup> Em *Martinho Lutero, um destino*, no decorrer de toda a narrativa da biografia, o autor sempre inicia uma temática de forma cronológica, contextualizando o período, para assim inserir a personagem dentro da conjuntura. Por essa metodologia, entendo que seja uma forma de Febvre reconstruir os círculos por onde Lutero tenha passado.

Algumas de suas escolhas metodológicas para construir suas biografias aparecem em *Combates pela História*. Para Febvre, se a história política, diplomática e militar é privilegiada, é porque os historiadores são passivos diante dos documentos e “calam-se porque os textos não lhe dão respostas acabadas”. Febvre convida o historiador a “ser ativo diante do desconhecido” e, se não tiver textos, tirar partido dos outros tipos de fontes, haja vista que o trabalho próprio

---

<sup>470</sup> Ibid., pp. 26-29.

<sup>471</sup> DAIX, Pierre. **Fernand Braudel**: uma biografia. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 9.

<sup>472</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 342-350.

do historiador seria suprir, substituir e completar.<sup>473</sup> Sua crítica à história política é que ela já não pode pretender ser uma disciplina científica, pois não passa, segundo Febvre, de “uma paginação cronológica, no máximo, de acontecimentos superficiais, na maioria dos casos filhos do acaso. Digamos: uma narrativa”.<sup>474</sup> Pergunta ele: “por que não, de quando em quando, um homem que se destaque da massa? Ou, se for pedir demais, pelo menos um gesto de homem? Gesto de homens, de homens particulares?”.<sup>475</sup> Continua discorrendo que o historiador deve fazer compreender, ou seja, mostrar ao mesmo tempo em que explicar: “não hesitemos em dar a ver, em mostrar indivíduos em ação (...) e não apenas demonstrar a mecânica do homem feudal”.<sup>476</sup>

Na concepção da história intelectual defendida por Febvre, tornamos a encontrar essa vontade de não separar o individual do social. Uma história das ideias, dos pensamentos, dos preconceitos e das modas em sua influência, sua ação sobre as diferentes camadas da sociedade. Portanto, essa história social das ideias é “parte integrante de uma história social, uma história que não está ligada nem ao único, nem ao raro, mas ao comum, ao feito em série, ao banal.”<sup>477</sup>

Para Lucien Febvre, todos os textos – documentos de arquivos, um poema, um quadro, um drama – são documentos e testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência. Vislumbra um documento de história como um pólen milenário onde a história faz com ele o seu mel e se edifica para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento. O autor acredita que uma das tarefas primordiais das que se impõe a uma história é negociar novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas concentrando um feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas.<sup>478</sup>

Adverte para que os historiadores não tenham ilusões acerca do passado haja vista que o homem não se lembra do passado, reconstrói-o sempre e, através do presente que se conhece e interpreta o passado. Para Febvre, o historiador interpreta, organiza, reconstitui e completa as respostas, ou seja, faz o passado de quem tem necessidade e não vê nisso nenhum escândalo ou atentado a suposta majestade da ciência, pois “a Ciência não se faz numa torre de marfim. Faz-se a par e passo com a vida, e através de seres vivos que mergulham no século”.<sup>479</sup>

---

<sup>473</sup> Ibid., p. 91.

<sup>474</sup> FEBVRE, Lucien apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 194.

<sup>475</sup> Ibid., p. 187.

<sup>476</sup> Ibid., p. 188.

<sup>477</sup> FEBVRE, Lucien apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190

<sup>478</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 24.

<sup>479</sup> Ibid., p. 26.

Jacques Revel afirma que podemos compreender certos tipos de biografias históricas como tentativas para se conformar aos requisitos da história social, dentre elas, destaca-se a biografia reconstruída em contexto, esse tipo se propõe a explicar o texto biográfico pelos contextos de referência no qual está inscrito. Revel classifica a história das mentalidades, tal como concebida e praticada Lucien Febvre, como um primeiro caso dessa representação pois suas biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma, elas consistem em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir.<sup>480</sup> Uma das principais características e inovações da escrita de Febvre foi fazer uma análise psicológica do seu biografado. Em grande parte da narrativa o autor se utiliza da psicologia como forma de análise para descrever a personagem, os nuances temperamentais do biografado são pautados como uma das principais características, o que Revel considera como parte da renovação do repertório e das fontes direcionadas a escrita biográfica a partir do século XX, proporcionada pela “evolução da escrita biográfica”.

À luz das reflexões de Jacques Revel e de Jacques le Goff, torna-se possível compreender a escrita biográfica de Lucien Febvre não como um desvio em relação à história dos *Annales*, mas como uma de suas formas inaugurais. O indivíduo, em Febvre, não é ponto de partida nem de chegada, mas lugar de condensação de problemas históricos, psicológicos e culturais. Sua aposta no biográfico não visa reconstituir uma vida em sua totalidade ilusória, mas interrogar as condições de possibilidades de um destino histórico. Nesse sentido, suas obras antecipam uma concepção de biografia “em contexto” e “total”, consciente dos riscos da utopia biográfica, mas disposta a enfrentá-los como parte do próprio ofício do historiador.

O uso do biográfico no interior do projeto da história social dos *Annales* não resolve a tensão entre indivíduo e sociedade, mas a administra. Em Lucien Febvre, a biografia não é assumida como gênero nem como método autônomo, mas como um instrumento submetido à história-problema. Ao reconstruir trajetórias individuais em contexto, Febvre faz do indivíduo um lugar de interrogação histórica, consciente dos riscos da coerência narrativa e da utopia biográfica, mas disposto a enfrentá-los em nome da compreensão. O biográfico aparece, assim, não como uma herança da história tradicional, mas como uma prática limítrofe, controlada e profundamente tensionada no interior da renovação historiográfica dos *Annales*.

---

<sup>480</sup> REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 243-244.

## EIXO I: BIÓGRAFO

Este bloco reúne elementos que definem a postura do biógrafo moderno diante de seu objeto de estudo. Analisarei dois tópicos: a “corajosa busca pela verdade” e a posição do biógrafo no texto. Partirei de questões norteadoras a serem examinadas nas três obras: de que maneira a obra biográfica evidencia uma corajosa busca pela verdade? Como se configura a posição do biógrafo ao longo da narrativa?

### 2.1 *Corajosa busca pela verdade*

De que maneira a obra biográfica evidencia uma corajosa busca pela verdade? Lucien Febvre concebia a prática historiográfica como uma vontade de “*comprendre*<sup>481</sup> et faire comprendre”<sup>482</sup>”, expressão que se repete nas obras I, II e III e que sintetiza a sua concepção da história como um exercício crítico e ético. Nos livros analisados, essa postura se manifesta na recusa ao anacronismo, na vigilância contra simplificações e na constante articulação entre a verdade factual e a verdade psicológica. Para o autor, buscar a verdade histórica exige coragem intelectual: não apenas para reunir e interpretar documentos, mas lidar com suas lacunas, contradições e silêncios. Seu esforço é o de reconstruir, com sensibilidade e rigor, a experiência humana em sua densidade, mesmo quando isso envolve contrariar expectativas contemporâneas ou desmitificar figuras consolidadas. Essa postura o aproxima dos princípios da biografia moderna, tal como formulados por Strachey, Maurois e Woolf, para quem a coragem de buscar a verdade – ainda que incômoda, parcial ou inconclusa – é o primeiro e mais fundamental traço do biógrafo moderno. Maurois, em particular, identifica nessa disposição o atributo essencial dos autores desse tipo de escrita. Nicolson, por sua vez, reconhece que essa verdade é sempre problemática, pois mesmo o biógrafo mais próximo do seu objeto jamais poderá dizer toda a verdade sobre ele. Já Woolf entende que a biografia moderna surge

---

<sup>481</sup> O dicionário francês *Larousse* apresenta o verbo transitivo *Comprendre* - que no latim é *comprehendere* - nas seguintes definições: 1 - fazer entrar, contar alguém ou algo dentro de um conjunto, de um total ou, falando desse conjunto, contê-los, englobá-los, incluí-los; 2 - ser parcial ou totalmente composto, constituído de coisa ou pessoas; 3 - apreender pelo espírito, pela inteligência ou pelo raciocínio alguma coisa, o sentido das palavras ou os atos de alguém; 4 - apreender pelo espírito a ação ou o comportamento de alguém, entrando em suas razões, em seus motivos, participando de sua maneira de ver ou reagir; 5 - dar-se conta de (a importância de) alguma coisa; perceber, realizar; 6 - apreender de pronto e pela sensibilidade a natureza profunda de alguém, de uma arte; manter-se próximo dela, ter um conhecimento intuitivo; 7 - representar para si alguém ou alguma coisa de determinada maneira, formar uma certa ideia. O dicionário também traz, na seção citações, uma frase de Febvre retirada da obra *Combates pela História*: “Compreender, é complicar. É enriquecer em profundidade. É ampliar gradualmente. É unir a vida” <https://shorturl.at/i3GG0> tradução minha, acesso em 24. ago. 2025

<sup>482</sup> “compreender e fazer compreender”.

precisamente desse esforço de captar a verdade da personagem, rompendo com o pudor que antes cercava a vida íntima e revelando as tensões entre o público e o privado que compõem a complexidade humana.

Os acontecimentos não ocorrem por mero acaso. Por isso, ao historiador, pede-se que se *compreenda* as coisas da história. Sendo ocultas ou explícitas, elas têm uma razão de ser ou de terem sido. Febvre nunca se satisfaz com as explicações mais fáceis, pois elas não conseguem explicar satisfatoriamente os complexos problemas postos pela história.<sup>483</sup>

Na obra II, afirma:

... melhor seria (...) lembrarmos da filosofia dos homens do Renascimento, na sequência de teses e de atitudes, que não só se distinguem, uma da outra, como igualmente se opõem e se contradizem. Cada qual possui uma parcela de verdade, levando em conta as circunstâncias de tempo, de lugar, de estrutura social e de cultura intelectual, que explicam seu nascimento e seu conteúdo. Desta forma, é na medida em que soubermos justificar os contrastes e as oposições que poderemos entender por que, tendo mudado a circunstâncias, cada uma destas teses e destas atitudes tiveram de se apagar diante de outras; é unicamente nesta medida que podemos avaliar o esforço perseverante da mente humana, reagindo à pressão dos eventos, ao choque das circunstâncias. Esta é, verdadeiramente falando, a tarefa do historiador.<sup>484</sup>

Chama atenção para um ponto central da prática historiográfica: compreender o pensamento humano não como algo fixo e absoluto, mas como fruto de circunstâncias históricas concretas. Lembra que, no Renascimento, diferentes filósofos formularam teses e assumiram atitudes que não apenas se distinguiam entre si, mas também entravam em oposição e até em contradição. No entanto, cada uma dessas posições continha uma parcela de verdade, pois refletia as condições específicas de seu tempo: o contexto social, político, cultural e intelectual que possibilitou seu surgimento. Portanto, o trabalho do historiador não é julgar essas ideias em termos de certo ou errado, mas explicar seus contrastes, mostrando por que uma tese deixou de ter força e foi substituída por outra, conforme mudaram as circunstâncias históricas.

Em sua obra *Combates pela História*, Febvre diz que o historiador não é um juiz; nem sequer de instrução. Destaca que “a história não é julgar, mas compreender – e fazer compreender. Não nos cansemos de o repetir. É esse o preço dos progressos da nossa ciência”.<sup>485</sup> Em seguida, define a história como a necessidade da humanidade:

a necessidade que sente cada grupo humano, em cada momento da sua evolução, de procurar e de valorizar, no passado, os fatos, os acontecimentos, as tendências que preparam o tempo presente, que permitem compreendê-lo e que ajudam a vivê-lo. E

---

<sup>483</sup> MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978. p. 12.

<sup>484</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, pp. 362-363.

<sup>485</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p.111.

acrescento: reconstituir a mentalidade dos homens de outrora; meter-se na cabeça deles, na sua pele, no seu cérebro, para compreender o que foram, o que quiseram, o que realizaram; mas não considerar, entretanto, que dependa de um homem fazer parar a sua obra em determinado ponto, a partir do momento em que essa obra se difunda no mundo; estar, pelo contrário, atento a este drama perpétuo do grande homem, do grande investigador, do grande inventor, do homem de gênio, a quem ainda durante a vida a sua obra escapa – a sua obra que se deforma, a sua obra que se altera, a sua obra que, adotada pela multidão e desenvolvendo os seus efeitos ao longo do tempo, acaba, muitas vezes, por dizer exatissimamente o contrário do que ele queria que ela dissesse (ver Lutero e o luteranismo) – é este o dever do historiador.<sup>486</sup>

Afirma que é o historiador quem fabrica os fatos. Sendo assim, a história é uma escolha; não arbitrária, mas preconcebida. E, no que tange à “história historicizante”, proclama que ela pede pouco, demasiado pouco para ele e para muitos outros. É essa toda a nossa censura: mas é sólida. A censura daqueles para quem as ideias são uma necessidade.<sup>487</sup>

Utilizando-se de uma metáfora, o autor francês traz a imagem da construção da *Sacre-Coeur* em *Montmartre*. Antes de erguer o edifício, foi preciso sondar o solo, conhecer as camadas geológicas - areia, gesso, calcário - para garantir que a construção não desabasse. A história funciona como a geologia para a sociedade. Ela não determina a “forma”, ou seja, o estilo arquitetônico, mas oferece fundamentos sólidos para que as ações humanas se sustentem. “A história. A que compreende e faz compreender”, nesse sentido, compreender é o esforço do historiador para mergulhar no passado para entender profundamente os fenômenos, levando em conta contextos, diferenças e complexidades. Fazer compreender é o compromisso de transmitir esse entendimento ao público, de forma clara, acessível e útil.<sup>488</sup> Para o historiador, compreender “não é clarificar, simplificar, reduzir a um esquema lógico perfeitamente claro: traçar um desenho elegante e abstrato. Compreender, é complicar. É enriquecer em profundidade. É ampliar gradualmente. É unir à vida.”<sup>489</sup> Assim, entendo que para Febvre a “corajosa busca pela verdade” não se resume à acumulação de fatos ou à simples descrição cronológica: ela consiste, sobretudo, no duplo movimento de compreender e fazer compreender.

O pai dos *Annales* hostilizava a maneira tradicional de se escrever biografias, na qual os autores acreditavam que dar a última palavra acerca dos biografados, emitindo um juízo “quer a seu favor, quer contra ele”, era o método amplamente utilizado. Por seu turno, ao procurar “compreender e, na medida do possível, dar a compreender”, construiu as suas obras

---

<sup>486</sup> Ibid., p. 115.

<sup>487</sup> Ibid., pp. 119-121.

<sup>488</sup> Ibid., p. 49.

<sup>489</sup> Ibid., p. 81.

biográficas. Por meio das escolhas metodológicas e críticas do autor, percebo que a sua escrita biográfica apresenta muito da sua concepção de história e influências do ambiente em que vivia.<sup>490</sup>

A insistência febvreana no binômio *comprendre/faire comprendre* opera como uma reformulação semântica do biográfico, que permite ao autor realizar uma escrita centrada no indivíduo sem recorrer a um vocabulário associado à história romanceada ou à tradição hagiográfica. Trata-se, portanto, de uma estratégia discursiva que preserva o indivíduo como operador historiográfico legítimo, ao mesmo tempo em que afasta o autor de um gênero desvalorizado no campo acadêmico.

Como observa Marlon Salomon, Febvre entendia que o conhecimento histórico não deveria permanecer isolado em fronteiras disciplinares rígidas, mas acompanhar as transformações epistemológicas que marcavam o conjunto das ciências no início do século XX. Nesse sentido, sua crítica à historiografia tradicional não se limitava à contestação da história política ou factual, mas envolvia igualmente a rejeição de concepções de conhecimento consideradas ultrapassadas diante das profundas mudanças promovidas pela física, pela sociologia e pela geografia. Ao defender a necessidade de “colocar problemas” e de “fazer compreender”, Febvre propunha uma história capaz de apreender os fenômenos em sua complexidade e em sua inserção temporal específica, afastando-se tanto do determinismo linear quanto da simples acumulação de fatos. Essa postura reforça o caráter inovador de sua obra biográfica, na qual os indivíduos são analisados não como agentes isolados, mas como expressões de um conjunto de possibilidades intelectuais, sociais e culturais próprias de seu tempo.<sup>491</sup>

A tabela 3 (apêndice B) evidencia o número de repetições da palavra “*comprendre*”<sup>492</sup> nas obras I, II e III e classifica a função do termo em cada contexto nas seguintes categorias: metodológica, analítica, crítica e ética. Metodológica quando o termo aparece ligado à definição do papel do historiador, ao programa metodológico ou às declarações de intenções de sua

---

<sup>490</sup> GUIMARÃES, Thaís França. **A biografia como gênero e fonte histórica**: discussões historiográficas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 170.

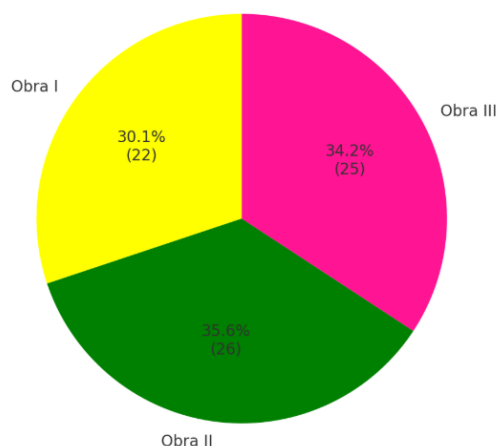
<sup>491</sup> SALOMON, Marlon. Causalidade e tempo histórico nas relações entre a história e as ciências. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 206–223, 2024. Disponível em: <https://shorturl.at/fd38l>. Acesso em: 4 jun. 2026.

<sup>492</sup> Em alguns trechos não traduzi “*comprendre*” uma vez que o termo, no pensamento de Lucien Febvre, carrega um campo semântico mais amplo do que as equivalências imediatas em português. Preservar o termo original é manter abertas suas múltiplas camadas de sentido – analíticas, críticas, programáticas e éticas – e evitar a domesticação de uma palavra que funciona como eixo da prática historiográfica do autor.

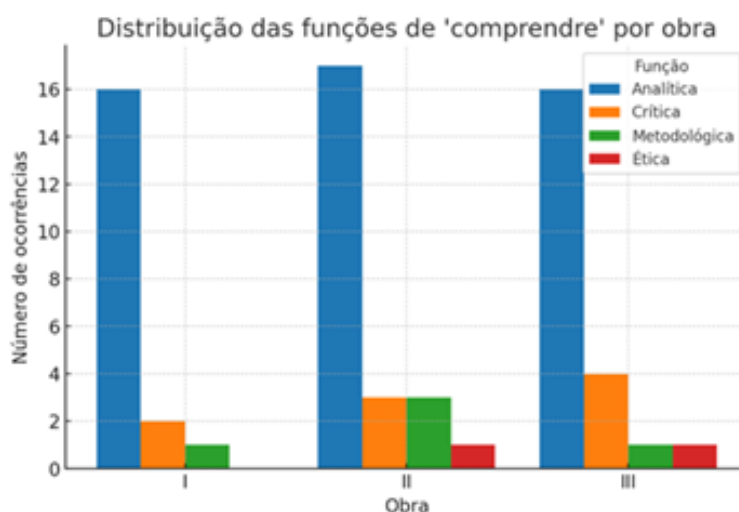
própria obra; analítica quando o verbo serve para interpretar um personagem, evento ou situação; crítica quando é usado para marcar limites da compreensão, apontar equívocos ou ironizar; ética quando conecta a compreensão a uma postura justa diante dos homens do passado. Ainda que o termo em alguma frase possa ser classificado em mais de uma categoria, optei por classificá-lo de acordo com a de maior projeção. O intuito de organizar essa tabela é tornar visível a recorrência do verbo “*comprender*”, permitindo identificar padrões de uso em cada obra ao longo do percurso intelectual de Febvre.

Em contextos diferentes, a palavra “*comprender*” aparece 22 vezes na obra I, 26 vezes na obra II e 25 vezes na obra III, totalizando 73 aparições (Figura 1).

**Proporção de ocorrências da palavra 'comprender' nas três obras**



*Figura 1 - Proporção de ocorrências da palavra "comprender" nas três obras*



*Figura 2 - Distribuição das funções de “comprender” por obra*

Na obra I, o verbo “*comprendre*” aparece, sobretudo, ligado ao esforço de penetrar a interioridade do personagem, compreender crises espirituais e escolhas radicais. É a busca de entender o homem para iluminar a obra. A palavra aparece para sustentar a ideia de unidade de destino, sugerindo que interpretar as fases contrastantes da vida de Lutero depende de entender a lógica interna do personagem e do tempo. Na obra II, a ideia aparece associada ao esforço de reconstruir o horizonte mental de Rabelais e seu tempo, combatendo interpretações superficiais. O uso de “*comprendre*” por Febvre, indica que tal palavra não é só um verbo, mas um marcador de um programa historiográfico. Reforça que compreender um autor do século XVI exige recompor seu vocabulário, seus conceitos de fé e descrença no próprio contexto de época. A compreensão é marcada pela luta contra o anacronismo. Aqui Febvre insiste que compreender o século XVI exige restituir a lógica própria dos homens daquele tempo, sem projetar o olhar moderno. Considerando que o primeiro mandamento do historiador está em *compreender*, Febvre “soube dar o devido peso às doutrinas e pensamentos da época para tentar perceber alguma possibilidade de Rabelais ter manifestado qualquer tipo de irreligiosidade”.<sup>493</sup> Mota destaca que:

um dos grandes méritos de Febvre é, sem dúvida, o de não assumir uma postura radical em face do conhecimento. Procura, ao contrário, manter-se o mais aberto possível e pronto para acolher cada parcela de verdade que *todo* o pensamento (e não apenas um) traz em seu bojo. Para que isto se concretize, o procedimento mais maduro é circunstanciar os pensamentos que se quer analisar dentro do amplo quadro histórico que lhe deu origem.<sup>494</sup>

Na obra III, o uso significa integrar pequenos detalhes de comportamento e cultura no quadro maior da sociedade renascentista. A expressão é praticamente um manifesto de método com o qual o autor visa recusar a completude enciclopédica para priorizar a compreensão profunda e compartilhada de um objeto histórico. Compreender é não julgar, é acompanhar as transformações, traduzir experiências espirituais e culturais complexas.

Nas três obras, a palavra “*comprendre*” é mais do que um verbo: funciona como chave epistemológica, está ligada a um tipo de leitura que evita projetar categorias do presente no passado. Além disso, traduz a corajosa busca pela verdade e envolve o compromisso de fazer compreender. A recorrência do termo sinaliza tanto um método historiográfico de evitar

---

<sup>493</sup> MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre**: História. São Paulo: Ática, 1978. p. 14.

<sup>494</sup> Idem.

anacronismos, explorar contextos e mergulhar nas contradições, quanto uma ética do historiador que busca justiça com os homens do passado e clareza para os leitores.

“*Comprendre*” frequentemente vem acompanhado de um apelo direto ou implícito ao leitor: “*faire comprendre*” que é quase sempre uma meta compartilhada. Não basta que o historiador entenda, ele deve transmitir essa compreensão de forma convincente. Isso aproxima o termo de uma dimensão pedagógica e persuasiva: Febvre deseja que o leitor participe do mesmo exercício mental. Ao afunilar a pesquisa e buscar por “*faire comprendre*”, observa-se, na tabela 4,<sup>495</sup> uma recorrência de 06 repetições, sendo duas em cada obra.

Na obra I, as duas ocorrências acontecem no prólogo. *Faire comprendre* aparece como extensão natural do *comprendre*, significando que não basta interpretar Lutero, é preciso transmitir ao leitor esse esforço. Na obra II, o autor utiliza a fórmula para definir a função da história e do historiador: mergulhar na lógica de uma época e depois comunicá-la. Na obra III, há uma ocorrência metodológica e a outra é citação literária. Em todas as obras analisadas, as aparições do termo concentram-se, sobretudo, em momentos de declaração metodológica, o que sugere que Febvre reserva o *faire comprendre* para quando deseja marcar o compromisso de comunicação com o público, ou seja, transformar a interpretação histórica em algo transmissível, acessível, útil.

Enquanto *comprendre* está ligado ao trabalho interno do historiador, como analisar, penetrar, abarcar e mostra ser um método de pesquisa, *faire comprendre* aponta para a responsabilidade externa de explicar ao leitor, tornar inteligível e mostra ser uma função social e pedagógica da história. Compreender e fazer compreender indicam o seu compromisso com a verdade histórica e psicológica.

A relação entre o “*comprendre et faire comprendre*” de Lucien Febvre e a tradição do historicismo alemão constitui uma chave interpretativa fundamental para compreender sua epistemologia e o modo como concebia o ofício do historiador. Ao inscrever o verbo *Comprendre* no centro de sua prática intelectual, Febvre retoma – ainda que de modo implícito e transformado – a herança do *Verstehen* (compreensão) formulada por pensadores como Johann Gustav Droysen<sup>496</sup> e Wilhelm Dilthey.<sup>497</sup> Contudo, diferente dos historicistas, Febvre

---

<sup>495</sup> Ver apêndice C.

<sup>496</sup> Johann Gustav Droysen (1808-1884), foi um filólogo, historiador e teórico da história na Alemanha do século XIX, pertencente a Escola Histórica Alemã.

<sup>497</sup> Wilhelm Dilthey (1833-1911), teólogo, sociólogo, professor e filósofo alemão. Ele é conhecido pela distinção que fez entre as ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e as ciências humanas (*Geisteswissenschaften*).

retém o *Verstehen* como núcleo humanista da história, mas o reinventa dentro de um método ativo, relacional e comunicativo que é a “história-problema”.

O método histórico alemão inscreve-se na continuidade da tradição erudita do século XVIII. O texto abaixo constitui a certidão de nascimento do historicismo, ou seja, de uma história voltada ao particular para tentar dar conta da ação humana. Wilhelm von Humboldt<sup>498</sup> destacava que:

Assemelha-se em certa medida a verdade histórica às nuvens, que só ganham forma a certa distância dos olhos. E é por isso que os fatos históricos, nas circunstâncias particulares e que se encadeiam, são pouco mais do que os resultados tradição e da pesquisa, que concordamos em aceitar como verdadeiro, porque eles mesmos possuem a maior verossimilhança, e se inserem da melhor maneira na conexão com o todo. Mas a simples triagem do que se produziu na realidade pouco mais fornece do que o esqueleto do que aconteceu. Obtemos, assim, a base necessária da história, sua matéria-prima, mas não a própria história. (...) A verdade de tudo o que se produziu baseia-se no acréscimo da parte em que cada fato permanece invisível; o historiador deve, portanto, operar esse acréscimo. Considerado esse lado, ele tem uma atividade autônoma e até criadora (...). O historiador que não alcança em sua exposição a verdade do que se produziu senão completando e reunindo as peças e as ruínas oferecidas pela observação imediata só pode ser bem-sucedido, como o poeta, pela imaginação.<sup>499</sup>

Essa passagem expressa uma visão historicista e hermenêutica da história e procura explicar que a verdade histórica não é um dado bruto, imediatamente acessível nos fatos, mas uma reconstrução intelectual que depende da mediação, da distância e da imaginação do historiador. A história, longe de ser concebida como cópia do real, é apresentada como uma imitação, à imagem da criação artística e é animada pela ambição de buscar a verdade.<sup>500</sup>

Johan Gustav Droysen afirmava que “a essência do método histórico é *compreender* por meio da *investigação*”.<sup>501</sup> O autor alemão destacava que só conseguimos compreender os fatos históricos porque há uma afinidade entre a nossa natureza e a daqueles que os produziram. Ou seja, entendemos o passado porque somos da mesma espécie, compartilhamos uma estrutura sensível, racional e espiritual semelhante à dos homens e mulheres que viveram antes de nós. Ele afirma que o ser humano expressa o que sente e pensa por meio de formas perceptíveis aos sentidos – palavras, gestos, obras, instituições, textos etc. Essas expressões externas são como espelhos dos processos interiores. Assim, quando vemos ou lemos uma ação humana, essa

---

<sup>498</sup> Wilhelm von Humboldt (1767-1835), cientista e estadista, fundador da Universidade de Berlim em 1810 é irmão do geógrafo Alexander von Humboldt.

<sup>499</sup> HUMBOLDT apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 77.

<sup>500</sup> Ibid., p. 78.

<sup>501</sup> DROYSSEN, Johann Gustav. **Outline of the principles of history (Grundriss der Historik)**. Translated by E. Benjamin Andrews. Boston: Ginn & Company, 1897, p. 12.

expressão desperta em nós o mesmo movimento interno. Cada indivíduo é um “eu” fechado em si mesmo, mas, ao se expressar (por palavras, gestos, obras), torna-se acessível aos outros. Assim, a história é possível porque homens deixam vestígios compreensíveis – expressões de si mesmos – e o historiador, ao interpretá-las, reconstrói o sentido da experiência humana.<sup>502</sup> No pensamento de Droysen, “compreende-se o individual a partir do todo, e o todo a partir do individual”.<sup>503</sup> O autor afirma que:

Aquele que compreende – por ser, assim como aquele que deve compreender, um “eu”, uma totalidade em si – reconstrói para si a totalidade do outro a partir da manifestação individual, e, ao mesmo tempo, entende a manifestação individual a partir da totalidade do outro. O processo de compreensão é, portanto, tão sintético quanto analítico, tão indutivo quanto dedutivo.<sup>504</sup>

Droysen expressa que a compreensão histórica não é apenas um raciocínio lógico, mas uma fusão viva e criadora entre o espírito do intérprete e o do ser compreendido – um encontro que gera algo novo, como a concepção de uma vida.<sup>505</sup> Em seu entendimento,

O indivíduo é apenas relativamente uma totalidade. Ele compreende e é compreendido apenas como um exemplar e expressão das coletividades das quais faz parte e cuja essência e desenvolvimento ele compartilha, sendo ele próprio apenas uma expressão dessa essência e desse desenvolvimento.<sup>506</sup>

No que tange a outros aspectos sobre a “corajosa busca pela verdade”, na obra I, Febvre afirma que sobre o ingresso de Lutero no convento foram feitas, em abundância, dissertações sem fim e discussões sem conclusão possível. Há também perguntas que não podem ser respondidas e sobre elas, o historiador francês se posiciona veementemente:

*Saber não saber, uma grande virtude. Tentemos praticá-la aqui. E, deixando de lado tantas conjecturas, que não passam de conjecturas, tantas opções e escolhas que não passam de opções e escolhas por preferência, direcionamos nosso esforço para o essencial. Sem nos preocuparmos em reconstituir os círculos que Lutero talvez tenha frequentado, mas cuja influência sobre suas ideias e sentimentos nunca se poderá avaliar, perguntemo-nos simplesmente se é possível fornecer, da história moral e espiritual de Lutero no convento, uma versão plausível. Plausível: desnecessário dizer que seria desonesto empregar qualquer outro termo.*<sup>507</sup>

O autor lida com a verdade ao buscar reconstituir Lutero dentro de seu contexto histórico e sem projetar julgamentos contemporâneos. A verdade é tratada como uma realidade histórica e psicológica a ser interpretada criticamente, e não como uma narrativa heroica.

---

<sup>502</sup> Ibid., pp. 12-13.

<sup>503</sup> Ibid., p. 14.

<sup>504</sup> Ibid., p. 14.

<sup>505</sup> Ibid., p. 14.

<sup>506</sup> Ibid., p. 14.

<sup>507</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, pp. 53-54. (grifos meus).

O biógrafo deseja compreender um destino e o personagem como um homem total, sem medo das contradições. A busca pela verdade sobre Lutero exige coragem para ir além das visões polarizadas: seja a hagiográfica ou a demonizada. No capítulo "Revisões", sugere uma reavaliação crítica das narrativas existentes sobre Lutero, buscando uma compreensão mais autêntica de sua figura e contexto, recusando-se a aceitar verdades prontas e exigindo um mergulho nas suas contradições. Essa obra evidencia uma corajosa busca pela verdade tanto na figura de Martinho Lutero quanto na própria abordagem do autor, uma vez que Febvre vai além de uma simples biografia, buscando compreender o homem por trás do reformador e os motivos que o levaram a desafiar a Igreja. Lucien Febvre rejeita a simplificação da vida de Lutero, buscando a unidade profunda e duradoura de suas tendências, mesmo através de eventos desconcertantes. A obra é uma busca pela verdade histórica e psicológica de Lutero, em vez de um julgamento. A corajosa busca pela verdade também aparece na forma como o biógrafo constrói o biografado e na forma como lida com documentação, pesquisa e trabalhos de outros autores, essas questões serão discutidas nas suas respectivas seções.

Na obra I, quando afirma que saber não saber é uma grande virtude, Febvre relativiza o estatuto do conhecimento histórico. A frase sublinha que o trabalho do historiador não se baseia em certezas imutáveis, mas em uma postura crítica diante das lacunas e das incertezas do passado. Reconhecer o “não saber” não é sinal de fraqueza intelectual, mas de honestidade metodológica: admitir os limites das fontes, das interpretações e da própria compreensão humana diante da complexidade do tempo histórico. Já na obra II, ao dizer que o historiador não é aquele que sabe, é aquele que busca e que nunca temos convicções absolutas quando se trata de fatos históricos, Febvre aprofunda essa mesma postura. O historiador é definido não pelo acúmulo de respostas, mas pelo movimento constante de interrogar, investigar e revisitar o passado. A ideia de “busca” aparece como eixo da prática historiográfica: uma investigação aberta, sempre provisória, que evita o dogmatismo e reconhece o caráter inacabado do saber histórico. As duas formulações convergem para uma mesma ética da pesquisa histórica. Na primeira, Febvre insiste no valor do não saber, isto é, na consciência dos limites do conhecimento. Na segunda, desloca o foco para a busca contínua, caracterizando o historiador como um sujeito em perene questionamento, mais preocupado em compreender do que em encerrar debates com verdades

Assim, entre “saber não saber” e “o historiador é aquele que busca”, o pai dos *Annales* constrói uma visão de história como um campo de interrogações incessantes, onde a virtude está menos em oferecer respostas finais do que em sustentar a abertura do pensamento. Essa

articulação revela o núcleo de sua epistemologia: a história como ciência crítica, antidogmática e profundamente comprometida com a complexidade do real.

Na obra II, Febvre questiona a incredulidade no século XVI, combatendo anacronismos na interpretação de Rabelais e desconstruindo o personagem. O biógrafo rejeita a ideia de que Rabelais era um livre-pensador ateu e argumenta que a incredulidade no século XVI não pode ser interpretada com categorias modernas, para tanto, interpreta o biografado dentro da cultura de sua época, sem projetar nele conceitos modernos. O autor é ainda mais radical na sua busca da verdade: ele discute abertamente os perigos do anacronismo e a necessidade de compreender as formas de crer e duvidar no século XVI segundo as próprias categorias culturais. De uma forma enfática, o autor evita idealizações, pois combate interpretações modernas que idealizam Rabelais como um precursor do livre pensamento moderno. Ele insiste que o personagem era, à sua maneira, profundamente inserido em uma cultura religiosa. Febvre discute como a história das ideias pode ser um campo biográfico e como o conceito de descrença evoluiu ao longo do tempo. A obra evidencia a coragem intelectual de Febvre, uma vez que ele confronta uma tese historiográfica firmemente arraigada até então - a de Rabelais como ateu - ao reformular as perguntas. A verdade, para ele, não é uma convicção absoluta, mas um objeto de incessante busca. A coragem se manifesta na desconstrução de um mito moderno projetado no passado. A desmistificação do ateísmo rabelaisiano não é apenas uma correção factual, mas uma audaciosa reconfiguração da paisagem mental do século XVI.

Na obra III, analisa Margarida de Navarra sem idealizá-la, mostrando suas contradições religiosas, literárias e políticas e questionando as visões reducionistas sobre ela; o autor examina as ambiguidades da personagem sem fixá-la em um único papel. Febvre lida com a verdade, pois trabalha para desmistificar a imagem convencional da biografada como apenas uma “princesa evangélica” ou uma “santa laica”, ele procura revelar uma Margarida ambígua, complexa, inquieta, cujas obras literárias expressam conflitos íntimos e religiosos. O autor evita idealizações e recusa a visão idealizada da rainha como mártir ou heroína da Reforma. O pai dos *Annales* reflete sobre a fusão entre biografia e literatura ao analisar como Margarida se representa em seus escritos. A própria organização do livro, que explora os contornos da obra de Margarida, revela uma busca pela verdade que reside na intersecção entre a vida da autora e a complexidade de sua criação literária, um processo que exige uma imersão corajosa nos meandros do pensamento.

De forma geral, as obras de Febvre são marcadas por uma busca rigorosa e corajosa pela verdade, que vai além da simples compilação de fatos, focando na compreensão profunda dos

contextos e mentalidades históricas. A corajosa busca pela verdade aparece na tentativa do autor em confrontar os registros oficiais com depoimentos pessoais, mostrando a ambiguidade dos fatos; no confronto entre memória e arquivo, uma vez que Febvre reconhece os limites do saber histórico; na narrativa que constantemente contrapõe versões dos fatos, questionando documentos e tradições orais. O biógrafo desafia as lendas e os mitos criados ao redor dos biógrafos e tenta revelar a verdade humana por trás da imagem. Seu trabalho questiona interpretações existentes e mergulha profundamente nos contextos históricos e mentais das épocas estudadas. Sua busca pela verdade não é uma mera acumulação de fatos, mas um processo investigativo que exige audácia intelectual para confrontar interpretações estabelecidas e mergulhar na complexidade das mentalidades passadas.

“É preciso acrescentar que, ao escrever este livro, tivemos uma única intenção: compreender e, na medida do possível, dar a compreender”.<sup>508</sup> “Este livro (...) decido-me a publicá-lo (...) como uma afirmação dessa vontade de compreender e de “fazer compreender” pela qual gosto de definir a função da história, a tarefa fecunda do historiador”.<sup>509</sup> “Je voudrais, une fois de plus, comprendre, et faire comprendre. Comprendre, ramasser, ressaisir, reconstituer, *comprehendere*”.<sup>510</sup> Essas citações têm em comum a intenção de Lucien Febvre em compreender e fazer compreender os assuntos que estão sendo abordados em suas obras. Em todas elas, Febvre enfatiza a importância da compreensão como uma tarefa fundamental da história e do historiador, buscando compreender personagens e eventos históricos que ele está analisando. Essa repetição pode indicar a preocupação constante de Febvre em comunicar de forma clara e acessível seus pontos de vista sobre a história.

As citações também têm em comum a ênfase na compreensão e na comunicação do conhecimento histórico, uma vez que, em cada uma delas, Febvre expressa sua intenção de compreender o passado e torná-lo compreensível aos leitores. A frase “compreender e, na medida do possível, dar a compreender”, na obra I; a afirmação da vontade de compreender e fazer compreender na obra II e a expressão “compreender, ramificar, resgatar, construir, compreender” na obra III, ressaltam o compromisso de Febvre em tornar a história acessível e

---

<sup>508</sup> No próximo capítulo farei uma análise detalhada sobre os usos de “compreender e fazer compreender”. VER: FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 09.

<sup>509</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais.** Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, pp. 35-36.

<sup>510</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane.** 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 11.

significativa. Ao enfatizar a importância da compreensão, ele reafirma o papel do historiador como mediador entre o passado e o presente, ajudando as pessoas a entenderem a complexidade do mundo em que vivem por meio da análise histórica. Compreender e fazer compreender: mais do que um artifício de livrar seu trabalho da alcunha biográfica e romanceada, demonstra ser um compromisso com o tipo de história defendido pelo autor e praticado por muitos de seus contemporâneos, sobretudo aqueles do seu ciclo intelectual.

## ***2.2 Posição do biógrafo no texto***

Considero fundamental apresentar, em ordem cronológica de publicação, os prólogos das obras selecionadas a fim de evidenciar elementos que as relacionem e/ou as distanciem. A análise dos prólogos das três obras escritas pelo mesmo historiador pode ser realizada de várias formas, contudo, optei por uma abordagem que foca tanto no conteúdo quanto na temática. Na medida em que o autor dá pistas nos prólogos de como espera ser lido e mostra suas escolhas, essa observação inicial servirá para me subsidiar no estudo das demais partes das obras. O critério de observação será baseado nas recorrências: existe algo em comum nos padrões observados em Febvre? O historiador tenta reforçar algo? Essas recorrências estão ligadas a um tema particular? Há uma conexão com a biografia moderna? Por que o autor insiste em utilizar certas frases de maneira repetida?

O ponto de partida do presente estudo será o trabalho que realizei anteriormente em minha dissertação, quando investiguei a obra I.<sup>511</sup> Expandirei a análise para as demais biografias e, em seguida, compararei o que o autor fez em cada prólogo. Ancorada no trabalho do historiador François Dosse, do crítico literário francês e teórico da literatura Gérard Genette e do próprio Lucien Febvre, observarei as escolhas de Febvre para estruturar suas obras e no que elas podem contribuir com elementos da biografia moderna. Embora o processo possa, por vezes, parecer exaustivo, devido ao número considerável de trechos a serem expostos, o objetivo é realizar um levantamento detalhado dos percursos seguidos por Lucien Febvre para mapear as conexões entre as passagens presentes nos prólogos, buscando compreender as interrelações e a consistência temática ao longo das obras.

François Dosse salienta que o biógrafo, mais do que em qualquer outro gênero, deve já no início da obra justificar sua escolha e explicitar ao leitor em que essa vida vale a digressão. Ao expor as motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado e retratar-lhe a trajetória, revelando seus objetivos, fontes e método, elabora uma espécie de contrato de leitura com o leitor. Para Dosse, a prática de expor intenções é clássica, contudo, no gênero biográfico assume uma importância singular que a transforma em um rito quase obrigatório. O biógrafo sente a necessidade de se explicar junto aos leitores,

---

<sup>511</sup> GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://shorturl.at/yP9Jg>. Acesso em 29 out. 2023.

de antecipar o que irão descobrir em termos de novas questões e aberturas de arquivos inéditos. Alguns *topoi* são recorrentes entre as exposições de motivos dos biógrafos de personagens históricos, que podem definir seu empreendimento como uma desmistificação da lenda, em nome da verdade histórica ou também podem reduzir o biografado a um pretexto para resgatar um momento, um contexto, uma época.<sup>512</sup> O exercício que consiste em explicitar os motivos pessoais e a relação subjetiva com o tema de pesquisa é, nas palavras de Dosse, de uso corrente entre os historiadores profissionais e, pode ser também que o ensejo seja, para o autor, de se situar frente ao próprio gênero biográfico que durante muito tempo foi objeto de um verdadeiro tabu no círculo dos historiadores eruditos.<sup>513</sup> Lucien Febvre segue esse rito nas três obras analisadas, em todas pode-se perceber esses movimentos por sua parte. Quando Febvre segue o rito de justificar as intenções das obras, reforçando não se tratar de biografias, estaria alinhando-se à postura de desprezo do biográfico entre os historiadores eruditos.

O próprio Henri Berr, ao resenhar a obra I em 1929, afirmou que naqueles tempos, na França, a biografia estava “muito na moda”, existindo vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres.<sup>514</sup> Ao definir a escrita de Febvre como “biografia psicológica” a fazia para evidenciar que o trabalho de seu amigo não era um romance, pois era baseado em um conhecimento mais rico e confiável que excedia a maioria dessas histórias singularmente perigosas que, muitas vezes, não passavam de falsificação.<sup>515</sup> Essa rejeição, ainda em voga nos períodos em que Lucien Febvre escreveu os prólogos contribuiu para que o autor mantivesse a sua postura em não ceder às classificações biográficas. Também a negativa do autor de que seu livro seja um trabalho do gênero, mostra a recepção que as biografias, bem como a relação com a história romanceada, tinham na França naqueles anos. A continuidade das ideias de Febvre está relacionada ao desprestígio que o gênero portava e com sua associação a uma história romanceada, política, com fortes influências da história que ficaria consagrado a combater, logo, a sua concepção similarmente ajudava a cristalizar as suas opiniões.<sup>516</sup>

O teórico da literatura Gérard Genette chama de prefácio toda espécie de texto liminar, preliminar ou pós-liminar que consiste em um discurso produzido sobre a obra que segue ou antecede. A lista de parassinônimos é extensa, contudo, o autor afirma que o prólogo é uma delas.<sup>517</sup> O prefácio, certamente, nunca é obrigatório.<sup>518</sup> Ninguém é obrigado a ler um prefácio, mesmo que essa liberdade

---

<sup>512</sup> Ibid., p. 207.

<sup>513</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 102.

<sup>514</sup> BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, p. 10.

<sup>515</sup> Ibid., p. 10.

<sup>516</sup> GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social**: a escrita biográfica de Lucien Febvre. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020, p. 127. Disponível em: <https://shorturl.at/yP9Jg>. Acesso em 29 out. 2023.

<sup>517</sup> GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 145

<sup>518</sup> Ibid., p. 146.

nem sempre seja bem-vinda para o autor, muitas notas são dirigidas apenas a *certos* leitores.<sup>519</sup> Cabe destacar que o autor e o editor são (entre outras, juridicamente) as duas pessoas responsáveis pelo texto e pelos paratextos.<sup>520</sup>

Sabe-se que o destinatário do prefácio original é o leitor do texto e suas funções são mostrar “eis por que e eis como você deve ler este livro”.<sup>521</sup> Sua função é garantir ao texto uma boa leitura. O prefácio visa orientar a leitura e colocar o leitor de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura e a maneira pela qual quer ser lido – Febvre, por exemplo, nos prefácios analisados, orienta o leitor sobre como ele gostaria e não gostaria de ser lido. Para tanto, o prefácio pode informar a origem da obra, as circunstâncias da redação, as etapas de sua gênese. A função mais importante do prefácio original consiste, conforme o crítico literário francês, em uma interpretação do texto pelo autor ou uma declaração de intenção. Ao impor ao leitor uma chave interpretativa, o prefácio constitui um dos instrumentos do controle autoral.<sup>522</sup> Pode-se perceber que, nas três obras, Lucien Febvre realiza esse movimento de declarar sua intenção e nos dar um mapa para interpretarmos o seu texto.

“O prefácio fornece o modo de usar o livro”, dizia Novalis.<sup>523</sup> E os próprios conselhos têm todo o interesse de apresentar-se sob o aspecto de informações: por exemplo - no caso em que isso lhe possa interessar - sobre a maneira pela qual o autor quer ser lido.<sup>524</sup> Conforme Genette, deve-se ter em mente, que o aparato prefacial de uma obra pode variar de uma edição para outra e que um mesmo texto pode conter, na mesma edição, dois ou mais prefácios devidos ou atribuídos a públicos diferentes.<sup>525</sup>

Curiosamente, o prólogo de *Gargantua* pode ser considerado o primeiro prefácio moderno, no sentido mais amplo do termo, ou pelo menos no que simbolicamente é consagrado como tal. Nele, o autor já adota uma postura semelhante, transformando-a em seu argumento principal. Entre Rabelais e Paul Valéry (e além deles, é claro), a prática autoral é geralmente menos sutil ou menos equívoca: consiste em impor ao leitor uma teoria particular definida pela intenção do autor, apresentada como chave interpretativa mais segura, e, desse ponto de vista, o prefácio constitui realmente um dos instrumentos do controle autoral.<sup>526</sup>

O maior inconveniente do prefácio é o fato de que ele constitui uma instância de comunicação desigual, e até mesmo desequilibrada, pois nele o autor propõe ao leitor o comentário antecipado de um texto que este ainda não conhece. Por isso se diz que muitos leitores preferem ler o prefácio depois do texto, quando souberem do que se trata. De modo bastante lógico, como a segunda edição de uma obra,

---

<sup>519</sup> Ibid., p. 11.

<sup>520</sup> Ibid., p. 15.

<sup>521</sup> Ibid., p. 176.

<sup>522</sup> Ibid., pp. 170-177.

<sup>523</sup> Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801), foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII.

<sup>524</sup> GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 187.

<sup>525</sup> Ibid., p. 159.

<sup>526</sup> Ibid., p. 197.

em cada uma das seguintes, dirige-se a novos leitores, nada impede que o autor inclua nela um prefácio “posterior” pela data, mas “original” para esses novos leitores, aos quais diria coisas que, por uma razão ou por outra, não julgou, em um primeiro momento, necessárias. Nesse sentido preciso, nunca é tarde demais para prevenir um novo público, e o prefácio posterior pode ser o lugar de expressar uma reflexão tardia.<sup>527</sup>

Essas retomadas aparentemente são raríssimas, pela simples razão que a última frase já deixa entrever: o autor nunca aborda um novo público sem ter antes experimentado mais ou menos profundamente a reação do primeiro - e em particular desse tipo de leitor que quase não se tem oportunidade de reconquistar ou renovar por ocasião de uma nova edição: a crítica. A segunda edição (ou às vezes outra mais distante) era, então, a oportunidade de uma limpeza tipográfica que, para o autor, era vantajoso assinalar.<sup>528</sup> Podemos também destacar a recusa de outras correções além das tipográficas: “Publico novamente este texto (mais ou menos) antigo sem nada mudar nele”, é o que faz François-René de Chateaubriand no caso de *Essai sur les Revolutions*.<sup>529</sup>

*Un destin, Martin Luther*, conta com prólogo à primeira edição francesa escrito em Sèvres, em agosto de 1927; prólogo à segunda edição, escrito em Paris, em 1944 e, posteriormente, uma nota escrita em Paris foi adicionada ao segundo prólogo, em 1951. No prólogo à primeira edição, datado de agosto de 1927, Febvre utiliza uma epígrafe e, em seguida, dispostos em quatro parágrafos, ou, uma página e meia, seu texto indica ao leitor o que se deve e o que não se deve esperar da obra. Febvre apresenta o trabalho com a afirmação de que o texto contido ali não é biográfico. Afirma na primeira linha: “uma biografia de Lutero? Não. Uma *opinião* sobre Lutero, nada mais” (grifo meu).<sup>530</sup> No segundo parágrafo, acrescenta que seu objetivo é:

traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva; mostrar de que maneira, sob a pressão de que circunstâncias, seu impulso inicial teve de esmorecer, e seu traçado original, inflectir-se; colocar assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história: tal foi nosso intuito.<sup>531</sup>

No quarto e último parágrafo, afirma que ao escrever tal livro ele teve uma única intenção: “compreender e, na medida do possível, dar a compreender”, definindo seu trabalho

---

<sup>527</sup> Ibid., pp. 211-213.

<sup>528</sup> Ibid., pp. 213-214.

<sup>529</sup> Ibid., p. 214.

<sup>530</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin**. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 08.

<sup>531</sup> Ibid., p. 08.

como *vulgarização e reflexão* (grifo meu).<sup>532</sup> Solicita que os exegetas qualificados do pensamento luterano reconhecessem uma de suas preocupações mais constantes: a de não empobrecer em excesso, com simplificações brutais, a riqueza de uma obra que, segundo ele “não foi melódica, e sim, à moda de seu tempo, polifônica”.<sup>533</sup>

No prólogo à segunda edição, destaca que ao reler sua obra, primeiro com óculos de míope, mostra que focou em apagar erros, tipográficos e outros. Contudo, com um olhar claro, para enxergar o conjunto da obra do alto e de longe, afirma em 1944: “confesso, para vergonha minha talvez: nada encontrei nele para ser alterado”<sup>534</sup>.

A obra *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais* apresenta duas partes distintas, mas que, em meu entendimento, tem a função de prólogo: a primeira, intitulada “Prefácio” e escrita por Henri Berr; e a segunda, intitulada “Introdução geral” e escrita por Lucien Febvre. Entendo a importância do prefácio de Berr na obra, contudo, uma vez que o objetivo da presente tese é o de analisar o estilo de Lucien Febvre, suas escolhas, permanências e mudanças, optei por analisar somente a introdução geral.

Na obra II, adverte que “o título deste livro não desorienta, portanto, o leitor. (...) A presente obra não é, em outros termos, uma monografia rabelaisiana. É em intenção e em sua ambiciosa modéstia, um *ensaio* sobre o sentido e o espírito de nosso século XVI”<sup>535</sup>, (grifo meu). E continua: “Monografia de um homem, Rabelais? Por maior que fosse esse homem, não a teríamos escrito. Investigação de um método ou, mais precisamente, exame crítico de um complexo de problemas, históricos, psicológicos e metodológicos: isso pareceu valer um esforço de dez anos”.<sup>536</sup>

O pai dos *Annales* afirma que a ambição do livro é

substituir essas fantasias de uma história medíocre – muito frequentemente ditada por preocupações pessoais a homens perdidos no infinito detalhe – por uma concepção mais verdadeiramente humana (o medo é do homem, porém, mais ainda o triunfo sobre o medo) das concepções espirituais de um século heroico.<sup>537</sup>

Sobre a obra, destaca:

este livro, este livro de partes desiguais e que vêm ordenar-se por massas decrescentes: a mais material embaixo, com seu peso crítico; a segunda, já mais leve, no centro; a terceira por cima das duas outras – este livro que, por sua própria estrutura, mostra o que foi a progressão de um espírito – agrada-me que ele ateste, aos olhos do leitor,

---

<sup>532</sup> Ibid., p. 09.

<sup>533</sup> Ibid., p. 09.

<sup>534</sup> Ibid., p. 10.

<sup>535</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 28.

<sup>536</sup> Ibid., p. 35.

<sup>537</sup> Ibid., p. 35.

que não nasceu de uma visão teórica, de uma dessas convicções *a priori* que tanto mal fazem aos nossos estudos. Eu ficaria bem pesaroso se se visse nele a iluminação de um ensaísta, um brilhante esboço, uma improvisação. Ele foi para mim um companheiro desde o distante dia em que, em Estrasburgo, diante de Henri Pirenne, eu confrontava, pela primeira vez, a eloquente teoria de Abel Lefranc até aquele dia em que, cedendo às solicitações de Henri Berr, decido-me a publicá-lo tal qual, como um ato de fê nos destinos do espírito livre, como uma afirmação dessa vontade de compreender e de ‘fazer compreender’ pela qual gosto de definir a função da história, a tarefa fecunda do historiador.<sup>538</sup>

Assegura que o primeiro de seu intuito tenha sido transferir fórmulas do plano da moral para o das crenças, além disso, buscava substituir as fantasias de “uma história medíocre” por uma visão mais autenticamente humana das representações espirituais de um século heroico. Tais eram suas ambições declaradas. Segue afirmando que ficaria bem pesaroso se, nesse livro, fosse percebida apenas a iluminação de um ensaísta ou um brilhante esboço improvisado. O trabalho, para ele, foi um companheiro constante desde o dia em que, em Estrasburgo, diante de Henri Pirenne<sup>539</sup>, confrontou a “eloquente teoria” de Abel Lefranc<sup>540</sup>, até o momento em que, cedendo às solicitações de Henri Berr<sup>541</sup>, decidiu publicar o livro.<sup>542</sup>

O prefácio de *Autour de “L’Heptaméron”*: *Amour sacré, amour profane* é apresentado na seção intitulada “Poser la question”.<sup>543</sup> Já no primeiro parágrafo, Lucien Febvre recorre a uma lembrança de infância, evocando os bons e velhos professores do colégio de Nancy, que costumavam propor aos alunos temas de composição como: “conte tudo o que você sabe sobre Carlos Magno”.<sup>544</sup> Conforme o autor, a fórmula era usada para tudo e para todos, tanto para a história natural como para a história em geral. Considerada “universal”, propõe-se, contudo, que seja antes qualificada como “versátil”, em nome da dignidade científica.<sup>545</sup> Febvre adverte que o leitor não espere encontrar em *Autour de “L’Heptaméron”* uma resposta para uma questão tão grandiosa. Lembra-se de que recusou e ainda recusa a ideia de uma história

---

<sup>538</sup> Ibid., pp. 35-36.

<sup>539</sup> Henri Pirenne (1862-1935), foi um historiador medieval belga. É considerado a inspiração por detrás dos *Annales*.

<sup>540</sup> Abel Lefranc (1863-1952) foi um historiador da literatura francesa, especialista em Rabelais e em temas literários do Renascimento francês. Em 1911 ele era considerado um importante historiador, cujo trabalho sobre João Calvino, Margarida de Navarra e François Rabelais era autoridade em seus respectivos assuntos.

<sup>541</sup> Henri Fernand Berr (1863-1954), foi um filósofo francês. Fundador da *Revue de Synthèse historique* (1900). O seu objetivo ao fundar a revista foi responder aos excessos de erudição e à compartimentação das disciplinas e, em particular, à desconfiança de certos historiadores (como Charles Seignobos) em relação à sociologia e à Émile Durkheim.

<sup>542</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l’incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle**: la religion de Rabelais. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, pp. 35- 36.

<sup>543</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l’Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 07.

<sup>544</sup> Ibid., p. 07.

<sup>545</sup> Ibid., p. 07.

completa<sup>546</sup>, sendo assim, repete mais uma vez a máxima encontrada nas obras sobre Lutero e Rabelais de que seu objetivo é “compreender e fazer compreender”.<sup>547</sup> Desse modo, “o livro se juntará a outros também incompletos”.<sup>548</sup> Reforça que a obra não é e não quer ser um estudo geral sobre Marguerite, nem uma monografia na forma de seus sentimentos religiosos, sua proposta foi *resolver* – se puder – *um duplo enigma*: psicológico e moral ao mesmo tempo.<sup>549</sup>

Febvre argumenta que a questão das crenças religiosas, das instituições e das práticas morais de uma época não se resume à história literária, sendo este um tema que justifica a intervenção de um historiador. Esse é o desafio que o autor pretende explorar com curiosidade legítima e a ambição de resolver. Ele enfatiza que o objetivo do livro não é ser um estudo abrangente sobre Margarida, tampouco uma monografia sobre a natureza de seus sentimentos religiosos. Quanto ao estudo global, Febvre menciona que já existia uma excelente análise desde a publicação das teses de Pierre Jouda<sup>550</sup>, a qual não necessitava ser revisitada ou reelaborada, e se algum dia houvesse necessidade de ajustes, essa tarefa não caberia a um historiador como ele. Destaca também a existência de algumas monografias, segundo ele clássicas, a começar pela mais antiga, a de Abel Lefranc<sup>551</sup>; por isso, não se propõe substituí-lo por um novo estudo, seja ele mais volumoso ou mais detalhado. Na verdade, ele não pretendia estudar Margarida. Simplesmente, ele se propôs a resolver (caso pudesse), “um duplo enigma: tanto psicológico quanto moral”. Daí advêm as “lacunas, as ausências e os silêncios deliberados deste livro”.<sup>552</sup>

O autor destaca que, na primeira parte, disporá sobre Margarida, a cristã: será um esboço livre, com partes deixadas de lado, por parecerem “inúteis aos nosso propósito”. A segunda parte, será dedicada a Margarida, autora do *Héptameron*; nela reaparece a alternância entre análises minuciosas e questões deliberadamente deixadas em segundo plano. Poemas tão relevantes, bem como questões de grande envergadura como as relações de Margarida com o

---

<sup>546</sup> Ibid., p. 07.

<sup>547</sup> Ibid., p. 07.

<sup>548</sup> Ibid., p. 07.

<sup>549</sup> Ibid., p. 19.

<sup>550</sup> Pierre Jourda (1898-1978), foi um professor e pesquisador francês. Recebeu dois prêmio da Academia Francesa. Em 1931 recebeu o Prêmio Thiers (de história e sociologia) por *Marguerite d'Angoulême, duchesse d'Alençon et reine de Navarre (1492-1549)* e em 1964, o Prêmio Saintour (de literatura e de filosofia) pela edição das Obras de Rabelais.

<sup>551</sup> Abel Lefranc (1863-1952) foi um historiador da literatura francesa, especialista em Rabelais e em temas literários do Renascimento francês. Em 1911 ele era considerado um importante historiador, cujo trabalho sobre João Calvino, Margarida de Navarra e François Rabelais era autoridade em seus respectivos assuntos.

<sup>552</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 13.

platonismo, com os pais da literatura italiana, como Dante, Petrarca e Boccaccio, com Calvino, tanto o humanista quanto o heresiarca, e com os “libertinos espirituais” que se opunham a Calvino. Essas questões aparecem nas páginas apenas de modo alusivo. Febvre destaca que isso não se deve “à preguiça, ao descuido, nem à convicção de que nada de novo possa ser acrescentado a interpretações já tornadas clássicas”. Ao deixar de lado esses temas controversos, afirma exercer o seu direito: “o direito do historiador que formula problemas, em vez de se limitar a esgotar inventários”.<sup>553</sup>

Como se configura a posição do biógrafo ao longo das narrativas? Febvre não se mantém invisível como historiador e biógrafo, ele se posiciona ativamente nos textos e guia o leitor com observações, interpretações e juízos críticos. Se apresenta como pesquisador e intérprete ativo, explicando escolhas metodológicas e advertindo contra distorções historiográficas. Além do mais, em diversas passagens escreve em primeira pessoa, comenta suas dúvidas e afirma sua liberdade interpretativa diante da complexidade de Lutero, Rabelais e Margarida. Contudo, a intensidade e a forma dessa presença variam de uma obra para outra.

Na obra I, ele adota um estilo de escrita que também demonstra ser interpretativo, com metáforas e imagens para ilustrar a personalidade de Lutero. Além do mais, confronta diretamente trabalhos anteriores ao dele, tais como o de Friedrich Heinrich Suso Denifle<sup>554</sup>. O autor comenta decisões narrativas e inclui dilemas pessoais o que indica que Febvre assume a autoria e a responsabilidade pelas escolhas interpretativas e pela evolução de sua própria visão sobre Lutero. Sua voz é a da autoridade que orienta a compreensão do “destino” do biografado, sendo a própria decisão de abordar a vida de Lutero sob o prisma de um “destino” uma escolha do biógrafo, que impõe uma lente interpretativa sobre os eventos e escolhe quais os principais pontos evidenciaria, deixando de lado a opção de dar conta da vida do personagem do nascimento à morte. Ele expõe a necessidade de compreender Lutero sem hagiografia ou condenação moral, demonstrando uma postura metodológica crítica e empática. Embora sua presença no texto seja clara, Febvre mantém um equilíbrio entre reflexão pessoal e distanciamento analítico, surgindo como guia do leitor, mas sem invadir a narrativa de forma excessiva.

---

<sup>553</sup> Ibid., p. 13.

<sup>554</sup> Friedrich Heinrich Suso Denifle (1844-1905), foi um presbítero austríaco, historiador medievalista, estudioso do misticismo alemão e de Lutero. Seu considerável estudo em 4 volumes sobre Lutero, publicado em 1904, suscitou um intenso debate intelectual na Europa pré-guerra. Denifle lançou uma nova luz sobre aspectos menos conhecidos da teologia luterana.

O texto sobre Rabelais é repleto de perguntas retóricas e provocações, incentivando o leitor a o conceito de crença no século XVI. A voz de Febvre se impõe não apenas na argumentação, mas também na apresentação de seu método, ao tornar explícitas suas dúvidas, pistas e conclusões; sua presença, torna-se, assim, ainda mais forte e central. As frequentes indagações retóricas e as digressões metodológicas demonstram um autor que não teme expor o processo do pensamento histórico, tornando o leitor cúmplice de sua investigação. Logo na abertura, Febvre declara que deseja alertar seus leitores e explica seu empenho em evitar o anacronismo, que ele considera o maior dos pecados dos historiadores. No prefácio, afirma publicar o livro como “um ato de fé no espírito livre”, reconhecendo as limitações de sua pesquisa e as escolhas feitas no desenvolvimento do estudo.<sup>555</sup> Em diversos momentos, reflete abertamente sobre as dificuldades do historiador e sobre a busca corajosa pela verdade. Esta obra é marcada por uma voz historiadora muito explícita, crítica e confessional, que transforma o autor em parte ativa do processo narrativo uma vez que suas escolhas e questionamentos são compartilhados com o leitor.

Na obra III, Febvre utiliza metáforas para expressar a tensão entre espiritualidade e desejo na vida de Margarida.<sup>556</sup> A posição do autor é a de um mestre que convida o leitor a compartilhar sua jornada intelectual. Ele não apenas narra, mas ensina a maneira de abordar o objeto histórico. Embora questione as interpretações tradicionais e reafirme sua busca pessoal pela compreensão da personagem, sua presença se faz sentir de maneira mais elegante e indireta. Febvre adota um tom mais literário, deixando transparecer sua subjetividade sem transformar-se no centro da narrativa. A reflexão pessoal existe, mas é mais discreta e contida, em consonância com o caráter literário da análise de Margarida de Navarra. Febvre adota uma posição investigativa, crítica e explícita que seu trabalho é o de um historiador que tenta reconstruir a mentalidade de Margarida a partir das obras da própria Margarida.

Em todas as obras, Febvre evoca e menciona autores e fontes que o antecederam e, ao mesmo tempo, procura distanciar-se dessas referências, ao evidenciar que sua realização se inscreve em uma abordagem renovada. As justificativas apresentadas nos prólogos podem ser compreendidas como uma estratégia de afastamento da alcunha biográfica, gênero que, à época, ainda não gozava de prestígio. No entanto, suas escolhas para essa empreitada configuram-se

---

<sup>555</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 36.

<sup>556</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, pp. 140-141.

como características da escrita do gênero biográfico a julgar que o autor segue os principais ritos concernentes ao fazer do biógrafo.

É justamente nesse ponto que a reflexão de Gérard Genette oferece uma chave de leitura esclarecedora. Ao afirmar que orientar o leitor é, antes de tudo, situá-lo e, desse modo, moldar sua posição diante do texto, Genette destaca que com frequência, os autores têm uma ideia bastante precisa do tipo de leitor que desejam alcançar, ou que sabem ser capazes de atingir, assim como daqueles quem procuram se distanciar. Essas definições de público, ou mais precisamente de leitores, não devem, contudo, ser interpretadas de maneira estritamente literal, pois fazem parte de um dispositivo discursivo mais amplo, destinado a enquadrar a leitura e a orientar seus efeitos.<sup>557</sup> Afirma que “às vezes é útil advertir o leitor, sempre por meio do prefácio e por explicitação do índice, sobre a ordem adotada no livro que se tem em mãos”.<sup>558</sup> Contudo, talvez a mais importante das funções do prefácio original consiste em uma interpretação do texto pelo autor, ou, se se preferir, em uma “declaração de intenção”.<sup>559</sup>

Lucien Febvre ao negar que estivesse escrevendo biografias, inicia os livros, utilizando o que Gérard Genette chama de “evasiva elegante”, ou seja, preterição que consiste na arte de escrever um prefácio explicando o que não o fará.<sup>560</sup> Ao orientar a leitura, o autor adverte que seus livros não sejam lidos como uma biografia, ao contrário, ele tenciona ser lido como uma opinião, um ensaio, um trabalho de resolução de um duplo enigma. Entendo que Febvre, ao afirmar que sua obra seria “um pequeno ensaio”, “apenas vulgarização, sem nada de propriamente original”, “reflexão”, “intenção”, faz uso da retórica da modéstia<sup>561</sup>, visando prevenir críticas, neutralizá-las ou mesmo impedi-las.

No prefácio da obra I, Febvre afirma que cumprir seus objetivos em poucas palavras o levou a imensos sacrifícios em prol do Lutero amadurecido de 1517 e 1525 e que seria injusto censurá-lo demasiado pela empreitada de renunciar ao Lutero dos anos da juventude ou o Lutero cansado, que feneceria entre 1525 e 1546. Dialogando diretamente com os críticos, o autor afirma que não deve se desculpar por um erro que não cometeu. Ele justifica brevemente suas escolhas e finaliza afirmando que fez o que desejava. Nessa passagem, o historiador francês

---

<sup>557</sup> GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 189.

<sup>558</sup> Ibid., p. 194.

<sup>559</sup> Ibid., p. 196.

<sup>560</sup> Ibid., p. 207.

<sup>561</sup> *Captatio benevolentiae* é uma expressão da retórica latina que significa literalmente “conquista da benevolência”, muito difundida em todas as literaturas românicas, quando um escritor quer ganhar a simpatia do leitor, interpelando-o no sentido de receber louvor e solidariedade para a causa que está a ser defendida. Ver: Carlos Ceia: s.v. “captatio benevolentiae”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. De Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <https://shorturl.at/Uqm2u>

esclarece sobre as decisões tomadas na redação da obra, utilizando um recurso de persuasão retórica. Torna-se evidente que o autor escolheu focar em um aspecto específico da vida do personagem, praticamente ignorando momentos que, para outros autores e sob distintas abordagens, poderiam ser considerados relevantes.

Na obra II, trata das origens e informa ao leitor que o “trabalho valeu o esforço de dez anos de dedicação”<sup>562</sup>, expõe a relevância do tema e ressalta seu caráter original. Febvre adverte que o livro não se configura como uma monografia rabelaisiana e sim, uma intenção, diferindo-se, assim, de “mais um” estudo, tal qual faziam os “exegetas da Renascença e que copiam uns aos outros”. Mais uma vez, tentando se desvincular de autores, afirma:

precisamente, eu desejaria não copiar meus antecessores. Não por gosto gratuito pelo paradoxal e pelo novo: porque sou historiador, simplesmente, e o historiador não é aquele que sabe. É aquele que procura. E, portanto, se repõe em discussão as soluções estabelecidas, que revisa, quando é preciso, os velhos processos.<sup>563</sup>

Por fim, mais uma vez solicita a benevolência do leitor, quando diz “então ninguém me acusará, (...) utilizo hoje um caminho insólito ao consagrar todo um grande volume ao que se poderia chamar a outra face da crença: a incredulidade.”<sup>564</sup> E assim, afirma que mesmo já tendo escrito sobre os problemas religiosos, agora ele abordará a incredulidade.

Cabe destacar que antes mesmo da publicação sobre Lutero, Febvre já fazia menção sobre “A religião de Rabelais”. Em 1927, em correspondência trocada com Henri Pirenne demonstra que o livro tratará de uma investigação sobre as condições e limites da religiosidade no século XVI:

“A religião de Rabelais” está quase terminada, mas restam ainda 2 capítulos para redigir. Este será um livro bastante bizarro, para dizer a verdade um estudo sobre as condições da vida religiosa no século XVI, na França talvez seja original em algumas partes, interessante para mim em todo caso, e que me mostrou a que ponto nós verdadeiramente ignoramos esta história religiosa de um século sobre o qual tanto escrevemos. Mas sempre do mesmo ponto de vista: católicos contra protestantes, protestantes contra católicos.<sup>565</sup>

A menção de que o livro não se tratava de uma de Rabelais, mas de um estudo das crenças no século XVI também já havia aparecido, quando o autor revela a Pirenne: “ainda

---

<sup>562</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 35.

<sup>563</sup> Ibid., p. 28.

<sup>564</sup> Ibid., p. 28.

<sup>565</sup> FEBVRE, Lucien apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. Tese (doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, p. 214.

estou no Rabelais (que não é Rabelais, você sabe, mas o grande problema das condições e limites do livre pensamento no século XVI.) Isso é apaixonante e infinito”.<sup>566</sup>

Febvre, no prólogo a segunda edição, de 1944, da obra I, confessa que nela nada encontrou para ser alterado. Inicia o texto fazendo um balanço; segundo ele, dezesseis anos se passaram desde que o livro “pequeno no formato, grande pelo tema”<sup>567</sup> veio a público pela primeira vez. E, após a releitura atenta para a reedição, afirma que espera ter apagado erros tipográficos e outros que haviam se esgueirado no texto. Em seguida, esclarece que a obra, até onde ele saiba, só teve críticos favoráveis e que a única censura recebida foi por não ter levado a pesquisa para além de 1525; cabe destacar que o autor já previra tal censura no prólogo de 1927. Adverte que o termo "Retraimento", utilizado como título para a terceira parte do livro, perturbou alguns de seus leitores e para uma maior compreensão, optou em mudar o termo para "Retraimento em si". Contudo, assegura que essas críticas benévolas não o levaram a mudar de ideia sobre o livro em sua totalidade. Entretanto, o autor afirma: “fiz, em 1927, o que queria fazer. Descrevi do melhor modo que pude o jovem Lutero, sua força, seu entusiasmo e tudo o que ele trazia ao mundo sendo ele mesmo. Obstinadamente ele mesmo. Apenas ele mesmo”.<sup>568</sup> Argumenta sobre os motivos de suas escolhas e, dialogando diretamente com os críticos, enfatiza que “não cabe desculpar-me por um erro que não cometi, nem de fato, nem de intenção”,<sup>569</sup> se justifica brevemente sobre suas escolhas e pontua: “foi isso que eu quis fazer”<sup>570</sup> e “Peço desculpas por reeditar este livro na mesma forma que lhe valeu”<sup>571</sup>

Em 1951, uma nota é adicionada no prólogo à segunda edição, sendo estas as últimas palavras do autor sobre sua obra. Afirma que o livro continua tendo suficiente procura para que o editor faça novas reimpressões, destaca que o sucesso da obra não é apenas por conta das reedições, mas também pelo lançamento em outros países. Quando escreveu essa última nota, Febvre já estava com 73 anos e, apesar de só ter falecido cinco anos depois, acredito que devido a sua dedicação a outros projetos, o autor presumisse que não teria mais chances de voltar ao livro, seja pela idade avançada, por outros trabalhos ou pelo motivo que ele repete em todos os prólogos: “não creio ter algum retoque a acrescentar ao texto original. Confiante, entrego-o, mais uma vez, aos leitores e aos críticos”. Nessa nota, Febvre nos mostra que o livro continuava

---

<sup>566</sup> Ibid., p. 215.

<sup>567</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 10.

<sup>568</sup> Ibid., p. 10.

<sup>569</sup> Ibid., p. 11.

<sup>570</sup> Ibid., pp. 10-12.

<sup>571</sup> Ibid., pp. 10-12.

um sucesso, tendo grande procura para que o editor tornasse a reimprimi-lo e finaliza mantendo a sua palavra de não mudança de conduta em relação ao texto.<sup>572</sup> Seguindo o pensamento de Genette, acredito que essas palavras soam como uma última mensagem ao leitor e, ao afirmar que nada encontra no livro para ser mudado, permitindo-se apenas correção gramatical, não objetiva voltar ao mérito de opiniões superadas. Tais passagens se enquadram no tema que Genette chama de “não mudei”<sup>573</sup> nos prefácios tardios, haja vista que a permanência afetiva e da continuidade intelectual é certamente o que marca com mais intensidade o discurso retrospectivo.<sup>574</sup> Para um autor que sabe viver e morrer no tempo, o último prefácio é a hora da cerimônia do adeus e Febvre a aproveitou para manter as suas certezas e convicções.<sup>575</sup>

Pode-se perceber uma recorrência do padrão estrutural dos prólogos: Febvre demonstra como anseia ser lido, tece críticas e poucos elogios aos trabalhos de seus antecessores, mostra suas próprias inovações e tenta se precaver de futuros críticos. Isso cria uma estrutura que conecta os textos e sugere uma continuidade ou unidade entre eles, sobretudo em relação aos posicionamentos do autor e seus objetivos. Demonstrando que, ao menos durante a escrita dos três prólogos analisados, o autor se mantém firme em suas convicções, evidenciando que não mudou.

Observa-se também uma recorrência de temas e interesses, o que sugere que Febvre está enfatizando seu compromisso em compreender figuras históricas complexas, tendo como pano de fundo um determinado contexto temporal. O conteúdo dos prólogos indica que Febvre está interessado não apenas nos eventos históricos, mas também nas personalidades por trás deles.

A recorrência de frases de sentido semelhante destaca a persistência de Febvre em buscar compreensão, sublinhando a importância do questionamento e da investigação contínua na pesquisa histórica. O historiador utiliza essas recorrências para realçar pontos-chave, reforçar ideias e criar uma estrutura narrativa que ajuda na compreensão do leitor. As recorrências estão relacionadas a temas fundamentais de sua reflexão historiográfica, como a exigência de uma abordagem crítica e reflexiva na compreensão da história como uma disciplina em permanente construção. Em suma, os prólogos de Febvre articulam, por meio

---

<sup>572</sup> Ibid., p. 14.

<sup>573</sup> GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 227.

<sup>574</sup> A escolha entre os dois locais do prefácio; preliminar ou pós-liminar, não é neutra. Contudo, muitos autores consideram a localização terminal mais discreta e mais modesta. Genette diz que Walter Scott joga de maneira ambígua com esse efeito de lugar: “como um cacheiro que pede uma gorjeta, peço aqui, diz ele mais ou menos, um último instante de atenção”. Mas acrescenta que as pessoas raramente leem os prefácios, e começam um livro muitas vezes pelo fim. Por isso, este pós-escrito servirá muito bem, para esses leitores, como um prefácio. GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 154.

<sup>575</sup> GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 227-231.

dessas retomadas, uma busca por compreensão e interpretação, estabelecendo vínculos entre os textos e lançando as bases de seu trabalho como historiador.

Na obra I, o prólogo começa com uma reflexão sobre o método histórico e a importância de entender o contexto para compreender o indivíduo. O autor destaca a necessidade de escapar dos estereótipos e preconceito em relação a Lutero e sua época, buscando desmistificar a sua figura e apresentá-lo como um homem complexo e multifacetado, cujas ações são moldadas por seu tempo e circunstâncias. Na obra II, é novamente ressaltada a importância do contexto histórico para compreender a mentalidade e as ações das pessoas do passado. O tema da incredulidade religiosa no século XVI é abordado, especialmente em relação ao pensamento de Rabelais, e como isso reflete as mudanças sociais e intelectuais naquele contexto. A complexidade das crenças religiosas e o papel da dúvida e da crítica na formação da cultura renascentista são destacados. Na obra III, o prólogo discute a dualidade entre o amor sagrado e profano, explorando a interseção entre a religião e a vida cotidiana, e mostrando como as noções de amor se entrelaçam com as práticas religiosas e morais da época. A importância de compreender as obras literárias no contexto de sua produção é sublinhada, com ênfase na necessidade de uma abordagem histórica para interpretar corretamente o seu significado.

Esses três prólogos compartilham várias semelhanças em sua abordagem historiográfica. Em cada um deles, Febvre enfatiza a importância do contexto histórico para compreender adequadamente as figuras e os temas tratados, destacando a complexidade das personalidades históricas para escapar de estereótipos simplistas. Além disso, valoriza a análise dos aspectos sociais, culturais e intelectuais de cada período, enfatizando a necessidade de uma abordagem histórica ampla e contextualizada. No entanto, há distinções significativas entre as obras. Uma vez que foram escritos em momentos diferentes, há especificidades de cada um dos prólogos.

Enquanto na obra I o autor se concentra em uma figura central da reforma protestante, as obras II e III exploram temas mais amplos da cultura e da mentalidade do período renascentista. O primeiro destaca a vida de Lutero e sua relação com o contexto histórico da reforma, os outros dois tratam de questões mais abstratas, conectando-as às transformações culturais do renascimento. Assim, embora todos os prólogos revelem recorrências consistentes por parte de Febvre, as diferenças temáticas e de foco refletem a diversidade de seus interesses e áreas de estudo dentro da história cultural e intelectual.

Nos três livros, Febvre atua como intérprete e guia do leitor, assumindo-se como um intelectual engajado que problematiza explicitamente a própria abordagem historiográfica.

Longe de se ocultar atrás de uma narrativa impessoal, ele se faz presente de modo deliberado, recorrendo com frequência à primeira pessoa do singular para expor seus argumentos, justificar escolhas e criticar leituras concorrentes. Essa presença não é apenas estilística, mas profundamente coerente com sua concepção de história: uma história viva, problematizadora inseparável do gesto interpretativo do historiador.

Nos prólogos, essa concepção se materializa na recusa da neutralidade e na afirmação do historiador como mediador entre o passado e o presente, responsável por interrogar as fontes, formular problemas e orientar a compreensão do leitor. A narrativa é, assim, constantemente enquadrada por uma reflexão metodológica que explicita as intenções do autor e delimita o horizonte interpretativo da obra.

A recusa insistente de Febvre em nomear seus livros como biografias não deve ser lida apenas como preferência metodológica ou precaução epistemológica, mas como um gesto estratégico de posicionamento no campo historiográfico francês, marcado pela desvalorização do gênero biográfico entre os historiadores eruditos. Ao negar o rótulo, Febvre preserva sua autoridade científica no interior do projeto dos *Annales*, ao mesmo tempo que mobiliza amplamente procedimentos biográficos.

Observa-se, ao longo do conjunto, uma variação na intensidade dessa presença autoral: de uma intervenção mais equilibrada na obra I, passa-se a uma atuação fortemente metodológica e combativa na obra II, culminando, na obra III, em uma postura reflexiva mais controlada, porém igualmente consciente de seu papel interpretativo. Em todas elas, contudo, Febvre rompe com a figura tradicional do historiador neutro e invisível. Fiel à sua concepção de história como ciência da compreensão, ele se afirma como intérprete, crítico e artesão do conhecimento histórico, empenhado não apenas em compreender o passado, mas em fazer compreender, princípio de que estrutura e dá sentido aos ao longos e ao conjunto de sua escrita histórica.

## **EIXO II: TEXTO**

A análise desloca-se para o plano da escrita, observando a construção e a linguagem das obras. Aqui, o foco é compreender como o texto biográfico se torna espaço de experimentação estética e de fusão entre saberes - o lugar em que história, arte e psicologia se entrelaçam para dar forma à vida.

### 2.3 Narrativa temática e simbólica

Febvre constrói suas narrativas em torno de temas e símbolos que ajudam a desvendar as mentalidades e os significados mais profundos das épocas estudadas. Assim, transcende a cronologia linear, organizando a exposição em torno de temas centrais e significados simbólicos que revelam as estruturas mentais e culturais de uma época.

É precisamente nesse ponto que se impõe uma discussão mais detida sobre o que o próprio Febvre entendia por “mentalidade”. Situar suas biografias em tal perspectiva, exige considerar a gênese e o alcance desse conceito no interior do programa dos fundadores do *Annales*, bem como sua inserção no contexto intelectual francês das primeiras décadas do século XX.

Em 1974, na obra *Faire l'histoire*, o historiador Jacques Le Goff traçou algumas linhas sobre as mentalidades, esta “história ambígua”, que se trata de um estudo das atitudes e comportamentos coletivos, objetos que até então eram desprezados pela história social.<sup>576</sup> Para ele,

a história das mentalidades não se define somente pelo contato com as outras ciências humanas, e pela emergência de um domínio repellido pela história tradicional. É também o lugar de encontro de exigências opostas que a dinâmica própria à pesquisa histórica atual força ao diálogo. Situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral.<sup>577</sup>

A passagem acima explicita uma das características da história das mentalidades: o seu apego ao inconsciente. Nesse sentido, os espaços que as mentalidades se manifestam, ou seja, esse inconsciente coletivo, são múltiplos, e o historiador dispõe de uma ampla variedade de fontes, pois, em última instância, tudo pode servir como vestígio para o estudioso das mentalidades. Evidentemente, algumas fontes se mostram mais adequadas do que outras, como a hagiografia para o estudo da mentalidade religiosa ou os textos literários e as obras artísticas para a mentalidade cultural. Trata-se, portanto, não de uma história centrada em fatos “objetivos”, mas na forma como esses fatos são representados; assim, a história das mentalidades nutre-se, de modo privilegiado, dos registros do imaginário.<sup>578</sup>

Em 1978, o historiador Philippe Ariès sistematizou a trajetória da história das mentalidades, vinculando-a aos fundadores dos *Annales*, como Lucien Febvre e Marc Bloch.

---

<sup>576</sup> NICOLAZZI, Fernando. História das mentalidade e história cultural. **Revista Vernáculo**, v. 1, n.1, 2000, p. 53. Disponível em: <https://shorturl.at/BhP7l>. Acesso em: 11 fev.2026.

<sup>577</sup> Ibid., p. 53.

<sup>578</sup> Ibid., p. 53.

Inspirado pela segunda geração da revista, especialmente Fernand Braudel, ele incorporou a noção de longa duração e o uso da demografia serial. Aplicadas às mentalidades, as séries estatísticas revelariam padrões coletivos antes invisíveis. Assim, comportamentos reiterados ao longo do tempo tornaram-se indícios privilegiados para compreender formas de pensar. Tudo o que é quantificável e repetitivo passa a integrar o campo de análise do historiador. Com isso, amplia-se o escopo da investigação histórica para abarcar o cotidiano e o socialmente perceptível. Desse modo, o interesse pelas mentalidades nasce também da inquietação do próprio tempo presente, o que orienta as perguntas dirigidas ao passado. Para Ariès, a história das mentalidades tem o mérito de relacionar de modo diferente do de seus predecessores os dois tempos da história: o presente, o tempo do historiador, e o passado, o tempo da história propriamente dita.<sup>579</sup>

Michel Vovelle também problematizou a história das mentalidades, examinando-a em sua complexidade e ampliando o campo de reflexão. Em uma comunicação apresentada em 1979, iniciou com a pergunta sobre a existência de um inconsciente coletivo. Mentalidades e relações sociais, o tema do seminário, destacou a ambiguidade que pode indicar tanto articulação quanto a oposição. Isso levanta questões sobre as diferenças entre mentalidade e relação social e sobre a possível anterioridade de uma em relação à outra. Pergunta-se ainda se ambas possuem historicidades próprias e autônomas. Para Vovelle, a história das mentalidades já era, em 1979, uma noção consolidada na França, com forte orientação empírica.<sup>580</sup>

Já para Peter Burke, a ideia de *mentalité* é uma alternativa francesa para a história cultural. Em outras palavras, é o estudo da cultura popular pelas visões de mundo. Em sua abordagem, a realidade é tida como medida por representações e simbolismos. A mentalidade é colocada, então, entre o universo das ideias filosóficas e o universo social em sua materialidade visível.<sup>581</sup> Como lembrou, em 1997, sobre o termo “mentalidade”:

ainda que Durkheim e Mauss tenham empregado ocasionalmente o termo, foi o livro de Lévi-Bruhl, *La mentalité primitive* (1922), que o lançou na França. Assim mesmo, apesar de ter lido Lévi-Bruhl, Marc Bloch preferiu descrever seu *Les Rois thaumaturges* (1924), hoje reconhecido como uma obra pioneira na história das mentalidades, como uma história de representações coletivas (termo preferido por Durkheim), representações mentais, ou mesmo ilusões coletivas. Nos anos 30, Febvre introduziu o vocábulo instrumental intelectual, mas não obteve grande sucesso. Foi Georges Lefebvre, um historiador situado nos limites do grupo dos Annales, que cunhou a frase história das mentalidades coletivas.<sup>582</sup>

---

<sup>579</sup> Ibid., p. 54.

<sup>580</sup> Ibid., p. 55.

<sup>581</sup> Ibid., p. 57.

<sup>582</sup> BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, pp. 131-132.

Tal diferença foi sublinhada por André Bruguière que, em artigo de 1983, apontou concepções distintas da noção de mentalidade em Bloch e Febvre: em Bloch, uma concepção centrada nos fenômenos mentais mais distantes do pensamento refletido, renunciando a história antropológica; em Febvre, uma concepção empenhada em “integrar numa mesma totalidade os fenômenos intelectuais e os fenômenos psicológicos”. Desse modo, mais do que uma oposição estrita, o debate entre ambos revela um campo de tensões fecundas, no interior do qual se delineiam diferentes vias para a análise histórica das mentalidades.<sup>583</sup>

Essas diferenças de ênfase na abordagem das mentalidades e da psicologia histórica não se limitam ao plano teórico, mas encontram prolongamento direto nas escolhas institucionais e nas estratégias intelectuais adotadas por Lucien Febvre ao longo da década de 1930, no período decisivo de consolidação de seu trajeto historiográfico. Após ter sido recusado pela Sorbonne em 1926, Febvre é eleito em 1932 para o *Collège de France*, com a cadeira de história da civilização moderna; nesse período, também é escolhido para dirigir a elaboração de uma *Encyclopédie française*. A partir desses anos, o autor endurece a sua polêmica contra a história historicizante e em particular contra Seignobos. Na década de 1930, a *Encyclopédie* ocupa um lugar importante nas atividades de Febvre e tal dedicação contribui para o seu divórcio intelectual com Henri Berr<sup>584</sup>, que enxerga nela um empreendimento concorrente de suas próprias iniciativas. Durante esse período, Febvre também retoma o objetivo que esteve na gênese dos *Annales*: “derrubar os muros” entre os pesquisadores.<sup>585</sup>

Nesse ínterim, como meta da história, Febvre define reconstruir todo o universo físico, intelectual e moral das gerações passadas.<sup>586</sup> A noção de *outillage mental* (título do primeiro tomo da *Encyclopédie française*, confiado por Febvre a Abel Rey<sup>587</sup>) reflete esse interesse pelas realidades coletivas psicológicas e de sensibilidade.<sup>588</sup> A *outillage mental* segundo Febvre, é formado por todas as ferramentas mentais à disposição dos homens de uma sociedade; essa

---

<sup>583</sup> BRUGUIÈRE, André apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 188.

<sup>584</sup> Henri Fernand Berr (1863-1954), foi um filósofo francês. Fundador da *Revue de Synthèse historique* (1900). O seu objetivo ao fundar a revista foi responder aos excessos de erudição e à compartimentação das disciplinas e, em particular, à desconfiança de certos historiadores (como Charles Seignobos) em relação à sociologia e à Émile Durkheim.

<sup>585</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 153-154.

<sup>586</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>587</sup> Abel Rey (1873-1940), foi um filósofo e historiador da ciência francês influenciado pela sociologia de Very-Brühl.

<sup>588</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 189.

concepção que coloca a existência dessas ferramentas fora de seus empregos pode levar a uma “reificação das funções e dos ensinamentos culturais”.<sup>589</sup>

Cabe ressaltar que surgimento da sociologia, em especial da sociologia durkheimiana, é um acontecimento importante da cena francesa. Émile Durkheim fundou em 1898 a revista *L'Année Sociologique*, que se tornaria o polo de aliança dessa nova corrente que se impôs como representante da sociologia; nela participaram Célestin Bouglé<sup>590</sup>, Maurice Halbwachs<sup>591</sup>, Marcel Mauss<sup>592</sup>, François Simiand, etc.<sup>593</sup> A abordagem de Durkheim caracteriza-se pela vontade de fundar uma ciência social objetiva, inspirada na epistemologia das ciências naturais. O sociólogo também afirma a autonomia dos fatos sociais em relação ao indivíduo, chegando a proclamar que “a mentalidade dos grupos não é a dos indivíduos”.<sup>594</sup>

Em 1903, Simiand já rejeitava o que ele classificou como “história centrada em eventos” ou *histoire événementielle* abrindo o debate que marcou a emergência da proposta da história social dos *Annales* nas primeiras décadas do século XX. Bloch e Febvre tomaram a iniciativa dos *Annales* contra uma historiografia que os incomodava e, uma das armas eficientes para combatê-la, estava na forma das ciências sociais que ganhavam cada vez mais espaço no início do século XX e forneciam material para a crítica a essa historiografia em voga.<sup>595</sup>

François Simiand, principal representante, ao lado de Maurice Halbwachs da sociologia durkheimiana no período entreguerras, constitui uma referência central para Febvre e Bloch, que chegaram a intervir ativamente para que as obras desses autores se tornassem verdadeiros livros “de cabeceira” para os historiadores.<sup>596</sup> Na resenha do curso de economia política de Simiand, Febvre recomenda calorosamente o livro aos historiadores, como uma obra “fundada

---

<sup>589</sup> REVEL, Jacques Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 189.

<sup>590</sup> Célestin Bouglé (1870-1940), foi um influente filósofo e sociólogo francês, colaborador próximo de Émile Durkheim e figura central da escola francesa de sociologia.

<sup>591</sup> Maurice Halbwachs (1877-1945), foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Foi editor dos *Annales de Sociologie*. Em 1944 recebeu uma das maiores honrarias da França, uma Cátedra de psicologia social no Collège de France.

<sup>592</sup> Marcel Mauss (1872-1950), foi um sociólogo e antropólogo, geralmente considerado o “pai da antropologia francesa”.

<sup>593</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 126 – 127.

<sup>594</sup> DURKHEIM, Émile Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

<sup>595</sup> YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 86.

<sup>596</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 181-182.

num poderoso esforço de análise do real”.<sup>597</sup> Bloch, por seu turno, exalta a contribuição de Simiand que lhe parece nesse ponto essencial: a ideia de que a vida social é um caso de representações coletivas, o que é um importante tema durkheimiano. Contudo, é o programa de uma psicologia social de Simiand – e de Halbwachs – que chama particularmente atenção de Febvre e Bloch.<sup>598</sup> A noção durkheimiana de representação coletiva, o projeto de uma psicologia de Charles Blondel<sup>599</sup> e de Henri Wallon<sup>600</sup>, os trabalhos sobre a mentalidade primitiva de Lucien Levy-Bruhl<sup>601</sup>, os trabalhos de psicologia social dos comportamentos econômicos de Simiand, as reflexões de Halbwachs acerca da memória coletiva, são recursos para Febvre e Bloch no estudo dos fatos históricos como fatos de representações coletivas e de mentalidades e, no caso do autor de *Lutero*, para pensar e praticar a história como *psicologia histórica*.<sup>602</sup>

Nesse sentido, situar as biografias de Febvre na história das mentalidades implica reconhecê-las como parte desse momento experimental e interdisciplinar, em que se buscava apreender os limites do pensável em determinada época, isto é, os quadros mentais coletivos que condicionam a experiência histórica. Ao mesmo tempo, o debate posterior mostra que o conceito de mentalidade não permaneceu intacto: ele foi criticado por sua possível tendência à homogeneização das experiências sociais e progressivamente substituído por categorias mais flexíveis, como práticas culturais, representações e linguagens. Essa trajetória historiográfica ajuda a compreender tanto a potência quanto os limites do projeto febvreano.

O conceito de mentalidade em Febvre consistia na tentativa de reconstruir a estrutura mental coletiva de uma época com suas crenças, sensibilidades e categorias de percepção, integrando psicologia e sociologia à história. Essa perspectiva emerge no primeiro momento dos *Annales*, como parte do projeto de renovação da disciplina, mas perde centralidade com a virada estrutural e econômica da segunda geração, sendo posteriormente reelaborada em outras chaves da história cultural.

---

<sup>597</sup> FEBVRE APUD DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 181.

<sup>598</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 181.

<sup>599</sup> Charles Blondel (1876-1939), foi um filósofo, psicólogo e médico francês. Lecionou filosofia e psicologia na Universidade de Estrasburgo. Marc Bloch e Lucien Febvre adotaram o seu conceito de Mentalidade.

<sup>600</sup> Henri Wallon (1879-1962), foi um psicólogo, médico, membro da resistência e político francês. Considerado um dos principais psicólogos infantis, foi diretor de estudos da *École pratique des hautes études (EPHE)* e professor do *Collège de France*. Seu nome está associado ao Plano Langevin-Wallon, uma proposta de reforma do sistema educacional francês (1947).

<sup>601</sup> Lucien Levy-Bruhl (1857-1939), foi um filósofo, sociólogo e antropólogo francês. Foi um dos colaboradores de Émile Durkheim.

<sup>602</sup> DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p.186.

As obras I, II e III são divididas em, respectivamente, três e duas partes. A fim de observar mais detidamente as questões estabelecidas, por uma escolha metodológica, optei em realizar uma análise através dos grandes blocos temáticos presentes na tabela 1. Acredito que ao fazer essa divisão, seja possível captar as escolhas do autor e verificar se há recorrências, afastamentos e influências da biografia moderna, sobretudo com relação ao uso de temas unificadores, detalhes simbólicos, seleção significativa de eventos.

As tabelas 5 e 6 apresentam um panorama geral de como cada obra foi escrita e organizada por Lucien Febvre. Para fins analíticos, ela foi desdobrada em duas tabelas: uma dedicada à parte I das três obras e outra que reúne, conjuntamente, as partes II e III.

Na parte I da obra I, o eixo central recai sobre o contexto histórico e teológico do biografado. Surgem temas como a formação de suas ideias, as críticas dirigidas à igreja e o processo de elaboração de sua doutrina. Febvre dedica-se a realizar um balanço crítico das fontes, da historiografia e dos principais estudiosos que até então se ocuparam do reformador. Observa que, ao longo de três séculos, todos os historiadores, de comum acordo, fossem eles católicos, protestantes ou neutros, concentraram sua atenção na figura, doutrina e obra do “homem-feito” que, em 31 de outubro de 1517, aparece no palco do mundo e obriga seus compatriotas a se posicionar com veemência a favor ou contra ele.

A primeira seção de sua obra é intitulada “De Köstlin a Denifle”, nome de dois autores que biografaram Lutero. Julius Köstlin (1826 – 1902) foi teólogo, protestante alemão, historiador da igreja e cofundador da Associação para a História da Reforma. Friedrich Heinrich Suso Denifle (1844-1905) foi um presbítero austríaco, historiador medievalista, estudioso do misticismo alemão e de Lutero. Lucien Febvre demonstra ter vasto conhecimento do campo dos estudos luteranos e das biografias dedicadas à trajetória de Lutero, o seu interesse pelo monge e pela Reforma pode ser rastreado desde os anos 1919-1922, e ele próprio na seção “nota bibliográfica” de seu livro nos coloca a par desses trabalhos. Conforme o autor, “é um oceano a bibliografia de Lutero. Boehmer, em 1906, falava em dois mil volumes, sem contar artigos, brochuras etc. De lá para cá, a maré subiu formidavelmente. Como não se afogar?”<sup>603</sup>

Na qualidade de uma das figuras mais emblemáticas do século XVI, a vida de Lutero foi narrada, analisada e debatida por diversos autores nos mais diversos tipos de literatura, dentre elas a biografia, sendo assim, Febvre revisa a maneira como o monge vinha sendo

---

<sup>603</sup>FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin**. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 240.

interpretado e apresenta sua crítica aos historiadores que não questionavam adequadamente as fontes. Na obra, Febvre analisa a vida e o universo mental de Lutero por meio dos principais biógrafos que narraram a trajetória do monge, bem como de seus escritos autobiográficos e de sua atuação no contexto alemão. Embora não proponha uma comparação sistemática entre os estudos mobilizados, submete-os a um exame crítico, interrogando a imagem de Lutero que projetam e as opções narrativas adotadas na construção dessa figura histórica.

Na obra II, a parte I é uma das seções mais densas e metodologicamente inovadora. Ela se organiza em torno da questão central: “François Rabelais era ateu?”, mas o que Febvre faz vai muito além de tentar responder sim ou não. Ele transforma a pergunta em um objeto de reflexão sobre o próprio ofício do historiador e sobre os limites de compreensão entre passado e presente. Essa parte do livro também apresenta discussões sobre a imortalidade da alma, as críticas do biografado à igreja e suas reflexões sobre a religião. O historiador dedica-se a reunir e examinar interpretações eruditas sobre o universo rabelaisiano, explorando diferentes aspectos que sustentaram a leitura de *Gargântua* como expressão da irreligiosidade e irreverência. A abertura do livro funciona como uma ampla síntese crítica das interpretações sobre Rabelais, articulando textos de autores do próprio século XVI para discutir se seria possível considerar o personagem um ateu. Além disso, Febvre percorre análises produzidas anteriormente, compondo um panorama historiográfico sobre a figura e a obra do biografado e, nesse sentido, combate a visão de Abel Lefranc, um estudioso das obras de Rabelais do início do século XX, que define o personagem como ateu.

O pronto de partida de Febvre é o falso problema sobre a questão se Rabelais era ou não ateu. Para o biógrafo, essa questão é mal colocada, então ele critica duramente os historiadores do século XIX e início do XX que projetavam sobre o autor de *Gargântua* categorias intelectuais e morais do Iluminismo – liberdade de consciência, ceticismo racional, crítica à Igreja -, como se essas ideias já existissem no século XVI. Para Febvre,

Quando se trata dos homens do século XVI, nem suas formas de raciocinar nem suas exigências de prova são as mesmas que as nossas. Elas não são sequer as formas de raciocínio ou as exigências de prova de seus próprios netos, os contemporâneos de Descartes, Pascal, Huygens e Newton. Ainda não chegou o momento de tratar, de maneira sistemática, dessas grandes questões; mas do estudo que acabamos de realizar, parece resultar, em todo caso, que os homens daquela época, em seu modo de argumentar, não sentiam nem a necessidade imperiosa de exatidão, nem a preocupação com a objetividade que nós temos.<sup>604</sup>

---

<sup>604</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 167.

Destaca que o historiador deve reformular o problema: não se trata de saber se Rabelais acreditava ou não, mas o que significava crer ou duvidar no contexto do século XVI. O núcleo argumentativo é a tese de que a incredulidade radical era praticamente impensável no século XVI. O mundo mental daquela época – o que Febvre chama de *outillage mental* – era permeado por referências religiosas em todos os níveis: a linguagem, o calendário, o espaço público, o direito, a moral e até o vocabulário científico estavam impregnados de teologia. Febvre mostra que não havia, no vocabulário da época, os instrumentos linguísticos e conceituais necessários para formular uma descrença total e, portanto, mesmo a ironia e a sátira de Rabelais permaneciam dentro do horizonte da fé.

Essa parte do livro é um marco fundacional da história das mentalidades, pois Febvre desloca a análise do indivíduo para as ações coletivas do pensamento. Compreender Rabelais, portanto, não é buscar suas convicções íntimas, mas reconstituir as condições históricas que tornavam possíveis certas formas de crer e duvidar. O pai dos *Annales* não absolve nem condena Rabelais: ele o reinsere em seu tempo e mostra que o autor de *Gargântua* não era um “incrédulo”, mas um humanista cristão, crítico dos abusos do clero e das superstições, mas profundamente imerso na cultura cristã. Seu riso e sua ironia não são expressões de ateísmo, mas formas de reforma espiritual e moral. Segundo Febvre, Rabelais é um reformador das consciências, não um destruidor da fé. Com o fim da parte I, Febvre chega a uma conclusão: a história não deve buscar “os descrentes do passado”, mas entender as possibilidades de descrença em cada época. Com isso, ele desloca o foco da biografia individual para a reconstrução das estruturas mentais coletivas.

Na obra III, o foco é a Margarida católica, sua religiosidade e vida cristã, bem como a relação que mantinha com a teologia e a literatura. O biógrafo examina a visão religiosa de Margarida, a adesão ao cristianismo, as influências teológicas que a moldaram e o vínculo estabelecido com os ensinamentos de Paulo e a Reforma. Ou seja, a biografada é examinada sob a ótica de sua religiosidade e das influências espirituais que moldaram sua vida e obra. Febvre busca compreender a complexidade da fé da personagem e o seu envolvimento com o movimento reformista, analisa como Margarida conciliava sua devoção cristã com sua posição na corte e sua produção literária, marcada tanto pela espiritualidade quanto pela vivacidade mundana. O autor também apresenta os dados centrais da biografada: nascida em família nobre, ainda que pertencente a um ramo secundário, vê sua posição se transformar quando o irmão ascende ao trono francês. Com a chegada de Francisco I ao poder, sua vida assume um novo rumo: ela se torna uma colaboradora próxima do rei, desempenhando funções que oscilam entre

a diplomacia e a atuação estratégica nos bastidores políticos. Inserida nos círculos da aristocracia europeia, acaba por se casar com o rei de Navarra. Esta primeira parte estabelece o contexto para entender a religiosidade de Margarida e como ela se reflete em sua produção literária e em seu posicionamento político no turbulento século XVI.

A parte I funciona como foco temático e metodológico: Febvre não pretende aqui narrar a vida inteira de Margarida em ordem cronológica, mas estudar um traço central como chave para compreender certos textos e atos: sua religiosidade. O objetivo é demonstrar que a fé de Margarida – sua prática, discursos e escolhas – deve ser lida dentro do universo da corte e das redes intelectuais em que ela atuou, não como um dado íntimo isolado, nem como um mero rótulo religioso. Febvre utiliza a história das mentalidades, pois parte de problemas e não de simples cronologias, por exemplo, como conciliar devoção e modernidade, ou por que uma senhora de corte pode parecer indiferente a certos assuntos. Conclui que Margarida não é um enigma que se resolve por uma etiqueta; sua cristandade é prática, simbólica e política. Febvre oferece um retrato complexo: uma rainha cristã cujo papel cultural e literário exige leitura contextual.

Quanto à abordagem metodológica, na obra I Febvre adota uma abordagem historiográfica crítica, rejeitando leituras que mostram Lutero como reformador já plenamente formado desde o início. O autor enfatiza a evolução intelectual do personagem, inserindo-o no contexto intelectual e teológico do final do século XV e início do XVI. Para tanto, se apoia tanto em fontes primárias, com os escritos de Lutero, quanto na tradição interpretativa da historiografia alemã e francesa sobre a Reforma. A obra II apresenta uma metodologia crítica, fundamentada na história-problema com a qual o autor rejeita simples interpretações textuais e propõe que a crença ou a incredulidade de Rabelais deve ser analisada dentro do contexto intelectual do século XVI. Os testemunhos históricos, as disputas teológicas e os próprios textos de Rabelais são examinados sempre com atenção quanto ao risco de anacronismo. Essa parte do livro estabelece as bases para a investigação de Febvre, desmontando a ideia de que Rabelais poderia ser classificado como ateu e propondo uma análise mais contextualizada de sua obra. O historiador adota a perspectiva da história das mentalidades<sup>605</sup>, rejeitando interpretações

---

<sup>605</sup> “Nada mostra melhor as dimensões coletivas do indivíduo que o estudo das mentalidades; na verdade, analisar uma mentalidade é analisar um coletivo. Uma mentalidade não é somente o fato de vários indivíduos pensarem a mesma coisa: esse pensamento, em casa um deles, é, de diversas maneiras, marcado pelo fato de que outros o pensam também”. Ver: LE GOFF, Jacques. Mentalidades, uma história ambígua. In J. Le Goff & P. Nora (Orgs.) (1976), História: Novos objetos (pp. 68-83). Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 76.

anacrônicas e simplificadoras, enfatizando que, no século XVI, as categorias de ortodoxia e heresia eram muito mais fluidas do que se costuma pensar. Na obra III, Febvre novamente recusa a biografia tradicional e adota uma abordagem de história-problema, tomando Margarida de Navarra como chave para investigar a relação entre devoção católica e simpatia por ideias reformistas no século XVI. Com base em fontes plurais, o autor busca compreender a personagem em seu contexto cultural e religioso, evitando julgamentos anacrônicos que projetem valores modernos sobre seu tempo.

Os três livros tratam de figuras-chave e suas relações com a Igreja, a doutrina cristã e as mudanças religiosas do século XVI. Os temas centrais giram em torno de identidade religiosa e intelectual de uma figura, colocada questão diante de sua época. As obras apresentam diferentes perspectivas sobre os personagens analisados, sejam contemporâneos, críticos ou revisões historiográficas posteriores. Além do mais, apresentam capítulos temáticos e seguem uma divisão clara em grandes seções, cada uma contendo subdivisões que detalham aspectos específicos do tema. Observei a presença de temas recorrentes ou variáveis, tais como o indivíduo diante da coletividade, a crítica historiográfica e metodológica, o problema da fé e a função ética da história. A relação entre indivíduo e sociedade constitui um eixo permanente.

No que tange ao padrão interpretativo, Febvre repete temas tais como o indivíduo em tensão com seu tempo, a religião como eixo central de compreensão do século XVI e a exigência metodológica de evitar o anacronismo. O que muda é a ênfase dada a cada tema nas obras. Os três trabalhos dialogam e se completam, formando um painel sobre fé, descrença e identidade no século XVI.

O foco da parte II da obra I é o período em que Lutero já rompeu com a Igreja, está consolidando sua doutrina e assumindo um papel central na Reforma. Febvre analisa as decisões doutrinárias, as disputas com Roma, o impacto das 95 teses e a radicalização da figura pública do reformador. Na obra II, o foco dessa parte não é sobre Rabelais em si, mas sobre o problema conceitual da incredulidade no século XVI. Febvre busca evidenciar o quanto o autor permanecia vinculado à crença em Deus. Desenvolve-se, então, uma discussão de caráter teológico e filosófico que aproxima sua obra das inquietações religiosas presentes também em Lutero e em Erasmo. A partir de então, Febvre rejeita a leitura que atribui descrença a Rabelais e o apresenta como um crítico singular da Igreja no tempo da Reforma. Sua investigação apoia-se em um exame minucioso de aspectos da vida cotidiana e do pensamento filosófico renascentista. Na obra III, o foco é na figura de Margarida que escreveu o *Heptaméron* como autora literária, refletindo sobre sua obra como espelho de seu mundo interior, sua religiosidade,

seus valores morais e sua posição como mulher e princesa na Renascença. O foco recai sobre sua produção considerada profana, que provocou reações e escândalos em determinados meios eclesiásticos. Febvre recusa a ideia de ruptura entre a princesa devora e a escritora mundana, para ele, os contos do *Heptaméron* conservam marcas do mesmo horizonte cristão presente na poesia religiosa da personagem. Ao final, sustenta que não se pode falar em abandono da fé pelo fato de Margarida ter escrito textos seculares, ao contrário, a convivência entre religiosidade e a vida profana expressa uma ambivalência típica do século XVI, marcado por intensas tensões espirituais.

Quanto à abordagem metodológica, na obra I, Febvre evita fazer um elogio ou condenação moral do personagem. O biógrafo trabalha com documentos, sermões e cartas de Lutero para reconstruir suas motivações, seu pensamento e os dilemas internos. Também busca compreender o ambiente cultural e as pressões sociais e espirituais que moldaram a atuação do biografado. Há um uso visível de uma história das mentalidades em construção. Na obra II, o autor mobiliza uma grande variedade de fontes históricas, textos jurídicos, filosóficos e religiosos para demonstrar que o vocabulário e os conceitos modernos de ateísmo são anacrônicos no contexto do século XVI. O método apresentado demonstra ser problematizador pois Febvre não faz uma narrativa, mas constrói um raciocínio crítico e historiográfico, essa parte aparenta ser um estudo coletivo das mentalidades religiosas. Na obra III, Febvre combina análise textual e crítica histórica. O *Heptaméron* é interpretado não como um simples conjunto de novelas à maneira de Boccaccio, mas como expressão da subjetividade e das tensões religiosas de Margarida. Febvre faz uma leitura contextualizada onde analisa o que as escolhas de Margarida revelam sobre ela.

*Martinho Lutero, um destino* é a única das três obras que apresenta parte III. O foco dessa parte é o último período da vida de Lutero, marcado por um certo isolamento, reflexões mais pessoais, crises espirituais e recuo em relação à vida pública. É o momento em que o reformador, já consagrado, enfrenta as consequências internas e externas de sua evolução. O autor mantém seu método crítico e contextual, mas a narrativa ganha um tom mais psicológico. A abordagem mistura análise de cartas tardias, sermões, escritos confessionais, e os contrapõe à figura de Lutero construída até então.

Todos os textos trabalham com a fé em crise que pode ser observada na obra I com a liderança política, na obra II com a acusação de ateísmo e na obra III com a conciliação entre fé e mundanidade. Febvre sempre recorre ao contexto social e intelectual: a Alemanha e os camponeses na obra I, filosofia e ciência na obra II e corte e gênero na obra III. Sua preocupação

é não idealizar nem demonizar, mas compreender historicamente os personagens. O autor coloca a questão como dilema inicial – *A maturidade; Crença ou incredulidade? Margarida e o Heptaméron* – e expande em capítulos analíticos que ora narram, ora desmontam acusações ou retomam ideias recorrentes. Em síntese, o pai dos *Annales* repete e varia os mesmos eixos de análise. Em Lutero, a tensão entre fé e poder; em Rabelais, entre fé e descrença e em Margarida, entre fé e vida mundana. O método se mantém: construir dilemas, explorar a documentação e concluir pela complexidade.

#### **2.4 Liberdade de estilo e julgamento**

O biógrafo demonstra uma notável liberdade intelectual e de julgamento, expresso em seu estilo direto e na sua disposição de desafiar interpretações consagradas. Na obra I, a decisão de apresentar uma revisão historiográfica e de se engajar criticamente com historiadores anteriores tais como Köstlin e Denifle ilustra a liberdade de Febvre em reavaliar visões estabelecidas e apresentar seu próprio julgamento analítico. Ele não apenas apresenta a vida de Lutero, mas também a historiografia sobre o monge alemão com tom analítico e profundidade, revelando-se um historiador que não teme questionar e reformular a compreensão de um personagem tão central na história.

Se, na obra I, essa independência se manifesta sobretudo na revisão crítica da tradição historiográfica sobre Lutero, na obra II ela se aprofunda em uma intervenção ainda mais incisiva sobre os modos de pensar o século XVI. A passagem de uma análise centrada na reavaliação de interpretações já consolidadas para uma contestação mais ampla das leituras anacrônicas evidencia a continuidade de um mesmo traço intelectual: a recusa de Febvre em aceitar passivamente explicações herdadas.

Na obra II, Febvre desafia abertamente as interpretações dominantes sobre Rabelais e o século XVI, afirmando uma voz crítica. Seu estilo é direto, argumentativo e, por vezes, polemicamente engajado, o que revela uma confiança em seu próprio julgamento e em sua capacidade de reinterpretar o passado. A força da sua conclusão sobre a impossibilidade do ateísmo no século XVI é resultado de uma liberdade de pensamento que não se curva a preconceitos ou a leituras anacrônicas.

Entretanto, se na obra II a liberdade de julgamento se afirma principalmente no embate com interpretações históricas e conceituais, na obra III ela aparece deslocada para o plano das escolhas de composição e método. Assim, a continuidade entre os textos não está apenas no espírito crítico de Febvre, mas também na forma como esse espírito assume diferentes

expressões: primeiro, na contestação de ideias estabelecidas; depois, na definição autônoma do próprio modo de narrar e investigar.

Na obra III, as declarações do autor sobre suas escolhas metodológicas, como a recusa em ser “completo”, revelam uma liberdade de estilo e julgamento independente. Ele define seus próprios termos para a investigação, priorizando a profundidade sobre a exaustividade linear. A maneira como ele estrutura o livro “em torno” da obra de Margarida, em vez de uma biografia cronológica direta, reflete uma escolha estilística ousada e um julgamento independente sobre a forma de abordar o tema.

Assim, Febvre exerce sua liberdade intelectual, expressa em seu estilo incisivo, sua capacidade de contestar consensos e sua voz autoral assertiva. Essa autonomia, contudo, não constitui apenas um traço individual de temperamento, mas insere-se plenamente no programa historiográfico dos *Annales*, que reivindicava o rompimento com a história tradicional, a crítica às interpretações cristalizadas e a ampliação dos horizontes problemáticos da disciplina. A liberdade intelectual de Febvre, portanto, é ao mesmo tempo expressão pessoal, realização concreta de um projeto coletivo de renovação historiográfica e uma característica de biógrafos modernos.

A liberdade do estilo do biógrafo também se manifesta nos títulos das obras. Em *Martin Luther: un destin*, Febvre adota a fórmula aparentemente clássica da biografia: o nome próprio ocupa o centro. Trata-se de um protocolo editorial comum em que o indivíduo é um eixo narrativo. Contudo, mesmo aí, o projeto não é biográfico no sentido tradicional, pois o autor não busca apenas narrar uma vida, mas compreender como “Lutero se tornou Lutero”, isto é, como uma personalidade religiosa se constitui no interior de um determinado horizonte mental, social e espiritual do século XVI.

Em *Le problème de l'incroyance au XVI siècle: la religion de Rabelais*, embora o nome de François Rabelais apareça, ele é descolado para o subtítulo. O centro do título não é o homem, mas um problema histórico: a incredulidade. A formulação enfatiza a questão coletiva da possibilidade (ou impossibilidade) da descrença no século XVI e não simplesmente a trajetória individual de Rabelais. O nome próprio funciona como via de acesso a uma investigação sobre mentalidades, não como fim em si mesmo. O movimento se radicaliza em

*Autour de l'Heptaméron*, onde o nome de Margarida de Navarra sequer aparece no título. Em seu lugar surge a obra *Heptaméron* como foco analítico<sup>606</sup>.

Essa estratégia nominal constitui uma forma sutil de Febvre escapar ao protocolo biográfico convencional. Ao evitar títulos centrados exclusivamente no nome do indivíduo, ele confere às obras uma roupagem mais historiográfica, alinhada ao programa dos *Annales*: o indivíduo não como herói isolado, mas como ponto de condensação de estruturas mentais, religiosas e culturais de uma época.

## 2.5 Fazer da biografia uma arte

O biógrafo, embora baseado em fontes, cria uma narrativa que também é uma obra de arte, com a qual ele pode explorar diferentes formas de expressão e de experimentação. A abordagem de Febvre, com sua profundidade de análise, argumentação persuasiva e estilo, eleva a biografia a uma forma de arte intelectual. Entendo que o presente tópico dialoga com o tópico que será discutido a seguir, “fusão de gêneros: história, ficção e psicologia”, uma vez que Febvre demonstra que fazer da biografia uma arte significa superar as fronteiras entre os discursos da história, da ficção e da psicologia e organizar essa mistura em um estilo interpretativo que revele os indivíduos em sua complexidade. Nos livros analisados, percebo que a história fornece a base documental e crítica; a ficção fornece o ritmo, a imagem e a estrutura narrativa; a psicologia dá a dimensão interior e vivida da experiência; por fim, a arte biográfica de Febvre é a junção desses três planos.

De acordo com Peter Burke, psicologia histórica foi um termo

usado por Henri Berr em 1900, ao formular o objetivo de sua recém-fundada *Revue de Synthèse Historique*. Bloch descrevia *Les Rois...* (1924) como uma contribuição à psicologia religiosa e alguns de seus últimos ensaios – sobre respostas às mudanças tecnológicas – como contribuições à psicologia coletiva. Febvre defendeu a psicologia histórica num artigo de 1938, publicado na *Encyclopédie française*, e descreveu seu estudo de Rabelais (1942) da mesma forma. Robert Mandrou intitulou seu *Introduction à la France moderne* (1961), baseado em notas deixadas por Febvre, e publicado numa coleção criada por Berr, “ensaio de psicologia histórica”. Mais recentemente, em sua disputa com o termo “mentalidades”, foi o perdedor.”<sup>607</sup>

---

<sup>606</sup> Cabe destacar que a obra foi publicada em 1944 e depois reeditada por diferentes editoras (como a Éditions Gallimard). Em algumas reedições, houve reorganização do título e subtítulo por razões editoriais seja para destacar o tema central (amour sacré/amour profane), seja para enfatizar o objeto histórico-literário (l'Heptaméron). Portando, os títulos encontrados podem ser: *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane* ou *Amour Sacré, amour profane: autour de l'Héptaméron*.

<sup>607</sup> BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 132.

O pioneirismo no uso do termo psicologia histórica tem sido atribuído a Henri Berr que, em 1899, na tese *L'Avenir de la philosophie* afirmou que

O espírito é o produto da história. A história é a concepção do pensamento. Psicologia da humanidade, psicologia dos povos, psicologia biográfica: ensaios diversos se multiplicam. E todas estas concepções aspiram a se fundir, absorvendo a erudição. Há uma psicologia histórica que se elabora, sem ter encontrado sua forma definitiva.<sup>608</sup>

Berr, entretanto, não estabeleceu de modo preciso qual seria o lugar da psicologia histórica em seu projeto intelectual. Ao longo do tempo, recorreu a diferentes expressões como psicologia dos historiadores (1921), historiador psicólogo (1939), psicologia coletiva ou psicanálise (1949) e psicologia genética (1953). Suas ideias repercutiram entre Lucien Febvre e Marc Bloch, que, à frente dos *Annales*, tornaram-se seus herdeiros intelectuais e absorveram tanto o interesse pelas questões psicológicas quanto certa imprecisão conceitual. Bloch, por exemplo, empregou em uma mesma obra os termos: “maneiras de sentir e pensar”, “mentalidade”, “memória coletiva” e “psicologia coletiva”. Já Febvre mobilizou noções como “*outillage mental*” e “psicologia histórica”.<sup>609</sup>

Lutero é apresentado como um homem contraditório, que não se encaixa em uma única categoria. O autor destaca a agressividade do biografado, mas também sua profunda angústia espiritual. Febvre não apenas relata os eventos da vida de Lutero, mas os interpreta à luz de uma história-problema. Ao intitular a obra “um destino”, sugere uma abordagem que busca a tessitura de uma vida em um grande arco narrativo, explorando os eventos não como meros fatos, mas como elementos de uma trama complexa e significativa onde a profundidade psicológica e a contextualização histórica se fundem. A capacidade do biógrafo de capturar a essência da experiência humana de Lutero, suas crises e suas revelações, e inseri-las no grande drama da Reforma, é o que confere à biografia sua dimensão artística.

Rabelais não é mostrado como um descrente absoluto, mas um intelectual inserido em uma sociedade em que a fé e a dúvida coexistiam e Febvre examina como a biografia pode ser um campo historiográfico, sem respostas definitivas. A profundidade da investigação intelectual de Febvre e a força de sua argumentação ao dismantelar crenças estabelecidas, demonstram uma maestria que transcende a mera erudição. O autor mostra a força de sua argumentação e a clareza da exposição, a desconstrução de um mito histórico é conduzida com uma lógica implacável, elevando o livro a uma forma de arte do pensamento histórico. A

---

<sup>608</sup> WAENY, Maria Fernanda Costa. Por uma história da psicologia histórica. (2013). **Memorandum: Memória E História Em Psicologia**, 24, p. 123. Disponível em: <https://shorturl.at/btMEn>. Acesso em: 10 fev. 2026.

<sup>609</sup> Ibid., p. 123.

maneira como o historiador constrói seu argumento, partindo da premissa da anacronia para dismantelar a tese principal é uma demonstração de sua habilidade em arquitetar uma narrativa convincente.

Margarida aparece como uma rainha dividida entre a fé e as exigências do mundo político e literário, o autor discute a fusão entre biografia e literatura ao analisar a obra da rainha de Navarra. A recusa em “compor em história” sugere que a biografia, para Febvre, é mais do que uma mera cronologia ou sucessão de fatos; é uma construção intelectual e narrativa que exige um talento artístico na articulação das ideias. A capacidade do autor de interligar a vida pessoal de Margarida com as nuances de sua obra literária, revelando como uma alimenta a outra, é uma demonstração de sua maestria em transformar a história em uma forma de arte interpretativa.

## ***2.6 Fusão de gêneros: história, ficção e psicologia***

As obras de Lucien Febvre frequentemente incorporam elementos de análise psicológica e uma profundidade interpretativa que se assemelha a outros gêneros. A biografia mostra-se não apenas como um trabalho histórico, mas também uma construção literária e psicológica em que as análises psicológicas e as abordagens narrativas evocam a complexidade da experiência humana.

Nesse sentido, é importante lembrar que, mais do que simplesmente transitar entre diferentes gêneros discursivos, a escolha de Febvre está em consonância com o programa historiográfico das primeiras décadas dos *Annales*, marcado pela interdisciplinaridade e pela ampliação dos horizontes interpretativos da história. Pede que não esqueçamos nunca que a história é a Ciência do Homem; “ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento a condições novas de existência material, política, moral, religiosa, intelectual (...) É aí que a história encontra a Vida”.<sup>610</sup>

No que tange ao fazer da história, Lucien Febvre orienta aos alunos que:

(...) para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. Historiadores, sejam geógrafos. Sejam também juristas e sociólogos, e psicólogos; não fechem os olhos ao grande movimento que, à vossa frente, transforma, a uma velocidade vertiginosa, as ciências do universo físico. Mas vivam, também, uma vida prática. Não se contentem com presenciar da costa, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria. Dentro do barco ameaçado, não sejam como Panurge que se macula de medo varonal, nem mesmo como o bom Pantagruel que se contenta, abraçado ao mastro grande, com levantar os olhos ao Céu e implorar. Arregacem as

---

<sup>610</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, pp. 39-40.

mangas, como Frei João. E ajudem os marinheiros na manobra(...) Entre a ação e o pensamento, não há separação. Não há barreira. É preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde só passam sombras despojadas de substância. É preciso que, no velho palácio silencioso onde ela dorme, vocês penetrem, animados da luta, todos cobertos da poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido – e que, abrindo as janelas de par em par, avivando as luzes e restabelecendo o barulho, despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem, a vida gelada da Princesa adormecida.<sup>611</sup>

Sua escrita e seus procedimentos de análise refletem a recusa das fronteiras rígidas entre história, sociologia, psicologia, geografia e teologia, em favor de uma abordagem que busca apreender os fenômenos históricos em sua complexidade. Assim, o diálogo com múltiplos campos do saber não constitui um recurso ocasional, mas integra um projeto intelectual que visa ampliar os instrumentos da investigação histórica e renovar os objetos e métodos.

A obra I incorpora elementos de análise psicológica ao investigar as motivações internas, lutas e o impacto emocional na vida do reformador, unindo a narrativa histórica a uma profunda exploração psicológica do sujeito. O autor combina recursos literários, análise psicológica e fatos históricos para dar vida ao biografado, dessa forma, esse trabalho é um exemplo de história que se nutre da psicologia. Ao narrar o desenvolvimento do pensamento teológico de Lutero, Febvre o faz também através de sua experiência interior e suas lutas psicológicas, o que confere à biografia uma profundidade que transcende o puramente factual.

A obra II é um exemplo claro da fusão de história com o que poderia ser chamado de psicologia histórica ou “história das mentalidades”. A análise do *outillage mental* investiga profundamente os padrões de pensamento de uma época, conferindo à análise histórica uma dimensão psicológica, uma vez que Febvre não está apenas descrevendo eventos, mas desvendando as estruturas cognitivas e emocionais que tornaram certas ideias possíveis ou impossíveis. A reconstrução do universo mental do século XVI, com suas crenças, superstições e formas de raciocínio, é um exercício que combina rigor histórico com uma profunda incursão no campo da psicologia social.

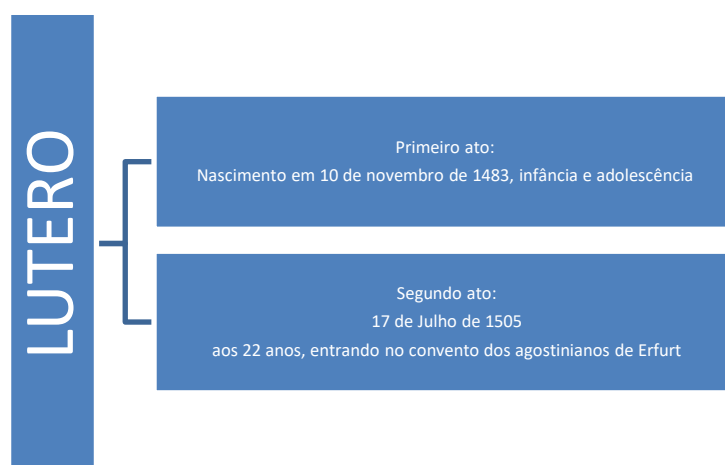
Na obra III, a exploração do “amour sacré, amour profane” mergulha nas motivações e emoções humanas, o que pode ser visto como um estudo psicológico dentro do contexto histórico. Embora seja rigorosamente histórica, a exploração das tensões internas de Margarida de Navarra toca em questões da psicologia humana, da motivação e do conflito interno. A análise de como os contos do “Heptaméron” reflete as preocupações e os dilemas morais de Margarida pode ser vista como uma forma de psicologia histórica aplicada através da literatura.

---

<sup>611</sup> Ibid., p. 40.

A fusão história-ficção-psicologia aparece somente na obra I. Podemos observar a história na contextualização das disputas e tensões políticas/religiosas que moldaram a ação pública de Lutero. Febvre mostra arquivos, ações, depoimentos, escritos de Lutero e um panorama da Alemanha naquela época. A presença da ficção dá-se pela opção do biógrafo em organizar a obra por “atos” e cenas emblemáticas acerca da vida do biografado que são compostas com descrição, ritmo e confronto.

A vida do biografado é classificada da seguinte maneira:



*Figura 3 - Vida de Lutero em dois atos*

Um dos objetivos claros do biógrafo é “traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva”.<sup>612</sup> Essa passagem inscreve-se em uma concepção de biografia que se aproxima do movimento da tragédia aristotélica e sugere que Febvre encena o trágico dentro da escrita histórica. Nesse sentido, a biografia deixa de ser simples relato de feitos e se torna drama de tensões humanas, em que o historiador traça a “curva de um destino” como o poeta trágico constrói o percurso de Édipo ou Antígona: um caminho em que a forma interior do indivíduo se choca com o peso das circunstâncias, revelando a essência da condição humana e, para o historiador francês, da própria história.

---

<sup>612</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther**: un destin. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 08.

Aristóteles afirma que “sem ação não poderia haver tragédia”<sup>613</sup> e argumenta que “é a tragédia a representação duma ação” sendo que a própria finalidade da vida reside na ação.<sup>614</sup> Destaca que

a tragédia é imitação, não de pessoas, mas de uma ação, da vida, da felicidade, da desventura; a felicidade e a desventura estão na ação e a finalidade é uma ação, não uma qualidade. Segundo o caráter, as pessoas são tais ou tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário. Portanto, as personagens não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres graças às ações. Assim, as ações e a fábula constituem a finalidade da tragédia e, em tudo, a finalidade é o que mais importa.<sup>615</sup>

A ação na tragédia geralmente é retratada em íntima relação com o destino do herói, de modo que, atualmente, é difícil alguém se referir à tragédia sem identificá-la com a fatalidade e com a catástrofe que marcam o texto trágico. Eis um esquema trágico comumente observado:

apresenta-nos um personagem em uma determinada situação que desemboca em uma dificuldade, num impasse. Diante de tal aporia, tal protagonista (herói da tragédia) se vê obrigado a tomar uma decisão com a qual seu destino está comprometido, e se vê acuado numa situação delicada, contudo inelutável, diante da qual se vê obrigado a agir. Enquanto a necessidade de agir lhe impõe múltiplas opções, a decisão a ser tomada permanece, em si mesma, contingente. Ao fim de um debate interior, a decisão refletida faz com que o herói, convicto de suas intenções, opte pelo caminho que, infelizmente, o conduz ao seu destino trágico.<sup>616</sup>

O esquema do herói trágico pode ser articulado com a obra I. Febvre divide a trajetória de Lutero em dois atos (figura 3): o primeiro e mais breve, vai do nascimento até a entrada no convento e, o segundo, mais volumoso, se passa no interior deste. O “primeiro ato” começa apresentando Lutero que, aos 22 anos, ia buscar no convento um refúgio contra os males e perigos do século. Nesse momento, Lutero “não trazia em si germe algum da reforma”<sup>617</sup>, contudo, “não tivesse vestido esse hábito menosprezado pelos práticos burgueses, não tivesse vivido no convento por mais de quinze anos, não tivesse tido a experiência pessoal, dolorosa, da vida monástica, ele não teria sido Martinho Lutero”.<sup>618</sup> Conforme o pai dos *Annales*, o Lutero que estivesse permanecido no século, que efetuasse nas universidades seus estudos profanos e obtivesse títulos de jurista, seria tudo, menos o “Lutero da história”, assegura que o “monástico

---

<sup>613</sup> ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução de Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 25.

<sup>614</sup> Ibid., p. 24.

<sup>615</sup> Ibid., p. 25.

<sup>616</sup> CAMPOS, Joyce Neves de. **Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012, p. 25.

<sup>617</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin**. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 17.

<sup>618</sup> Ibid., p. 17.

Lutero” não é uma anedota e, ter desejado ser monge, ter sido intensamente durante anos deixou no homem um sinal indelével que ajuda a compreender a obra.

Lucien Febvre deixa de lado o “hipotético Lutero” do período da juventude, bem como o “cansado, exaurido e desencantado” que foi se apagando a partir de 1525 até morrer em 1546<sup>619</sup>, para concentrar sua biografia no Lutero amadurecido entre os anos 1517 e 1525. O historiador é breve ao comentar sobre o nascimento do monge, e não se preocupa muito em relatar os anos iniciais e finais, acredito que a opção em se dedicar apenas aos anos que compreendem ao “Lutero amadurecido”, seja uma tentativa de abordagem inovadora na narrativa biográfica, haja vista que o estatuto biográfico até então visava interpretar a vida inteira, do nascimento até a morte, do personagem a que se dispunha a narrar.

Em poucas palavras, recorrendo à coletânea *Tischreden*<sup>620</sup>, Febvre escreve sobre os pais do monge que eram mostrados como pobres e rudes e uma infância de Lutero marcada por gritos em casa e castigos na escola, um duro regime para um ser “sensível e nervoso” que, aos quatorze anos, sai da casa dos pais com destino a Magdeburgo à procura de escolas mais eruditas. Mas, perdido nessa cidade desconhecida, é obrigado a “mendigar o pão de porta em porta”, além disso, adoece. Em seguida, dirige-se para Eisenach, onde é negligenciado por parentes, porém, encontra uma alma caridosa: Ursula Cotta, que lhe dá afeto e carinho, tal momento é classificado na coletânea como os primeiros “um pouco mais luminosos” daquela “triste juventude” de Lutero. Em 1501, por ordem de seu pai, parte para Erfurt, onde havia uma universidade próspera e estuda na Faculdade de Artes, tornando-se bacharel em 1502 e mestre em 1505. Contudo, diz Febvre: “a sombra de uma juventude melancólica se projetava sobre um destino que permanecia medíocre”.<sup>621</sup> Destaca que o personagem teve enfermidades graves; um acidente sangrento, o pavor espalhado por uma peste mortífera, o abalo de um relâmpago que por pouco não o matou entre Erfurt e Stotternheim. Essa série de incidentes violentos, diz Febvre, atuando sobre uma “mente inquieta e uma sensibilidade palpitante”, inclinou o futuro herético a uma decisão: desistindo de prosseguir seus estudos profanos, frustrando as expectativas de ascensão social vislumbrada por seus pais, Martinho Lutero foi bater à porta dos agostinianos de Erfurt.

---

<sup>619</sup> Ibid., p. 08.

<sup>620</sup> Ibid., pp. 18-19. De acordo com Febvre, “com base nessa coletânea – sem se dar ao trabalho de criticá-la nem de procurar pelas notas originais, muito mais úteis e sinceras, coletadas ao vivo pelos ouvintes –, foi então incansavelmente composto e recomposto o relato oficial, semilegendário e quase hagiográfico, dos anos da juventude de Martinho Lutero. Todos os homens da minha geração o conheceram.”

<sup>621</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, pp. 19-20.

O “segundo ato” começa com Febvre levando o leitor junto com Lutero para o interior do convento. Lá, Lutero é mostrado como um monge acima do comum que se curvava dócil aos rigores da época. Após entrar no convento para ali descobrir a paz e a certeza da salvação, Lutero só encontrou dúvida e terror. As muitas penitências – mortíferas para o corpo e irritantes para a alma- visavam desarmar a ira de um Deus enfurecido. Acrescenta Febvre: “O menino triste de Mansfeld, transformando no agostiniano escrupuloso de Erfurt, duvidava um pouco mais da própria salvação”.<sup>622</sup> Então, chega a sua vida Dr. Staupitz que, desde 1503 era vigário-geral dos agostinianos de toda a Alemanha. Tem a confiança do monge, o ajuda e mostra a ele o Deus de amor, misericórdia e perdão. E, para arrancá-lo de suas angústias, lançava-o à ação. Em 1502, Frederico III, o Sábio, fundara uma universidade em Wittenberg; Staupitz lá lecionava e no outono de 1508 chamou Lutero e o incumbiu de um curso sobre a Ética de Aristóteles, ao mesmo tempo em que o obrigava a prosseguir seus estudos sagrados na Faculdade de Teologia. Lutero voltaria a Erfurt no ano seguinte, onde continuaria seus estudos e, em 1510, tornar-se-ia bacharel em teologia. Febvre salienta que as crises de desespero se espaçavam, “estava a salvo, ao que parecia. Entretanto, uma nova reviravolta traria tudo à tona outra vez”.<sup>623</sup>

No final de 1510, Lutero viajaria para Roma com o intuito de tratar de assuntos da ordem agostiniana; carregava consigo imensa esperança e motivação. O monge seguia para a Roma dos mártires, residência de Deus, mas o que viu foi a Roma dos Bórgias, do Papa Júlio II. Perturbado, fugiu da “babilônia maldita” e regressou à Alemanha com ódio de Roma, a “Grande Prostituta”, onde vira encarnado os abusos que a cristandade inteira aviltava, viu com toda a nudez a terrível miséria moral da igreja. Nesse momento, segundo Lucien Febvre, “virtualmente, estava feita a Reforma”; já em 1511 o claustro e Roma havia tornado Lutero luterano. Contudo, filho respeitoso, Lutero ainda se calava e esforçava-se para encobrir a vergonha da Igreja.<sup>624</sup>

Com o apoio de Staupitz é nomeado subprior dos agostinianos de Wittenberg e em 1512 vira doutor em teologia. Inaugura dois cursos: um sobre os Salmos (1513-1515) e outro sobre a Epístola aos romanos (1515-1516), funções professorais que desempenharia por quase trinta anos. Febvre afirma que, aos poucos, Lutero vai libertando-se das amarras que o sufocavam e começava a moldar para si mesmo uma teologia pessoal. Como e que teologia? Para o autor,

---

<sup>622</sup> Ibid., p. 21.

<sup>623</sup> Ibid., p. 22.

<sup>624</sup> Ibid., pp. 22-23.

esta é uma pergunta que os historiadores que lhe precederam não procuravam saber a resposta, de acordo com ele, “Kuhn não dedica uma linha sequer, nas 200 primeiras páginas de seu livro, ao registro da progressão, entre 1505 e 1517, das ideias religiosas de Lutero, e, quando surge o caso das indulgências, seu leitor desconhece por completo os sentimentos, já bem estabelecidos da Reforma.”<sup>625</sup> Em 1517, um terrível escândalo rebenta publicamente diante de Lutero: outorgadas por Albrecht de Brandeburgo, indulgências eram pregadas e vendidas com cinismo blasfematório. Com voz vingadora, o monge enfim clamou uma indignação que há muito tempo estava reprimida. E, saturada de abusos, enjoada de vergonhas, extenuada de escândalos, de uma ponta a outra da Alemanha, suas palavras ressoaram furiosamente. Um eco formidável as ampliava e, em poucas semanas, o agostiniano revoltado convertia-se em uma potência. Une a sua voz a de Ulrich Von Hutten e proclama diante de multidões transtornadas, a alegria de viver em um século no qual se mesclavam Renascimento e Reforma. Lutero lançava seu canto de triunfo e libertação aos quatro cantos de uma Europa que, a seu apelo, parecia acordar e surgir dentre os mortos. Por tal empreitada, o monge foi, por muitos séculos, o magnífico arauto do mundo moderno, diz Febvre.<sup>626</sup>

Ao dividir a vida de Lutero em dois atos, o biógrafo está conscientemente construindo uma estrutura dramática e essa divisão ecoa na lógica da tragédia aristotélica em que há uma situação inicial - primeiro ato, Lutero ainda não reformador, em busca de refúgio e salvação; um ponto de virada -, o ingresso no convento, que seria a fuga do mundo, mas se torna o início de seu conflito interior; um processo de reconhecimento -, a descoberta da corrupção em Roma e a revelação interior de sua vocação reformadora; um desfecho trágico -, o confronto inevitável com a Igreja, que o consagra como “herói moderno”, mas também o isola e o condena ao fardo da ruptura.

Assim, Febvre constrói Lutero como um herói trágico, no sentido aristotélico: nem santo nem vilão, mas um homem dilacerado por sua própria decisão, que, ao agir, sela o próprio destino. Se o herói trágico é aquele que, diante da necessidade de agir, toma uma decisão que conduz ao seu destino inevitável, Lutero, ao entrar no convento (ato 1), toma a decisão que o levará à Reforma (ato 2).

A psicologia pode ser vista quando Febvre investiga os conflitos interiores de Lutero: as angústias, sentimento de pecado, convicção. A vida interior do biografado é apresentada

---

<sup>625</sup> Ibid., p. 23.

<sup>626</sup> Ibid., p. 25.

como efeito da intersecção entre estruturas históricas e disposições reais. Há um esforço em compreender Lutero em uma análise psicológica e o autor certifica que o estilo de Lutero é um admirável tema de estudo para um homem que sinta, “um historiador que também seja psicólogo – que saiba e, mais ainda, adivinhe, evoque nessa língua, por essa língua, toda uma era, toda uma época do pensamento: já tão distante de nós”<sup>627</sup>. Expondo obras que admira, Febvre ressalta que, em páginas “belas e inteligentes”, Will Grayburn Moore<sup>628</sup> esboçou as linhas mestras de um estudo literário do estilo de Lutero. Todavia, ainda restava levar a cabo o estudo psicológico, aprofundado, dessa linguagem surpreendente e de sua sintaxe tão pessoal. Lucien Febvre afirma:

“o jeito como esse grosseiro saxão fala do papa e até de Cristo; o jeito como fala de tudo é escandaloso! (...) estudem, porém, o mecanismo de sua fala. Estudem seu estilo, como historiadores, como psicólogos. Transportem-se ao universo mental, explorem o mundo das imagens e pensamentos, redescubram o modo de encadeamento das ideias desse Lutero tão próximo e tão distante, tão fraternal e tão rebarbativo, o Lutero que deixa cantar sua alma rústica”.<sup>629</sup>

Uma das principais características da escrita de Febvre foi fazer a investigação psicológica do seu biografado. Em grande parte da narrativa, o autor recorre à psicologia como forma de análise para descrever a personagem e essa característica analítica encontra-se presente em quase toda a biografia. Descreve a psicologia como conhecimento científico da função mental que deve, necessariamente, estabelecer relações próximas com o conhecimento científico da função social, a saber, a sociologia. Para o autor, entre psicólogos, sociólogos e historiadores, o conhecimento do indivíduo, à primeira vista, estaria em jogo em um debate de competência e atribuição. O autor visava interpretar o monge a partir do que se escreveu sobre ele e, principalmente, sobre o que ele havia escrito de si. Adverte, contudo, que assinalar o progresso do pensamento de Lutero, de texto em texto, do Comentário aos Salmos ao Comentário à Epístola aos Romanos é tarefa irrealizável em um livro como *Martinho Lutero, um destino*, pois não se pode, em poucas linhas, no máximo em algumas páginas, reconstituir, com base nos textos, cuja própria história nem sempre está perfeitamente elucidada, a evolução de um pensamento ainda hesitante. O autor admite que pretende apreender do pensamento

---

<sup>627</sup> Ibid., p. 162.

<sup>628</sup> Will Grayburn Moore (1905-1978) foi um filólogo britânico especializado em literatura românica e estudioso da literatura. Recebeu seu doutorado em 1930 pela Universidade de Estrasburgo, com a dissertação *La Réforme allemande et la littérature française. Recherches sur la notoriété de Luther en France*.

<sup>629</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin**. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 163.

Luterano o que ele tem de essencial sem prender às precisões textuais que para ele seriam falsas.<sup>630</sup>

Na obra II, a história aparece na construção densa do *outillage mental* do século XVI. Exemplos podem ser encontrados quando Febvre relata a onipresença social da religião. O historiador reconstrói como a religião moldava o calendário (festas e jejuns), o ritmo do dia (sinos), as corporações profissionais, a vida familiar, os ritos de passagem e afirma: “pois hoje, escolhe-se. Ser cristão ou não. No século XVI, não havia escolha. Era-se cristão de fato”.<sup>631</sup> Ele mostra que o mundo era estruturado religiosamente e a história aparece como descrição do tecido social concreto. A psicologia coletiva é utilizada, contudo, o pai dos *Annales* não entra em um psicologismo individual de Rabelais, mas redesenha as possibilidades psíquicas de seu tempo. Aqui a ficção está mais contida, pois sua ênfase é em prova e análise.

Na obra III, a história aparece no fundamento documental; há uso sistemático de cartas, correspondências, crônicas de corte e documentos oficiais. Febvre pesa as fontes e distingue testemunho direto de interpretações secundárias. A psicologia é histórica, ao analisar as cartas e silêncios de Margarida, Febvre infere estados afetivos tais como ambivalência, mediação, devoção e prática.

Nas obras II e III não foram identificados recursos à ficção, o historiador permanece no terreno da análise crítica das fontes e da reconstrução interpretativa fundamentada. A demonstração de Febvre foi construída por provas, análise contextual e reconstrução histórica.

Febvre mostra uma atenção à psicologia do biografado, a vontade de compreender motivações íntimas e de montar uma trama interior. Sua ancoragem histórica demonstra ser rígida, pois quando dramatiza, acompanha indicações documentais, notas e limites interpretativos. Ainda que na obra I Febvre jogue mais com a ficção narrativa ao falar em “atos” da vida de Lutero, ele sustenta essa ficção com provas e contextualizações.

---

<sup>630</sup> Ibid., p. 50.

<sup>631</sup> Ibid., p. 334.

## CAPÍTULO III – TRÊS FACES DO SÉCULO XVI: O PROJETO INTELECTUAL DE LUCIEN FEBVRE

*Em todo caso, comparar não é provar; tentemos raciocinar apenas.*<sup>632</sup>

### EIXO III: PERSONAGEM

#### 3.7 Complexidade da personagem

Febvre se dedica a retratar a complexidade e as múltiplas facetas de seus personagens históricos, evitando simplificações. Ele objetiva dar coerência lógica a uma vida polifônica. Os três biografados foram contemporâneos, nasceram no século XV e viveram a maior parte da vida no século XVI (Figura 4).

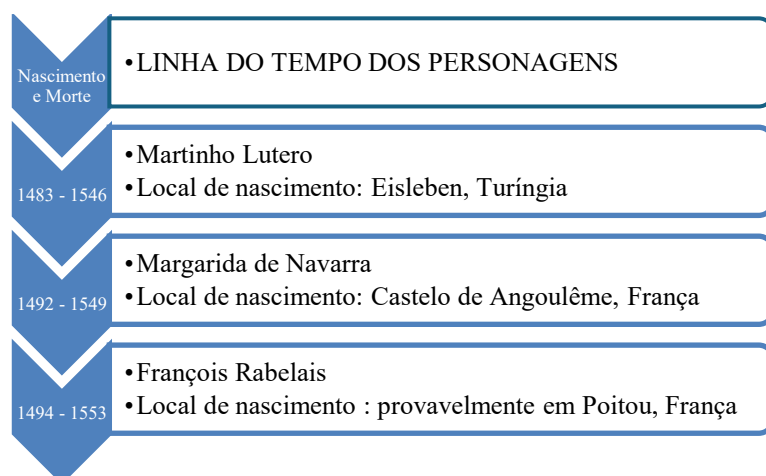


Figura 4 - Linha do tempo dos personagens

A escolha do biógrafo por esses personagens não demonstra ser por acaso, uma vez que o século XVI era seu objeto de estudo. Ele afirma: “penso compreender um pouco nosso século XVI. Creio que se pude dar dele, nalguns aspectos, uma representação plausível, foi porque reagi sempre, com todas as minhas forças, contra à ideia pueril de que ele correspondia a ‘um começo’”.<sup>633</sup> Além disso, o século XVI era para Lucien Febvre uma fonte inesgotável de

<sup>632</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 178.

<sup>633</sup> FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 88.

humanismo, daí a sua curiosidade em se debruçar a fundo para enxergar tudo quanto pudesse desse século privilegiado.<sup>634</sup>

Todos os livros, já nas primeiras páginas, contam com fotos dos personagens (Figura 5). A imagem de Lutero é apresentada antes da primeira parte<sup>635</sup>, a de Rabelais antes da introdução geral<sup>636</sup> e a de Margarida antes da dedicatória<sup>637</sup>. As fotos sugerem a interioridade como ponto de partida, ou seja, compreender o personagem antes das suas ideias, também demonstram um ato da biografia moderna: o ponto em que o olhar do historiador encontra o olhar do biografado.



Figura 5 - Imagens de Lutero, Rabelais e Margarida nos livros I, II e III

Através do personagem Martinho Lutero, principal articulador da Reforma Protestante, Febvre busca entender não apenas sua doutrina, mas como Lutero se tornou Lutero, ou seja, como suas ideias emergem de seu contexto social, político e psicológico. François Rabelais representa o impacto da Reforma e do Humanismo na mentalidade coletiva. O pai dos *Annales* refuta a ideia de que Rabelais era ateu, mostrando que a incredulidade no século XVI não existia nos moldes modernos. Com Margarida de Navarra, rainha humanista, mediadora entre a

---

<sup>634</sup> MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre**: História. São Paulo: Ática, 1978. p. 11.

<sup>635</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther**: un destin. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 15.

<sup>636</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle**: la religion de Rabelais. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 27.

<sup>637</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 03.

Reforma e a monarquia francesa, analisa uma personagem paradoxal que combina religiosidade fervorosa com um pensamento libertino.

Em relação à construção dos personagens, inicia a obra I fazendo uma apresentação do personagem principal e o situando no segundo ato: “na manhã do dia 17 de julho de 1505, um jovem laico transpunha a porta do convento dos agostinianos de Erfurt. Tinha 22 anos. Chamava-se Martinho Lutero”.<sup>638</sup> Poucas páginas depois, o autor apresenta o personagem em seu primeiro ato: “o doloroso quadro de uma infância sem amor, alegria ou beleza”.<sup>639</sup> Afirma que Lutero nasceu, provavelmente, em 10 de novembro de 1483, véspera do dia de São Martinho, na pequena cidade de Eisleben, na Turíngia.<sup>640</sup> Lutero é retratado como um homem de profunda inquietação espiritual, movido por uma busca por certeza e paz interior. Sua trajetória é marcada pela tensão entre o desejo de se submeter à ortodoxia católica e a necessidade de encontrar uma resposta mais satisfatória para o problema da salvação. Esta parte estabelece a base para entender o desenvolvimento do pensamento de Lutero e sua ruptura com a Igreja, apresentando-o mais como um homem atormentado do que como um reformador racionalmente planejado.

A construção de Martinho Lutero revela uma visão multifacetada e humana de sua trajetória. Febvre o constrói como figura trágica e psicológica: infância melancólica, sensibilidade, crises e experiências traumáticas que mostram uma personalidade inclinada à busca obsessiva da salvação. O período no convento e a longa experiência monástica são descritas como formativas e o “monástico” deixa marcas psicológicas que explicam o surgimento do Lutero reformador. Também é apresentado como um ser de conflito: entre corpo e alma, medo e coragem, fé e desespero. Aqui, o drama luterano é o de um homem que busca um Deus de amor e encontra um Deus de cólera. É classificado como homem de alma inquieta<sup>641</sup>, atormentada<sup>642</sup>, ardente<sup>643</sup>, crente angustiado<sup>644</sup>. A vida no convento é descrita como uma escola de dor e de obsessão espiritual e o biógrafo insiste que se Lutero não tivesse vivido essa experiência monástica, não seria o Lutero da história. O biografado também é descrito como um monge escrupuloso<sup>645</sup>, religioso austero, homem de penitência e um espírito

---

<sup>638</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther**: un destin. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 17.

<sup>639</sup> Ibid., p. 19.

<sup>640</sup> Ibid., p. 19.

<sup>641</sup> Ibid., p. 56.

<sup>642</sup> Ibid., p. 56.

<sup>643</sup> Ibid., p. 176.

<sup>644</sup> Ibid., p. 209.

<sup>645</sup> Ibid., p. 203.

acorrentado ao dever<sup>646</sup>. Ao sair do convento e enfrentar Roma, Lutero torna-se o homem da decisão, o herói trágico que enfrenta seu destino.

Febvre se aproxima do espírito da biografia moderna. Ele analisa emoções, medos e impulsos interiores do personagem, usa a infância e as experiências traumáticas para explicar a estrutura emocional do adulto, destaca que “o menino triste de Mansfeld, que se tornava o agostiniano escrupuloso de Erfurt, duvidada cada vez mais da própria salvação”.<sup>647</sup> Lutero é interpretado como um homem de conflito interior e Febvre constrói um personagem trágico e humano, místico e moderno.

A vida e a mente de Lutero também são analisadas por meio dos principais biógrafos que narraram a trajetória do monge, suas escritas de si e as ações na Alemanha. Febvre examina esses estudos, questionando o retrato que pintam do monge e as escolhas que os autores utilizaram para compor essa trajetória. O autor mostra que não havia muitos meios para estudar Lutero e que a vida de Martinho até 1519 era um "simples olhar para trás", lançado tardiamente.<sup>648</sup> Cita um pouco da infância, o encontro com Ursula Cotta - os primeiros quatro anos um pouco sorridentes da triste juventude – a ida para Magdeburgo aos 14 anos, onde mendiga, permanece um ano e volta para a casa dos pais e, em seguida, vai para Eisenach, onde tinha alguns parentes. Destaca também os estudos na faculdade de Artes e a desistência de seguir os estudos profanos ao bater à porta dos agostinianos de Erfurt. Encerra-se, assim, o primeiro ato e o segundo será no interior do convento.

No que tange à descoberta da torre, Febvre ressalta que esta é um dom de Deus que Lutero brandirá alto e que nele todos os homens deverão reverenciar, além do mais, o monge salta de contraste em contraste, passa com facilidade, vivacidade e assustadora ousadia do mais desesperado pessimismo ao mais confiante otimismo, “como apreendemos diretamente a alma inquieta, atormentada, a alma também violenta, excessiva de Martinho Lutero por meio de suas formulações de 1516, 1517!”, exclama o historiador.<sup>649</sup> Lucien Febvre vê nesse movimento prodigioso, nesses assaltos e arroubos tão bruscos que deram ao “sistema” de Lutero, naqueles anos de plena e jovem energia (em 1516, com 33 anos), uma tonicidade, uma robustez e saúde que ele nem sempre conservaria, confessa que sem ela, não saberíamos de onde brotavam a energia viril e a ousadia do lutador de 1517. De acordo com o autor, há quatro séculos vem-se

---

<sup>646</sup> Ibid., p. 207.

<sup>647</sup> Ibid., p. 21.

<sup>648</sup> Ibid., p. 18.

<sup>649</sup> Ibid., p. 56.

repetindo que Lutero não deu muita importância à vida moral; aponta-se, para difamá-la ou deplorá-la, sua hostilidade em relação a qualquer esforço humano, quer para fazer o bem, quer para resistir ao mal. Em um esboço tanto esquemático, afirma Febvre:

“Sabemos quanto deixamos de lado do pensamento tão rico, tão denso de Lutero no início de sua trajetória. Sabemos também que, para traçar uma linha mais ou menos clara, temos de abstrair, a todo instante, uma profusão de traços emaranhados que turvavam e perturbavam a imagem principal. Reconstituir, em dado período de sua vida, a chamada doutrina ou sistema de Lutero é depreender de uma profusão de rascunhos ou esboços parciais uma única tradução, a mais expressiva, do mundo infinito de imagens e representações que ele trazia em si e cuja impetuosa abundância mal lograva disciplinar”.<sup>650</sup>

Entre diversas apresentações, o autor faz escolhas para reconstruir um período da vida do monge. Febvre cita uma passagem que, para ele, é uma impressionante formulação, na qual o escritor, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1947, fundador da Editora *Gallimard* e da *Nouvelle Revue Française*, André Gide (1869-1951) afirma que “para desenhar, é preciso fazer escolhas” e “mas o mais difícil é ter de apresentar situações de confusa simultaneidade como sendo sucessivas”<sup>651</sup>. O pai dos *Annales* reflete sobre quantas vezes os historiadores descuidam da lição que a fórmula de Gide encerra, “como se não houvesse artifício nessa cronologia ‘estritamente objetiva’ de que tanto nos orgulhamos quando, depois de entregar, aos modos de pensar de um Lutero, senhas em consequência, chamamos uma após a outra, metodicamente, como um bom caixa atrás do seu guichê?”<sup>652</sup> Quem era Lutero em 1516? O que se dizia outrora era que ele era odioso dos abusos, desejoso de apuração, reformador do papado; segundo Febvre, esse é o fundamento explicativo que se atribuía a Lutero e, é isso que não existe mais.<sup>653</sup>

Lucien Febvre cita uma comparação que Nietzsche faz do apóstolo Paulo e Lutero: “é sempre que nos espantemos por ter de pronunciar ‘Paulo’ onde, intuitivamente, pensamos ‘Lutero’”<sup>654</sup>. Diz que

Nietzsche traçou o esquema de uma evolução – a curva, firme e flexível, que traduz os movimentos tanto do pensamento como da consciência dos dois homens: o apóstolo e o herético, unidos por laços de uma solidariedade visível, que não é de ordem meramente doutrinária, mas de ordem moral e psicológica<sup>655</sup>.

Finaliza o autor:

---

<sup>650</sup> Ibid., p. 59.

<sup>651</sup> Ibid., p. 179.

<sup>652</sup> Ibid., p. 179-180.

<sup>653</sup> Ibid., p. 60.

<sup>654</sup> Ibid., p. 65.

<sup>655</sup> Ibid., p. 66.

“No momento em que tivermos de, em face do indivíduo, do crente isolado, preocupado apenas consigo mesmo, com sua salvação, com sua paz interior, colocar a massa dos homens, dos alemães daquela época que se apoderando do pensamento, da palavra luterana, deformando-a ao sabor dos próprios desejos e tendências, vão conferir-lhe o seu valor social e sua dignidade coletiva, nesse momento não é supérfluo lembrar Nietzsche: a história do cristianismo é feita de reviravoltas. E mais tarde, quando a psicologia, enfim mestra de seu alfabeto puder ler os homens sem hesitação, apreenderemos, no indivíduo cujo esforço pessoal enceta uma revolução, o perfeito exemplar, o protótipo robusto e franco de um grupo, de uma família de espíritos idênticos e diversos ao longo dos séculos”.<sup>656</sup>

Entendo que Lucien Febvre, ao aproximar a trajetória de Lutero daquela de Paulo, tal como interpretada por Nietzsche, e também ao compará-la às de Erasmo e Calvino, pode ser lido à luz da proposta posteriormente formulada por Giovanni Levi, de que as comparações com outras pessoas cuja vida representa alguma analogia com o biografado, por meio do contexto, é uma forma de preencher as lacunas documentais. De modo semelhante, o autor relaciona a trajetória de Margarida à de Erasmo e Lutero.

Na parte II, Lutero é apresentado como alguém em processo de amadurecimento político, religioso e psicológico. Ele aparece como um homem atormentado, combativo, mas nem sempre coerente, pois muitas vezes é movido mais pela urgência do momento do que por uma doutrina clara. Febvre insiste nas contradições e na impossibilidade de reduzi-lo a um “herói da Reforma”.

O Lutero indignado em Roma, reprimindo a repulsa, mas desenvolvendo em si mesmo uma paixão pela reforma dos abusos da Igreja, está morto para nós, constata Febvre, ele foi substituído por um cristão solitário que muito sofreu e meditou antes de conhecer a própria verdade. Para o historiador,

se é verdade que o caso das indulgências constitui o prelúdio, a abertura do drama da Reforma; se é verdade que ele forma o primeiro elo de uma cadeia que liga Wittenberg a Worms, permitir-se-á que consagremos ao estudo do que é mais do que um simples episódio um espaço justificado pela própria importância, pela importância decisiva nos acontecimentos de 1517.<sup>657</sup>

Faz-se necessário, constata Febvre, reconstituir com mais firmeza a história da crise de Lutero. Entre 1515 e 1516, o monge se apossa de suas ideias pessoais e comunica a sua descoberta aos estudantes de seus cursos, gente simples em suas homilias, teólogos, homens doutos, antigos mestres, êmulos; sendo assim, assume, aos poucos, o papel de chefe de uma escola. Em 1516, revela sua libertação de doutrinas gabrielistas e do aristotelismo, em 1517 preside o debate contra a teologia escolástica e, em setembro, redige as 97 teses que serão o

---

<sup>656</sup> Ibid., p. 66.

<sup>657</sup> Ibid., p. 68.

enunciado das linhas mestras de sua doutrina. O biógrafo analisa que os argumentos de Lutero nesses anos são sinceros.

O que o monge sustentava não era sequer uma “doutrina”, contudo, lamenta Febvre, que sua língua tão pobre o tenha obrigado a adotar termos pouco adequados para defini-la. Em seus protestos e afirmações de 1517, Febvre afirma que Lutero se colocava por inteiro, de corpo e alma, “um homem que nada no mundo faria recuar”.<sup>658</sup>

Nas palavras do autor, as 95 teses reimpressas e traduzidas em língua alemã traziam até Lutero um eco de voz cujo tom e vigor o perturbava: a voz de uma Alemanha inquieta que esperava o sinal de um homem. Febvre comenta que “quem lança um grito nunca sabe que ecos sua voz despertará”, e mostra que em primeiro plano, diante de Lutero, avança o “homem alemão” de 1517, repleto de energias contraditórias, “é ele quem vai, simultaneamente, fazer nascer e abortar a obra original, a obra de um só jorro que um monge trazia em si – e da qual só assinou perante a história uma prova contrafeita”.<sup>659</sup>

A partir do indivíduo, Febvre interpreta a coletividade e a sociedade da época e mescla a importância da conjuntura histórica do momento sem diminuir o protagonismo de Lutero, que fora a voz dessa Alemanha agitada na expectativa de um sinal. Conclui que é difícil saber quem foi mais influente nessa relação, “nesse complexo de fatos, ideias e sentimentos, quem definirá exatamente o que veio da Alemanha para Lutero ou, inversamente, de Lutero para a Alemanha?”.<sup>660</sup>

Esse homem, tal como escreve Febvre, ao afixar em Wittenberg, estava pondo o pé para fora de seu mundinho fechado de monges e teólogos. Estava dando um passo, o primeiro, porém decisivo, rumo a essa Alemanha que descrevemos. Era justamente suas fraquezas que lhe confeririam seu temível poder. Pronuncia o historiador:

Lutero não era mais lógico nem mais sábio que um homem piedoso procurando realizar obras grandes e belas, levar uma vida devota, virtuosa e santa. Era um instinto seguindo seu impulso sem se prender a dificuldades, oposições ou contradições que ele não percebia com sua inteligência, mas conciliava na profunda unidade de um sentimento vivo e dominador. Lutero, nem doutor, nem teólogo: um profeta.<sup>661</sup>

Lucien Febvre menciona que todo estudo de influências coloca um grave problema: “até que ponto o ser humano, o indivíduo cujas ações e reações se trata de explicar, deixou-se tocar,

---

<sup>658</sup> Ibid., p. 82.

<sup>659</sup> Ibid., pp. 82-83.

<sup>660</sup> Ibid., p. 238.

<sup>661</sup> Ibid., p. 100.

em suas partes vivas, pelo jogo das forças maciças que o historiador erige a seu redor?”<sup>662</sup>. Responde que Lutero, em sua viva complexidade, empresta-se a muitos, mas não se dá a ninguém. Não era de surpreender que ele se tenha emprestado, haja vista que ele queria agir e ninguém age sozinho. No entender do historiador,

percebe-se muito bem por que aspectos de sua personalidade, por que traços de sua índole esse homem sanguíneo, violento, essencialmente “povo” e furiosamente mobilizado em seu esforço ia ao encontro das solicitações e justificava a esperança de partidários ansiosos por captar nele uma forma virgem de valor inestimável...<sup>663</sup>

Entre 1517 e 1525, Lutero fala, prega, ataca defendendo-se e, “naquilo que ele faz o teólogo busca uma doutrina, e o historiador, um homem. Um homem às voltas com homens, um homem que é atraído, incitado por amigos e inimigos e que ora resiste, ora deixa-se levar, sempre lutando e lançando-se...”<sup>664</sup>, essa história dramática, repleta e variada, naturalmente “não poderíamos, aqui, contar em detalhe. Nem sequer poderíamos, em tão pouco espaço, descrever suas mais comoventes peripécias”<sup>665</sup>. Aqui há a confirmação de que o Lutero que Febvre deseja pintar é o Lutero homem, em seu meio e, talvez, quanto a isso, a rejeição ao estudo biográfico fosse para não cair na pecha de se enquadrar escrevendo a biografia sobre um “grande homem”.

Nesse momento, o biografado é definido como

Polemista nato, impaciente ante qualquer contradição, indiferente ao escândalo, seu estilo preferido é o salto. Se o alcançam? Em um impulso brusco, ei-lo projetado ao longe, rindo ao ver, lá atrás, os esbaforidos contritos. Alcançam-no novamente? Um novo impulso, este tão violento que o audacioso se vê sozinho, dominado por um estupor, por um pavor que lhe dá prazer.<sup>666</sup>

Quem era Lutero em 1520? Febvre diz que era aquele que enaltecia as mais humildes tarefas, o homem de Deus, o sacerdote que, com as suas mãos, tirava a própria auréola. A pouca preocupação com realizações e o desprezo pelas construções equilibradas transparece com força um dos traços permanentes da genialidade de Lutero. Um reformador ou um condutor de homens? Indaga Febvre. Segundo ele, houve quem negasse o título de reformador ao pai da Reforma, não sem certo fundamento, justifica. Um condutor? Lutero, sem dúvida, atendia ao chamado de seu Deus, no entanto, o que ele pedia, no íntimo, não era para conduzir, mas para ser conduzido e guiado por onde Deus quisesse levá-lo.<sup>667</sup>

---

<sup>662</sup> Ibid., p. 125.

<sup>663</sup> Ibid., p. 125.

<sup>664</sup> Ibid., p. 102.

<sup>665</sup> Ibid., p. 102.

<sup>666</sup> Ibid., p. 126.

<sup>667</sup> Ibid., pp. 139-140.

O autor salienta que as palavras dos homens têm vida própria e se pergunta sobre o que importava o sentido dado por Lutero a esses protestos. Ora, eles já não lhe pertenciam, afirma Febvre. Na multidão que se juntava ao redor de Lutero, cada um deles escutava ao ouvir o monge falar, um som diferente, polifônico. Por detrás de seus atos, cada um colocava os próprios desejos e, por um instante, Lutero satisfazia a todos, no sentido de que todos, ao escutá-lo, podiam seguir acalentando o próprio sonho, imaginando que aquele profeta inspirado e destemido emprestava-lhes sua voz potente. Ilusão de um instante analisa Febvre, não poderia durar.<sup>668</sup>

Lucien Febvre proclama que nós, historiadores, explicamos cautelosamente Lutero com a ajuda de Lutero. Nesse momento, visualiza dois Luteros: um que comparece ao debate de Leipzig carregando na mão um buquê de flores do campo que levava vez ou outra às narinas e outro que se embriagando com palavras violentas, interpelações rancorosas e imagens grosseiras, mergulha em sua paixão, esquece seu objeto, esquece tudo, menos sua força.<sup>669</sup>

Conforme o autor, Lutero não admirava em si mesmo o herói de Worms; se queixava se teria realmente cumprido com dignidade sua missão. Febvre indica que os biógrafos que periodicamente narram a vida do Reformador – alguns de maneira piedosa, outros de modo áspero ou sem parcialidade –, em geral descrevem com rapidez essas longas semanas: resumem-na a um verão inteiro, um outono ou longo inverno, preenchem-na com o trabalho de um Lutero que estuda corajosamente grego e hebraico, traduz a Bíblia, compõe sermões, cartas e tratados. Contudo, ninguém pergunta com que estado de espírito Lutero aceitava a sua reclusão. Febvre deixa transparecer que acredita que o trabalho dos biógrafos quando narram de maneira piedosa, áspera ou sem parcialidade, seja sem uma problemática e crítica definida.

Para Lucien Febvre, quando Lutero se apropria das ideias de outrem, como as mobiliza como suas em toda a acepção do termo – então ocorre uma explosão repentina, um desses saltos bruscos que o autor cita. Eis o hesitante do início, o indeciso, o inquieto ultrapassando cheio de audácia os que o puseram em movimento, esse é o Lutero nessa época. A necessidade de constância e unidade sensível, a necessidade de nada concluir senão pela própria experiência, de experimentar as soluções no fundo de sua fé profunda, é instintiva em Lutero. Febvre diz que ele não mudou, mas o mundo a sua volta está mudando, a Alemanha e seus discípulos, rapidamente e com muita força, para Lutero pouco importa os fatos.

---

<sup>668</sup> Ibid., pp. 149-150.

<sup>669</sup> Ibid., pp. 163-164.

Na parte III, é retratado como um homem envelhecido, teimoso, fechado em suas verdades, mas também frágil e solitário. O autor não idealiza nem demoniza essa fase, ele mostra que a energia revolucionária deu lugar a uma forma de rigidez dogmática e conservadora. O personagem aparece complexo e contraditório até o fim, sem redenções fáceis, o que reforça ainda mais o vínculo com os ideais da biografia moderna. O biógrafo constrói uma narrativa interpretativa baseada em fontes concretas para reconstruir o contexto da época e evita transformar o personagem em um mito ou apenas em um produto das circunstâncias.

Febvre afirma que a história tradicional de Martinho Lutero oferecia uma grande vantagem: a sua simplicidade. Não se atrapalhava com sutilezas; o personagem se erguera contra os abusos, porém, raptado em Wartburgo, perdera a direção do movimento. Sobre isso, anuncia que “alguns energúmenos tinham confundido tudo”<sup>670</sup>, de modo que, para controlar uma situação que se tornava preocupante, ao fazer concessões, Lutero acabara por contradizer-se ou desmentir-se. As pessoas educadas utilizavam a palavra “contradição”, já os adversários falavam em “desmentido”.

Para o autor, já não nos é possível ver no Reformador um arquiteto sem sorte, forçado por maus clientes a alterar seus projetos. A história das relações de Lutero com seus contemporâneos parece ser mais complicada do que parecia a nossos pais. Transformar Lutero em um homem que, ao ver surgirem os contraditores, muda imediatamente de personalidade como uma cobra muda de pele e, à custa de brutal renegação, reassume sua ascendência sobre as massas seria minorar tanto o papel de Lutero como o de seus contemporâneos. Nem ele era capaz de virar a casaca com essa indiferente brusquidão; nem eles, de imitá-lo com tão absoluta plasticidade. Entre eles e ele, entre ele e eles, houve múltiplas trocas, ações, reações.<sup>671</sup>

Lutero retornou rapidamente a Wittenberg devido aos tumultos em Zwickau, onde Thomas Müntzer, apoiado por artesãos, tentou instaurar um “reino de Cristo” sem autoridades, leis ou Igreja, baseado em ideias comunistas. A revolta foi reprimida, mas o caos se espalhou e Melanchthon, sem saber como agir, pediu ajuda a Lutero. Movido pelo dever, e não por medo de rivais, Lutero voltou e, com sua clareza e autoridade, restaurou a ordem pregando por oito dias com simplicidade, força e equilíbrio, reafirmando seu papel de líder espiritual e profético. Em Lutero redescobriram um herói, seu herói.<sup>672</sup> Em uma semana, até os corações mais violentos foram reconquistados e tocados por aquela força serena, e então ele partiu. Viram-no,

---

<sup>670</sup> Ibid., p. 179.

<sup>671</sup> Ibid., p. 180.

<sup>672</sup> Ibid., p. 185.

ouviram-no e sentiram sua força em Altenburgo, Borna, na própria Zwickau, também em Erfurt e em Weimar. Em todo lugar, sucesso, multidões subjugadas, a mesma demonstração de uma força e moderação repleta de autoridade. O magnífico idealismo que animava Lutero se revelava a todos como uma força única de conquista e dominação. Cada viagem equivalia a uma vitória.<sup>673</sup>

O Lutero da tradição era um homem de ação, um reformador e, quando falava, sentiam sua influência, deixavam-se embalar e embriagar por seu belo e cândido otimismo, pela generosidade de um coração transbordante de amor e então, quando ele se calava, questionavam-se na sombra, em silêncio.<sup>674</sup> Febvre em seguida descarta as explicações que nada explicam e volta-se para a sua análise, dizia que Lutero era, sem dúvidas, por suas origens, um pequeno burguês de ideias curtas e por sua longa profissão monástica, um contemplativo. O monge desconhecia tudo do mundo que o cercava; problemas políticos, econômicos, sociais, tanto em 1524 como em 1520, era como se tais questões não existissem. Ensinar essa Palavra, tal como o Senhor lhe dava a conhecer e o obrigava a manifestar: eis sua missão neste mundo, sua única e exclusiva missão. Sofrer, padecer, suportar a injustiça, carregar a sua cruz, isso ele ensina ao cristão: é esse seu destino humano, que ele deve aceitar de coração dócil; ou não será um cristão. Febvre afirma que Lutero vive no mundo, sem dúvida, como homem. É um alemão mergulhado no ambiente alemão, submisso a leis humanas, regido por diversas instituições que pode ter opiniões certas ou erradas, expressas em *Conversas à mesa*, sobre a política dos príncipes, a situação dos camponeses ou sobre a atividade dos banqueiros. Contudo, suas opiniões não importavam, pois não era do reino deste mundo que Lutero tinha de cuidar.<sup>675</sup>

Para Febvre, é fácil ironizar, enfatizar o contraste e a imensa comicidade: aqui, tumulto, urros de ódio, campos repletos de gritos e de raiva, incêndios; ali, o Dr. Martinho Lutero, olhos erguidos para o céu, tocando, do fundo da alma e com as “bochechas inchadas”, como se não visse e não ouvisse outra coisa, sua “melodiazinha de pífaru cristão”. Todavia, não se tem o direito de dizer que Lutero, em um momento de dificuldades, inventa, em 1515, “argumentos farisaicos”, sua doutrina não surge como um expediente da revolta camponesa, Lutero nada está inventando quando clama aos servos que se resignem e aos camponeses que se inclinem em 1525. Mantendo-se fiel às suas próprias teses e princípios teológicos com obstinação, o monge

---

<sup>673</sup> Ibid., pp. 185-186.

<sup>674</sup> Ibid., p. 188.

<sup>675</sup> Ibid., pp. 187-189.

está sendo lógico consigo mesmo: “Lutero, o verdadeiro Lutero, o Lutero de Leipzig, de Worms, de Wartburgo”.<sup>676</sup>

Durante a primavera de 1525, a revolta camponesa não cessou de se estender: aldeias devastadas, castelos arrombados e abadias saqueadas por toda parte. Os príncipes, aos poucos, tinham se organizado e começavam ferozes, as represálias em uma Alemanha devastada, atulhada de ruínas fumegantes. Enquanto isso, Lutero que não era um homem de mudar de opinião diante dos excessos dos camponeses e da amplitude desses tumultos via se afastar dele aquela massa humana que outrora fora profundamente tocada e comovida por suas palavras. Quanto a isso, Febvre afirma “não tentemos fugir, vivamos dentro do século”.<sup>677</sup> A revolta dos camponeses veio como um relâmpago súbito, rasgando as nuvens da ilusão. Com isso, Lutero viu, tal como realmente era, de foice na mão e lança em riste o homem do povo, miserável, inculto e grosseiro. Em Wittenberg, em Worms, em Wartburgo e em Wittenberg novamente, Lutero exaltara-se e exaltara os outros com seu idealismo intransigente.

Febvre, mantendo-se fiel ao seu propósito e atentando-se ao âmbito dos fatos psicológicos, contenta-se em destacar - ainda que para ele esses anos não contenham a mesma densidade histórica - da melhor maneira possível, certas atitudes e reações de Lutero pós-1525. Conforme o autor, alguns exaltados se uniram para destruir sua obra; sua força de propaganda parecia esgotada, contudo, ele não recuou, não começou a “contradizer-se” ou “desmentir-se” de uma vez, ele enfrentou. E, para melhor demonstrar que estava certo e sua opção era a única correta, tal como Cristo que ele pregava que era o único e verdadeiro, opôs-se com veemência àqueles que lhe eram mais próximos. Entre 1523 e 1524, Lutero enfrenta amargas dificuldades, nesse período, o pai dos *Annales* analisa que suas cartas não passam de uma seqüência de queixas; luta como pode, não está sozinho, todos que romperam com Roma e se afastam violentamente da Igreja acorrem a Wittenberg, querem ver “o homem de Worms”, pedir-lhes conselho, apoio, suporte; vem gente da Alemanha, dos países nórdicos, da Inglaterra e até da França; mulheres, freiras fugidas do convento, rejeitadas pela família, pedindo o pão de cada dia, abrigo e, se possível, um emprego àquele cuja voz abalou os claustros. Lutero tem de assistir e alojar essa gente toda.<sup>678</sup>

Lucien Febvre avalia que a amargura do monge aparece também em outras cartas, onde ele relata ter dado tanto de si e não colher mais que indiferença. As coletâneas de *Tischreden*

---

<sup>676</sup> Ibid., p. 197.

<sup>677</sup> Ibid., p. 201.

<sup>678</sup> Ibid., pp. 205-206.

demonstram à profusão naqueles anos: Lutero repisava sua fúria em relação a Erasmo. E o duelo? Erasmo foi quem primeiro cruzou o ferro e, por motivos hoje bem conhecidos, publicou em 1º de setembro de 1524 sua famosa diatribe sobre o livre-arbítrio. Lutero não se deixou enganar, fez questão de proclamá-lo em alto e bom som já nas primeiras linhas de sua réplica e, a partir do momento em que tomou a decisão de escrever, seu pensamento fluiu com uma força, abundância e violência irresistíveis, pois o que estava em jogo era toda a sua concepção da religião. Aplausos e lamentações, porém, passada a fragorosa controvérsia, tiveram de optar: revelou-se impossível, a menos que se traísse um ou outro dos dois inimigos, conciliar fidelidade a Lutero e os seus ensinamentos com a admiração por Erasmo e sua obra, a um só tempo crítica e positiva.<sup>679</sup> Martinho Lutero não se preocupava, simplesmente obedecera ao cego impulso de seu temperamento, ressalta Febvre. Escavado por suas próprias mãos, um novo fosso se abria entre o grupo erudito dos erasmianos e a pequena tropa dos estritos luteranos, cujo chefe, naquele momento, parecia trabalhar antes para reduzir do que para aumentar os efetivos. O chefe? De acordo com o autor, Lutero teria protestado contra esse título e com razão, pois um chefe, um condutor de homens, teria feito de tudo para evitar ou dissimular essas rupturas. Lutero não via como seu idealismo que fora de conquistador, tornava-se de conservador.

Em junho de 1525, casa-se com Catarina de Bora, jovem freira que largou o hábito, e isso depois de tanto ter dito que não se casaria. Escreve a Spalatino em 30 de novembro de 1524:

Pelo que estive inclinado até o momento e ainda estou, não hei de casar-me (...) não que não sinta minha carne e meu sexo; não sou feito de madeira nem de pedra; mas meu espírito não se orienta para o casamento enquanto espero diariamente a morte e o suplício devido aos heréticos (...) estou nas mãos de Deus, como uma criatura cujo coração Ele pode mudar e tornar a mudar, que Ele pode matar ou manter vivo a qualquer hora e qualquer minuto.<sup>680</sup>

Analisa Febvre: “vê-se que pobre tradução da realidade oferecia a história tradicional”<sup>681</sup>, e se indaga o que teria acontecido com a doutrina, ideias e afirmações de Lutero. Diz que o monge se apegava a elas com toda a sua alma, contudo, o biógrafo não teria como anotar tudo, os teólogos já fizeram isso com sutileza e capacidade de captar as nuances fugazes de um pensamento denso em excesso. Febvre toma apenas alguns exemplos dentre os mais evidentes. Nos anos de retraimento, Lutero cada vez mais adotava uma nova concepção de

---

<sup>679</sup> Ibid., pp. 207-209.

<sup>680</sup> Ibid., pp. 210-211.

<sup>681</sup> Ibid., p. 213.

conjunto. A indiferença com que o idealista de 1520 o contemplava já não faz mais sentido depois de 1530. Após 1525, Lutero que outrora só se interessava por aquilo que, no jargão de Febvre, se chama de espontaneidade viva, autonomia criativa, impulso vital e ímpeto interior, agora recorria, com frequência, à imposição mecânica das leis, à ação coercitiva e repressiva das autoridades, à pressão do meio social, a necessidade faz a lei. Quanto aos seus ensinamentos pregressos, Lutero não os renega, por vezes retoma os e repete-os, percebe-se que eles estão vivos em seu coração. Inatos? Nem tanto, afirma o biógrafo. Em outras palavras,

Lutero não é o homem que, consciente das próprias responsabilidades, muda de estratégia diante de uma situação nova, renuncia sem esforço aos projetos anteriores e, sem mais pensar neles, ergue nos ares a construção exigida pelas circunstâncias. É nervoso, inquieto, instável, permanece fechado em si mesmo; mas, diante das dificuldades, dos protestos de uns, dos exageros de outros, da densa estupidez das massas, experimenta súbitas revoltas, fraquezas, iras brutais. E o velho homem ressurgue, o homem comum que se irrita, ameaça, só fala em chicote e chibata.<sup>682</sup>

Como se dizia no século XVI, Lutero falava, escrevia em sua língua, seu “vulgar”, porque era preciso. Entretanto, um grande feito não suficientemente observado é que após 1525, ele praticamente só escreve em alemão; renuncia ao latim, língua universal, língua da elite. Não é à cristandade que ele se dirige, mas à Alemanha apenas, mais específico à Saxônia luterana. O próprio Lutero se assenta pesadamente na vida: casado tem brincadeiras de um típico marido vulgar, aperta em seus braços, sem discrição, sua “querida costela”, sua “imperatriz Ketha”; vêm os filhos e às vezes ele trabalha manualmente para obter alguma renda, torneia, faz jardinagem, mexe com relojoaria; instalado pelo eleitor em seu antigo convento, vive de maneira modesta, brava e digna em meio aos gritos, preocupações, fraldas secando e sujeira de criança. É um homem corpulento que ganha peso, medidas, barriga, a gordura invade a parte inferior de seu rosto. Febvre analisa que o inflamado agostiniano de olhos ardentes, das estampas de 1520 ficou para trás. Ao contemplar os retratos do doutor datado de 1530, 1533, tem-se a incômoda sensação de haver muitas vezes cruzado, nas cidades alemãs com rosto quaisquer feitos a sua semelhança. Rostos demais, em cidades demais... “Para um homem habituado aos finos semblantes de prelados, vivas obras-primas da devoção católica – lábios delgados, feições miúdas, o velado reflexo de uma perpétua chama no fundo das pupilas claras -, constitui uma surpresa essa espécie de vulgaridade agressiva do gordo Lutero cinquentenário”.<sup>683</sup>

---

<sup>682</sup> Ibid., p. 218.

<sup>683</sup> Ibid., pp. 218-219.

Ensina e catequiza em Wittenberg, come e bebe, recebe sapatos e agradece aos doadores. Para celebrar essas pequenas alegrias, adota um tom que às vezes surpreende. Seu prestígio e suas virtudes permanecem inatos. Não sabe o que significa avareza ou economia, gosta de dar, mostra-se muito simples e acessível a todos. Com frequência, se cala e senta-se sem dizer palavra. Por vezes, ele fala e de sua boca saem palavras pesadas, grosseiras até, pois o mestre nutre um gosto por certo tipo de vulgaridade, pela escatologia, que só vai se firmando à medida que passam os anos. Em outros momentos, desponta uma faceta diversa: a do poeta, que fala da natureza, da beleza das flores, do canto dos pássaros e do brilhante e profundo olhar dos animais, em expressões marcadas por espontaneidade e frescor. Assim é até 1546, ano de sua morte.<sup>684</sup>

Martinho Lutero parecia estar em dificuldades, porque tal como o crente do qual ofereceu o retrato ideal, não se interessou inteiramente pelo que estava acontecendo; não saiu em conquista das coisas, moveu-se em meio a elas como um ator no palco em meio ao cenário e assim investiu somente desinteresse e indiferença. A velha Alemanha o deu ao mundo; “Lutero, um dos pais do mundo moderno”<sup>685</sup>, uma expressão que, de acordo com Febvre, os franceses empregam de bom grado, assim como outras análogas e de igual ressonância. Com o intuito de observar o quão involuntária foi essa paternidade, o quão pouco o filho indesejável cumpriu os desejos de seu genitor, Febvre destaca que é necessário citá-la. A Alemanha luterana, nos séculos passados, pôde durante anos ignorar Lutero quase por completo e declarar ao mundo, de todas as maneiras que não tinha realmente nada a ver com o magnífico idealismo, com o ímpeto apaixonado, com a fé vibrante do livre cristão de 1520. O espírito de Lutero nem por isso deixou de flutuar sobre as águas germânicas, mas seria Lutero o único, na Alemanha, entre os autênticos grandes homens de seu país, que não logrou levar a cabo sua revolução? Febvre faz esse questionamento e, como observa, a sua formulação é bem francesa.<sup>686</sup> Lutero: um dos pais do mundo e do espírito modernos? Talvez, observa Febvre. Um dos pais do mundo germânico e do espírito alemão? Sem dúvida alguma. Na exata medida, evidentemente, em que existe “um” espírito alemão, como também, aliás, “um” espírito moderno. Estava errado, como não raro acontece, ao deixar falar o homem dentro de si, o homem gordo sentado como burguês à mesa de uma casa burguesa de Wittenberg. Esse homem talvez tivesse o direito de se sentir triste, mas o profeta, não. Pois este não se tinha enganado: não existem aduanas nem fronteiras

---

<sup>684</sup> Ibid., pp. 219-224.

<sup>685</sup> Ibid., p. 234.

<sup>686</sup> Ibid., pp. 237-238.

para as ideias, elas são inapreensíveis e propriamente indestrutíveis. Lutero semeara, por toda a Alemanha, ideias suficientes para poder contar com uma bela prosperidade.<sup>687</sup>

Em praticamente toda a sua obra, observamos em sua estratégia elementos típicos da escrita biográfica, como a cronologia dos acontecimentos, busca pela origem, interligação dos acontecimentos de forma inteligível e, principalmente, a tentativa de uma análise psicológica do biografado. O autor define os aspectos psicológicos da personalidade de Lutero como ponto de partida para entender a postura do monge em relação às grandes questões que o interpelaram em sua época conturbada.

No desfecho do livro Febvre, afirma: “não julgamos Lutero (...) simplesmente estendemos, aos confins de um tempo presente que estamos pouco preparados para avaliar com sangue-frio, a curva sinuosa e bifurcante de um destino póstumo”.<sup>688</sup> Se no início da obra o autor declarou que seu objetivo não era produzir uma biografia, mas elaborar “um pequeno ensaio”, “uma opinião” e “apenas vulgarização”, ao concluir o trabalho, finaliza com a confissão de que não julgou o personagem.

Rabelais é retratado como um escritor profundamente enraizado na cultura religiosa da época, cujas sátiras não refletem um ateísmo, mas uma crítica à prática religiosa de seu tempo. O personagem não é retratado de forma direta e biográfica, ele é parte de um problema histórico maior, analisado como alguém que navega dentro da religiosidade do seu tempo. O pai dos *Annales* nega que Rabelais tenha sido um ateu moderno: ele era um homem do século XVI, imerso em símbolos religiosos, mas também capaz de ironia e crítica. Febvre evita dar respostas definitivas sobre sua religiosidade, além do mais, rejeita a ideia de que Rabelais era um livre-pensador ateu e argumenta que a incredulidade no século XVI não pode ser interpretada com categorias modernas.

Se, na obra dedicada a Lutero, Febvre privilegia a reconstrução de uma trajetória individual marcada por tensões psicológicas e por uma relação singular com os conflitos de seu tempo, na obra II o foco se desloca. A atenção do historiador deixa de recair prioritariamente sobre a interioridade de um personagem para se concentrar na possibilidade mesma de pensar historicamente a descrença, tomando Rabelais menos como objeto de uma biografia propriamente dita e mais como ponto de entrada para um problema coletivo de mentalidades. Assim, a passagem de Lutero a Rabelais evidencia não uma ruptura metodológica absoluta, mas

---

<sup>687</sup> Ibid., pp. 238-239.

<sup>688</sup> Ibid., p. 239.

um alargamento da investigação, que vai do indivíduo em crise ao horizonte intelectual e religioso de toda uma época.

O autor inicia a primeira parte fazendo uma crítica ao modo como as ideias do passado são interpretadas, enfatizando a necessidade de entender as pessoas e suas crenças dentro do contexto histórico em que viveram, sem impor categorias de pensamento modernas. O primeiro livro começa com a informação de que um processo de ateísmo e de anticristianismo foi aberto contra Rabelais e os fatos remontariam a 1532 e à publicação do *Pantagruel*.<sup>689</sup> As informações acerca do personagem são somente aquelas que compõem o quadro da questão que o biógrafo se propôs resolver. Sobre o nascimento de François Rabelais, por exemplo, a informação é dada em uma nota de rodapé da parte “a carta de *Gargântua* e a imortalidade da alma”, onde diz que ele provavelmente nasceu em 1494 e morreu em 1553.<sup>690</sup>

Febvre começa a segunda parte do livro enfatizando o problema do método. De acordo com o historiador francês, “é sempre muito difícil conhecer um homem – a verdadeira fisionomia de um homem”.<sup>691</sup> E, tratando-se do século XVI, realmente se exagera, uma vez que, “da descrença agressiva à mais tradicional crença, põe-se demasiada desenvoltura em fazê-los passar, ao sabor dos humores”.<sup>692</sup> Destaca que o século XVI é todo um século a ser repensado. Indica que o caminho que irá seguir é “centrar a investigação em um homem, escolhido não apenas porque continua célebre, mas porque o estado dos documentos que permitem reconstituir seu pensamento, porque as declarações que essa obra contém, porque as significações mesmas dessa obra parecem qualificá-la especialmente para semelhante estudo. Esse homem: François Rabelais”.<sup>693</sup>

Rabelais, “um escritor nato, o maior artista em prosa de seu tempo”<sup>694</sup>, deixou em seus escritos páginas inteiras consagradas aos problemas que mais dividem seus contemporâneos. E, ainda que o lote de documentos pessoais e diretos que hoje possuímos de Rabelais esteja longe de saciar todas as curiosidades, esses documentos são tão quanto ou mais consideráveis que os dossiês pessoais que o século XVI tenha nos deixado sobre qualquer um de seus grandes escritores. A personalidade de Rabelais, o “primeiro dos grandes romancistas modernos”<sup>695</sup>,

---

<sup>689</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 44.

<sup>690</sup> Ibid., p. 202. Sobre o nascimento e morte de Rabelais, ver nota nº 291 da obra de Febvre.

<sup>691</sup> Ibid., p. 37.

<sup>692</sup> Ibid., p. 37.

<sup>693</sup> Ibid., p. 38.

<sup>694</sup> Ibid., p. 09.

<sup>695</sup> Ibid., p. 09.

despertou, durante sua vida, violentas reações. Por isso, Febvre destaca que é forte a tendência em aumentar o número desses documentos e de anexar ao dossiê Rabelais toda uma série de peças que lhe são estranhas. Mas, o que extrair desses documentos e como tratá-los? Questiona.

Para o autor, ler novamente esses textos procurando enxergá-los como alguém de 1530 ou 1540, textos produzidos por pessoas daquela época, que escreviam e pensavam de modo diferente do nosso, é justamente o que torna a tarefa difícil, mas também essencial para o trabalho do historiador. Por que Rabelais? “Porque todo estudo atento do romance e do pensamento rabelaisiano põe em causa, para além da obra mesma, a evolução total do século que a viu nascer. Que a fez nascer”.<sup>696</sup>

De acordo com o historiador dos *Annales*, durante muito tempo, ouvimos o seguinte conselho: se quisermos reconstituir, sem grandes desvios, a trajetória espiritual do pai de *Gargântua*, devemos antes desenhar a curva de sua época e reler o excelente artigo que Henri Hauser publicou em 1897 na *Revue Historique*, no qual ele descreve com segurança a evolução simultânea do Humanismo e da Reforma.<sup>697</sup>

“Tal seu século, tal Rabelais”<sup>698</sup>. Cada uma de suas obras marca uma etapa dessa evolução que ele ao mesmo tempo observa e impulsiona. *Pantagruel* (1532) e *Gargântua* (1534) pertencem a um primeiro momento; já no Livro III (1546), tudo se transforma, o Rabelais dessa fase é um pensador incomodado pelos conflitos religiosos, mas já não envolvido diretamente neles. Em 1552, o autor se revela um Rabelais galicano, de sentimento nacionalista.

Portanto, a questão não é saber se nós, ao ler certas passagens de Rabelais, sentimos vontade de exclamar: “Esse Rabelais! Já um livre-pensador!”<sup>699</sup>. O verdadeiro problema é descobrir se, ao lerem essas mesmas passagens, os contemporâneos de Rabelais, especialmente os mais perspicazes, também sentiam algo semelhante. E ainda, se o próprio Rabelais, ou alguém com formação e cultura comparáveis, poderia, naquela época, ter a intenção de expor uma doutrina cujo caráter de negação hoje percebemos claramente, mas cujo conteúdo original permanece, por boas razões, obscuro para nós. Em resumo: no estudo da história religiosa, o método baseado em “é verdade que” não levaria a um beco sem saída? Enquanto o método do “é possível que” não aproximaria o historiador do verdadeiro objetivo de toda história, não

---

<sup>696</sup> Ibid., p. 39.

<sup>697</sup> Ibid., p. 39.

<sup>698</sup> Ibid., p. 39.

<sup>699</sup> Ibid., p. 278.

apenas “saber”, apesar da origem da palavra, mas “compreender”? É com esse espírito que retomaremos a questão, analisando, antes de tudo, as fontes e os testemunhos.<sup>700</sup>

Febvre resgata Rabelais de uma simplificação moderna (a de ateu) e o insere na complexidade de sua própria época. Ao demonstrar que a mentalidade do século XVI não comportava o ateísmo tal qual o concebemos, ele restitui a Rabelais sua verdadeira complexidade de pensador religioso e humanista da Renascença. A análise detalhada do vocabulário e dos conceitos da época revela um personagem muito mais rico e matizado do que a caricatura simplista de um ateu.

Febvre admira em Rabelais “o maior artista da prosa de seu tempo”, “o primeiro dos grandes romancistas modernos”, “um dos três ou quatro escritores verdadeiramente poderosos e originais que a França possui”, mas não é do escritor que ele se ocupa, é do homem em relação a seu meio.<sup>701</sup> Destaca que o personagem jamais foi cético, foi um “crente da incredulidade, e seu credo foi o dos espíritos fortes, radicalmente rebeldes à revelação”.<sup>702</sup>

O historiador inicia com a informação de que um processo de ateísmo e anticristianismo foi aberto contra Rabelais. Os fatos remontariam a 1532 e à publicação do *Pantagruel*. Testemunhas são citadas, múltiplos testemunhos são registrados e Lucien Febvre faz a análise desses depoimentos.<sup>703</sup>

Febvre sustenta que, ao reunir e articular diferentes testemunhos e interpretações sobre François Rabelais, ainda que provenientes de fontes diversas e até contraditórias, o historiador consegue, ao final, compor um retrato relativamente coerente do autor. Em vez de depender de um único relato, Febvre enfatiza que é o cruzamento crítico dessas versões que permite construir uma imagem mais consistente e fundamentada de Rabelais. Sobre as imagens, destaca que:

A de um monge de vida inicialmente recomendável, de um monge estimado por todos (*rara avis*)- e que depois se emancipa ao abandonar o hábito, muda de atitudes e de maneiras de ser, entrega-se à bebedeira e à libertinagem, compõe, em vez de obras douradas, escritos... rabelaisianos, e tudo enquanto dá livre curso à sua insaciável curiosidade, abandona-se às suas paixões rancorosas, à sua maledicência, à sua inveja e à sua raiva maldosa. Em suma, um Rabelais de chinelos bastante caricatural e que se parece muito com o Rabelais legendário. Mas, com fotografias de desconhecidos, é legítimo construir um retrato composto, depois aproximá-lo de uma imagem legendária, que ela própria...? - Pois, afinal, a legenda de Rabelais, que singular problema de psicologia retrospectiva!<sup>704</sup>

---

<sup>700</sup> Ibid., p. 43.

<sup>701</sup> Ibid., p. 09.

<sup>702</sup> Ibid., p. 40

<sup>703</sup> Ibid., p. 44.

<sup>704</sup> Ibid., pp. 114-115.

Apesar de todos os estudos, hipóteses e descobertas, no momento em que Febvre escrevia, ainda não havia uma percepção clara sobre Rabelais, nem fisicamente (como figura histórica), nem moralmente (como personalidade, como consciência). Febvre destaca que a imagem de Rabelais permanecia confusa, fragmentada, distorcida pela tradição erudita. Ele mostra como os estudiosos e artistas inventaram um rosto para o personagem ou o transformaram em um caricatural velho ranzinza, o que nada revela sobre o verdadeiro homem. O autor colocava em evidência os estereótipos que a tradição construiu em Rabelais, demonstrando que nenhuma dessas imagens era suficiente para compreender o verdadeiro Rabelais, complexo, múltiplo, ambíguo quando reinserido no contexto histórico e mental do século XVI. Nas palavras do pai dos *Annales*:

No fundo, tenhamos a coragem de reconhecer: a despeito de tantos achados, de hipóteses engenhosas, de trabalhos excelentes- não vemos distintamente Rabelais nem com os olhos do corpo, nem com os do espírito. Rabelais, a pessoa física? Pinturas fantasiosas, aliás sem talento. Ou então a imagem triste da Cronologia Collée: um velhinho, seco, carrancudo, de olhar vivo, um pouco matreiro. Rabelais, a pessoa moral? Uma espécie de Tabarin *avant la lettre*, um papa-jantares, pagando a sua parte em farsas ruidosas, além disso embriagando-se à larga e, chegada a noite, escrevendo obscenidades. Ou então um doutro médico, um sábio humanista alimentando com belos textos dos antigos e curiosidades ardentes sua prodigiosa memória; ainda mais, um grande filósofo, celebrado como tal por um Théodore de Bèze, por um Louis Le Caron: o príncipe dos filósofos no dizer de Étienne Ducher?<sup>705</sup>

Após ter mostrado duas imagens opostas de Rabelais, Febvre observa que “nossos antepassados eram mais felizes que nós. Não escolhiam entre as duas imagens. Acolhiam, ao mesmo tempo, a respeitável e a outra. Tanto mais que não as aproximavam nem as comparavam”.<sup>706</sup> Sobre o “verdadeiro Rabelais”, é categórico:

E então, quando eles fazem de Rabelais um bêbado e um bufão, não é um engano que cometem. Menos ainda um testemunho autêntico que inserem no dossiê da História. O Rabelais em que pensam - é realmente um bêbado e um bufão, pois encarna todas as bebedeiras, as graçolas e as facécias do romance rabelaisiano. O "verdadeiro" Rabelais - seja ele moderado ou excessivo em bebida e outros sufrágios de volúpia - não existe para eles. O único Rabelais que existe para eles é o que criam, o que fabricam por nada, à semelhança do livro e de seus heróis.<sup>707</sup>

A base epistemológica do método de Febvre é entender o indivíduo do século XVI a partir de sua própria lógica mental, sem projetar sobre ele o modo de pensar do século XX ou de qualquer época posterior. Ele introduz o que chama de “psicologia histórica”, conceito

---

<sup>705</sup> Ibid., p. 115.

<sup>706</sup> Ibid., p. 116.

<sup>707</sup> Ibid., p. 116.

proposto anteriormente por Henri Berr, um tipo de história que não se limita a fatos e documentos, mas busca compreender o modo de sentir e pensar de uma época:

E eis os motivos para refletir - no limiar mesmo de um livro que se apresenta como um estudo de psicologia histórica, pelo menos tanto quanto um trabalho de história erudita. Eis o que já nos adverte de que, entre as maneiras de sentir, de pensar, de falar dos homens do século XVI e as nossas - não há realmente comparação. Nós encadeamos, eles renunciavam ao controle. Gerações, desde o século XVII e Descartes, inventariaram para nós, analisaram, organizaram o espaço. Elas nos dotaram de um mundo bem estabelecido em que cada coisa e cada ser tem suas fronteiras perfeitamente delimitadas. Gerações, desde a mesma época, trabalharam em fazer do tempo, cada vez mais precisamente medido, o âmbito rígido de nossas atividades. Todo esse grande trabalho, no século XVI, mal começava. Consequentemente, seus resultados ainda não tinham produzido em nós a necessidade imperiosa de uma certa lógica, de uma certa coerência, de uma certa unidade. Isto *ou* aquilo: mas não isto *e* aquilo ao mesmo tempo. Aqui ou ali: mas não aqui *e* ali a uma só vez. Saibamos encontrar nestas observações um conselho de prudência para as constatações que nos falta fazer.<sup>708</sup>

A seguir, o historiador francês aprofunda – quase como um manifesto – a ideia de que cada época possui suas próprias “ferramentas mentais”, e que o historiador precisa abandonar suas categorias modernas para compreender o pensamento do século XVI:

Os homens do século XVI sem dúvida as teriam, as usaram ao falar dos "sofistas" que os haviam precedido, "no tempo dos chapéus altos". É que eles não sabiam o que alguns de nós sabem - sem que esse saber se tenha tornado para o conjunto de nossos contemporâneos, mesmo cultivados (mesmo historiadores), um verdadeiro alimento. Cada civilização com suas ferramentas mentais; mais ainda, cada época de uma mesma civilização, cada progresso, seja das técnicas, seja das ciências, que a caracteriza - com suas ferramentas renovadas, um pouco mais desenvolvidas para certos empregos, um pouco menos para outros. Ferramentas mentais que essa civilização, que essa época não está segura de poder transmitir, integralmente, às civilizações, às épocas que lhe vão suceder; elas poderão passar por mutilações, voltas atrás, deformações importantes. Ou, ao contrário, por progressos, enriquecimentos, complicações novas. Elas valem para a civilização que soube forjá-las; valem para a época que as utiliza; não valem pela eternidade, nem para a humanidade: nem sequer pelo decurso restrito de uma evolução interna de civilização...

Tratando-se dos homens do século XVI, nem suas maneiras de raciocinar nem suas exigências de prova são as nossas. Elas não são nem sequer as maneiras de raciocinar, as exigências de prova de seus netos, os contemporâneos de Descartes, de Pascal, de Huygens, de Newton. Não chegou o momento de tratar, em conjunto, dessas grandes questões; do estudo a que acabamos de nos entregar parece resultar, em todo caso, que os homens daquele tempo, em sua maneira de argumentar, não pareciam experimentar nem a necessidade imperiosa de exatidão, nem a preocupação com objetividade que existe em nós. Uma necessidade, uma preocupação de que sem dúvida nos libertamos sob o efeito de paixões violentas - mas desculpando-nos, ao menos, por uma libertação que a nós mesmos se mostra como uma falta. Que uma parte mais ampla seja dada, na especulação dos homens daquele tempo, a contradições que já não têm lugar em nossos sistemas lógicos de pensamento: eis, como vimos, o que parece resultar igualmente do exame crítico dos testemunhos poéticos a que nos consagramos no capítulo anterior. Também eles nos ensinam que o homem não é o homem - mas que os homens variam, e bem mais do que que imaginamos, e em intervalo muito mais curto.<sup>709</sup>

---

<sup>708</sup> Ibid., pp. 119-120.

<sup>709</sup> Ibid., p. 167.

O biógrafo reuniu tudo o que se disse sobre Rabelais e sobre seus sentimentos tal como eram entendidos por seus contemporâneos – humanistas, polemistas, controversistas, enfim, todos os que falaram dele, favorável ou desfavoravelmente, e submeteu esses testemunhos a uma crítica rigorosa. Nesse processo, afirma que conseguiu identificar erros de interpretação ou de atribuição cometidos por predecessores e, alguns são tão sérios que praticamente desmontam todo o sistema construído por eles.<sup>710</sup> Chega, então, o “momento de interrogar Rabelais, o próprio Rabelais”, isto é, sua própria produção, sobretudo o *Pantagruel* e, secundariamente, o *Gargântua*. À primeira vista, essa parece uma tarefa simples: para conhecer Rabelais, basta recorrer a seus escritos. Contudo, trata-se de um empreendimento muito mais complexo: é realmente possível apreender um homem por meio de sua obra? O autor não teria construído uma máscara literária? E até que ponto os traços exagerados e caricaturais dessa máscara correspondem ao verdadeiro rosto do satírico? Talvez a própria formulação do problema seja inadequada, pois, afinal, nunca foi propriamente o homem que interessou aos leitores de *Pantagruel*, de 1532 a 1926, mas sim a obra – ou, mais precisamente, aquilo que o autor investiu de si mesmo nela. Determinar essa proporção, entretanto, era uma tarefa de extrema delicadeza.<sup>711</sup>

Já no prefácio, Lucien Febvre se dedica a apresentar a personagem principal da obra: Marguerite d’ Angoulême, Duquesa de Aleçon, então rainha de Navarra. Pontua que depois tantas biografias e monografias, de esboços apressados e extensas pesquisas, ela continua a ser um dos enigmas do seu século. Irmã apaixonadamente devotada do rei François, ela é, antes de tudo, a grande dama. Marguerite, filha dos Valois, ocupa com reconhecida maestria o cargo de rainha da França “*in partibus aulicorum*”<sup>712</sup>. Ao mundo e aos seus ritos, ela não se entrega pela metade; por intermédio do irmão, vê-se envolvida nos maiores assuntos do reino, seduz os embaixadores, negocia com os ministros, associa-se à política cerceada do rei de Navarra, seu segundo marido. Finalmente, ela começa a escrever uma coleção de contos que formaria um *Décameron* francês.<sup>713</sup>

Ao passar de Rabelais para Margarida de Navarra, Febvre preserva sua preocupação central com a historicidade das consciências, mas altera novamente o ângulo da análise. Se em

---

<sup>710</sup> Ibid., p. 168.

<sup>711</sup> Ibid., pp. 168-169.

<sup>712</sup> *In partibus aulicorum* é uma expressão em latim que pode ser traduzida, de modo geral, como: “nos círculos da corte”, “entre os cortesãos” ou “no meio palaciano”.

<sup>713</sup> Ibid., p. 10.

Rabelais a questão principal era demonstrar os limites de categorias modernas, como a de ateísmo, quando aplicadas no século XVI, em Margarida o desafio consiste em tornar inteligível uma personalidade atravessada por contrastes: devoção e mundanidade, espiritualidade e vida cortesã, recolhimento místico e participação política. Dessa forma, a terceira obra prolonga as reflexões anteriores, mas as descola para uma figura em que as ambiguidades não são apenas indícios de um problema de época, e sim o próprio centro da investigação histórica.

Essa Margarida mundana, contadora de histórias, a quem Henrique VII, o rei sádico, implorou para trazer para a Inglaterra um monte de belas mulheres francesas, para que ele pudesse escolher entre elas uma nova rainha à vontade, é ela, é mesmo ela, a Margarida que vemos, de 1521, colocando-se sob a direção de um bispo místico e reformador, que assegura na França a tradição de lirismo sagrado. Conforme Febvre, esses são contrastes singulares. Como contabilizar isso? Como interpretá-los e torná-los inteligíveis? Esse era precisamente o propósito daquele livro.<sup>714</sup>

Destaca que, como qualquer ser humano, Margarida passou por fases sucessivas de agitação e meditação contínuas e contrastantes; felicidade e tristeza, leveza mundana e gravidade cristã. A Margarida que inventa lemas pagãos do *Miroir de l'âme pécheresse*, também é a senhora cristã dos contos gauleses do *Héptameron*. Febvre destaca que o que importa é o sentimento do sujeito, os sentimentos de Margarida e não o nosso sentimento em relação a Margarida. A chave é saber se, quando escreveu o *Héptameron*, a rainha de Navarra tinha ou não consciência de romper com seu percurso de devoção cristã, de se tornar a mulher dupla, aquela que diz: “fui eu, a crente, que fiz o espelho da alma pecadora”<sup>715</sup>

Margarida aparece como uma figura dividida entre a espiritualidade e sensualidade, a fé e liberdade de pensamento, sua lealdade ao irmão Francisco I, sua atração pelo pensamento reformista e seu papel como escritora. O autor vê nela uma figura ambígua, complexa, inquieta e profunda, sem nunca tentar resolvê-la de forma totalizante e sua escrita revela uma mulher culta, piedosa, sensível, mas também crítica, ou seja, alguém que desafia o papel tradicional feminino da época. Febvre analisa as obras de Margarida e sua relação com sua identidade, mostrando como a rainha se autor representa em seus textos. Também examina como a personagem foi retratada de maneira simplista na historiografia e busca recuperar suas ambivalências religiosas e políticas.

---

<sup>714</sup> Ibid., pp. 10-11.

<sup>715</sup> Ibid., p. 12.

A questão “Margarida simples, Margarida dupla”<sup>716</sup> evidencia a busca pela complexidade. Febvre não a reduz a uma etiqueta (católica, protestante, mística, cética), mas explora as múltiplas facetas de sua fé, sua intelectualidade e suas experiências emocionais e religiosas, reconhecendo suas tensões internas. Ao investigar nuances do “amor sagrado” e “amor profano”, Febvre revela uma personagem que não se encaixa facilmente em categorias pré-determinadas, mas que vive suas próprias contradições.

Desde as primeiras páginas, o historiador afirma que sua intenção não é escrever uma hagiografia nem uma biografia anedótica, mas compreender “uma alma” que encarna as tensões espirituais e culturais do século XVI. Ele se afasta das leituras que viam Margarida como “femme pieuse” ou “princesse lettrée”, e tenta situá-la como problema histórico humano: “comprendre Marguerite, c’est comprendre le seizième siècle”. Ou seja, ela representa uma porta de entrada para a sensibilidade religiosa e literária da Renascença francesa. Febvre mostra a Margarida cristã, mulher da corte, escritora e também como símbolo da compreensão.

Toda a primeira parte do livro até a primeira metade da parte II, conhecemos Margarida, após isso, somos apresentados a seu *Heptaméron*.<sup>717</sup> Ele a classifica como mística humanista, alguém que vive a religião como experiência afetiva, não dogmática. Ao apresentá-la como mulher da corte, Febvre insiste em que ela nunca renunciou ao mundo: mesmo devota, é política, rainha, protetora de poetas e diplomatas. A religiosidade não a afasta da ação; ela vive no entrelaçamento da fé e da sociabilidade. Febvre vê nela uma escritora moderna antes do tempo: o *Heptaméron* é lido não apenas como obra literária, mas como espelho psicológico e moral. O amor profano e sagrado coexiste e ela mesma é símbolo dessa fusão. A biografada também compreende e é compreendida, pois encarna a caridade, o diálogo, a capacidade de síntese espiritual.

No capítulo I, o leitor é apresentado a Margarida, inicia Febvre:

Irmã de um rei, ela própria rainha - primeiro por reflexão e depois por casamento - Margarida de Valois colocou-se na posição, bastante anormal para uma cabeça coroada, de ser inscrita no catálogo dos escritores franceses. Seria pela graça de escritos políticos e morais dignos de uma Majestade; meditações sobre a conduta dos povos, a sucessão dos impérios, a educação dos príncipes? Não, mas para contos que pretendiam formar um Decamerão francês - e para longos poemas.

Marguerite começa com versos piedosos e termina com uma prosa animada. É concebível que uma princesa nesta categoria tenha a ideia de escrever, não acidentalmente, mas regularmente, ao longo de sua vida - e de escrever obras em verso e prosa de pelo menos três tipos: meditações cristãs, mas também aquelas projetadas para despertar.<sup>718</sup>

---

<sup>716</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l’Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 276.

<sup>717</sup> Ibid., p. 176.

<sup>718</sup> Ibid., p. 16.

A seguir, já começa a delinear um pouco as contradições existentes na personagem:

De forma bastante simples, creio eu — desde que se queira, em vez do automatismo de uma história de manual, substituir-lhe a liberdade e a vitalidade de uma história viva. Mas, antes de tudo, é preciso ver, é preciso sublinhar fortemente em Margarida — porque justamente esse traço nos ajuda a compreender suas ações — o seguinte: há nela, em sua essência, algo da arrivista, da irregular, da imprevisível e, até certo ponto, da deslocada — pois também se pode desclassificar *para cima*, assim como *para baixo*. Assim como existem “novos-ricos”, há também “novos-reis” na história. Francisco I, nesse sentido, é um “novo-rei”, e Margarida, irmã querida de Francisco, uma “nova-rainha”... Pois nada, quando ambos nasceram, nada poderia fazer prever a seus pais a espantosa fortuna que viriam a conhecer.<sup>719</sup>

Sobre o nascimento da biografada, Febvre cita uma passagem de Brantôme<sup>720</sup> que afirma que Margarida nasceu em 10 de abril de 1492, às 22 horas, no Castelo de Angoulême, “sob o 10º grau de Aquário, quando Saturno se separou de Vênus por quatro aspectos”<sup>721</sup> e, ainda acrescenta que ela foi concebida no ano de 1491, em 11 de julho, às 10h17.<sup>722</sup> Destaca que não há surpresa ao ver Brantôme tão bem informado, pois ele conhece Margarida por herança e, “se ele colocou as belas histórias da tia no amplo saco de uma memória profana, aproveitemo-las hoje, sem escrúpulos”.<sup>723</sup>

De maneira mais completa que nas obras I e II, o autor apresenta a genealogia e parentes próximos da personagem. Margarida nasceu em 1492, em Angoulême, “primeira filha de um casal mal ajustado”.<sup>724</sup> Sua mãe, Luísa de Saboia, era filha de conde de Bresse, “um pobre caçula da casa de Saboia, tão desprovido de dinheiro quanto de prestígio”.<sup>725</sup> Luísa, após perder sua mãe aos cinco anos de idade, foi acolhida por sua tia, Ana de Braujeu que a destinou, aos doze ou treze anos – idade que as princesas se casavam - sem possibilidades de apelo, ao conde de Angoulême.<sup>726</sup>

Carlos, Conde de Angoulême, vivia na pobreza, esperando pela rica herdeira que restauraria sua reputação e Luísa era o posto do que ele poderia ter sonhado. Enquanto esperava pela princesa dos sonhos, Charles se divertia com as damas de honra de sua mãe e teve uma

---

<sup>719</sup> Ibid., p. 17.

<sup>720</sup> Pierre de Bourdeilles, senhor de Brantôme (1540-1614), foi um oficial militar e escritor francês, mais conhecido por seus escritos bem-humorados que narravam sua vida como cortesão e soldado, bem como a vida das figuras ilustres com quem conviveu. Foi formado na corte de Valois, especialmente sob a influência de Margarida de Navarra.

<sup>721</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4ª éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 17.

<sup>722</sup> Ibid., p. 17.

<sup>723</sup> Ibid., p. 18.

<sup>724</sup> Ibid., p. 18.

<sup>725</sup> Ibid., p. 18.

<sup>726</sup> Ibid., p. 18.

filha com Jeanne de Polignac. Contudo, em 16 de 1488 aos vinte e oito anos casou-se com Luísa de Saboia de doze anos de idade. Luísa recebeu Jeanne como sua dama de honra e Jean (irmão de Jeanne) como *maître*. Também acolheu de forma generosa as crianças de várias origens que seu marido lhe trouxe e, em 1492 tiveram Margarida e em 1494 após uma peregrinação a São Francisco de Paula, deu à luz a Francisco, que futuramente seria rei.<sup>727</sup> “Este é o ambiente que Margarida e François nasceram”<sup>728</sup>, afirma Febvre. Cabe destacar que na obra I o autor também faz, embora com menos detalhes, esse movimento de contextualizar o ambiente em que Lutero nasceu.

Sobre os pais de Margarida, afirma que ela tinha “um pai pródigo, frívolo, artístico, bon vivant, mas de peso medíocre na França política da época”<sup>729</sup> e uma mãe “que recebeu uma escola dura desde a juventude, uma mãe silenciosa que viveu de caridade e aprendeu a ceder, a se dobrar, a suportar tudo de boca fechada.”<sup>730</sup> Em 1º de janeiro de 1498, aos dezoito anos, Luísa de Saboia se tornou viúva, Margarida tinha três anos e, seu irmão, Francisco, um. Na ocasião, Luís, futuro Luís XIII reivindicou a custódia das crianças com o pretexto que Luísa ainda não tinha 25 anos.<sup>731</sup> Jean tinha quarenta e poucos anos quando Luísa ficou viúva e Febvre provoca: “Deveríamos acreditar, como diz modestamente Maulde la Clavière, uma historiadora fervorosa e imaginativa, que ele foi para a jovem viúva de Carlos de Angoulême o que Joana de Polignac foi para ele durante sua vida? Não sabemos nada sobre isso.”<sup>732</sup>

Sobre o ambiente em que a biografada e o irmão viveram, destaca que enquanto Francisco cresceu longe da mãe, atrás de uma rotina de arqueiros, sentinelas e espiões, Margarida cresceu em uma “atmosfera pesada, tensa, cheia de suspeitas, cálculos e restrições”<sup>733</sup>. As breves fugas para Cognac, foram “esse paraíso perdido, onde Margarida redescobriu, às vezes com seu irmão, um pouco da atmosfera de paz e liberdade que sua mãe muitas vezes experimentou lá”.<sup>734</sup> Em Cognac ela era nutrida na literatura pelos cuidados de François Rochefort e Robert Hurault, seus bons tutores, e assim, adquiriu o conhecimento comum que formava a base de toda a educação principesca e a “filosofia que é aprendida nos escritos de Platão e, além disso, da filosofia evangélica, que é a Palavra de Deus”.<sup>735</sup>

---

<sup>727</sup> Ibid., pp. 18-19.

<sup>728</sup> Ibid., p. 19.

<sup>729</sup> Ibid., p. 19.

<sup>730</sup> Ibid., p. 19.

<sup>731</sup> Ibid., p. 20.

<sup>732</sup> Ibid., p. 20.

<sup>733</sup> Ibid., p. 22.

<sup>734</sup> Ibid., p. 22.

<sup>735</sup> Ibid., p. 22.

Margarida cresceu neste clima. E seu futuro, no início do ano de 1498, após a morte de seu pai, parecia sem mistério nem grandeza: um casamento com algum príncipe de segunda categoria; muitas crianças em uma velha mansão sombria; a vigilância ciumenta de uma sogra desconfiada. Um golpe do destino - tudo mudou.<sup>736</sup>

O historiador destaca que, quando adulta, Margarida pôde ler as Epístolas de Ovídio, São Paulo, São João e o Apocalipse, os Triunfos de Petrarca e a Divina Comédia o que gerou a “aquisição de uma sólida formação que gradualmente fez da jovem felizmente talentosa uma figura excepcional e de elite entre as damas da corte entre as quais sua vida se desenrolou”.<sup>737</sup>

Nessa época, já se falava em casá-la, mas como? “Não sendo bonita, ela não conseguiu seduzir o Príncipe Encantado. Sua fortuna não existia”.<sup>738</sup> Ela sofreu uma série de recusas: em 1502 foi ofertada a Henrique VII da Inglaterra em troca de seu filho que rejeitou, em seguida, foi ofertada ao filho do rei de Nápoles que também não a quis. Segundo Febvre essas rejeições mostraram o quão precária ainda era a posição de Angoulême.<sup>739</sup> Em 1505, Henrique VII pede a mão de Luísa para si e, para seu filho, Henrique VIII, a mão de Margarida. Em seguida, o próprio Henrique VIII pede a mão de Margarida, contudo, o acordo não foi concretizado. Em 1506, o noivado de Francisco, irmão de Margarida, com Cláudia da França, filha de Luís XII e Ana da Bretanha – que se opôs -, pareceu um novo passo dos Valois-Angoulême em direção ao trono e deu a Margarida a esperança de um casamento francês, com um noivo mais a seu gosto e então, em 2 de dezembro de 1509, ela se casou, aos 17 anos e 9 meses, com Carlos, Duque de Alençon”.<sup>740</sup>

Febvre destaca que o primeiro marido de Margarida tem má reputação entre os historiadores e os motivos não são claros,

Ele provavelmente não era bonito. Ele não era considerado uma grande mente, nem um "homem renascentista". Mas ele era um bom policial, que se comportou valentemente em Agnadel - e nada nos permite pensar que ele tinha um relacionamento pior com Marguerite do que com a família principesca comum.<sup>741</sup>

Febvre contextualiza outros personagens próximos e relevantes para a história de Margarida, tais como Carlos VIII, Luís de Orleans, Luís XII, Joana da França, Ana I.<sup>742</sup> Em seguida, destaca que quando sua mãe morreu, em 9 de janeiro de 1513-14, aos 38 anos,

---

<sup>736</sup> Ibid., p. 20.

<sup>737</sup> Ibid., p. 22.

<sup>738</sup> Ibid., p. 22.

<sup>739</sup> Ibid., p. 22.

<sup>740</sup> Ibid., p. 23.

<sup>741</sup> Ibid., p. 23.

<sup>742</sup> Ibid., p. 21. Apesar da relevância desses personagens para a história de Margarida, não me aprofundarei em apresentá-los.

Margarida era madame d'Alençon.<sup>743</sup> Após vinte e três páginas destacando a trajetória de personagens próximos da principal, afirma: “Mas voltemos ao nosso assunto. Marguerite "a poetisa real" tem direito a essa descrição apenas com reservas. Como rainha, se preferir, a filha de Carlos de Angoulême e Luísa de Saboia não é nenhuma criança do baile”.<sup>744</sup> Enfatiza que durante os primeiros trinta e quatro anos de sua vida, Margarida não teve direito a um título real, ela era “modestamente a Duquesa de Alençon”.<sup>745</sup>

Conforme Febvre, Margarida sempre estava caindo nas mesmas preocupações. E a pergunta voltou:

*Monseigneur seria rei? O sonho de sua mãe um dia se tornaria realidade? Tormentos, cálculos com algumas breves tréguas; melancolia nada menos, e solidão moral; vazio espiritual em última análise: tal foi o destino de Marguerite d'Angoulême desde seu nascimento até a data libertadora, a grande data feliz de sua vida: 1º de janeiro de 1515, a ascensão do rei Francisco.*<sup>746</sup>

O rei Francisco I será adorado por muitos, sobretudo por sua irmã que começa a frequentar festas na corte e o biógrafo afirma: “Não imaginemos uma Margarida resistente ao prazer, mantendo um autocontrole escandalizado em meio às festas e intrigas. Vemo-la muito envolvida no jogo das grandes estrelas, das beldades da moda: Madame de Chateaubriant (Françoise de Foix)”.<sup>747</sup> Para o historiador, Margarida entrava nessas histórias “sem muito escrúpulo; seu amor pelo irmão era o mais forte” e que, se duvidássemos, bastaria ler, “no 25º conto do Heptaméron, a espantosa passagem em que a Rainha de Navarra nos mostra o jovem rei em boa sorte”.<sup>748</sup> Continua afirmando que “ela serve ao irmão – quero dizer, à política do irmão”<sup>749</sup>, lembra que Brantôme não deixa ignorar “que ela era bastante talentosa como diplomata”.<sup>750</sup> Margarida fez parte de todos os desfiles da época, carregou a cauda da rainha Claude em Saint-Denis durante sua coroação, a seguiu a cavalo com onze duquesas e condes durante sua entrada em Paris. No entanto, “ela frequentemente desempenha, ao lado de seu irmão que a cobre de presentes, o papel da pobre rainha, tão modesta e simplesmente incapaz”.<sup>751</sup>

Poetas começaram a refazer o tema da Trindade Real, em que se dizia:

---

<sup>743</sup> Ibid., p. 23.

<sup>744</sup> Ibid., p. 24.

<sup>745</sup> Ibid., p. 25.

<sup>746</sup> Ibid., p. 26.

<sup>747</sup> Ibid., p. 29.

<sup>748</sup> Ibid., p. 29.

<sup>749</sup> Ibid., p. 29.

<sup>750</sup> Ibid., p. 29.

<sup>751</sup> Ibid., p. 29.

Um só coração em três corpos hoje se vê na França:  
A irmã, bem a conheceis, duquesa nobre e pura,  
Boa – talvez até demais...<sup>752</sup>

Jean Marot<sup>753</sup> afirma que Margarida era quem presidia as festas do *Camp du Drap d'Or* em 1520 e ali, mais do que em qualquer outro lugar, parecia “a verdadeira rainha”.<sup>754</sup> Para Febvre, é isso, sem dúvida, que inspirou em Jules Michelet a estranha fantasia de um romance amoroso entre o irmão e a irmã e finaliza que “nada há a reter disso - nem dessas outras fábulas absurdas, como as dos amores entre Marot e Margarida, por exemplo. Tudo se baseia na fama galante de certas novelas do *Heptaméron*. A história que não nasce da bisbilhotice de porteira nada tem a objetar, absolutamente nada.”<sup>755</sup> A crítica do pai dos *Annales* segue direcionada a Michelet:

De fato, no exato momento em que Michelet se descontrola ao interpretar absurdamente os termos absurdos de uma carta que ele data de 1521 — (devemos nos recusar a segui-lo mesmo nessa cronologia simples) — é então, quero dizer, em 1521, que vemos Marguerite começar com Guillaume Briçonnet, bispo de Meaux, protetor de Lefèvre d'Etaples e Gérard Roussel, a longa correspondência à qual retornaremos com calma.<sup>756</sup>

Afirma que quando Michelet escreve que Margarida foi “viúva de coração em seu triste casamento”<sup>757</sup>, “a palavra é linda. Quão verdadeiro isso é? Nunca saberemos”<sup>758</sup>, enfatiza Febvre. Somente um fato parece evidente: “Margarida não teve filhos. Para uma princesa, não era apenas privação emocional, era uma diminuição social. A mulher devia ao marido um herdeiro homem que impediria a extinção da dinastia. Não é precipitado conjecturar que Margarida sofria de esterilidade”.<sup>759</sup>

Em seguida, Febvre analisa cartas que Margarida havia trocado com Briçonnet<sup>760</sup> e afirma que a primeira delas era quase um pedido de ajuda: pede que Briçonnet implore a Deus por *Monsieur* d'Alençon que estava partindo para comandar o exército. A biografada também se sentia sozinha e perturbada, então pediu ao prelado que lhe enviasse, para seu conforto espiritual, o mestre e pregador Michel d'Arande, que se tornaria seu capelão. O historiador

---

<sup>752</sup> Ibid., p. 30.

<sup>753</sup> Jean Marot (1450-1527), foi um poeta francês do final do século XV e início do XVI, que é colocado entre os *Grands Rhétoriciens*, os poetas da corte de língua francesa.

<sup>754</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4ª éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 30.

<sup>755</sup> Ibid., p. 30.

<sup>756</sup> Ibid., p. 30.

<sup>757</sup> Ibid., p. 30.

<sup>758</sup> Ibid., p. 30.

<sup>759</sup> Ibid., pp. 30-31.

<sup>760</sup> Guillaume Briçonnet (1470-1534), foi um clérigo francês que desempenhou um papel importante na França no início da Reforma.

ênfatiza que, nessa correspondência, anteriormente estudada por Philippe-Auguste Becker, e depois analisada por Pierre Jourda, pode-se seguir “o progresso do que devemos cuidadosamente evitar chamar de conversão: mas podemos falar de um progresso em direção a Deus, que o prelado tanta transformar em uma vontade de ação, uma vontade de reformar a Igreja decadente”.<sup>761</sup>

Margarida não abandonou a corte nem a preocupação com os negócios. Após a morte da rainha Cláudia em 1524, aumentou ainda mais suas responsabilidades e, agora, caberia a ela criar as suas sobrinhas, filhas do rei. Se estabelecerá em Lyon com sua mãe Luísa e estará mais ao alcance do rei e do exército. Em 01 de março de 1525, recebeu a notícia da morte de seu marido, Carlos de Alençon.<sup>762</sup> Em seguida, Febvre trabalha em outro lado da biografada: “Viúva, a querida irmã do rei, aquela que fora a verdadeira rainha da França durante anos, tornou-se um precioso objeto de troca e negociação”.<sup>763</sup>

Começaram rumores, que não eram infundados, adverte o historiador, do casamento de Margarida com um homem que ela chamava de “o perverso Duque de Bourbon” ou até mesmo com o imperador. Contudo, “Margarida não tinha o direito de pensar em si mesma. Ela sabia disso - conhecimento de princesa - e teria se curvado. Ela teve que deixar para seu irmão, para sua mãe, toda a disposição de sua vida e seu destino. Ela era, se não sacrificada, pelo menos um peão dócil no tabuleiro de xadrez diplomático”.<sup>764</sup>

Nesse momento, Margarida pensava apenas em salvar seu irmão, o rei, juntar-se a ele, confortá-lo e ajudá-lo a suportar seu cativo. Após conseguir tal façanha, ela foi tratada por todos como uma heroína e seu crédito parecia imenso: “viúva, ainda jovem, adornada com suas devoções, adornada com os dons da mente, ela atraiu todos os olhares”.<sup>765</sup> Febvre faz uma retrospectiva das diferentes versões de Margarida apresentadas até então para, em seguida, trabalhar em mais uma versão da personagem, a escritora:

Sem se importar, Margarida, a mulher perpetuamente sacrificada à princesa - sacrificada por sua mãe, por seu irmão, pela razão todo poderosa do Estado? Ela pode muito bem ter sido, em sua juventude, a pérola e a flor de Valois, (...) a água doce de Charente - ela pode muito bem ter, em sua juventude, tido prazer alegre na vida mundana, nos festivais e jogos da existência nômade que aqueles que seguiam a Corte levavam de cidade em cidade, de castelo em castelo: não pode ser que esta mulher sensível, com predisposições místicas, com uma mente sempre ativa, não tenha, desde muito cedo ( e talvez desde sempre, desde sua juventude precocemente amadurecida

---

<sup>761</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 30.

<sup>762</sup> Ibid., p. 31.

<sup>763</sup> Ibid., p. 32.

<sup>764</sup> Ibid., p. 32.

<sup>765</sup> Ibid., pp. 32-34.

por muitas preocupações e precauções) - levado, com toda a honra, uma vida de dupla entrada. Atrás do grande parque, aberto a todos em todos os festivais, é impossível que ela não tivesse seu jardim secreto, rigorosamente fechado, desde cedo. Com, ao fundo, sua oratória particular. E, desde cedo, também, seu meio de fuga: a escrita, que permite ao homem - talvez ainda mais à mulher, sensível e constrangida - entrar em posse de uma alma secreta, uma alma de papel escrito ou impresso.<sup>766</sup>

Destaca que no mesmo momento em que os súditos do rei Francisco viam Margarida desfilando como uma princesa lendária, com roupas pesadas de dourados e cravejadas de pedras preciosas, todas as noites ela voltava para casa e, “recolhendo-se em si mesma, fechando-se na solidão de seus pensamentos, longe do mundo e de seu prestígio, confiava longamente a um prelado místico, ávido de pureza, os impulsos, os arrependimentos, a nostalgia do amor verdadeiro, do amor transposto para o plano divino, que penetrava em sua alma insatisfeita, sua alma em busca de orvalho espiritual”.<sup>767</sup>

O segundo capítulo começa com um levantamento do que, até aquele momento, eram cinco Margaridas, e assim Febvre as caracteriza:

enquanto ela levava sua vida de alta sociedade; enquanto presidia todas as festividades do período mais brilhante do reinado - Margarida, a Margarida indulgente com as travessuras do irmão, a Margarida cortejada pelos conquistadores mais irresistíveis da época, a Margarida intimamente envolvida nas intrigas das alcovas, bem como nas negociações das chancelarias - Margarida nunca cessava, quando a noite chegava, de escrever, de meditar, de compor.<sup>768</sup>

No terceiro capítulo, Febvre segue com as definições: “Margarida, princesa do Renascimento; Margarida, protetora das letras e das artes; Marguerite, a Marguerite de Marot, Des Périers e Rabelais, para citar apenas as grandes”<sup>769</sup>.

No início do capítulo IV, Febvre volta a evidenciar suas intenções e afirma que seu objetivo é

reconstruir uma pessoa - a pessoa de Margarida, uma figura significativa em uma tocante história espiritual. Reconstruir Margarida, de modo que ela seja, se possível, totalmente inteligível: o que não significa, naturalmente, remover os contrastes. Se há seres humanos de uma só corrente, que avançam na vida como um lento Saône entre dois prados planos, há pessoas humanas e, talvez, períodos inteiros, sociedades humanas inteiras em certos períodos, que estão todos em contrastes, óbvios e maciços: eles não são menos inteligíveis, desde que se tome o contraste como um fato - e não como uma anormalidade.<sup>770</sup>

---

<sup>766</sup> Ibid., p. 36.

<sup>767</sup> Ibid., p. 36.

<sup>768</sup> Ibid., p. 38.

<sup>769</sup> Ibid., p. 57.

<sup>770</sup> Ibid., pp. 113-114.

A essa altura, pontua que já estamos no final da primeira caminhada nos jardins secretos da Margarida real e questiona:

já vimos e dissemos tudo? Certamente não. Essa era, aliás, a menor das nossas preocupações. Traçar o quadro completo das experiências religiosas de uma grande dama, uma grande dama do Renascimento? Sem dúvida, um belo programa. O nosso foi mais modesto: oferecer uma ideia precisa e forte do cristianismo de Margarida e, antes de tudo, de seu caráter sério, profundo e rico. Consideramos ter feito isso, embora tenhamos limitado nossa investigação à primeira parte da vida de Margarida e, mais precisamente, aos seus anos de maturidade: 1521-1529. Foi voluntário: avançar para além disso seria um esforço inútil para o nosso objetivo.<sup>771</sup>

Antes de concluir, Febvre deseja fazer uma última pergunta:

Reunimos o testemunho da própria Margarida, o máximo possível. Discutimo-lo em nosso nome. Não possuiríamos também, assinado pelo nome de algum observador bem-informado, um testemunho autêntico que pudesse nos esclarecer, de fora, sobre os estados de alma religiosos da princesa?<sup>772</sup>

Um último ponto não deve ser esquecido: um bom pintor da Rainha de Navarra - essa figura um tanto inquietante pela variedade de suas expressões - teria de ser alguém verdadeiramente atento. Seria um pintor que, sentado diante dessa grande dama difícil de reduzir a esquemas simples, não deixasse de considerar, no retrato, suas constantes explosões de curiosidade, seus sobressaltos quando se choca rapidamente e de forma brusca com os limites do saber de sua época, seus impulsos livres que ela não tenta controlar, suas inclinações para recorrer a Deus e apresentar-lhe tantos problemas que, na verdade, ultrapassam sua capacidade de compreender.<sup>773</sup>

Sobre as várias faces da biografada, destaca:

Margarida Católica; Margarida Evangélica; Margarida protestante; Margarida Luterana; Margarida calvinista; Margarida Mística; Margarida Espiritual; Margarida cética, se não libertina: todos esses rótulos, desprovidos de interesse para o homem que conhece a vida, ou então engendram anacronismos abomináveis de pensamento; ou então pretendem resumir em duas palavras toda a vida e toda a obra, infinitamente variada, de uma mulher que viveu cinquenta anos da vida mais plena e rica; ou então, tentar aprisioná-lo em tal estado de espírito que ele poderia ter mantido por um ou dois anos - mas ele não poderia tê-lo mantido intacto e sem mudanças, dos seus trinta aos seus cinquenta anos, de Marignan a Saint-Quentin, de Marot a Ronsard. O historiador não precisa rotular, mas entender. E compreender é antes de tudo seguir através do tempo e de suas vicissitudes a marcha dos homens e dos acontecimentos, procurando notar com precisão as mudanças, as transformações, as modificações de ideias que suas sucessivas mudanças de clima impuseram aos homens e às mulheres. Para nós aqui, vamos apenas dizer: Margarida era Margarida, isso é tudo e basta.<sup>774</sup>

---

<sup>771</sup> Ibid., p. 145.

<sup>772</sup> Ibid., p. 145.

<sup>773</sup> Ibid., p. 160.

<sup>774</sup> Ibid., p. 164.

Margarida viveu uma religiosidade própria, construída por ela mesma, aos poucos, sempre sujeita a mudanças e ajustes contínuos que transformavam a forma de suas ideias. Ela adaptava suas crenças às circunstâncias, que mudavam muito rapidamente, mantendo tudo sempre em sintonia com sua natureza profunda e com seu temperamento. Não era uma mulher confinada à rotina estreita e abafada de uma vida doméstica limitada, sem horizontes ou contato com o mundo. Ao contrário: envolvida em grandes questões, cercada por pessoas de alta cultura, ela nutria seu pensamento e sua sensibilidade com as ideias mais ricas e as experiências mais intensas de seu tempo.<sup>775</sup>

Antes de tudo, tratando-se de uma mulher como Margarida, cuja vida se estendia, entre 1490 e 1550, era preciso recolocá-la em seu contexto real, reinseri-la plenamente em seu tempo. E esse tempo não poderia ser reduzido ao simples confronto entre duas religiões já bem definidas, estruturadas e que se confrontavam: um protestantismo organizado e um catolicismo expurgado. A época em que ela viveu não produziu apenas três ou quatro “Igrejas dissidentes”. Sua grandeza histórica consistiu justamente em um esforço quase desesperado de romper as formas rígidas das instituições religiosas e de criar, a partir delas, uma multiplicidade viva de crenças livres, em plena efervescência.<sup>776</sup>

A segunda parte do livro inicia com a morte da biografada: “em 21 de dezembro de 1549, após vinte dias de doença, uma grande dama do mundo, Margarida d'Angoulême, Rainha de Navarra, morreu aos 57 anos em seu castelo de Odos, perto de Tarbes”.<sup>777</sup> Em seguida, o autor enfatiza que já que tentou, nas páginas anteriores, conhecer Margarida, agora iria tentar conhecer o *Heptaméron*.<sup>778</sup>

Febvre chama atenção para a complexidade da personalidade religiosa e política de Margarida. Diz que o erro não está em reconhecermos que ela possa, em certos momentos, parecer católica, em outros evangélica, em outros próxima do protestantismo, ou ainda mística ou diplomata política. Cada etiqueta pode até iluminar um aspecto dela. O problema é quando se tenta escolher apenas uma delas para defini-la por inteiro:

Na verdade, o problema não é invocar Margarida nem exclusiva nem sucessivamente, sob um ou outro dos nomes que se pode dar a ela, quando se quer ter olhos apenas para um dos aspectos de sua riquíssima personalidade. O problema é encontrar o elo profundo que unia todas as atividades da Rainha, se não contraditórias, pelo menos contrastantes; digamos, se preferir, a vida de corte nos castelos da Ilha de França ou da Touraine, - e a meditação diária do Evangelho; a bondade ativa de uma mulher que,

---

<sup>775</sup> Ibid., p. 164.

<sup>776</sup> Ibid., p. 166.

<sup>777</sup> Ibid., p. 169.

<sup>778</sup> Ibid., p. 176.

como todos admitem em seu tempo, nunca deixou de exercer uma espécie de ministério de Caridade pública - e a sutileza de uma diplomata nata, hábil em apoiar seu irmão ou seu marido (este último) em seus empreendimentos complicados e secretos; digamos novamente, a leitura certa dos escritos de Lutero, a proteção certa de Calvino, a frequência certa de libertinos espirituais - e ainda a presença irrepreensível nos serviços católicos, a estadia em Tussin, em uma abadia de Angoumois, onde atuou como abadessa, nos dizem, e cantou missas e vésperas com as freiras; ou, mais profundamente, a fé cristã ardentemente proclamada em *Miroir de l'Ame Pécheresse* - e a curiosidade não menos ardente, a curiosidade livre sobre coisas além daquelas que certos textos pouco conhecidos ou pouco lembrados nos revelam.<sup>779</sup>

Daí nasce toda a confusão entre Margarida de Angoulême, Rainha de Navarra e irmã de Francisco I, e Margarida de Valois, também Rainha de Navarra e esposa de Henrique IV. A partir dessa confusão, várias Margaridas acabam sendo misturadas como se fossem a mesma pessoa. E disso surge, por fim, o que é mais problemático: a Margarida imaginada por Michelet, no seu pior momento, a Margarida apaixonada pelo próprio irmão, a Margarida incestuosa que ocupou por um tempo a imaginação forte e sombria do historiador. Essa imagem, na verdade, não foi criada por ele. O mérito, se é que se pode chamar assim, cabe a François Génin<sup>780</sup>, pois foi ele quem, apesar de ter refutado a lenda dos amores de Margarida na introdução de sua edição das *Cartas de Margarida de Angoulême*, acabou depois alimentando essa mesma versão fantasiosa.<sup>781</sup>

Lucien Febvre constrói Martinho Lutero como uma figura profundamente humana, marcada por tensões psicológicas e espirituais. Desde a infância “sem amor e alegria” até o ingresso no convento, o autor apresenta o personagem como um homem em busca de paz interior, atormentado pelo medo e pela culpa, e movido por uma obsessiva necessidade de salvação. O Lutero que surge é mais um homem de conflitos do que um reformador racional, um ser dividido entre corpo e alma, fé e desespero, cuja experiência monástica molda de forma decisiva sua visão religiosa.

Ao longo da narrativa, Febvre combina a análise psicológica com o contexto histórico, mostrando que Lutero é, ao mesmo tempo, produto e voz da Alemanha do século XVI. O historiador evita o retrato heroico e apresenta um personagem de contradições: idealista e profeta, mas também nervoso, vulgar, instável e humano. Essa abordagem aproxima-se da

---

<sup>779</sup> Ibid., pp. 173-174.

<sup>780</sup> François Génin (1803-1856), foi um jornalista e romancista francês.

<sup>781</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 175.

biografia moderna, que busca compreender o indivíduo a partir de suas emoções, experiências e ambiente, revelando o entrelaçamento entre o destino pessoal e as forças sociais de sua época.

Na fase final, Febvre retrata um Lutero envelhecido, teimoso e solitário, cuja energia revolucionária cede lugar à rigidez e à amargura. No entanto, o autor não o julga: prefere compreender a coerência interna de um homem movido por fé e impulso, que permanece fiel a si mesmo até o fim. Assim, o Lutero de Febvre é um personagem trágico e humano, místico e moderno; um homem comum transformado em símbolo histórico, cuja complexidade reflete a própria inquietação espiritual e intelectual do seu tempo.

Rabelais, tal como construído por Lucien Febvre, não é o ateu precursor do racionalismo moderno, mas um homem profundamente enraizado na cultura religiosa do século XVI. Seu pensamento e sua sensibilidade se formam dentro de um mundo saturado de cristianismo, no qual a fé constitui o horizonte comum da experiência e da linguagem. Suas críticas ao clero, às ordens religiosas e às práticas supersticiosas não expressam incredulidade, mas um esforço de reforma interna, próximo do humanismo evangélico de Erasmo, que valoriza a consciência individual, a leitura direta das Escrituras e a alegria da vida cristã. Rabelais admira o impulso espiritual inicial da Reforma, embora rejeite os sectarismos que dela derivaram. Sua obra, marcada pelo riso, visa libertar a fé do medo e da ignorância, não a destruir. Assim, para Febvre, Rabelais é um cristão humanista, otimista e confiante na capacidade de elevação moral e intelectual do homem, e deve ser lido como parte integral de seu tempo, não como antecipação do Iluminismo.

Para o biógrafo, Margarida é uma figura profundamente ambígua, e é justamente essa ambiguidade que ele procura preservar, não resolver. Ele não quer classificá-la, quer entendê-la dentro do seu tempo. A construção da personagem se dá em três planos principais: Margarida como espelho do século XVI, como mulher dividida, mas coerente consigo mesma, como escritora e intelectual.

O historiador reconstrói a trajetória de vida dos personagens, organiza o livro como processo histórico vivido com infância (obras I e III), formação, crises, relações, evolução espiritual, em suma, mostra a transformação dos biografados ao longo do tempo. Em todos os casos, Febvre quer captar um movimento interior, uma história de alma. Lutero só pode ser compreendido como um drama existencial, logo precisa de narrativa, Margarida é uma personagem feita de tensões e composições, logo precisa de percurso. A biografia é parte do argumento. Já em Rabelais o autor não reconstrói a vida cronologicamente, mas segue a trajetória psicológica do personagem, mostrando suas contradições; Rabelais é usado como

prova histórica, ele aparece como figura intelectual e expressão do horizonte cultural, não como protagonista de um drama pessoal. Entendo que nas obras I e III o autor quer mostrar vidas em transformação e a obra II é um problema em que o autor quer demonstrar um limite histórico do pensamento.

No que tange às aproximações entre as obras, a primeira delas diz respeito ao fato de que Febvre rejeita interpretações simplificadoras. Ele recusa qualquer tentativa de reduzir Lutero a um reformador racionalmente calculado, Rabelais a um ateu ou Margarida a uma rainha obediente. Em vez disso, os constrói como seres humanos complexos, marcados por tensões interiores e por trajetórias espirituais que não se deixam capturar por rótulos fáceis. Os personagens são apresentados como personagens divididos, portadores de uma experiência religiosa feita tanto de certeza quanto de dúvida. No caso de Lutero, a divisão toma a forma de um conflito trágico: ele oscila entre o medo da condenação e o desejo de salvação, entre a submissão monástica e a necessidade de ação pública. Rabelais vive entre a condenação e a absolvição. Margarida, por sua vez, vive uma dupla fidelidade: ao mundo da corte e ao mundo espiritual, à política e à mística. A tensão interior não é um defeito, mas um motor da personalidade.

Uma outra via de aproximação entre as obras diz respeito ao uso da biografia como via de acesso à sensibilidade religiosa. Febvre não usa a biografia para narrar a vida por si, mas para alcançar a forma particular de sensibilidade religiosa. Em Lutero, a infância melancólica, o medo do pecado e as crises no convento explicam a formulação de sua doutrina como resultado de uma experiência existencial e não de um programa intelectual prévio. Em Margarida, a solidão emocional, os fracassos matrimoniais e a função política na corte explicam a forma como ela constrói uma espiritualidade voltada para o amor, a mediação, o consolo e a caridade. Nas três obras, a psicologia torna-se chave interpretativa e os personagens são interpretados a partir do contexto. Febvre os insere profundamente no século XVI e insiste que sua fé, suas contradições e mesmo suas mudanças só são compreensíveis dentro da cultura religiosa de transição marcada por reformas, debates e circulação de novas leituras. Assim, Lutero só pode ser entendido como parte da Alemanha convulsionada que o sustentou e transformou, Rabelais só pode ser entendido dentro do século XVI, Margarida só pode ser entendida dentro da efervescência espiritual e política da corte francesa.

A ênfase no “homem do seu tempo”, o foco na tensão interior, o uso de imagens, a recusa do simplismo e a preocupação em situar cada personagem no clima mental de seu tempo são pontos em comum entre as três obras. O estilo do historiador permanece reconhecível na escrita

combativa e nas críticas às interpretações tradicionais. Em todos os trabalhos, Febvre combate a imagem caricatural e a legendária dos personagens, ele o faz porque ambas retiram o indivíduo da história, apagando suas ambivalências e o clima espiritual de seu tempo. Seus personagens são complexos, cheios de tensões, inseridos em um clima espiritual particular e produto de escolhas humanas.

## **EIXO TRANSVERSAL**

### ***3.8 Documentação e pesquisa***

No que tange a esse tópico, todos os livros demonstram uma pesquisa profunda, usos de documentações diversificadas e total domínio do historiador ao analisá-las. Tais características inserem-se em uma tradição erudita de investigação histórica, comum à formação intelectual de historiadores de sua geração e de seu contexto acadêmico, marcada pela valorização da erudição documental e do rigor crítico no tratamento das fontes.

Na obra I, Febvre realiza uma pesquisa cuidadosa e extensa, além de demonstrar conhecimento direto e detalhado dos escritos de Lutero e de seus contemporâneos. O autor faz uso de fontes documentais primárias, tais como cartas de Lutero (correspondências pessoais), documentos oficiais da Igreja e do Império (bulas papais, éditos), sermões, tratados e textos doutrinários do biografado, crônicas contemporâneas (de amigos e opositores de Lutero), memórias, diários, registros, etc., para garantir a precisão histórica. Baseia-se nas cartas e escritos de Lutero, mas também nas reações de seus contemporâneos. As fontes são usadas não apenas para relatar fatos, mas para reconstituir o ambiente espiritual e psicológico e, mais do que simplesmente transcrevê-los, o autor interpreta os documentos e menciona suas fontes no corpo do texto de forma clara.

Em “O esforço solitário”, primeira parte da obra I, Febvre empenha-se em fazer um balanço crítico das fontes, da historiografia e dos principais autores que se dedicaram a estudar Lutero até então. Menciona que, ao longo de três séculos, todos os historiadores, de comum acordo, fossem eles católicos, protestantes ou neutros, concentraram sua atenção na figura, doutrina e obra do “homem-feito” que, em 31 de outubro de 1517, aparece no palco do mundo e obriga seus compatriotas a se posicionarem com veemência a favor ou contra ele. No capítulo I, o autor discute a biografia inicial de Lutero e a quantidade de glosas hipotéticas e

contraditórias que se constituiu em torno do fato anódino que foi a entrada de um estudante de 22 anos em um convento alemão, na manhã do dia 17 de julho de 1505.<sup>782</sup>

Lucien Febvre demonstra ter vasto conhecimento do campo dos estudos luteranos e das biografias dedicadas à trajetória de Lutero. O seu interesse pelo monge e pela Reforma pode ser rastreado desde os anos 1919-1922, e ele próprio na seção “nota bibliográfica” nos coloca a par desses trabalhos. Afirma que “é um oceano a bibliografia de Lutero. Boehmer, em 1906, falava em dois mil volumes, sem contar artigos, brochuras etc. De lá para cá, a maré subiu formidavelmente. Como não se afogar?”<sup>783</sup> Diz que “sobre a biografia de Lutero propriamente dita, do nascimento ao ingresso na vida religiosa, escreveu-se muitíssimo (...) O que se queria era revisar os relatos, demasiado lacrimosos, das antigas biografias.”<sup>784</sup> Muitos fatos não passavam de interpretação sem interesse, com muitas probabilidades, impressões pessoais e preconceitos. Na qualidade de uma das figuras mais emblemáticas do século XVI, a vida de Lutero foi narrada, analisada e debatida por diversos autores nos mais diversos tipos de literatura, dentre elas a biografia, sendo assim, Febvre revisa a maneira como o monge vinha sendo interpretado e apresenta sua crítica aos historiadores que não questionavam adequadamente as fontes. Considero essa crítica do biógrafo como uma busca pela verdade, preceito igualmente alinhado aos ideais da historiografia moderna.

O autor abre o debate com as obras do padre Henri Suso Denifle, subarquivista da Santa Sé e nos últimos anos do século XIX um erudito conhecido nos círculos doutos. Conforme Febvre, Denifle havia feito pesquisas respeitáveis e pacíficas, tanto que a Academia das Inscrições reconheceu seu mérito registrando em suas listas o seu nome. Contudo, na Mogúncia, em 1904, no céu sereno dos estudos luteranos, como define Febvre, rebentava um trovão retumbante: o lançamento do primeiro volume da obra intitulada *Luther und Luthertum* [*Lutero e o Luteranismo*], assinado pelo padre. Em um mês esgotava-se a tiragem: a Alemanha luterana estremecia de ira e secreta angústia, parte da Alemanha católica erguia os braços para o céu em um vago gesto de desaprovação, além disso, revistas, jornais e todas as folhas só falavam em Lutero.<sup>785</sup>

Padre Denifle era medievalista e Febvre menciona que “os luterólogos oficiais, desprovidos de tão vasta cultura, em geral desconheciam o que Denifle conhecia tão bem”, ele

---

<sup>782</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther**: un destin. 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 16.

<sup>783</sup> Ibid., p. 240.

<sup>784</sup> Ibid., p. 37.

<sup>785</sup> Ibid., pp. 26-27.

possuía, em relação aos professores luteranos, uma superioridade evidenciada já nas primeiras palavras que proferiu. Afinal, o que pretendia, de fato, o padre Denifle? Indaga Lucien Febvre. Conforme o historiador dos *Annales*, primeiramente, o aspecto mais visível do padre era marcar a face de Lutero, o homem. O objetivo era derrubá-lo de um pedestal usurpado à mentirosa efígie de um semideus, ou melhor, de um santo com bondosas bochechas rosadas, cabelos cacheados, ar paternal e linguagem benigna para substituir essa imagem moldada ao natural de um homem cheio de talentos e dons superiores. O autor salienta que Denifle disse que nunca negou que Lutero tivesse uma índole muito rica e acrescenta “mas também taras grosseiras, baixeiras, mediocridades”. Nos mostra Febvre que os aspectos da vida do monge que o padre escrevia com arsenal muito bem provido versavam sobre Lutero e a poligamia, bebida, escatologia, mentira e os vícios. Nesses textos o padre apresentava uma série de interpretações abusivas e delirantes que os menos críticos dos leitores se viam obrigados a pensar: “está havendo um equívoco”, contudo seu arsenal era composto por dezenas de documentos autênticos e peculiares.<sup>786</sup>

Para Lucien Febvre, esses documentos autênticos nem sempre provavam grande coisa; “que Lutero tivesse tomado, durante sua vida, um pouco menos de cerveja de Wittenberg ou um pouco mais de vinho do Reno; tivesse apertado em demasia, ou não, sua Catarina em seus braços conjugais (...) isso pouco importava, no final da contas, para a história geral da Reforma alemã”.<sup>787</sup> Sustenta que os luterólogos de plantão teimavam em usar de má-fé em torno de citações ao invés de erigir virilmente diante dos Luteros caricaturais que se afrontavam: o todo cor-de-rosa para a casa cristã e o todo preto à moda tirolesa, “um Lutero realmente humano, com virtudes e fraquezas, grandezas e baixeiras, grosserias indesculpáveis e nobrezas sem preço, um Lutero nuançado, vivo, cheio de contrastes e oposições”.<sup>788</sup> Conclui Febvre que não era essa a verdadeira importância de *Luther und Luthertum*; não havia nesse livro apenas interpretações abusivas e citações pertinentes, ambas prestando-se ao escândalo, havia algo bem distinto que era uma nova maneira de conceber e apresentar a gênese das ideias inovadoras de Lutero e sua evolução religiosa, no período extenso entre 1505 e 1520.<sup>789</sup>

Apesar de excessos e violências comprometedoras, sua reconstituição da evolução luterana logrou singular prestígio e interesse, Denifle criticou a história feita com base em

---

<sup>786</sup> Ibid., p. 28.

<sup>787</sup> Ibid., pp. 28-29.

<sup>788</sup> Ibid., pp. 28-29.

<sup>789</sup> Ibid., p. 29.

afirmações de Lutero, dizia ele: “até os dias de hoje, foi sobretudo com base em afirmações do próprio Lutero que se construiu sua história anterior à queda. Precisariamos fazer, antes de mais nada, a crítica dessas afirmações”.<sup>790</sup> Em suas interpretações do quadro pintado pelo biografado, o padre discutia, enfrentava e aniquilava as alegações do heresiarca Lutero. Utilizava-se de citações feitas por Martinho para em seguida refutá-las e dizer que eram mentiras; o pintou como “um mero imbecil”, um caluniador, mostrou aos luterólogos equívocos que eles eram obrigados a reconhecer, mais uma vez era dura a crítica de Denifle, este declarava que um famoso trecho da autobiografia de Lutero de 1545, era ficção pura. Afirmava que coexistiam, em Lutero, dois homens: um orgulhoso e um carnal e esse era o legítimo ponto de partida.<sup>791</sup>

A comoção provocada pela publicação de *Luther und Luthertum* não arrefecera: Ernst Troeltsch (1865-1923), homem de grande talento, teólogo reformado, passou a expressar em uma série de obras, ideias que iam ao encontro de algumas teses de Denifle e, por vezes, as corroboravam curiosamente. Novas perguntas começaram a serem feitas e novos problemas a aparecer vindos de pensadores diversos e de todos os lados: fora mesmo a reforma que marcara, no século XVI, o surgimento dos tempos modernos? Chamava-se Lutero o parteiro heroico e genial de nosso mundo moderno? Uma imensa obra de revisão ou mesmo de reconstrução parecia ser necessária, então uma Alemanha inteira, ardorosa e minuciosa, lançou-se ao trabalho com uma espécie de furor contido: houve quem demonstrasse, irresistivelmente, que, a despeito do que diziam os malvados, Martinho era mesmo virgem no dia que desposou Catarina. E houve quem, com inexorável paciência, amontoando números e textos, se dispusesse a calcular minuciosamente quantos copos de vinho e cerveja o Reformador, acusado de intemperança, teria bebido em sua longa existência.<sup>792</sup>

O pai dos *Annales* mais uma vez recupera o caráter dessas biografias que visavam saber tudo sobre o biografado para mostrar a inutilidade de certas curiosidades. Sentencia que sobre a biografia de Lutero propriamente dita, do nascimento ao ingresso na vida religiosa, escreveu-se muitíssimo e a tendência era clara: o que se queria era revisar os relatos demasiados lacrimosos das antigas biografias; “não, os pais de Lutero não eram tão pobres como se dizia (...) o menino não foi tão duramente maltratado como se afirmava”.<sup>793</sup> Conforme Febvre, isso tudo não passava, na verdade, de interpretações sem interesse, cheias de probabilidades,

---

<sup>790</sup> Ibid., p. 30.

<sup>791</sup> Ibid., p. 33.

<sup>792</sup> Ibid., p. 37.

<sup>793</sup> Ibid., p. 37.

impressões pessoais, não raro preconceitos. Da mesma forma, sobre o ingresso no convento, foram feitas, em abundância, dissertações sem fim, discussões sem conclusão possível. Febvre mostra a sua recusa ao tipo biográfico que pretende dar conta de toda a vida do biografado e sustenta que sobre a trajetória de Lutero há perguntas que não podem ser respondidas, assegura que “a palavra ‘certeza’, em um assunto como este, pudesse ser pronunciada senão pelos tolos”. Aos sábios, restava “saber não saber, uma grande virtude”<sup>794</sup>, esta que é a máxima que ele tenta praticar em seu livro. Em seu trabalho, visa direcionar seu esforço para o que considera ser essencial: deixando de lado tantas conjecturas, opções e escolhas por preferência e, sem se preocupar em reconstituir os círculos que Lutero talvez tenha frequentado, mas cuja influência sobre suas ideias e sentimentos nunca se poderá avaliar, pergunta-se simplesmente se é possível fornecer, da história moral e espiritual de Lutero no convento, uma versão plausível: e afirma ser desonesto empregar qualquer outro termo.<sup>795</sup>

Quando versa sobre o retrato de Lutero, Febvre afirma que o mais conhecido era a imagem do doutor quinquagenário, pintado ou gravado em 1532; e que, amigos ou adversários só se interessavam pelo chefe de partido, fundador da imagem cismática, sentado, para dogmatizar, em sua cátedra em Wittenberg. Lucien Febvre questiona como ele se formara, como constituíra sua doutrina e, assegura que tal feito ninguém, até então, tinha se preocupado de fato em estudar. Contudo, afirma que é necessário reconhecer que não se dispunha de muitos meios para tais estudos, pois Lutero não havia deixado da história de sua consciência e vida interior mais que um esboço sucinto, ou seja, um simples olhar para trás, lançado sobre os ombros, furtiva e tardiamente, datado de quando ele já tinha 62 anos, um ano antes de falecer: *o Rückblick [Retrospecto]*, de março de 1545, que fazia às vezes de prefácio de um dos volumes da primeira edição das *Obras*. E, para animar o conjunto, os historiadores recorriam também, sem discernimento, diz Febvre, a uma fonte abundante, mas turva: a das *Tischreden*, as célebres *Conversas à mesa* que compunham um “relato oficial, semilegendário e quase hagiográfico, dos anos da juventude de Martinho Lutero”.<sup>796</sup>

Quais eram as causas das crises nervosas de Lutero? Questiona. Em sua resposta, o historiador deixa de lado as explicações de ordem fisiológica, “por enquanto, admiremos, sem pretender rivalizar com eles, esses psiquiatras improvisados que, sobre o enfermo Lutero,

---

<sup>794</sup> Ibid., p. 38.

<sup>795</sup> Ibid., p. 38.

<sup>796</sup> Ibid., p. 19.

emitem com tão magnífica segurança diagnósticos contraditórios.”<sup>797</sup> Solicita que resistamos ao prestígio desses psicanalistas que nenhuma facilidade intimida e que oferecem às imputações de Denifle quanto à secreta luxúria de Lutero o suporte tão esperado das teorias freudianas sobre libido e repressão.<sup>798</sup> Observa que, já que Martinho Lutero desde o começo entrelaçou a história de suas crises à de seu pensamento, tentará compreender o que tal amálgama representava. Dentro desse tópico, Febvre afirma que Denifle não hesitava: defendia que o caso se resumia a remorsos, maus pensamentos, desejos clandestinos, estando Lutero vivendo dentro de si com a carne em permanente revolta com o espírito e a *Concupiscentia carnis*, obsessão sexual. Neste ponto, Febvre questiona como Denifle e seus adeptos sabem de fonte segura com que violência desejos impuros não paravam de perturbar alguém que nunca falou sobre isso com ninguém. “Não será muita perspicácia?”<sup>799</sup>, diz o historiador. Também questiona os defensores da inocência de Lutero. “Não nos demos, em todo caso, ao ridículo de correr a apoiar o primeiro ou o segundo partido. Não sabemos. Não temos como penetrar retrospectivamente, nos íntimos recônditos da alma luterana (...)”<sup>800</sup>, exclama Febvre.

O biógrafo garante que Lutero não cometeu ato que pudesse lhe valer a pecha de mau monge, ao contrário, fora um monge bom demais que pecava somente por excesso de zelo.<sup>801</sup> “Um homem vive no século. Carrega um fardo pesado demais. Tem a alma inquieta, a consciência atormentada”.<sup>802</sup> Não que ele seja celerado, mau ou perverso, garante o historiador, mas Lutero sente que fervilham e rastejam, nos porões de sua alma, tantos desejos suspeitos, penosas tentações, vícios potenciais e secretas complacências, que duvida de si mesmo e de sua salvação, chegava à conclusão que a “vida monástica não bastava para lhe dar paz”.<sup>803</sup>

Deixando de lado qualquer erudição ou conjetura, Febvre questiona o que os ensinamentos e autores lidos exerciam em Lutero. Lembra que já houve quem se debruçasse com curiosidades sobre os livros que, em Erfurt ou Wittenberg, Lutero poderia ou deveria ter lido; quem procurasse com louvável zelo e engenhosidade, que influências ele teria sofrido. Tudo isso é legítimo, útil, interessante, desde que esteja de acordo quanto ao essencial, afirma o historiador, essencial, nesse sentido, carrega uma história-problema que para o autor era fundamental.

---

<sup>797</sup> Ibid., p. 39.

<sup>798</sup> Ibid., p. 39.

<sup>799</sup> Ibid., p. 40.

<sup>800</sup> Ibid., p. 40.

<sup>801</sup> Ibid., p. 41.

<sup>802</sup> Ibid., p. 42.

<sup>803</sup> Ibid., p. 42.

Lutero era nutrido pela doutrina dos gabrielistas<sup>804</sup> derivada do ockhamismo<sup>805</sup>, lembra Febvre que Denifle foi o primeiro a assinalar, com força e vigor, essa influência no monge. Tal doutrina ora exaltava o poder da vontade humana, ora a humilhava, logo, o monge se via sufocado; Denifle afirma que a culpa era dele mesmo e questiona: “por que não buscava Lutero, desviando-se de um ensinamento que lhe fazia mal, doutrinas mais aptas a apaziguá-lo?” Febvre questiona a ideia de Denifle de que Lutero deveria procurar outras doutrinas, diz que é ingenuidade pensar assim, pois Lutero poderia ler e reler outros, mas nada teria mudado, pois sua experiência íntima e pessoal contava mais.<sup>806</sup> Febvre tece elogios quando Denifle se transporta para o universo mental de Lutero, se aproximando de uma narrativa psicológica ao analisar suas influências.

O monge queria ser salvo, ninguém apontou um caminho para que ele seguisse, ele foi sozinho, “foi o artífice, solitário e secreto, não de sua doutrina, mas de sua tranquilidade interior”, pontua o historiador.<sup>807</sup> No convento, procurava ter sua salvação pelo cumprimento de obras meritórias, entretanto, a recompensa de seu esforço era desânimo, crises de desespero, convicção de que a luta era vã e o pecado permanente. Vislumbra a resposta de seus questionamentos entre 1512, 1513 e antes de meados de 1514 na torre do convento de Wittenberg. Nesse momento, Febvre mostra que Denifle dizia que Lutero não passava de um ignorante, impávido descobridor de velho-novo, que criticava a igreja por erros que ela jamais ensinou.

Acredito que o propósito de Febvre ao oferecer uma versão plausível da trajetória de Lutero também provenha das adversidades que essas fontes apresentavam sobre a exatidão e confiabilidade dos textos. Percebe-se ainda a desconfiança que o autor expressa em relação aos relatos oficiais que para ele santificavam a vida do monge. Em 1889, Johannes Paul Ficker (1861-1944), professor da Universidade de Estrasburgo, descobriu em Roma um documento singularmente precioso, o *Cod. Palat. lat.*, de 1826: era a cópia, feita por Aurifaber (Johannes Goldschmidt, o último dos famulus de Lutero, primeiro editor das *Tischreden*) do curso, até então desconhecido, ministrado por Lutero em Wittenberg em 1515 e 1516, sobre a Epístola

---

<sup>804</sup> Seguidores de Gabriel Biel (1420-1425), um filósofo e teólogo alemão. Sistematizou e ensinou o nominalismo ockhamista no século XV. Os gabrielistas eram, portanto, teólogos que ensinavam a versão tardia do nominalismo. Foram muito influentes nas universidades alemãs (inclusive em Erfurt, onde Lutero estudou).

<sup>805</sup> Guillaume d'Ockam (1285-1347), foi um filósofo e teólogo inglês, membro da ordem franciscana, considerado o representante mais eminente da escola escolástica nominalista (ou “terminista”, segundo a terminologia ockhamiana), principal corrente das escolas tomista e escotista.

<sup>806</sup> FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928, p. 45.

<sup>807</sup> Ibid., p. 50.

aos Romanos. Pouco tempo depois, Ficker teve outra surpresa ao descobrir na Biblioteca de Berlim, o manuscrito original de Lutero, dizia Febvre que era um “texto precioso” além de ser uma “obra rica e importante” que permitia conhecer em detalhe o pensamento de Lutero às vésperas das indulgências haja vista que até então textos luteranos de 1505-1517 eram raros, “pela primeira vez seria possível estudar, com total segurança e com base em um texto precisamente datado, a verdadeira situação do pensamento luterano” afirmava.<sup>808</sup>

O padre Denifle não desconhecia os achados de Ficker, de lá extraiu grande quantidade de textos novos e lançou-os habilmente ao debate. Contudo, em três volumes publicados entre 1911 e 1912, o padre Hermann Grisar (1845-1932) encerrou habilmente a demolição da obra de Denifle, que se fundiu, diluiu e transmutou rapidamente em uma centena de livros redigidos em espírito bem diverso. Lucien Febvre utiliza-se das palavras de Catarina de Bora, esposa de Lutero, para tachar as *Tischreden* bem como para apresentar sua criação que foi feita por “uma tropa de jovens, sentados devotamente em Wittenberg na ponta da grande mesa presidida pelo Mestre, tratava-se de registrar para a posteridade as palavras saídas de sua boca”.<sup>809</sup> Dizia Catarina que eram “palavras familiares de um homem de imaginação vívida, sensibilidade aguçadíssima, que romaneava de bom grado, com a maior boa-fé do mundo, um passado distante contemplado com os olhos do presente.”<sup>810</sup> Essas declarações foram revistas, corrigidas e alteradas por editores repletos de pias intenções que não pensavam nos historiadores e assim, sem se dar ao trabalho de criticá-las nem de procurar pelas notas oficiais coletadas ao vivo pelos ouvintes, é que foi incansavelmente composto e recomposto a coletânea oficial, afirma Febvre. Segundo ele, todos os homens de sua geração conheceram essa obra, reconhece que tal documento era bem redigido e dramático ao extremo, além do mais, seus livros de classe não faziam mais que resumir, com maior ou menor imprecisão, as grandes monografias de Köstlin, de Dietrich Kolde (1435-1515) ou, em francês, de Félix Kuhn (1812-1881), que foram autores que também se dedicaram a escrever sobre Lutero.<sup>811</sup>

O autor atesta que *Conversas à mesa* nos narram façanhas com profusão, contudo, é no volumoso livro de Grisar que se encontra uma tentativa de levantamento completo da produção luterana e algumas páginas manuscritas, cobertas de rasuras mostram, na edição de Weimar,

---

<sup>808</sup> Ibid., pp. 59-60.

<sup>809</sup> Ibid., pp. 18-19.

<sup>810</sup> Ibid., p. 18.

<sup>811</sup> Ibid., p. 19.

Lutero em ação.<sup>812</sup> Febvre também faz uma crítica ao *Rückblick [Retrospecto]*, obra onde o Lutero envelhecido, próximo da morte, retrata, deformando-a, a curva de sua evolução.<sup>813</sup>

O autor destaca que os historiadores não tiveram preocupações em aprofundar formulações pouco claras sem se perguntarem se o sexagenário de 1545 reproduzia com exatidão os íntimos procedimentos do religioso de 1515, sendo assim, os historiadores concluíam tal como o reformador. Novamente Febvre mostra-se preocupado com a veracidade das fontes e a falta de senso crítico de muitos historiadores. No olhar do autor, até mesmo os escritos do próprio Lutero deveriam ser questionados por seus intérpretes. Esse questionamento configura-se como uma preocupação biográfica, conforme Maurois, devido à importância de diários e cartas como documentos pessoais, seria de fundamental importância o biógrafo avaliar em que grau esses documentos poderiam expressar verdades e Febvre mostra-se cauteloso e crítico no uso e considerações acerca dessas fontes.

Os trechos selecionados mostram que as fontes são cruzadas e interpretadas, não apenas citadas por Febvre. Ele não busca reproduzir o passado, mas reconstituir o ambiente espiritual, psicológico e intelectual de Lutero. Além disso, dedica grande parte de sua obra à crítica da historiografia luterana anterior, por exemplo, ele reconhece o valor documental do trabalho de Denifle, mas rejeita sua interpretação moralizante e destrutiva de Lutero. Febvre demonstra preocupação constante com a autenticidade e a confiabilidade dos textos utilizados pelos biógrafos anteriores. Assim, constrói não apenas uma biografia de Lutero, mas uma reflexão sobre o próprio ofício do historiador.

A obra II apresenta uma pesquisa muito aprofundada, é a obra em que Febvre mais evidencia sua capacidade de cruzamento de fontes, de análise crítica dos textos e de uso interdisciplinar de documentos. Os tipos de fonte utilizados são textos religiosos e teológicos do século XVI (catecismos, sermões, tratados), obras médicas, jurídicas e filosóficas da época, textos de Rabelais (literatura como fonte histórica), documentos inquisitoriais e registros de heresias, relatórios oficiais, registros de tribunais e documentos jurídicos. Febvre discute explicitamente suas fontes e problematiza seu uso (por exemplo, advertindo sobre o risco de interpretar Rabelais com categorias modernas) e trechos originais dos documentos são frequentemente citados ou parafraseados. Há uma constante preocupação com a precisão e a

---

<sup>812</sup> Ibid., p. 160.

<sup>813</sup> Ibid., p. 23.

contextualização das fontes e demonstra notável consciência metodológica ao discutir abertamente os usos.

O rigor documental, o cruzamento interdisciplinar de fontes e a crítica sistemática de seus limites conferem à obra uma densidade excepcional. Febvre não apenas interpreta Rabelais, mas questiona as categorias de interpretação modernas, mostrando que compreender o passado implica reconstruir o horizonte de pensamento disponível aos homens de então. Assim, sua pesquisa se destaca tanto pelo volume e diversidade das fontes quanto pela reflexão metodológica sobre o uso e o sentido dessas fontes. O autor as cruza sistematicamente, comparando vocabulários, conceitos, estruturas mentais e usos linguísticos para reconstruir o universo de significação do século XVI.

Um dos aspectos mais originais da pesquisa de Febvre é o uso da literatura como fonte histórica. Ao analisar as obras de Rabelais - *Gargantua, Pantagruel* e outros textos -, o autor recusa a leitura puramente estética ou anedótica e propõe uma abordagem histórico-cultural, em que o texto literário é interpretado como expressão e síntese de um sistema de crenças coletivas. A pesquisa sobre Rabelais revela um método de precisão documental e contextualização histórica exemplar. Febvre cita e parafraseia frequentemente trechos originais de documentos, estabelecendo com eles um diálogo crítico. O historiador examina termos, conceitos e expressões com base em dicionários, tratados médicos, textos jurídicos e teológicos coevos, reconstruindo a semântica histórica das palavras.

Sobre documentos o historiador é categórico: “precisamos permanecer fiéis ao nosso propósito - e recusar-nos ao contato com documentos tomados isoladamente, enquanto não houvermos, em conjunto, analisado certos hábitos de espírito, certas maneiras de ser, de agir e de pensar próprias ao pequeno mundo curioso, simpático e desagradável a uma só vez (...)”.<sup>814</sup> Com relação aos testemunhos das pessoas, Febvre diz que nem todo relato sobre Rabelais pode ser tomado como verdade imediata, é necessário pesar, avaliar criticamente: “homens cujos testemunhos deveremos pesar: amigos e inimigos de Rabelais, mas - segundo a fórmula que acabamos de estabelecer - amigos que se transformam em inimigos, inimigos que voltam a ser amigos”.<sup>815</sup>

---

<sup>814</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 45.

<sup>815</sup> Ibid., p. 42.

Destaca que podemos retornar às descobertas de Thuasne<sup>816</sup>, posteriormente retomadas e ampliadas por Abel Lefranc. Essas evidências estão concentradas nos anos de 1536 a 1538, período marcado pelo surgimento, em Lyon e Paris, de diversas coletâneas poéticas. Foi em uma delas, escrita por um latinista bastante conhecido por volta de 1537, que Thuasne encontrou, pela primeira vez, a prova de que, para seus contemporâneos, Rabelais era visto, sem margem de dúvida, como um completo ateu. Em 1904, Thuasne descobriu as provas irrefutáveis do ateísmo rabelaisiano. Três peças, nos diz Abel Lefranc, retomando a tese de Thuasne, não deixam "nenhuma dúvida sobre as verdadeiras opiniões religiosas" de Rabelais.<sup>817</sup> O autor mostra esses estudos para depois refutá-los.

Febvre traz relatos de outros autores para em seguida comentar:

Tudo isso compõe, é preciso reconhecer, um pequeno romance bastante perturbador, cheio de episódios plausíveis e de verossimilhanças documentais. Como ficaríamos felizes se tudo isso fosse verdade! Quero dizer: iluminasse a noite rabelaisiana. E, M. de Santi é tão peremptório, está tão convencido que a todo instante nos sentimos prestes a ser arrastados. Esse médico que abandonou o hábito, esse meio-monge, esse curioso maledicente, dantes humanista respeitado, agora frequentador de taberna, mas é Rabelais ... Não pode ser senão Rabelais ...- Joseph Scaliger, contudo, não diz nada sobre isso.<sup>818</sup>

Febvre diz que seria ótimo se uma certa hipótese sobre Rabelais fosse verdadeira, porque isso preencheria uma grande lacuna biográfica e explicaria a origem de certas lendas sobre Rabelais:

Tudo isso sensatamente formulado, sentimo-nos muito infelizes. Seria tão sedutor preencher uma grande lacuna na biografia de Rabelais utilizando textos particularmente expressivos e vivos - e dar à legenda rabelaisiana uma origem plausível num rancor de Scaliger? Mas por enquanto é preciso ficar numa constatação prudente: hipótese sedutora e verdade demonstrada são coisas diferentes.<sup>819</sup>

O biógrafo destaca que existem testemunhos diretos, explícitos e positivos sobre Rabelais após 1532, mas também há textos que parecem falar de Rabelais, mas com nomes falsos ou disfarçados. Febvre argumenta que quando Rabelais é citado explicitamente, o retrato é sempre positivo e nunca religioso. Quando aparecem críticas religiosas, elas estão em textos indiretos, mascarados, não em testemunhos claros:

De maneira clara. Os "poetas" de que examinamos minuciosamente os escritos nos deixaram sobre o Rabelais posterior a 1532 alguns testemunhos irrecusáveis. São peças dedicadas a Rabelais, com todas as letras, ou consagradas a ele sob seu verdadeiro nome. Testemunhos todos favoráveis, trate-se, em 1536, da defesa de

---

<sup>816</sup> Louis Thuasne (1854-1940), foi um erudito francês conhecido sobretudo por seus trabalhos de edição e pesquisa documental sobre o Renascimento francês.

<sup>817</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 61.

<sup>818</sup> Ibid., pp. 108-109.

<sup>819</sup> Ibid., p. 110.

Visagier ilibando Rabelais da acusação de raiva; ou do belíssimo elogio de Macrin em suas odes de 1537; ou da conhecida peça de Dolet sobre as dissecações públicas de Rabelais em Lyon, de sua menção a Rabelais na lista dos seis maiores médicos humanistas da época, ou da nota lisonjeira referente a ele na ode, não menos conhecida, sobre o banquete Dolet. Acrescentemos a essa lista o bilhete afetuoso de Sussannée sobre o Esculápio de Montpellier, último recurso dos doentes desesperados; o elogio magnífico do Rabelais filósofo por Gilbert Ducher em 1538; e mesmo o bilhete sem calor, mas corretamente familiar de Bourbon nas Ninharias de 1538. Em nenhuma dessas peças autenticamente consagradas a Rabelais a questão religiosa é levantada ... Vários poetas nos confiam, por outro lado, peças que, sob um suposto nome, podem visar e sem dúvida visam a Rabelais.<sup>820</sup>

Depois de analisar os testemunhos de contemporâneos, os textos de poetas que o elogiaram, as peças com nomes disfarçados, as possíveis acusações, lendas e interpretações, Febvre diz que agora “é chegado o momento de interrogar Rabelais, o próprio Rabelais”<sup>821</sup>, isto é, sua obra.

No livro III, examina as obras literárias e correspondências de Margarida para compreender sua religiosidade e a própria figura complexa que era a biografada. Utiliza fontes primárias da personagem, tais como obras literárias (*Heptaméron* principalmente), cartas pessoais de Margarida (correspondência política e religiosa), testemunhos contemporâneos (crônicas cortesãs), textos teológicos e filosóficos da época para entender o contexto religioso, e algumas referências a documentos de arquivos. A pesquisa é aprofundada na dimensão literária e interpretativa, focada no significado das obras de Margarida.

Ao citar suas principais fontes, Febvre diz que vai chamar suas “testemunhas”.<sup>822</sup> Destaca que em 12 de junho de 1521, Guillaume Briçonnet, bispo de Meaux, enviou a Margarida, de 29 anos, se não sua primeira carta, pelo menos a primeira daquelas que nos foram preservadas. A partir de então, começou uma correspondência que durou pelo menos três longos anos; afirma que “a última das epístolas que temos é datada de 18 de novembro de 1524 (o que não significa que foi a última)”.<sup>823</sup> Correspondência que foi preservada em uma cópia, um manuscrito da Biblioteca Nacional.

Quatro anos após o casamento de Navarra, em 1531, uma coleção completa de obras religiosas apareceu em Alençon, publicada por S. Dubois. Primeiro, *O Espelho da Alma Pecadora*, um poema longo, de 1.400 versos. Essas peças “eram obviamente anteriores a esta data. Não é preciso explicar longamente o porquê, e refazer um trabalho bem-feito: Pierre

---

<sup>820</sup> Ibid., p. 111.

<sup>821</sup> Ibid., p. 168.

<sup>822</sup> FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 36.

<sup>823</sup> Ibid., p. 36.

Jourda disse o essencial em um excelente apêndice, no final do volume II de seu grande estudo sobre Margarida”.<sup>824</sup> Acrescente-se que o próprio Pierre Jourda publicou, em 1930, vários versos extraídos do manuscrito 3458 do Arsenal. Segundo ele, as primeiras composições de Margarida são um tanto desajeitadas e de qualidade artística modesta; seriam datadas de 1521, 1524 e 1526. De fato, há textos relativos à morte da rainha Cláudia (1521), à permanência de Margarida e de sua mãe em Lyon (1524-25), bem como ao cativeiro do rei em Madri e à sua libertação (1526). A esses últimos textos viriam somar-se aqueles já publicados, em 1847, por Champollion-Figeac na coletânea Documentos inéditos sobre o cativeiro do rei Francisco I. Neles se encontram esboçados, de modo mais ou menos hesitante, os principais temas místicos que a rainha desenvolveria depois, de forma incessante. A partir desse momento, isto é, do fim de 1524 e início de 1525, deveríamos situar, segundo Jourda, o *Diálogo em forma de Visão Noturna*, que esse diligente pesquisador republicou em 1926 na *Revue du XVIe siècle* e que se relaciona a um acontecimento datado: a morte, em 8 de setembro de 1524, da sobrinha de Marguerite, Charlotte de France, filha de Francisco I.<sup>825</sup>

Sobre os textos e a personagem, o autor critica a tendência de rotular Margarida como católica, luterana, calvinista ou simplesmente mística, pois essas categorias não dão conta da complexidade de sua experiência espiritual. Em vez de tentar encaixá-la à força em sistemas teológicos, devemos examiná-la diretamente em seus textos, a começar pelos seus poemas cristãos mais antigos. Febvre é categórico:

Na verdade, não é a qualidade poética, a qualidade literária das obras de Margarida que prende nossa atenção: são as ideias que elas traduzem. Ou melhor: sentimento: Não gosto muito da expressão “ideias religiosas”, quando me refiro a essa mulher sensível e mística, tão pouco teóloga e tão pouco dogmática. Essas ideias, em todo caso, se é que existem ideias, são do tipo que voam no ar, esperando que alguém as coloque numa gaiola, ou saem, modestamente, de uma câmara secreta de meditação? Acima de tudo, como podemos caracterizá-los? Margarida, uma católica que nunca ouviu ninguém repudiar do catolicismo, que pelo contrário se aproximou cada vez mais dele, que acabou aderindo completamente aos seus dogmas e ritos? Margarida, uma evangélica, alheia ao pensamento de Calvino, mas amplamente sensível ao pensamento de Lutero, professando profundamente os sentimentos e ideias pelos quais tantos franceses de boa raça morreram, às dúzias, antes de Calvino e do calvinismo? Margarida, uma mulher reformada, mais precisamente uma calvinista, em cujos últimos poemas todos os temas do pensamento protestante são encontrados em massa? Margarida, uma mística, indiferente às querelas das igrejas e confissões, mas buscando além dos dogmas, numa piedade do coração, um alimento espiritual válido.... Conhecemos esses choques de opiniões contraditórias, todas garantidas por nomes honrados: Charles Schmidt ou Henri Hauser, Nathanaël Weiss ou Dean Doumergue, Abel Lefranc ou Pierre Jourda. Julgamento a ser retomado. E para

---

<sup>824</sup> Ibid., p. 37

<sup>825</sup> Ibid., p. 37.

começar, não raciocine no abstrato. Vá para os textos. E primeiro, ao texto do mais antigo poema cristão de Margarida que sabemos aproximadamente como datar.<sup>826</sup>

*Diálogo em forma da Visão Noturna* entre Margarida e sua sobrinha falecida, Charlotte, é a primeira composição religiosa importante que nos é oferecida sobre a biografada. Podemos atribuir uma data a essa obra, hoje nos parece singular; mas para homens do século XVI, ela certamente não tinha nada de extraordinário. Sobre o período em que escreveu tal texto, Febvre afirma que “é infinitamente mais natural que tenha sido no dia seguinte à morte da princesinha que Margarida compôs seu diálogo”.<sup>827</sup> Em uma carta a Briçonnet, datada no dia seguinte à morte da sobrinha, Margarida emocionadamente. Diante desses fatos, a plausibilidade parece exigir que datemos a evocação de Margarida da “alma sagrada” de Charlotte no outono de 1524; seria difícil adiar-lo, o que não significa que, tendo o *Diálogo* sido escrito em novembro de 1524, Margarida não o tenha retomado e retocado até o momento da publicação: mas isso parece pouco nos hábitos dessa mulher impulsiva, assegura Febvre. E mais: o melhor manuscrito do *Diálogo* que chegou até nós, designa a autora de Madame la Duchesse. Portanto, o *Diálogo* deve ter sido composto antes de janeiro de 1527, época em que Margarida se autodenominava Rainha de Navarra.<sup>828</sup>

Além dos argumentos de ordem psicológica, há também considerações externas que reforcem a datação. Sem grande margem de erro, Febvre afirma que podemos seguir Becker, cuja hipótese foi retomada por Jourda e, valendo-se de uma passagem obscura da carta de 121 de Margarida a Briçonnet, afirmar que Margarida já trabalhava no *Diálogo* e provavelmente previa concluí-lo no final de 1524.<sup>829</sup> Como interpretar esse *Diálogo*? Indaga Febvre. Antes de consultar os exegetas, diz que vai lê-lo. O texto tinha sido republicado duas vezes; uma em 1920 pelo italiano Pellegrini e, a outra, em 1926, por Jourda da *Revue du XVIe siècle*. É um longo poema de 1.300 versos, escritos em tercetos como poetas dantescos.<sup>830</sup>

O primeiro poema cristão de Margarida é um poema longo e extenso, “um poema cujas ideias seguem umas às outras em vez de progredir. Um poema que, para nós, é apenas um texto histórico – um documento de história religiosa”.<sup>831</sup> Contudo, adverte Febvre:

Mas não detenhamos aqui em crítica literária. Bons ou maus, cheios ou macios, suculentos ou cheios de espinhos, não são todos esses versos também documentos? Vamos limitar nosso exame apenas ao *Diálogo*? Mas, além do fato de que nossa intenção aqui

---

<sup>826</sup> Ibid., pp. 38-39.

<sup>827</sup> Ibid., pp. 39-40.

<sup>828</sup> Ibid., p. 41.

<sup>829</sup> Ibid., p. 41.

<sup>830</sup> Ibid., pp. 41-42.

<sup>831</sup> Ibid., p. 48.

não é estudar em profundidade a doutrina de Margarida e seu misticismo, é preciso dizer que um exame metódico, atento e escrupuloso dos primeiros cinco mil versos de Margarida, enquanto se espera pelos milhares que se seguem, exigiria um trabalho desproporcional aos resultados que se podem esperar. Além disso, seria necessário um teólogo qualificado, juntamente com alguém com muito conhecimento sobre história espiritual.<sup>832</sup>

Destaca que é preciso resistir ao perigoso impulso filológico de repetir indefinidamente o que já foi dito, sobretudo quando nada de novo pode ser acrescentado além de repetições e redundâncias. Mesmo assim, essas repetições têm seu valor e merecem ser registradas. Eis o *Espelho da Alma Pecadora*, reimpresso por Frank em sua prática edição *Margaridas*. Trata-se de um longo poema que a rainha não conseguiu abreviar: um texto de 1.400 versos que, se fosse reduzido a um terço, seria bem mais legível.<sup>833</sup>

Margarida, princesa do Renascimento, protetora das letras e das artes; Margarida que aparece nas obras de Marot, Des Périers e Rabelais, apenas para lembrar os nomes mais importantes. Como não supor, desde já, que ela admira aquele homem a quem Rabelais, no início de sua carreira, dedicou a homenagem devocional conhecida como a carta a Salignac; o mesmo homem cujos colóquios seriam traduzidos por Marot, seu parente; e que seu secretário, Des Périers, acabaria levando a cena em sua obra satírica?<sup>834</sup> Se examinarmos os textos mais atentamente, veremos que nossa suposição inicial está equivocada. Antes disso, porém, cabe perguntar: Margarida chegou a conhecer Erasmo? Mesmo sem um encontro pessoal, teria ao menos trocado cartas com ele? Seu nome aparece entre os correspondentes do grande humanista no *Opus Epistolarum Erasmi*, esse verdadeiro armorial do século XVI, repleto de estudiosos ardorosos recém-chegados – Budé, Lefèvre, Hutten, Thomas More, Beda e Lutero? Curiosamente, encontramos na correspondência de Erasmo duas cartas que ele dirigia Margarida, mas não há nenhuma carta de Margarida enviada à Erasmo.<sup>835</sup>

Essas duas cartas apresentam particular interesse: uma é datada de 28 de setembro 1525 e a outra de 13 de agosto de 1527. A primeira, mais extensa, combina a naturalidade com certo constrangimento. Haviam se passado seis meses desde a Batalha de Pavia, e Margarida, então na Espanha, empenhava-se em libertar o irmão. Diante de uma situação tão delicada, Erasmo julgou necessário manifestar-se. Febvre até reconheceria prontamente algum mérito nesse gesto, se ele não fosse, mais do que um ato espontâneo, fruto de uma espécie de cálculo ou

---

<sup>832</sup> Ibid., p. 49.

<sup>833</sup> Ibid., p. 49.

<sup>834</sup> Ibid., p. 53.

<sup>835</sup> Ibid., p. 57.

expressão de uma necessidade essencial: para manter-se acima das disputas entre soberanos e das tensões políticas, precisava cultivar entendimentos e relações em todos os lados e em todas as cortes; era indispensável que se afirmasse como um verdadeiro cidadão do mundo.<sup>836</sup> Em 28 de setembro de 1525, de Basileia, Erasmo escreveu à Margarida. Não houve resposta a esta carta. Em 13 de agosto de 1527 ele escreve a segunda carta e novamente não tem resposta.<sup>837</sup>

Com relação aos textos sagrados, o pai dos *Annales* afirma que Margarida vê neles apenas uma forma de nutrição, eles são a palavra de vida para ela. “Como elas foram transmitidas para nós? de quando eles são? Qual é a relação deles um com o outro? Tudo isso, que fascina o historiador, o filólogo e o crítico, dificilmente interessaria a uma mulher que lê a Bíblia para alimentar sua alma (...)”.<sup>838</sup> Ao analisar o texto de Margarida, Febvre percebe que ela fala cem vezes em sua obra a frase “o amor é mais forte que a razão”.<sup>839</sup> Sublinha que a personagem vê as coisas de forma simples e que pensa e escreve em antíteses: noite, dia; morte, vida; pecado, graça. Ela não se cansa de opor dois elementos que coexistem no homem e nunca cessam de lutar entre si: o carnal e o espiritual.<sup>840</sup>

Ao analisar a correspondência de Margarida com Briçonnet, destaca que a personagem era “uma mulher de ação, uma mulher treinada para tomar decisões e assumir responsabilidade, para negociar e intervir, para lidar com grandes negócios para torná-los realidade, ela era atraída por tudo o que sentia do desejo de ação e renovação”.<sup>841</sup> Por sua vez, ele sonhava com reformas e ação. “É isso que está implícito na correspondência muito íntima, muito pessoal e muito espiritual entre Margarida e Briçonnet. É isso que lhe confere valor e dignidade histórica”.<sup>842</sup>

Tal como se revela nas cartas enviadas ao bispo, escritas ao longo de três anos e meio, de junho de 1521 até o final de novembro de 1524, Margarida, então às vésperas de completar trinta anos, surge desde as primeiras linhas como alguém inquieta, carregando o peso de grandes responsabilidades. Ela mesma afirma, na carta inicial, estar obrigada a “lidar com muitas coisas capazes de lhe provocar intenso temor”. Suplicando auxílio àquele que, “por meio da escrita, da oração e da lembrança”, poderia, se assim desejasse, “retirá-la de sua dolorosa obscuridade”, ela revela sua angústia interior. É o mesmo anseio encontrado entre tantos cristãos místicos, especialmente entre o final do século XV e o início do XVI, que, ao buscar superar o abismo

---

<sup>836</sup> Ibid., p. 58.

<sup>837</sup> Ibid., p. 60.

<sup>838</sup> Ibid., p. 63.

<sup>839</sup> Ibid., p. 63.

<sup>840</sup> Ibid., p. 67.

<sup>841</sup> Ibid., p. 81.

<sup>842</sup> Ibid., p. 81.

entre a fragilidade humana e a onipotência divina, aspiravam alcançar uma união total com Deus.<sup>843</sup>

O autor argumenta que, ao observar tantas características do misticismo quanto os aspectos biográficos de Margarida, é possível concluir que ela tinha um perfil psicológico, emocional e espiritual ideal para encontrar no misticismo uma forma intensa e elevada de realização pessoal e religiosa:

Ora, se tomarmos as características do crente místico, como acabamos de enumerá-las, e se recordarmos o que aprendemos, ou reaprendemos, da vida de Margarida, talvez pensemos que ela foi feita, entre todas, para extrair da devoção mística as mais elevadas e vivas satisfações. Ser amado e, através disso, escapar da solidão; ser guiada e amparada, sentir uma presença muito suave e muito eficaz perto de si: o desejo secreto, sem dúvida, de uma mulher que, não encontrando no casamento o conforto de que necessitava, assumindo, além disso, por sua conta e risco, pesadas responsabilidades temporais sobre os seus ombros, deve ter sonhado muitas vezes com um apoio fraterno. Ser amada e, portanto, valorizada pelo seu preço, não como uma princesa, mas como uma simples cristã; humilhar-se diante daquele que ama, mas deixar-se invadir pelo orgulho de um amor incomparável e sacrificar-se por esse amor; aspirar à paz, deitar-se no Paraíso ao fim de dias cansativos e levantar-se novamente, mais forte, para as tarefas necessárias: tantos sonhos possíveis para uma mulher que não rompeu com o mundo, busca-o, encontra nele grandes e vivas satisfações - mas, no entanto, sofre com isso, e em todos os sentidos. Isso nos impede de tomar por acidente, ou por alguma aberração de gosto literário, a correspondência que Margarida, em junho de 1521, inaugurada com Guillaume Briçonnet, bispo de Meaux.<sup>844</sup>

O que Margarida pede em suas cartas? Sempre a mesma coisa: ajudar e resgatar. Febvre declara: “deixemos isso, e voltemos a outro aspecto dessa correspondência, como um dos raros documentos deste tipo que o século XVI nos deixou”. O primeiro impulso de Margarida foi pedir a Briçonnet que a orientasse no caminho da salvação. Ele prontamente respondeu, aconselhando-a a dedicar-se à leitura das Escrituras, Não de maneira rápida e superficial, limitada ao entendimento literal das palavras, mas sim com leitura reflexiva, profunda, buscando ultrapassar o texto e alcançar seu significado espiritual. Margarida, receptiva e desejosa de aprender, obedeceu à recomendação do bispo e leu.<sup>845</sup> O autor propõe retornar a esses textos para uma rápida leitura, começando pela Epístola aos Romanos, considerada a mais completa e sistemática entre as cartas paulinas. Ele declara que a relerá não com olhar de teólogos (que, ainda que estivesse ao seu alcance, não seria pertinente ao propósito presente), mas buscando, na medida do possível, assumir a perspectiva dos homens do século XVI,

---

<sup>843</sup> Ibid., p. 86.

<sup>844</sup> Ibid., p. 89.

<sup>845</sup> Ibid., p. 90.

sensíveis às fórmulas vazias, à sequência de silogismos e às deduções mecânicas que caracterizavam o pensamento daquela época.<sup>846</sup>

O autor afirma que Margarida teve contato mais profundo e significativo com o antigo testamento - especialmente o livro dos Salmos - a partir de sua obra *Discórdia*. Isso remete Febvre, involuntariamente, a um texto conhecido de Martinho Lutero, “Conversas à Mesa”, de 1532. Ou seja, os dois personagens parecem partilhar uma experiência espiritual fortemente marcada pelo Salmos, o que cria uma ressonância inesperada entre eles.<sup>847</sup> Cita trabalhos de Moore e argumenta que ele fornece provas de que a própria Margarida traduziu para o francês pelo menos um dos escritos de Lutero.<sup>848</sup>

Sobre as dificuldades em estudar Margarida, Febvre destaca que são inúmeras:

Dados insuficientes, em primeiro lugar, em muitos pontos de capital importância. Embora, comparativamente, sejamos muito ricos em textos de e sobre Margarida, nos sentimos pobres. Faltam-nos, em particular, confidências psicológicas, confissões vindas de Margarida. E não menos, indicações cronológicas abundantes e confiáveis. Muito poucas são, de fato, as obras da Duquesa de Alençon (ou da Rainha de Navarra) das quais sabemos precisamente a data de composição. Não esqueçamos que pelo menos metade de sua obra só viu a luz do dia depois de 1549 - ou seja, depois de sua morte. Começando com o *Heptaméron*, que só apareceu em 1558-59; para continuar com as *Cartas*, que tiveram que esperar pelos dois volumes de Génin até 1841 e 1842; terminando com as *Dernières Poésies* que nos trouxeram, somente em 1896, um grupo de epístolas, mais duas comédias, além do grande poema das *Prisões*, *La Navire*, peças líricas, cânticos espirituais e diálogos.

Depois disso, em ordem dispersa, veio o resto - os restos: o *Pater* publicado por Parturier, depois por Moore; os pequenos trechos publicados por Sturel em 1914 na *Revue du XVIe siècle*; aqueles dados por Jourda na mesma revisão, em 1926 em particular. Durante a vida de Marguerite, as publicações eram raras: em 1531, havia a do *Espelho da Alma Pecadora*, ampliada pelo que chamarei de seus anexos; houve reedições sucessivas do *Mirror*; e nada mais até 1547 (dois anos antes da morte da princesa), data do aparecimento de *Marguerites de la Marguerite*, que contém a maior parte da obra impressa durante sua vida; nada restou, exceto, em 1543, o livreto contendo a *Fábula do Falso Coronel*. — 1531-1547: dois marcadores cronológicos muito distantes um do outro; dois termos; mas quando deveríamos situar os escritos de Marguerite, que essas duas coleções reúnem?<sup>849</sup>

Com relação aos sentimentos religiosos de Margarida antes de 1519, enfatiza que sabemos muito pouco:

Não temos quase nada de sua autoria: apenas duas cartas dela, anteriores a 1519, aparecem no repertório de Jourda. Documentos literários? Nada. A cronologia de seus poemas, autenticamente datada, estabelecida pelo mesmo Jourda em um apêndice de seu volume II, não remonta à além de 1527. Devemos, portanto, desistir de tentar descobrir onde Margarida estava em 1519, ou seja, na época em que a explosão luterana abalava os espíritos em todos os lugares e provocava uma espécie de agitação e profunda inquietação entre as massas cristãs. As únicas coisas que podemos dizer,

---

<sup>846</sup> Ibid., p. 105.

<sup>847</sup> Ibid., p. 111.

<sup>848</sup> Ibid., p. 113.

<sup>849</sup> Ibid., p. 114.

com base em documentos confiáveis, são que Margarida, nessa época, desempenhou seu papel de princesa na grande obra de reforma monástica que continuava na França, sob a proteção de reis e nobres e com o apoio ativo dos Parlamentos.<sup>850</sup>

A única coisa concreta da religiosidade de Margarida foi a reserva de 500 libras para fornecer às igrejas do Ducado ornamentos e relicários religiosos a cada ano. Sobre o fato, Febvre complementa: “tirando esses atos - perfeitamente banais e que não devemos tentar exagerar, nem mesmo para preencher um vazio - nada a saber (...) É preciso saber ignorar - e nada sabemos sobre a atitude religiosa da jovem Margarida. Não podemos dizer em que estado de espírito a grande revolução a encontrou em seu início, em 1519”.<sup>851</sup> Em seguida, adverte sobre a comparação entre Margarida e Lutero:

Não nos desviemos para estradas secundárias. Não criemos oposições artificiais. Não vamos fazer muitos contrastes visíveis. Aqui, uma grande dama no mundo, uma francesa de antiga linhagem principesca, sólida mas refinada, atraente com seus lábios finos, aquele olhar ligeiramente velado que se volta voluntariamente para dentro, uma aparência discreta e sóbria, uma polidez Valois; aqui, cultivada em espaldeiras por gerações e pelos jardineiros mais habilidosos, esta bela fruta de Angoumois amadureceu na doçura de Touraine - e ali, esta fruta selvagem de uma terra áspera, o monge de Wittenberg com olhos de lobo, próximos e penetrantes; ali, esse bebedor de cerveja veemente e grosseiro, popular em suas maneiras e em suas palavras, frequentemente insultuoso, voluntariamente obsceno, sempre transbordando. Mas capaz de chegar um dia a Leipzig, no grande salão onde médicos e príncipes se aglomeram, capaz de chegar à disputa que, durante cinco dias, ele deve sustentar contra o Doutor Eck - simples, sorridente e levando às narinas, de vez em quando, o buquê fresco de flores silvestres que ele teve tempo de ir colher. Tempo e amor. — Dois seres, Martinho Lutero e Margarida d'Angoulême, situados em polos opostos um do outro? Admito. Mas essas oposições nada significam. Elas não impedem profundas afinidades. A atração de uma Margarida, certamente, pelo desmedido de Wittenberg.<sup>852</sup>

Antes de concluir, o historiador francês faz uma última pergunta:

Coletamos o depoimento da própria Marguerite, tanto quanto possível. Nós discutimos isso em nosso nome. Não poderíamos possuir, assinado pelo nome de algum observador bem-informado, um testemunho autêntico que nos esclarecesse, de fora, sobre os estados de espírito religiosos da princesa? Pergunta útil, porque, de fato, temos um documento desse tipo; raro, explícito e de procedência notável. Ela entra em jogo aqui de forma bastante natural, pois data de março de 1528 e nos informa sobre a religião de Marguerite na época em que o segundo período de sua vida estava prestes a começar, o que podemos chamar de seu período navarro. Certamente não é novo nem desconhecido. Henri Hauser deixou sua marca na *Revue Critique* em 1895. Talvez seja bom levar mais um pouco, no entanto os termos para ponderá-los bem - e antes de tudo apresentar o autor ao público.<sup>853</sup>

Febvre anuncia a introdução de um documento-chave que oferece uma visão externa e contemporânea sobre as crenças religiosas de Margarida no crucial ano de 1528, o início de sua

---

<sup>850</sup> Ibid., p. 116.

<sup>851</sup> Ibid., p. 118.

<sup>852</sup> Ibid., p. 130.

<sup>853</sup> Ibid., p. 150.

fase como Tainha de Navarra, onde ela se tornou uma figura de destaque na Reforma Francesa e no Humanismo. Embora o documento já tenha sido citado por Henri Hauser, o historiador sente a necessidade de reavaliá-lo em profundidade e contextualizar sua origem para o leitor.

Sobre uma das últimas cartas trocadas entre Margarida e Briçonnet afirma que ela é muito importante e excepcional porque é um dos poucos registros que sobreviveram do século XVI em análises psicológicas.<sup>854</sup>

O autor não hesita em dizer que Marguerite d'Angoulême, duquesa de Aleçon, depois rainha de Navarra, após tantas biografias e monografias, esboços apressados e pesquisas aprofundadas, permanece como um enigma de seu século.<sup>855</sup>

Antes de entrar no *Heptamerón*, Febvre reafirma o aviso de rigor histórico para que o leitor evite usar termos modernos para descrever realidades antigas, especialmente no que diz respeito às complexas posições religiosas de Margarida de Navarra, que atuou em uma época de transição e indefinição doutrinária:

Protestante Margarida? Essa palavra "protestante" ou não significa nada, ou evoca em nossas mentes noções que nenhuma delas poderia ser validamente aplicada à Duquesa de Alençon: ninguém, na verdade, ao longo de sua vida, se mostrou mais livre do que ela no que diz respeito ao conjunto de atitudes morais e psicológicas que, em nosso discurso familiar, concordamos em chamar de "o espírito protestante". Quanto ao resto, em 1521, 1531, 1541, protestante é uma palavra que não é corrente entre nós. O protestantismo só apareceu na língua em 1623, segundo especialistas. Usemos as palavras da época: elas são vagas. (...) Mas eu digo: Marguerite, mística por temperamento. Misticismo não é uma opinião. Nem uma doutrina.<sup>856</sup>

A comparação das três obras indica ainda personagens que se repetem. Por exemplo, Erasmo de Rotterdam, referência central para o humanismo cristão do século XVI, é citado nas obras I, II e III. Febvre recorre a ele para mostrar que a Reforma e a Renascença compartilhavam inquietações religiosas, linguísticas e morais. Ele serve como ponte de comparação para medir os graus de ruptura e continuidade de cada personagem.

Observei também a presença de autores citados de forma recorrente. Abel Lefranc, Henri Hauser e Pierre Jourda aparecem nas obras II e III. Augustin Renaudet, por seu turno, aparece nas obras I, II e III. Abel Lefranc representa o adversário metodológico de Febvre, Henri Hauser é usado como historiador confiável da estrutura social, Pierre Jourda dá o corpo documental (sobretudo para a obra III), Augustin Renaudet fornece a chave da espiritualidade

---

<sup>854</sup> Ibid., p. 151.

<sup>855</sup> Ibid., p. 10.

<sup>856</sup> Ibid., pp. 155-158.

evangélica e humanista. A circulação desses autores mostra que Febvre não reconstrói indivíduos isolados, mas almas inseridas em uma cultura espiritual.

Todas as obras demonstram uma pesquisa aprofundada e o uso de documentações diversificadas e o historiador tem total domínio ao analisá-las. Todas as obras que se destacam ou que ele critica se engajam em uma forma de crítica das fontes anteriores. Suas fontes são cruzadas e interpretadas, não apenas citadas, buscando reconstruir o ambiente psicológico e intelectual. Há também uma busca por uma versão plausível (e não a “certeza”). Em suma, o elemento central que todas as obras compartilham, em maior ou menor grau, é o uso extensivo de documentação primária e o engajamento crítico com essa documentação para reconstruir uma narrativa histórica, mesmo que sejam diferentes nas suas conclusões e interpretações.

### ***3.9 Função Ética***

Nas três biografias, o autor demonstra consciência ética na forma como expõe a vida dos personagens. A função ética nas obras de Febvre manifesta-se no compromisso com a exatidão histórica mesmo quando busca por verossimilhança, na forma como evita anacronismos, na apresentação de figuras complexas de maneira equilibrada, no uso de fontes e pesquisas bibliográficas. Entretanto, a caracterização de Lucien Febvre como um autor “ético” demanda certa problematização, uma vez que os elementos mobilizados para sustentar essa interpretação não constituem necessariamente atributos exclusivos de uma postura ética, mas correspondem, antes, a princípios fundamentais do ofício historiográfico. Em outras palavras, tais aspectos podem ser entendidos como características esperadas de um bom historiador e de uma prática rigorosa.

Na obra I, ele apresenta o reformador como uma figura contraditória, por vezes sombria, afastando-se de qualquer tratamento hagiográfico e preservando a densidade humana do personagem. Seu objetivo é mostrar Lutero com “suas virtudes e fraquezas, grandezas e baixeiras, grosserias”, indicando um compromisso ético com um retrato multifacetado e realista. Ou seja, a ética se traduz na busca por uma representação completa e balanceada de Lutero. Da mesma forma, ao abordar criticamente as interpretações de pesquisadores como Denifle, Febvre demonstra seu compromisso ético em desafiar visões unilaterais e ideologicamente motivadas de Lutero.

Na obra II, Febvre se recusa a transformar Rabelais em ateu moderno, defendendo o respeito ao contexto histórico do autor. A obra é estruturada por um imperativo de corrigir interpretações anacrônicas, que orienta toda a sua arquitetura argumentativa. Sua missão é

restituir a “realidade de um tempo e de um espaço determinados”, o que implica um profundo respeito pela especificidade do passado e pela mentalidade dos indivíduos. Ao demonstrar que o ateísmo no século XVI não era uma categoria de pensamento possível tal como a entendemos hoje, Febvre não só corrige um erro histórico, mas restitui a dignidade intelectual dos sujeitos daquela época, libertando-os de projeções modernas indevidas.

Na obra III, ele evita julgamentos reducionistas ou moralistas, por exemplo, a recusa em separar uma Margarida “mundana” e outra “devota”, porque isso destruiria a unidade da pessoa humana. Seu esforço é retratá-la como uma figura ao mesmo tempo “simples” e “dupla”, recusando classificações fáceis e evidenciando um compromisso ético com a complexidade de seus personagens. Ao desvendar as tensões entre amor sagrado e amor profano, o biógrafo não busca condenar ou exaltar, mas sim compreender a ética interna que regia a vida e a obra de Margarida.

Em todos os personagens, Febvre revela uma postura ética orientada pela valorização da complexidade e pela recusa da caricatura. Suas biografias são elaboradas com rigor intelectual e responsabilidade interpretativa, articulando uma abordagem crítica, desmistificadora e profundamente atenta ao contexto histórico e psicológico que moldam seus personagens. Nas três obras, ele se insere na narrativa como historiador consciente, evitando idealizações, fundamentando suas interpretações em fontes primárias e conduzindo o leitor por uma busca corajosa pela verdade. A riqueza da documentação e a reflexão sobre o papel do historiador evidenciam uma obra densamente investigada e marcada pela ética do compreender e fazer compreender.

### ***3.10 Abordagem crítica, desmistificadora e não hagiográfica***

A crítica é o motor da historiografia de Febvre. Ele não aceita narrativas prontas, para tanto desmistifica mitos e recusa a hagiografia<sup>857</sup>, buscando a complexidade e as contradições dos sujeitos históricos.

---

<sup>857</sup> A hagiografia é um tipo de escrita biográfica que vigorou durante a Idade Média. Seu objetivo era exaltar e tornar modelo as vidas exemplares de heróis, santos e mártires. O propósito da hagiografia não era lembrar a veracidade dos fatos, logo, o interesse desse tipo de biografia era o sentido moral e ético do feito histórico. Vale ressaltar que, durante a Alta Idade Média, 80% dos textos históricos eram as biografias de bispos e abades em estado de iluminação espiritual, só o restante era sobre os soberanos. Conforme Michel de Certeau, a hagiografia era um gênero literário que privilegiava os atores do sagrado (santos) e visava à edificação (exemplaridade). Para ele, a rigor, a hagiografia era um discurso de virtudes. Ver: CADIOU, François. [et al.]. **Como se faz a História: historiografia, método e pesquisa**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 193. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 268-276.

De modo geral, na obra I Febvre desmonta tanto o mito do santo quanto o do herege maldito. A pretensão é investigar o Lutero real, muitas vezes violento, dogmático, mas também angustiado e humano, submetendo a sua trajetória a um escrutínio crítico. O fato de discutir referências como Denifle, um crítico de Lutero, demonstra que Febvre não pretende construir uma figura idealizada, mas elaborar um retrato matizado que incorpore e submeta à crítica as diferentes interpretações sobre o personagem, compondo uma imagem mais complexa. A intenção de mostrar Lutero com suas “virtudes e fraquezas, grandezas e baixeiras, grosserias” é a própria essência de uma abordagem não hagiográfica. Assim, a biografia se propõe a ir além das visões polarizadas de Lutero como santo ou demônio, oferecendo uma análise que o contextualiza em sua complexidade humana e histórica.

Na obra II, sua crítica é direta contra os historiadores que projetam no passado categorias modernas de “ateísmo” ou “liberdade de consciência”. A obra inteira é construída sobre uma postura ética: respeitar o outro em sua alteridade histórica, compreender o passado em seus próprios termos, mesmo quando isso frustra as expectativas do presente. Tal trabalho é o manifesto da abordagem crítica e desmistificadora de Febvre. Ele ataca diretamente a tese de Abel Lefranc que via Rabelais como “inimigo de Cristo, um ateu militante”, desmantelando-a com uma rigorosa análise das categorias mentais da época. O livro, em sua totalidade, é dirigido contra o anacronismo, o que demonstra a abordagem historicista, crítica e desmistificadora do autor, em não projetar ideais ou valores modernos no passado. A análise do *outillage mental* do século XVI não é apenas um conceito, mas uma ferramenta para evitar a projeção de categorias do presente sobre o passado, mostrando que a incredulidade como a conhecemos era conceitualmente inviável na época.

Na obra III, Febvre ironiza interpretações idealizadas e simplificadoras da figura de Margarida. A consciência ética também se mostra presente, o biógrafo respeita profundamente a personagem, mas adota uma abordagem menos combativa e polêmica do que no caso de Rabelais, por exemplo. A própria recusa de Febvre “em ser conclusivo na pesquisa” é, em si, um ato crítico contra uma historiografia meramente acumulativa. Ele critica a superficialidade dos estudos então vigentes acerca do século XVI, sugerindo que a verdadeira compreensão daquele período exige um despojamento de preconceitos. A análise de Margarida como “simples” e “dupla” seria inerentemente desmistificadora, pois se opunha a qualquer visão unidimensional. O biógrafo faz uma análise crítica e aprofundada do contexto e das influências da obra de Margarida, revelando as tensões e ambiguidades de sua época.

Ao longo deste capítulo, foi possível demonstrar que o projeto intelectual de Lucien Febvre se estrutura a partir de uma recusa sistemática das interpretações simplificadoras e das leituras anacrônicas do século XVI. Ao construir Martinho Lutero, François Rabelais e Margarida de Navarra como personagens históricos complexos, contraditórios e profundamente inseridos em seu tempo, Febvre reafirma uma concepção de história que privilegia o movimento interior dos indivíduos, suas tensões psicológicas, espirituais e afetivas, bem como o entrelaçamento indissociável entre experiência pessoal e o contexto coletivo. A biografia, nesse sentido, não é um fim em si mesma, mas um instrumento que permite acessar as sensibilidades religiosas, os conflitos morais e as formas de pensamento próprias de uma época em transição.

A análise evidenciou que Febvre não pretende explicar seus personagens por meio de esquemas causais rígidos nem os reduzir a tipos ideais. Lutero emerge como um homem atormentado, cuja doutrina nasce de uma experiência existencial marcada pela angústia e pela busca obsessiva da salvação; Rabelais é compreendido não como um ateu moderno, mas como um cristão humanista inscrito em um universo mental saturado de religiosidade; Margarida, por sua vez, é apresentada como uma figura “simples e dupla”, cuja espiritualidade se constrói na convivência entre o mundo da corte e a meditação mística. Em todos os casos, Febvre insiste que compreender esses personagens exige abandonar categorias modernas e reconstruir o *outillage mental* do século XVI, respeitando a lógica própria daquele tempo histórico.

Do ponto de vista metodológico e ético, o capítulo demonstrou que a escrita febvreana se funda no rigor documental, no cruzamento crítico de fontes e na consciência dos limites do conhecimento histórico. Ao recusar tanto a hagiografia quanto a condenação moralizante, Febvre adota uma postura ética orientada pelo compreender, e não pelo julgar. Sua abordagem crítica, desmistificadora e não conclusiva reafirma a história como um campo de problemas, e não de respostas definitivas. Assim, o capítulo evidencia que, ao construir personagens históricos densos e ambíguos, Febvre não apenas renova a biografia, mas também propõe uma reflexão profunda sobre o ofício do historiador e sobre as possibilidades de compreensão do passado em sua alteridade radical.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer os três capítulos que estruturaram esta investigação, torna-se possível formular algumas reflexões, identificar eventuais lacunas e indicar novos caminhos que toda pesquisa concluída inevitavelmente suscita.

A presente tese investigou, por meio de uma abordagem comparativa, as obras de Lucien Febvre dedicadas a Martinho Lutero, François Rabelais e Margarida de Navarra, com o objetivo de compreender em que medida esses estudos, apesar da recusa explícita do autor em classificá-las como biografias, mobilizam procedimentos característicos da biografia moderna. Ao longo do trabalho, constatou-se que a rejeição febvreana do rótulo biográfico não implica a negação do biográfico enquanto prática; mas, ao contrário, constitui uma condição para a sua reformulação no interior do projeto historiográfico dos *Annales*.

De acordo com Henri Berr, “ninguém conhece melhor que Lucien Febvre a história do século XVI. Esse foi seu ponto de partida e continuou a ser o domínio de sua predileção”<sup>858</sup>. Ao biografar um teólogo, um escritor e uma rainha, o fundador dos *Annales* cria um panorama que mostra como diferentes esferas, seja religiosa, cultural ou política, se entrelaçaram no movimento reformista. Esses personagens são figuras centrais para compreender a Reforma e seus impactos culturais, religiosos e intelectuais e o que os une é a posição que ocupavam no século XVI como atores em transformação. Febvre não está interessado na Reforma como um evento isolado, mas na transformação da mentalidade europeia no século XVI e, a biografia, para ele, não é um mero relato de vida, mas um método de problematização histórica.

Lutero é o iniciador da Reforma Protestante; Rabelais não foi um reformador religioso, mas sua obra, com humor e sátira, ridiculariza o obscurantismo, o fanatismo e a corrupção clerical, em sintonia com esse movimento de crítica à Igreja tradicional; Margarida, embora tenha permanecido católica, protegeu reformadores e escritores heterodoxos, além de usar sua posição para abrir espaço ao debate religioso e à crítica espiritual. Em síntese, cada personagem, bem como a escolha do autor por eles, a seu modo, expressa o espírito de renovação e crítica do século XVI. Nesse contexto, as biografias demonstram ser complementares e o que as une é o mesmo pano de fundo: um mundo que se transforma.

---

<sup>858</sup> FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais**. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 07.

Ao biografar esses personagens, o historiador demonstra enxergar neles figuras complementares dentro de um mesmo contexto histórico e intelectual. Tal lente permite ao autor mostrar a pluralidade do espírito de um tempo e cada um funciona como um prisma para iluminar aspectos distintos. Em conjunto, em minha análise, os três livros formam um painel do século XVI.

O pai dos *Annales* afirma que “nossa medida não é a do século XVI. Admitimos isso quando se trata da piedosa e mística Margarida que fez o *Heptaméron*. Admitamo-lo quanto ao pai de Gargântua. (...) Repitamos mais uma vez aqui: nem as brincadeiras nem os costumes do século XVI eram os nossos”.<sup>859</sup> De um lado, destaca que o século XVI foi um século violento, duro e tenso. Que o homem desse século tinha uma casca dura e que a paixão religiosa, uma das mais devoradoras que existe, o consumia.<sup>860</sup> As figuras permanecem, em grande parte, enigmáticas; inclusive para aquelas que julgamos melhor conhecidas, como Rabelais, apesar de todos os estudos já realizados.<sup>861</sup> Do outro, enfatiza que o século XVI “foi banhado por uma atmosfera de espiritualidade rica, envolvente e variada”.<sup>862</sup>

Destaca que não podemos ler um texto do século XVI com a mentalidade de alguém de séculos posteriores. Fazer isso leva a falsas interpretações e a uma indignação artificial, porque julgamos o passado com critérios que pertencem ao presente. Na obra II, o historiador afirma:

E que não cause estranheza se, em uma obra destinada a estudar a evolução da humanidade, admitimos que um homem seja o “centro” de todo um volume. Essa obra pretende ser explicativa: ora, a explicação comporta o estudo do papel do indivíduo, seja como intérprete de um tempo, seja como iniciador do futuro. E, justamente, aqui se trata de saber em que medida esse homem reflete seu século, em que medida pôde adiantar-se a ele ou ultrapassá-lo.<sup>863</sup>

A passagem acima expressa um princípio fundamental da biografia moderna que rompe com a biografia clássica, hagiográfica e edificante. No modelo antigo, o indivíduo era uma figura exemplar, destacada por um selo de exceção de seu contexto, admirada por virtudes morais e heroicas. Na biografia moderna, o indivíduo faz parte do contexto como um agente e um problema, com todas as suas nuances. Lucien Febvre destaca que “o homem não é o homem; mas os homens variam, e bem mais do que imaginamos, e em intervalos muito mais curtos”.<sup>864</sup>

---

<sup>859</sup> Ibid., pp. 171-178.

<sup>860</sup> FEBVRE, Lucien. *Autour de l'Heptaméron*: amour sacré, amour profane. 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944, p. 146.

<sup>861</sup> Ibid., p. 174.

<sup>862</sup> Ibid., p. 89.

<sup>863</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle*: la religion de Rabelais. Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947, p. 17.

<sup>864</sup> Ibid., p. 09.

Quanto às interpretações, o historiador chama a atenção para a questão metodológica e declara que

É sempre muito difícil conhecer um homem – a verdadeira fisionomia de um homem, bem entendido. Mas, tratando-se do século XVI, de seus escritores e de suas opiniões religiosas, realmente se exagera. Da descrença agressiva à mais tradicional crença, põe-se demasiada desenvoltura em fazê-los passar, ao sabor dos humores. Seria possível que esses problemas de opiniões, por nós de bom grado proclamados insolúveis, nós, e apenas nós, os fariamos nascer? Não substituiríamos o pensamento deles pelo nosso e, atrás das palavras que empregam, não poríamos sentidos que eles não lhes põem de modo algum? O problema mal colocado pode tornar-se, assim, um problema mais bem colocado. Mas é toda a concepção do século XVI humanista que se questiona. Em uma palavra, é todo um século a ser repensado.<sup>865</sup>

Febvre recusa o fato de que tais obras sejam de cunho biográfico devido a uma resistência metodológica ao rótulo. Chamar seus livros de biografias poderia remeter ao caráter heroico/hagiográfico e com foco no “grande homem” que ele queria evitar. Contudo, produzir à luz das inovações modernistas e da biografia moderna faz com que haja uma mudança de atitude e forma, uma vez que ele incorpora essas inovações em seus trabalhos. O contexto intelectual do ambiente em que ele viveu podem ter sido as influências que o levaram a enveredar no caminho da biografia moderna mesmo sem assumir explicitamente. A pesquisa demonstra que o pai dos *Annales* faz um uso estratégico do biográfico para demarcar uma posição no campo historiográfico.

A análise das obras revelou a existência de permanências que permitem compreendê-las como parte de uma mesma série intelectual. Entre esses elementos, destacam-se a recusa do anacronismo, a centralidade da noção de *comprendre et faire comprendre*, a atenção às mentalidades, a articulação entre indivíduo e coletividade, o uso crítico da documentação e a presença ativa do historiador na narrativa. Febvre constrói seus personagens não como figuras exemplares ou heróis isolados, mas como pontos de condensação de problemas históricos, culturais, religiosos e psicológicos próprios do século XVI. Nesse sentido, o indivíduo funciona como via de acesso privilegiada para a compreensão de um universo social mais amplo.

A pesquisa também demonstrou que, ao privilegiar a compreensão em detrimento do julgamento, Febvre se afasta da biografia tradicional, aproximando-se de uma escrita que dialoga com as transformações da biografia moderna europeia no período entre guerras. Ainda que não compartilhe integralmente das experimentações literárias de autores como Lytton Strachey ou André Maurois, Febvre incorpora, à sua maneira, elementos centrais desse

---

<sup>865</sup> Ibid., pp. 37-38.

movimento: a complexidade psicológica das personagens, a rejeição da hagiografia, a liberdade controlada de estilo e a consciência dos limites do conhecimento histórico. Na investigação, encontrei nas obras analisadas, elementos da biografia moderna tal como ela foi defendida pelos autores ingleses e franceses, contudo, as características que foram identificadas não remetem apenas a elementos de uma biografia moderna, mas a certo uso do biográfico a serviço de um projeto social, dentro do qual os indivíduos terão um determinado papel. Não há um abandono total do indivíduo nesse projeto de história social dos *Annales* e de Febvre. O historiador, no caso de Lutero, Rabelais e Margarida, usa o indivíduo como uma espécie de porta de entrada ou uma ponte para a compreensão de um contexto mais amplo.

A comparação entre as obras permitiu evidenciar que a recusa do autor em assumir o gênero biográfico está profundamente vinculada ao contexto historiográfico francês das primeiras décadas do século XX, marcado pelo desprestígio da biografia entre os historiadores eruditos e por sua associação a uma história romanceada e pouco científica. No entanto, ao mobilizar o biográfico como instrumento de problematização histórica, Febvre contribui decisivamente para a renovação do gênero, ainda que o faça de forma implícita e tensionada.

Ao situar as obras no contexto mais amplo dos modernismos e das transformações intelectuais do pós-Primeira Guerra Mundial, a tese evidenciou como a escrita febvreana dialoga com uma crise mais geral das formas de representação do homem e da experiência histórica. Nesse cenário, a biografia moderna emerge como um gênero híbrido, capaz de articular história, literatura e psicologia, e de responder às novas demandas de compreensão do passado. A escrita de Febvre, ao integrar essas dimensões em uma história-problema, exemplifica uma das possibilidades mais sofisticadas desse momento.

A presente tese contribui para a história da historiografia ao propor uma leitura que reinsere o biográfico no coração do projeto intelectual dos *Annales*, demonstrando que a renovação historiográfica promovida por Febvre não exclui o indivíduo, mas o reinscreve em novas bases. Ao iluminar o lugar da biografia em sua obra, esta pesquisa reforça a ideia de que o biográfico, longe de ser um gênero menor ou ultrapassado, permanece uma ferramenta fundamental para a compreensão histórica, desde que pensado criticamente e situado em seu contexto intelectual.

Dessa forma, a tese sustenta que a recusa febvreana da biografia tradicional foi, paradoxalmente, o caminho que lhe permitiu elaborar uma prática biográfica renovada: uma escrita que, ao rejeitar os modelos consagrados, incorporou criticamente os debates da biografia

moderna e os reconfigurou segundo as exigências de uma história social atenta às mentalidades, às estruturas e às experiências humanas em sua complexidade.

A hipótese central era a de que, apesar de explicitamente recusar uma classificação biográfica para seus livros, existiam elementos da biografia moderna sendo mobilizados por Febvre nas três obras. Contudo, não são apenas traços de uma biografia que podemos identificar nesses trabalhos, vemos um uso estratégico do gênero biográfico para a demarcação de um projeto historiográfico, que é o projeto de história social dos *Annales*. O biográfico está a serviço dessa concepção de história. É como se a relação entre a história e a biografia, não fosse simplesmente de uma aproximação, mas de uso e de instrumentalização. O gênero biográfico, nesse sentido, tem que ser subserviente a um projeto historiográfico que é o projeto dos *Annales*. E, dentro desse projeto historiográfico, a trajetória do indivíduo tem um valor, mas ela está conectada a um programa e projeto de história social.

Dentro desse uso, alguns elementos serão fundamentais para a mediação entre o biográfico e o historiográfico. No caso de Febvre, essa mediação se dá primeiramente pela noção de mentalidade, que será central nas três obras, e o conceito de psicologia histórica que Henri Berr forneceu para essa primeira geração dos *Annales*. Conclui-se que a biografia febvreana não se dá fora dessas mediações conceituais que é o meio campo entre o gênero biográfico e a historiografia.

Os elementos que Febvre utiliza para fazer a crítica à tradição historiográfica, ou as referências todas que lhe precederam, é um elemento estratégico muito importante, pois está demarcando não apenas uma posição do historiador, mas também uma concepção de história afastada daquela dos seus predecessores. Suas biografias não estão dissociadas de seu projeto historiográfico; ao contrário, estão subordinadas a ele. Trata-se de uma relação instrumental: Febvre faz uso do biográfico como recurso metodológico. Ele não é um biógrafo por predileção nem pratica a biografia como um fim em si mesma. Sua conhecida recusa do rótulo “biográfico” é reveladora: ele utiliza esse gênero quase a contragosto, porque está disponível e pode ser mobilizado dentro de seu projeto maior, a história social dos *Annales*. Assim, os elementos biográficos aparecem na medida em que permitem situar o indivíduo no interior de estruturas sociais, mentais e culturais mais amplas. O indivíduo tem lugar nesse projeto, mas um lugar delimitado: não como herói autônomo da narrativa, e sim como ponto de articulação entre experiência singular e contexto histórico.

Portanto, a recusa do rótulo biográfico não constitui uma contradição entre discurso e prática, mas um gesto estratégico de demarcação historiográfica: ao mesmo tempo em que

mobiliza intensamente o biográfico, Febvre afasta-se simbolicamente de um gênero deslegitimado, reafirmando sua inscrição no projeto científico dos *Annales*.

Longe de constituir uma solução definitiva para o problema do indivíduo na história social, o uso do biográfico em Febvre evidencia as tensões internas do projeto dos *Annales*. Necessário para tornar inteligíveis as experiências históricas singulares, o indivíduo reaparece, mas ao custo de novos riscos narrativos, psicológicos e interpretativos. É justamente nesse caráter experimental e problemático que reside a importância das biografias escritas por esse historiador.

A explicitação do problema do anacronismo em Rabelais permite reler Lutero de modo retrospectivamente crítico. Em *Lutero* (1928), Febvre ainda não tematiza explicitamente o anacronismo como problema historiográfico, enquanto em *Rabelais* (1942) ele transforma o anacronismo no eixo estruturante da obra. Em *Lutero*, Febvre mobiliza amplamente a psicologia histórica para reconstruir a unidade moral e espiritual do reformador. Ao fazê-lo, ele corre riscos que mais tarde ele próprio aprenderá a diagnosticar: sobretudo o risco de projetar sobre o século XVI categorias modernas de interioridade, coerência subjetiva e crise existencial. A noção de “destino”, central na obra, organiza retrospectivamente os acontecimentos e confere uma inteligibilidade que pode ser lida, à luz de Rabelais, como uma forma de anacronismo psicológico.

É justamente em *Rabelais* que Febvre radicaliza sua vigilância epistemológica. Ali, ele formula explicitamente o conceito de *outillage mental* e afirma que aquilo que não é pensável em um dado contexto não pode sequer ser desejado. O anacronismo deixa de ser um erro de interpretação e passa a ser entendido como uma violência conceitual: a projeção de categorias modernas sobre um universo mental que não as comporta. Se aplicarmos retrospectivamente esse rigor a *Lutero*, podemos, sim, identificar deslocamentos que Febvre deixará passar em 1928 e que ele próprio não admitiria mais em 1942. Essa leitura permite compreender as obras de Febvre não como um sistema fechado, mas como um percurso intelectual em transformação. A biografia funciona, nesse sentido, como um laboratório na obra de Febvre: é nesse que os limites da psicologia histórica, da narrativa de coerência e da compreensão se tornam visíveis.

Assim, minha leitura não é de um Febvre incoerente, mas um Febvre em movimento. O que ele critica de forma explícita em *Rabelais* permite reler criticamente *Lutero*. Essa tensão interna é central para compreender o uso do biográfico no interior do projeto da história social dos *Annales*: é necessário para tornar inteligíveis certas experiências históricas, mas sempre ameaçado pelo risco do anacronismo. Em suma, tudo aquilo que Febvre aprende a nomear como

anacronismo em *Rabelais* nos obriga a reler *Lutero* não como um modelo acabado, mas como uma experiência inaugural, marcada por riscos que o próprio autor aprenderá a reconhecer e a problematizar. Essa perspectiva, longe de encerrar a discussão, pode indicar novos caminhos de pesquisa: convida a investigar comparativamente as inflexões do uso do biográfico em Febvre, a examinar a evolução de sua vigilância metodológica diante do anacronismo e a explorar como essa autocrítica interna ilumina a formação da história das mentalidades do interior dos *Annales*.

No primeiro capítulo da tese, “Modernismos, Biografias e Comparações”, o objetivo principal foi delimitar um ponto de partida teórico e metodológico para as análises das obras de Lucien Febvre. O capítulo serviu para delinear as principais características da biografia moderna, que, nos capítulos seguintes, funcionaram como guia para a análise das fontes.

Em “Comparemos sim, mas como historiadores”, meu segundo capítulo, munida da tabela construída a partir das características da biografia moderna apresentadas no capítulo I, mergulhei no conteúdo das três obras para analisar os eixos I e II: o biógrafo e o texto. Todos os critérios de análise revelaram-se plenamente identificáveis nos livros.

O último capítulo, “Três faces do século XVI: o projeto intelectual de Lucien Febvre”, analisei os eixos III e IV: o personagem e o eixo transversal. Mais uma vez, todos os critérios mostraram-se identificáveis, o que reforça a hipótese de que os livros de Lucien Febvre constituem biografias e, mais do que isso, biografias modernas que estão a serviço de seu projeto historiográfico.

A pesquisa mostra que todas as biografias são construídas de forma similar, a partir de uma história-problema, psicologia histórica, personagens complexos e o século XVI como pano de fundo. As obras apresentam organização temática e metodológica comum. Embora Febvre tenha reiterado que seus trabalhos não eram biografias, a análise realizada ao longo deste estudo demonstra que eles se inscrevem plenamente no horizonte da biografia moderna. Ao tomar o indivíduo como ponto de observação para compreender um século, ao articular a vida e o contexto em um mesmo gesto explicativo e ao investigar, em cada figura, a tensão entre aquilo que reflete seu tempo e aquilo que o ultrapassa, Febvre opera segundo os princípios que definem a renovação moderna no gênero biográfico. Assim, mesmo recusando o rótulo, suas obras sobre Lutero, Rabelais e Margarida revelam-se, de fato, biografias modernas, inteiramente alinhadas às exigências metodológicas e epistemológicas de seu tempo e ao seu projeto de história.

Mais do que oferecer respostas definitivas, a análise das obras de Lucien Febvre permite recolocar questões fundamentais sobre os modos de escrever a história, os limites da explicação

histórica e os riscos inerentes à narrativa. O biográfico, longe de ser um resíduo da história tradicional ou uma simples concessão estilística, revela-se como um terreno privilegiado para pensar as tensões constitutivas da disciplina histórica, tensões que, longe de serem superadas, continuam a desafiar a prática historiográfica.

## FONTES

FEBVRE, Lucien. **Martin Luther: un destin.** 4<sup>e</sup> éd. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. Première édition : 1928.

FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais.** Édition revue. Paris: Albin Michel, 1947.

FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane.** 4<sup>a</sup> éd. Paris: Gallimard, 1944.

## BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **D. Pedro II, a sinédoque de um tempo: uma análise sobre as biografias do imperador.** Curitiba: Appris, 2021.

ALMEIDA, Denise Lezan de. **Apareceu a Margarida...: a trajetória da mulher nas obras de Marguerite de Navarra, Dinah Silveira de Queiroz e Anne Hébert.** 1989. 195 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1989.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica.** Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução de Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.** Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2021.

AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, n.1, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna.** Organização de Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Mimo; 7).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura história e cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTIVOGLIO, Julio. **Desconstruindo Marc Bloch (1886-1994): um guia de leitura para os brasileiros.** Conferência proferida durante o XIV Encontro Estadual de História. Disponível em: <https://shorturl.at/4Sj07> Acesso em: 16 mai. 2026.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22.

BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t. 1: La naissance des Annales (1928-1933).

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. – 2. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CADIOU, François *et al.* **Como se faz a História: historiografia, método e pesquisa**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2007.

CAMPOS, Joyce Neves de. **Ação, destino e deliberação na tragédia grega e na Ética aristotélica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 10. ed. Brasília: Senado Federal, 2011. v. 4.

CASTRO, Norida de. A Arte da Biografia / The Art of Biography. **Dispositiva**, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <https://shorturl.at/nRuXZ>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, v. 1.

COGGIOLA, Osvaldo. “A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade”, **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, 2021. Disponível em: <https://shorturl.at/dVIsa>. Acesso em 03 jan. 2023.

DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: uma biografia**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução de Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DROYSEN, Johann Gustav. **Outline of the principles of history (Grundriss der Historik)**. Translated by E. Benjamin Andrews. Boston: Ginn & Company, 1897.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Lytton Strachey**. Disponível em: <https://shorturl.at/9epFR>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1989.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. v.1.

GOMES, Tiago de Melo. A força da tradição: a persistência do antigo regime historiográfico na obra de Marc Bloch. **Varia Historia**, v. 22, n. 36, p. 447-456, 2006.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, 2011.

GONÇALVES, Bruno. Os sentidos do anacronismo. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 38, 2022. DOI: 10.15848/hh.v15i38.1829. Disponível em: <https://shorturl.at/i3npO>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GUIMARÃES, Thaís França. **A biografia como gênero e fonte histórica: discussões historiográficas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://shorturl.at/yP9Jg>. Acesso em 29 out. 2023.

HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. **CONTRAPONTO**, v. 9, 2020. Disponível em: <https://shorturl.at/4TqVh>. Acesso em: 11 fev. 2023.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875 – 1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2011

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KARL, Frederick R. **O moderno e o modernismo: a soberania do artista 1885 – 1925**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 9, ago. 2012.

MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**. Marília, vol. 1, n. 1, 2008.

MALERBA, Jurandir. Historiografia moderna em perspectiva global. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 3, 2009. Disponível em: <https://shorturl.at/plMsM>. Acesso em: 04 jan. 2023.

MARAZÃO, Karine de Fátima. **Modernismos em perspectiva**: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil. 2013. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2018. Disponível em: <https://shorturl.at/uDei6>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1.

MATOS, Júlia. Lucien Febvre e o Reformador. **Varia Scientia: Revista Multidisciplinar da Unioeste**. Cascavel, v. 1, n. 1, p. 149-153, 2001.

MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova York: D. Appleton&Company, 1929.

MELO, Jaqueline Lima Ximenes. Da contribuição do método comparado para a história. **Revista Historiador**, n. 5, 2012.

MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978.

NICOLAZZI, Fernando. História das mentalidade e história cultural. **Revista Vernáculo**, v. 1, n.1, 2000. Disponível em: <https://shorturl.at/BhP7l>. Acesso em: 11 fev.2026.

NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

OXFORD DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY. **Oxford Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://shorturl.at/DG2VP>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIKETTY, Guillaume. La biographie comme genre historique? Étude de cas. In: **Vingtième Siècle : Revue d'histoire**, n.63, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas**: experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

REVIRON-PIÉGAY, Floriane, « Lytton Strachey (1880-1932), André Maurois (1885- 1967) and the « New Biography » : English revolution versus French evolution ? », **Les Grandes figures historiques dans les lettres et les arts**, n° 9, 2020. Disponível em: <https://shorturl.at/aeqkJ>. Acesso em 13 jan. 2023.

ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães).

ROCHA, Sabrina Magalhães. O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 16, 2014.

ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. Tese (doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

RODRIGUES, Giancarlo Moreira; BRITO, Luciana. Romance e memória: retratos da Primeira Guerra Mundial em Passeio ao Farol de Virginia Woolf. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i1.25862. Disponível em: <https://shorturl.at/BSAxn>. Acesso em: 14 set. 2025.

SALOMON, Marlon ; CAMPOS, Raquel ; CHARTIER, Roger. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. **História da Historiografia**, v. 22, 2006.

SALOMON, Marlon. Causalidade e tempo histórico nas relações entre a história e as ciências. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 206–223, 2024. Disponível em: <https://shorturl.at/fd38l>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003.

STRACHEY, Lytton. **Eminent Victorians**. Michael Holroyd, ed., London: Penguin Books, 1986.

THE ONLINE BOOKS PAGE. **Dictionary of National Biography**. Disponível em: <https://shorturl.at/zqy58>. Acesso em: 11. ago. 2024.

TOMASI, Alessia. **Hanging up Looking Glasses at Odd Corners: Virginia Woolf and Biography**. 2014. Dissertação (mestrado) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Padova, 2014. Disponível em: <https://shorturl.at/jPgkx>. Acesso: 11 ago. 2024.

VAINFAS, Ronaldo. A religião de Rabelais. **Jornal de Resenhas**, n. 104, mar. 2009. Disponível em: <https://shorturl.at/QRWv3>. Acesso em 10 nov. 2022.

VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca**: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

WAENY, Maria Fernanda Costa. Por uma história da psicologia histórica. (2013). **Memorandum: Memória E História Em Psicologia**, 24, p. 123. Disponível em: <https://shorturl.at/btMEn>. Acesso em: 10 fev. 2026.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização de Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Mr. Bennett and Mrs. Brown**. London: Hogarth Press, 1924.

CASTRO, Norida de. A Arte da Biografia / The Art of Biography. **Dispositiva**, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <https://shorturl.at/nRuXZ>. Acesso em: 14 ago. 2024.

YALE UNIVERSITY. **Virginia Woolf. Modernism Lab**. Disponível em: <https://shorturl.at/FklV0>. Acesso em: 13 ago. 2024.

YAMASHITA. Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ZUIN, João Carlos Soares. **A crise da modernidade no início do século XX**. Disponível em: <https://shorturl.at/gZJnc>. Acesso em: 14 set. 2025.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – TABELA 2 - CARACTERÍSTICAS DA BIOGRAFIA MODERNA

| EIXO            | TÓPICO DE ANÁLISE                    | ORIGEM DO TÓPICO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| EIXO I - AUTOR  | 1 – “Corajosa busca pela verdade”    | <p>Maurois: Primeira característica da biografia moderna: "a corajosa busca pela verdade".</p> <p>Nicolson: Destaca que a verdade é um problema para o biógrafo porque mesmo que ele esteja familiarizado com o assunto há muito tempo, ainda assim é impossível dizer toda a verdade sobre o assunto.</p> <p>Woolf: Destaca que a biografia moderna é uma forma biográfica que tem por objetivo captar a verdade da personagem rompendo com o silêncio pudico que até então cercava a esfera privada.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|                 | 2 – Posição do biógrafo no texto     | <p>Woolf: o biógrafo é ligado por fatos. Estão sujeitos a mudanças de opinião, que se alteram à medida que os tempos mudam. Ele deve estar preparado para admitir versões contraditórias a respeito de uma mesma face.</p> <p>Strachey: privilegiou obras irônicas/sarcásticas, pequenas e com a presença do biógrafo na narrativa, que passou a ser valorizado. Esse tipo biográfico tinha como objetivo realizar críticas sociais e políticas, contrariar a ordem vigente.</p> <p>Strachey: o segundo dever do biógrafo moderno era “manter sua própria liberdade de espírito”. A escolha do biógrafo resultou, na maioria das vezes, desta grande liberdade. Em seu prefácio à tradução francesa de <i>Eminent Victorians</i>, apresentou a obra como um “pequeno livro que causou grande agitação” na Inglaterra e como “um desafio” porque os personagens apresentados por Strachey eram “todos quase sagrados, já embalsamados pela lenda”. Maurois admirou a originalidade do método de Strachey, que consistia em rejeitar a lenda e procurar o ser humano.</p> <p>Presença explícita do biógrafo na narrativa</p> |
| EIXO II - TEXTO | 3 – Narrativa temática e simbólica   | Nicolson, Strachey e Maurois: Uso de temas unificadores, detalhes simbólicos, seleção significativa de eventos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                 | 4 – Liberdade de estilo e julgamento | Léon Edel: reivindica o direito à síntese e refinamento dos materiais que o biógrafo pode transitar entre o passado e o futuro de uma determinada vida; ele pode tentar isolar certas cenas ou usar incidentes banais – que outros podem descartar – para iluminar um personagem; ele se tornou tão imbuído de seus documentos que pode se libertar da escravidão a eles sem se desligar de sua verdade. Esse senso prometeico de poder, fundamentado na erudição, na simpatia                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|  |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                                 | <p>intuitiva, na fé na interpretação e nas possibilidades da obra literária, representa a evolução extrema (e aventureira) do paradigma moderno.</p> <p>Maurois: certamente concordava com Strachey que o segundo dever do biógrafo moderno era “manter sua própria liberdade de espírito”. A escolha do biógrafo resultou, na maioria das vezes, desta grande liberdade. Em seu prefácio à tradução francesa de <i>Eminent Victorians</i>, apresentou a obra como um “pequeno livro que causou grande agitação” na Inglaterra e como “um desafio” porque os personagens apresentados por Strachey eram “todos quase sagrados, já embalsamados pela lenda”. O francês admirou a originalidade do método de Strachey, que consistia em rejeitar a lenda e procurar o ser humano.</p> <p>Maurois: enfatiza que os personagens, para se tornarem vivos, deveriam ser estilizados (mas não simplificados demais). Assim, construiu seus personagens em torno de um tema orientador e unificador (Ariel, Lélia, Don Juan, René, Prometeu, Olympio). O seu tom para com seus biografados era, na maioria das vezes, de humor gentil e suave ironia. Ele foi testemunha benevolente e divertida das falhas e fracassos de seus biografados.</p> <p>Liberdade de espírito do biógrafo, sem neutralidade absoluta, com leve ironia ou humor.</p> |
|  | 5 – Fazer da biografia uma arte | <p>Cymbrykiewicz: O principal objetivo do biógrafo moderno era fazer da biografia uma arte. De fato, até o século XX havia pouca ou nenhuma preocupação com a forma artística do gênero biográfico, uma vez que, até então, a motivação tinha sido de tipo prático, como registrar, elogiar ou instruir. A maneira mais imediata de abordar biografia para arte era focar no estilo: a linguagem tinha que ser adaptada através do estilo para capturar a experiência humana inconstante. Segundo Cymbrykiewicz, a “nova biografia” está no meio do caminho entre ficção e a realidade.</p> <p>Nicolson e Strachey: O principal objetivo do biógrafo moderno era fazer da biografia uma arte. A linguagem tinha que ser adaptada através do estilo para capturar a experiência humana inconstante.</p> <p>Nicolson constrói uma abordagem cronológica, entremeada pela periodização associada entre autores e obras. Uma de suas preocupações era definir a biografia como arte e distingui-la por seus procedimentos narrativos, sendo a avaliação dos mesmos o caminho para identificar a qualidade das biografias.</p>                                                                                                                                                                                                               |

|                          |                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                                                     | <p>Nicolson: Nem história nem ficção, mas sim uma arte com características próprias.</p> <p>Valorização da forma, do estilo, da beleza do texto biográfico como forma de arte.</p> <p>Woolf: o trabalho do biógrafo não é um trabalho de arte, mas algo intermediário e localizado entre ambos.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                          | 6 – Fusão de gêneros: história, ficção e psicologia | <p>Nicolson, Maurois e Strachey : Intersecção entre história, romance e psicologia sem ser puramente um deles.</p> <p>Woolf: o êxito ou o fracasso do empreendimento biográfico depende da capacidade do biógrafo de “dosar” bem a parte ficcional e a parte factual.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| EIXO III -<br>PERSONAGEM | 7 – Complexidade da personagem                      | <p>Maurois, Strachey, Nicolson, Madélenat:<br/>Ao escolher seus personagens, eles insistiam na complexidade da personalidade, que foi definida por Maurois como a segunda característica da biografia moderna.</p> <p>Pretendiam dar uma impressão de vida e entenderam a biografia como a “evolução de uma alma humana”, que deveria se beneficiar dos avanços da psicologia e da psicanálise. Maurois, que não era naturalmente inclinado ao exame dos motivos ocultos de seus personagens, contudo, foi encorajado por seu amigo, o escritor e crítico literário francês Charles Du Bos (1882-1939) para aprofundar a análise dos sentimentos de seus personagens. Nesse ponto, ambos seguiram o mesmo caminho para uma percepção mais psicológica, mesmo que Strachey estivesse naturalmente mais pronto para reconhecer a necessidade de pesquisar a infância de seus personagens para encontrar as motivações ocultas do comportamento adulto. Ao contrário de Strachey, Maurois admitiu que escolheu seus personagens porque sentiu um verdadeiro sentimento de parentesco com eles, às vezes havia um verdadeiro processo de identificação. O autor francês chegou a afirmar que “a biografia é um meio de expressão quando o autor escolhe o seu tema para responder a uma necessidade secreta de sua própria natureza(...) Em certa medida será autobiografia disfarçada de biografia”.</p> <p>Análise da personalidade profunda do biografado; abordagem psicanalítica, introspectiva e emocional.</p> |
| EIXO<br>TRANSVERSAL      | 8 – Documentação e pesquisa                         | Maurois: Uso de fontes inéditas, privadas; valorização da pesquisa intensa como parte do processo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|                          | 9 – Função ética                                    | <p>Maurois:<br/>A biografia como meio de compreender o outro, julgar atitudes, educar e formar o leitor.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|  |                                                             |                                                                                                                         |
|--|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                                                             | Os biógrafos modernos retratavam seus biografados evitando julgamentos morais.                                          |
|  | 10 – Abordagem crítica, desmistificadora e não hagiográfica | Maurois, Strachey e Woolf: Rejeição de retratos idealizados; o biografado aparece com falhas, contradições, humanidade. |

Fonte: Elaborada pela autora

#### APÊNDICE B – TABELA 3 - RECORRÊNCIAS DA PALAVRA “COMPRENDRE”

| Obra | Página | Trecho original em língua francesa e tradução nossa em português                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Número de repetições da palavra “Comprendre” | Função       |
|------|--------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|--------------|
| I    | 9      | « Devons-nous ajouter qu’en écrivant ce livre, nous n’avons eu qu’un seul parti pris : <b>comprendre</b> , et dans la mesure où nous le pouvions, faire <b>comprendre</b> ? »<br><br>“Devemos acrescentar que, ao escrever este livro, tivemos uma única intenção: compreender e, na medida do possível, fazer compreender.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 2                                            | Metodológica |
|      | 11     | « Seulement, qui veut <b>comprendre</b> chez un Luther ce jeu alterné de sorties et de rentrées, d’explorations et de retraites (...) »<br><br>“Apenas, quem quiser compreender em Lutero esse jogo alternado de saídas e retornos, de explorações e de retiradas (...)”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1                                            | Analítica    |
|      | 12     | « Une telle étude ne peut se suffire à elle-même ; il lui faut, en préface, la connaissance solide du Luther d’avant 1525 — et elle n’éclaire pas, elle ne permet pas, rétrospectivement, de <b>comprendre</b> , d’expliquer, de faire <b>comprendre</b> ce Luther. »<br>« (...)Un nouveau Luther serait né dès lors. Un Luther que, dit-on, nous ne saurions <b>comprendre</b> , nous Français, nous étrangers. »<br><br>“Um tal estudo não pode bastar a si mesmo; é preciso, como prefácio, o conhecimento sólido do Lutero anterior a 1525 — e ela não esclarece, não permite, retrospectivamente, compreender, explicar, fazer compreender esse Lutero.”<br>“(...) Um novo Lutero teria nascido a partir daí. Um Lutero que, dizem, nós não saberíamos compreender, nós franceses, nós estrangeiros.” | 3                                            | Analítica    |
|      | 17     | « Le « moniage Luther » n’est pas une anecdote. D’avoir voulu être moine, de l’avoir été avec passion pendant des années : voilà qui marque l’homme d’un signe indélébile ; voilà qui fait <b>comprendre</b> l’œuvre. »<br><br>“O “monastério de Lutero” não é uma anedota. Ter desejado ser monge, tê-lo sido com paixão durante anos: eis o que marca o homem com um sinal indelével; eis o que faz compreender a obra.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1                                            | Analítica    |
|      | 40     | « Et puisque Luther, dès le début, a entrelacé l’histoire de ses crises à celle de sa pensée, cherchons à <b>comprendre</b> ce qu’un tel amalgame représentait pour lui. »<br><br>“E já que Lutero, desde o início, entrelaçou a história de suas crises à de seu pensamento, procuremos compreender o que tal amálgama representava para ele.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | 1                                            | Analítica    |
|      | 59     | « Mieux vaut <b>comprendre</b> que l’Augustin d’Erfurt ou de Wittemberg n’a rien d’un assembleur exact de concepts proprement rabotés. »                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1                                            | Analítica    |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |   |           |
|--|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |     | “É melhor compreender que o Agostiniano de Erfurt ou de Wittenberg não tem nada de um montador exato de conceitos devidamente aparados.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |   |           |
|  | 84  | « N’hésitons pas non plus à rappeler d’un mot tout ce qui peut aider à mieux <b>comprendre</b> l’histoire qui nous occupe.»<br><br>“Não hesitemos também em recordar, com uma palavra, tudo o que pode ajudar a melhor compreender a história que nos ocupa.”                                                                                                                                                                                                                                                               | 1 | Analítica |
|  | 95  | « Elle portait en elle, sans nul doute, de quoi <b>comprendre</b> , appuyer et, peut-être, mener au succès un effort révolutionnaire. »<br><br>“Ela trazia em si, sem dúvida, de que compreender, apoiar e, talvez, levar ao sucesso um esforço revolucionário.”                                                                                                                                                                                                                                                            | 1 | Analítica |
|  | 97  | « S’il y pensait, ce serait pour s’en méfier ; pour se défendre de tout orgueil intellectuel, le condamner comme l’œuvre du démon, jeter sur lui l’anathème que, dès 1517, il destine à Érasme, incarnation si parfaite du siècle qui veut <b>comprendre</b> . »<br><br>“Se ele pensava nisso, seria para desconfiar; para se defender de todo orgulho intelectual, condená-lo como obra do demônio, lançar sobre ele o anátema que, desde 1517, destina a Erasmo, encarnação tão perfeita do século que quer compreender.” | 1 | Analítica |
|  | 108 | « (...) c’est parce que ce texte du XXe siècle nous aide fort bien, rétrospectivement, à <b>comprendre</b> un fait très grave du XVIe (...) »<br><br>“(…) é porque esse texto do século XX nos ajuda muito bem, retrospectivamente, a compreender um fato muito grave do século XVI (...)”                                                                                                                                                                                                                                  | 1 | Analítica |
|  | 110 | « (...)L’humaniste avait dû <b>comprendre</b> que dès lors, toute condamnation de Luther serait sa condamnation à lui (...) »<br><br>“(…) O humanista teve de compreender que, a partir de então, toda condenação de Lutero seria sua própria condenação (...)”                                                                                                                                                                                                                                                             | 1 | Analítica |
|  | 111 | « (...) Érasme se nourrissait avec délices et qui l’aidait sans doute à <b>comprendre</b> Jésus (...) »<br><br>“(…)Erasmo se nutria com delícias e que, sem dúvida, o ajudava a compreender Jesus (...)”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1 | Analítica |
|  | 118 | « Si ces hommes, si promptement, crièrent à l’hérésie, demandèrent des sanctions, allèrent tout de suite au pire, c’est que les diplomates et les calculateurs qui dirigeaient l’Église étaient devenus incapables de <b>comprendre</b> et d’admettre l’effort, même brutal, d’un croyant passionné pour retrouver au fond de son âme les sources profondes de la vie religieuse. »                                                                                                                                         | 1 | Analítica |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |   |           |
|--|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |     | <p>“Se esses homens, tão prontamente, gritaram heresia, exigiram sanções, foram logo ao extremo, é porque os diplomatas e calculistas que dirigiam a Igreja haviam-se tornado incapazes de compreender e admitir o esforço, mesmo brutal, de um crente apaixonado em reencontrar, no fundo de sua alma, as fontes profundas da vida religiosa.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                |   |           |
|  | 139 | <p>« (...) Mais cette confiance qui l’inspire, qui le soutient dans toutes ses démarches, c’est elle en même temps qui nous fait <b>comprendre</b> son peu de souci des réalisations et ce dédain des constructions équilibrées où se marque si fort l’un des traits permanents de son génie. »</p> <p>“(…), Mas essa confiança que o inspira, que o sustenta em todas as suas ações, é ela, ao mesmo tempo, que nos faz compreender seu pouco apreço pelas realizações e esse desprezo pelas construções equilibradas que marcam tão fortemente um dos traços permanentes de seu gênio.”</p>      | 1 | Analítica |
|  | 157 | <p>« Luther, lui, n’en était pas à se taire. Ni devant le pape, ni devant les rois. Essayons de bien <b>comprendre</b> son état d’esprit, durant qu’il vit lentement ces mois de la Wartbourg, à la fois si vides et si pleins. (...)»</p> <p>“Lutero, ele, não estava em silêncio. Nem diante do papa, nem diante dos reis. Tentemos compreender bem seu estado de espírito, enquanto vivia lentamente esses meses em Wartburg, ao mesmo tempo tão vazios e tão plenos.”</p>                                                                                                                      | 1 | Analítica |
|  | 161 | <p>« (...) Alors, accorder les deux idiomes, chercher le mot juste, la tournure naturelle et simple, la tournure vraiment allemande, celle qui permettra aux hommes du peuple allemand d’aborder, de <b>comprendre</b> la parole du Christ comme l’enfant entend, comprend la parole de sa mère (...)»</p> <p>“(…) Então, conciliar os dois idiomas, buscar a palavra justa, a formulação natural e simples, a formulação realmente alemã, aquela que permitirá aos homens do povo alemão abordar, compreender a palavra de Cristo como a criança ouve, compreende a palavra de sua mãe (...)”</p> | 1 | Analítica |
|  | 162 | <p>« Combats de la langue et du style : il en est d’autres encore, et non moins durs : les combats de Luther avec un texte qui n’a jamais passé, précisément, pour simple et facile à <b>comprendre</b>. »</p> <p>“Combates da língua e do estilo: há ainda outros, não menos duros: os combates de Lutero com um texto que jamais passou, precisamente, por simples e fácil de compreender.”</p>                                                                                                                                                                                                  | 1 | Analítica |
|  | 197 | <p>« Oui, ironiser est facile. Mais le Français né malin, ou l’antiluthérien qui ricane, sont-ce des guides à choisir pour <b>comprendre</b> un Luther, et</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 1 | Analítica |

|    |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |   |           |
|----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|    |     | <p>par-delà la Réforme allemande, et par-delà encore, un des aspects les plus saisissants du germanisme dans l'histoire ? »</p> <p>“Sim, ironizar é fácil. Mas o francês nascido sagaz, ou o antiluterano que zomba, são guias a escolher para compreender um Lutero e, além da Reforma alemã, e além ainda, um dos aspectos mais marcantes do germanismo na história?”</p>                                                                                                                                                                               |   |           |
|    | 237 | <p>« Songeons toujours à cela, si nous voulons <b>comprendre</b>. »</p> <p>“Pensemos sempre nisso, se quisermos compreender.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 1 | Analítica |
| II | 7   | <p>« Muni de ce para chute, — expérience et réflexion, — il a pris son vol d'historien. Il a élargi sans cesse son souci de <b>comprendre</b>. »</p> <p>“Munido desse paraquedas — experiência e reflexão — ele alçou voo como historiador. Ampliou sem cessar sua preocupação de compreender.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                       | 1 | Analítica |
|    | 8   | <p>« Or, éviter l'anachronisme, atteindre la réalité d'un temps et d'un es pace déterminés, en « <b>comprendre</b> et faire <b>comprendre</b> » la « façon de vouloir, de sentir, de penser et de croire » »</p> <p>“Ora, evitar o anacronismo, alcançar a realidade de um tempo e de um espaço determinados, “compreender e fazer compreender” a “maneira de querer, de sentir, de pensar e de crer”</p>                                                                                                                                                 | 2 | Analítica |
|    | 16  | <p>« Le problème pour lui, est « de savoir comment les hommes de 1532 ont pu entendre et <b>comprendre</b> Panta gruel et le Cymbalum mundi », ou plus encore, en retournant la phrase, « de savoir comment les mêmes hommes n'ont pu, certaine ment, ni les entendre ni les <b>comprendre</b> » »</p> <p>“O problema para ele é “saber como os homens de 1532 puderam ouvir e compreender Pantagruel e o <i>Cymbalum mundi</i>”, ou ainda, invertendo a frase, “saber como os mesmos homens certamente não puderam nem ouvi-los nem compreendê-los””</p> | 2 | Crítica   |
|    | 25  | <p>« Pour bien <b>comprendre</b> l'attitude intellectuelle, à la fois instinctive et voulue, de notre collaborateur, une remarque s'impose encore. »</p> <p>“Para bem compreender a atitude intelectual, ao mesmo tempo instintiva e deliberada, de nosso colaborador, impõe-se ainda uma observação.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                | 1 | Analítica |
|    | 32  | <p>« Retournons la phrase : il est, plus encore, de savoir comment les mêmes hommes n'ont pu, certainement, ni les entendre, ni les <b>comprendre</b>. »</p> <p>“Invertamos a frase: trata-se, ainda mais, de saber como os mesmos homens certamente não puderam ouvi-los nem compreendê-los.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                        | 1 | Crítica   |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |   |              |
|--|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|--------------|
|  | 36  | <p>« (...) je me décide à le publier tel quel, comme un acte de foi dans les destins du libre esprit, comme une affirmation de cette volonté de <b>comprendre</b> et de « faire <b>comprendre</b> » par quoi j'aime définir la fonction de l'histoire, la tâche féconde de l'historien. »</p> <p>“(...) decido publicá-lo tal como está, como um ato de fé nos destinos do livre espírito, como uma afirmação dessa vontade de compreender e de “fazer compreender” pela qual gosto de definir a função da história, a tarefa fecunda do historiador.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | 2 | Metodológica |
|  | 43  | <p>« Mais celle du Est-il possible que ne conduirait-elle pas, au contraire, l'historien à cette fin dernière de toute histoire : non point Savoir, en dépit des étymologies, mais <b>Comprendre</b> ? »</p> <p>“Mas essa — será possível que não conduza, ao contrário, o historiador a essa finalidade última de toda história: não o Saber, apesar das etimologias, mas o Compreender?”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1 | Metodológica |
|  | 121 | <p>« Autres hommes, même s'il arrive à certains d'entre eux de taquiner la Muse latine ; autres tempéraments, autres habitudes, autres précautions à prendre si nous voulons les <b>comprendre</b> et critiquer dûment leur témoignages. »</p> <p>“Outros homens, mesmo que alguns deles cheguem a provocar a Musa latina; outros temperamentos, outros hábitos, outras precauções a tomar, se quisermos compreendê-los e criticar devidamente seus testemunhos.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1 | Analítica    |
|  | 140 | <p>« Gardons-nous, en tout cas, et ce sera notre dernière remarque, de re connaître, dans le jugement de Postel sur le christianisme de Rabelais, le verdict autorisé d'un catholique de stricte observance. On ne peut <b>comprendre</b> un texte de Postel si l'on ne se place pas au point de vue, très spécial, de ce précurseur de Campanella, de ce propagandiste d'une religion naturelle embrassant, dans l'unité d'un Christianisme élargi, tout ce qu'il y a de meilleur (et au fond d'identique) dans le Judaïsme, l'Islamisme et le Christianisme. »</p> <p>“Guardemo-nos, em todo caso, e será nossa última observação, de reconhecer, no julgamento de Postel sobre o cristianismo de Rabelais, o veredicto autorizado de um católico de estrita observância. Não se pode compreender um texto de Postel sem assumir o ponto de vista, muito particular, desse precursor de Campanella, desse propagandista de uma religião natural abrangendo, na unidade de um Cristianismo ampliado, tudo o que há de melhor (e no fundo idêntico) no Judaísmo, no Islamismo e no Cristianismo.”</p> | 1 | Analítica    |

|  |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |   |           |
|--|---------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  | 153     | <p>« Si l'on ne prend pas les choses ainsi, comment <b>comprendre</b> quoi que ce soit aux étonnantes contradictions des hommes du XVI<sup>e</sup> siècle ? »</p> <p>“Se não encararmos as coisas assim, como compreender qualquer coisa das espantosas contradições dos homens do século XVI?”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 1 | Crítica   |
|  | 201     | <p>« (...) Si l'on ne prend pas les choses ainsi, comment <b>comprendre</b> quoi que ce soit aux étonnantes contradictions des hommes du XVI<sup>e</sup> siècle ? »</p> <p>“(…) Se não encararmos as coisas assim, como compreender qualquer coisa das espantosas contradições dos homens do século XVI?”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1 | Crítica   |
|  | 215     | <p>« Et que tout un travail doit être fait, un travail considérable et des plus délicats, si l'on veut restituer aux propos que nous croyons <b>comprendre</b> sans plus de recherches, le sens très spécial qu'ils avaient pour ceux-là mêmes qui les tinrent, il y a quatre siècles. »</p> <p>“E que todo um trabalho deve ser feito, considerável e dos mais delicados, se quisermos restituir às palavras que julgamos compreender sem mais pesquisas, o sentido muito particular que tinham para aqueles que as proferiram há quatro séculos.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 1 | Analítica |
|  | 234     | <p>« (...) Et il le dit tout natu rellement, innocemment, sans la moindre arrière-pensée d'hypocrisie. Si les « initiés » se félicitent de le <b>comprendre</b>, ils se féliciteront d'une prouesse d'esprit un peu simple. »</p> <p>“E ele o disse naturalmente, inocentemente, sem a menor segunda intenção de hipocrisia. Se os “iniciados” se felicitam por compreendê-lo, felicitam-se de uma proeza de espírito um tanto simples.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 1 | Crítica   |
|  | 266-267 | <p>« (...) Donc, premier et principal des de voirs : chaque jour, « visiter les Saintes Lettres » ; acquérir, s'il se peut, les connaissances nécessaires pour lire « premièrement, en grec, le Nouveau Testament et Épistres des Apôtres ; et puis, en hébreu, le Vieux Testament » ; se faire chaque matin lire « quelque page de la Divine Escripture », non comme un grimoire qu'on marmonne sans <b>comprendre</b> : comme un beau texte antique dont on désire pénétrer l'esprit. »</p> <p>“(…) Portanto, primeiro e principal dever: cada dia, “visitar as Sagradas Escrituras”; adquirir, se possível, os conhecimentos necessários para ler “primeiramente, em grego, o Novo Testamento e as Epístolas dos Apóstolos; e depois, em hebraico, o Velho Testamento”; fazer-se ler cada manhã “alguma página da Divina Escritura”, não como um grimório murmurando sem compreender: mas como um belo texto antigo cujo espírito se deseja penetrar.”</p> | 1 | Analítica |

|     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |   |           |
|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
| 274 | <p>« (...) je vois à ce système bien des objections — et celle-ci d’abord : s’il désirait arrêter des investigations, dès la première page de son Platon, par une affirmation de Christianisme un peu naïve, Rabelais aurait sans doute cherché à ce que ses ennemis, qui n’étudiaient pas crainte des auripeaux (et surtout pas le grec, lan gue démoniaque) pussent le <b>comprendre</b>. »</p> <p>“(…) Vejo nesse sistema muitas objeções — e esta, antes de tudo: se quisesse interromper investigações, já na primeira página de seu Platão, por uma afirmação um tanto ingênua de Cristianismo, Rabelais teria, sem dúvida, cuidado para que seus inimigos, que não estudavam por medo dos ornamentos (e sobretudo do grego, língua demoníaca), pudessem compreendê-lo.”</p>                                                                                                                                  | 1 | Analítica |
| 277 | <p>« (...) En vérité, je n’arrive pas à <b>comprendre</b> le Rabelais d’Abel Lefranc, et ses contradictions ? »</p> <p>“(…) Em verdade, não consigo compreender o Rabelais de Abel Lefranc, e suas contradições?”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 1 | Analítica |
| 358 | <p>« (...) mais sans plus bien <b>comprendre</b> ce qu’exprimait de pro fond cette expression en cours de désuétude. »</p> <p>“(…) mas sem mais compreender profundamente o que exprimia essa expressão em vias de desuso.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 1 | Analítica |
| 362 | <p>« (...) car après tout, l’historien a assez de peine à <b>comprendre</b> sans se mettre en souci de juger massivement ? »</p> <p>“(…) pois afinal de contas, o historiador já tem bastante dificuldade em compreender, sem se preocupar em julgar maciçamente?”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 1 | Analítica |
| 363 | <p>« C’est dans la mesure où nous savons justifier ainsi ces contrastes et ces oppositions que nous pouvons <b>comprendre</b> pourquoi, les circonstances ayant changé, cha cune de ces thèses, et de ces attitudes, a dû s’effacer devant d’autres — c’est dans cette mesure uniquement que nous pouvons évaluer l’effort persévérant de l’intelligence humaine réagissant à la pression des événements, au choc des circonstances. Ce qui est bien vraiment la tâche de l’historien. »</p> <p>“É na medida em que sabemos justificar assim esses contrastes e oposições que podemos compreender por que, mudadas as circunstâncias, cada uma dessas teses e atitudes teve de ceder diante de outras — é nessa medida apenas que podemos avaliar o esforço persistente da inteligência humana reagindo à pressão dos acontecimentos, ao choque das circunstâncias. O que é realmente a tarefa do historiador.”</p> | 1 | Analítica |
| 383 | <p>« (...) Ce serait refuser de <b>comprendre</b> le jeu d’échanges perpétuel et d’emprunts, qui liait l’un</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 1 | Crítica   |

|     |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |   |              |
|-----|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|--------------|
|     |     | à l'autre ces deux termes qu'on voudrait poser comme antagonistes. »<br><br>“(…) Seria recusar compreender o jogo de trocas perpétuas e de empréstimos, que ligava um ao outro esses dois termos que se quisera colocar como antagônicos.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |   |              |
|     | 387 | « (...) Et c'était à travers ces notions qu'il lisait, qu'il interprétait et qu'il s'appropriait, sans se soucier de les mettre en place historiquement, les textes antiques dont un hasard assez étonnant lui permettait de <b>comprendre</b> , parfois, tel ou tel fragment, tel ou tel débris. »<br><br>“(…) E era através dessas noções que ele lia, interpretava e se apropriava, sem se preocupar em situá-las historicamente, dos textos antigos que um acaso bastante surpreendente lhe permitia compreender, às vezes, tal ou qual fragmento, tal ou qual vestígio.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1 | Analítica    |
|     | 425 | « Le rapide coup d'œil que nous venons de jeter sur l'état de la Science, de la théorie et de la pratique scientifiques au XVI <sup>e</sup> siècle, nous permet maintenant de bien saisir et de bien <b>comprendre</b> ce qu'il y a de douloureux et d'incomplet dans le destin des hommes de ce temps — je veux dire, naturellement, des plus intelligents, des mieux instruits — et d'éviter ainsi quelques erreurs d'appréciation qui, pour être fréquentes, n'en sont pas moins dangereuses. »<br><br>“O rápido olhar que acabamos de lançar sobre o estado da Ciência, da teoria e da prática científicas no século XVI, permite-nos agora compreender bem o que havia de doloroso e incompleto no destino dos homens desse tempo — quero dizer, naturalmente, dos mais inteligentes, dos mais instruídos — e evitar assim alguns erros de avaliação que, embora frequentes, não deixam de ser perigosos.” | 1 | Analítica    |
|     | 462 | « Tout cela, à notre gré, peu net, peu décisif, et volontiers taxé par nous d'hypocrisie. Eh non ! soyons justes pour les hommes de ce temps : être juste, c'est <b>comprendre</b> . »<br><br>“Tudo isso, a nosso ver, pouco claro, pouco decisivo, e voluntariamente taxado por nós de hipocrisia. E não! Sejam justos com os homens desse tempo: ser justo é compreender.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1 | Ética        |
| III | 7   | « Eh bien, qu'on ne cherche pas dans ce petit livre une réponse à si magnifique question. On serait déçu. J'ai refusé, je refuse de composer en histoire, une fois de plus. D'être « complet ». Complet, ce beau mot d'enfant, ou de vieux savant : c'est tout un. Je ne serai pas complet. Je voudrais, une fois de plus, <b>comprendre</b> , et faire <b>comprendre</b> . <b>Comprendre</b> , ramasser, ressaisir, reconstituer, comprendre. Et ce livre va en rejoindre d'autres — qui eux non plus ne sont pas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 3 | Metodológica |

|  |    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |   |           |
|--|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |    | <p>com plets. Mais tous, je l'espère, proposent quelque énigme à notre besoin de trouver. »</p> <p>“Pois bem, não se procure neste pequeno livro uma resposta a tão magnífica questão. Ficariam decepcionados. Recusei, recuso compor em história, mais uma vez. Ser “completo”. Completo, essa bela palavra de criança ou de velho sábio: é o mesmo. Não serei completo. Quero, mais uma vez, compreender e fazer compreender. Compreender, reunir, retomar, reconstituir, <i>compreendere</i>. E este livro vai juntar-se a outros — que também não são completos. Mas todos, espero, propõem algum enigma à nossa necessidade de encontrar.”</p>                             |   |           |
|  | 17 | <p>« D'une manière assez simple, je le crois, si l'on veut bien, à l'automatisme d'une histoire de manuel, substituer la liberté et la vie d'une histoire réelle. Mais d'abord, ce qu'il faut voir, ce qu'il faut marquer fortement en Marguerite — parce que, précisément, ce trait nous aide à <b>comprendre</b> ses activités (...) »</p> <p>“De maneira bastante simples, creio, se quisermos, ao automatismo de uma história de manual, substituir a liberdade e a vida de uma história real. Mas antes de tudo, o que é preciso ver, o que é preciso marcar fortemente em Margarida — porque, precisamente, esse traço nos ajuda a compreender suas atividades (...)”</p> | 1 | Analítica |
|  | 80 | <p>« (...) Se borner à étudier, en s'enfermant en elles, les lettres de Marguerite et du prélat — comme l'a fait naguère, si utilement d'ailleurs, Philippe-Auguste Becker — c'est se condamner à ne pas <b>comprendre</b> finalement le sens de cet épisode important et de la vie de Marguerite, et de l'histoire de la Réforme en France. »</p> <p>“(...) Limitar-se a estudar, fechando-se nelas, as cartas de Margarida e do prelado — como fez outrora, tão utilmente, Philippe-Auguste Becker — é condenar-se a não compreender, afinal, o sentido desse episódio importante da vida de Margarida e da história da Reforma na França.”</p>                               | 1 | Crítica   |
|  | 95 | <p>« Dieu — c'est-à-dire celui qu'aucun homme vivant ne peut connaître, parce que, « voir l'invisible, <b>comprendre</b> l'incompréhensible, entendre l'inintelligible » — l'homme ne le saurait. »</p> <p>“Deus — isto é, aquele que nenhum homem vivo pode conhecer, porque “ver o invisível, compreender o incompreensível, entender o ininteligível” — o homem não o saberia.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 1 | Analítica |
|  | 97 | <p>« Douces et amoureuses échelles d'assurrection ! Par elles nous nous élevons de la vue des créatures à la contemplation de Dieu — sans présumer cependant le <b>comprendre</b> dans son essence. »</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 1 | Crítica   |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |   |           |
|--|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |     | “Doces e amorosas escadas de ressurreição! Por elas nos elevamos da visão das criaturas à contemplação de Deus — sem, contudo, presumir compreendê-lo em sua essência.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |   |           |
|  | 107 | « Quant à la colère de Dieu, n'est-elle pas justifiée, elle aussi — je veux dire, l'homme ne peut-il la <b>comprendre</b> par des arguments à sa portée ? »<br><br>“Quanto à cólera de Deus, não está ela justificada também — quero dizer, o homem não pode compreendê-la por argumentos ao seu alcance?”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1 | Analítica |
|  | 146 | « La lecture n'en n'est certes pas inutile à qui veut <b>comprendre</b> le pourquoi des relations de Marguerite avec Capiton. »<br><br>“A leitura não é de modo algum inútil para quem quiser compreender a razão das relações de Margarida com Capiton.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1 | Analítica |
|  | 154 | « (...) quand on a lu l'amitié au lieu de « la moitié » — on commence à <b>comprendre</b> . »<br><br>“(…) quando se leu amizade em vez de “metade” — começa-se a compreender.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 1 | Analítica |
|  | 156 | « (...) C'est la voix des libertins spirituels qui ont aidé Marguerite à mieux <b>comprendre</b> la leçon des Eglises réformées.»<br><br>“(…) É a voz dos libertinos espirituais que ajudaram Margarida a melhor compreender a lição das Igrejas reformadas.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 1 | Analítica |
|  | 164 | « L'historien n'a pas à étiqueter, mais à <b>comprendre</b> . Et <b>comprendre</b> , c'est d'abord suivre à travers le temps et ses vicissitudes la marche des hommes et des événements, en essayant de noter finement les changements, les transformations, les modifications d'idées qu'imposèrent aux hommes, et aux femmes, leurs changements de climat successifs. »<br><br>“O historiador não deve etiquetar, mas compreender. E compreender é, antes de tudo, seguir através do tempo e de suas vicissitudes o percurso dos homens e dos acontecimentos, procurando registrar finamente as mudanças, transformações, modificações de ideias que os sucessivos climas lhes impuseram.” | 2 | Analítica |
|  | 176 | «remplie d'allusions voilées, d'expressions obscures à dessein, et dont la première moitié serait impénétrable si la fin n'aidait à <b>comprendre</b> le commencement.»<br><br>“Cheia de alusões veladas, de expressões obscuras de propósito, e cuja primeira metade seria impenetrável se o fim não ajudasse a compreender o começo.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 1 | Analítica |
|  | 210 | « se délibéra de prendre sa consolation en l'amour et seurté qu'elle portait à Amadour, et que toutesfois elle ne lui osait déclarer ; mais lui, qui s'en doutait bien, ne perdait occasion ni                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 1 | Analítica |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |   |           |
|--|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |     | <p>temps pour lui faire <b>comprendre</b> la grande amour qu'il lui portait »...</p> <p>“(…) decidiu tomar sua consolação no amor e segurança que nutria por Amadour, e que, no entanto, não ousava declarar; mas ele, que bem o suspeitava, não perdia ocasião nem tempo para lhe fazer compreender o grande amor que lhe tinha.”</p>                                                                                                                                                                                    |   |           |
|  | 219 | <p>« Texte important : il nous permet de bien <b>comprendre</b> le rôle, et la réelle signification de ces recueils de nouvelles ou de contes, qui foi sonnèrent au XVe et au XVIe siècle en Italie, mais aussi en France, avec quelque retard sur la péninsule (...) »</p> <p>“Texto importante: permite-nos compreender bem o papel e o real significado dessas coletâneas de novelas ou contos, que floresceram no século XV e XVI na Itália, mas também na França, com algum atraso em relação à península (...)”</p> | 1 | Analítica |
|  | 224 | <p>« On comprend alors (mais comment <b>comprendre</b> autrement ?) les encouragements de Marguerite à Antoine Le Maçon, le traducteur du Décaméron »</p> <p>“Então se compreende (mas como compreender de outra forma?) os encorajamentos de Margarida a Antoine Le Maçon, tradutor do <i>Decameron</i>.”</p>                                                                                                                                                                                                            | 1 | Analítica |
|  | 228 | <p>« En réalité, essayons de <b>comprendre</b>, l’histoire de Floride et d’Amadour à l’aide de ces observations préliminaires. »</p> <p>“Na realidade, tentemos compreender a história de Floride e Amador com a ajuda dessas observações preliminares.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                              | 1 | Analítica |
|  | 235 | <p>« (...) qui ne veulent rien <b>comprendre</b>, ni rien savoir... »</p> <p>“(…) que não querem compreender nem saber de nada...”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1 | Analítica |
|  | 236 | <p>« Cette royale figure qui semblait tout <b>comprendre</b> et hâblait à merveille »</p> <p>“Essa figura régia que parecia tudo compreender e falava maravilhosamente.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 1 | Analítica |
|  | 239 | <p>« Dire ce que nous venons de dire, et qu’on dit cou ramment, c’est délayer — ce n’est ni <b>comprendre</b>, ni expliquer. Peut être alors, dans le sens que nous indiquons ? »</p> <p>“Dizer o que acabamos de dizer, e que se diz correntemente, é diluir — não é nem compreender, nem explicar. Talvez então, no sentido que indicamos?”</p>                                                                                                                                                                         | 1 | Analítica |
|  | 249 | <p>« (...) Aimer, mais de quel amour en vérité — et, j’y reviens, suffit-il, pour <b>comprendre</b>, de</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 1 | Analítica |

|  |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |   |           |
|--|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|-----------|
|  |     | nommer courtois et platonique un tel amour ? Car enfin... »<br><br>“(…) Amar, mas de que amor em verdade — e, volto a isso, basta, para compreender, nomear de cortês e platônico um tal amor? Pois afinal...”                                                                                                                                                                                                                                                                 |   |           |
|  | 255 | « (...) c'est alors que, pour combler ce vide, on projette avec le plus de complaisance, et de sérénité, ses idées d'homme blanc qu'on dit civilisé dans un passé qu'on s'étonne, ensuite, de ne pas très bien <b>comprendre</b> dans ses démarches. »<br><br>“É então que, para preencher esse vazio, projeta-se com a maior complacência, e serenidade, suas ideias de homem branco dito civilizado num passado que depois se espanta de não compreender bem em suas ações.” | 1 | Analítica |
|  | 266 | « L'intégrité charnelle n'est pas une vertu. » Vertu, le mot qu'il faut dire, finalement, si l'on veut <b>comprendre</b> le point de vue des hommes du XVIe siècle, et le nôtre, si différent du leur.<br><br>“A integridade carnal não é uma virtude. Virtude, a palavra que afinal se deve dizer, se quisermos compreender o ponto de vista dos homens do século XVI, e o nosso, tão diferente do deles.”                                                                    | 1 | Analítica |
|  | 274 | « De nos dissertations pour comprendre des choses aussi simples. Et, plus encore, de nos mines scandalisées. »<br><br>“De nossas dissertações para compreender coisas tão simples. E, mais ainda, de nossas expressões escandalizadas”                                                                                                                                                                                                                                         | 1 | Analítica |

Fonte: Elaborada pela autora

#### APÊNDICE C – TABELA 4 - NÚMERO DE REPETIÇÕES DE "FAIRE COMPRENDRE"

| Obra | Página | Trecho original em língua francesa e tradução em português                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Número de repetições de “faire comprendre” |
|------|--------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| I    | 9      | « Devons-nous ajouter qu'en écrivant ce livre, nous n'avons eu qu'un seul parti pris : comprendre, et dans la mesure où nous le pouvions, <b>faire comprendre</b> ? »<br>“Devemos acrescentar que, ao escrever este livro, tivemos apenas uma única intenção: compreender e, na medida do possível, fazer compreender?”                                                                                                                                                                                   | 1                                          |
|      | 12     | « Une telle étude ne peut se suffire à elle-même ; il lui faut, en préface, la connaissance solide du Luther d'avant 1525 — et elle n'éclaire pas, elle ne permet pas, rétrospectivement, de comprendre, d'expliquer, <b>de faire comprendre</b> ce Luther. »<br>“Um estudo desse tipo não pode bastar a si mesmo; requer, como prefácio, o conhecimento sólido do Lutero anterior a 1525 — e ele não esclarece, não permite, retrospectivamente, compreender, explicar e fazer compreender esse Lutero.” | 1                                          |
| II   | 8      | « Or, éviter l'anachronisme, atteindre la réalité d'un temps et d'un espace déterminés, en « comprendre et <b>faire comprendre</b> » la « façon                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 1                                          |

|     |     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                             |
|-----|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
|     |     | de vouloir, de sentir, de penser et de croire », c’est tâche particulièrement difficile. »<br>“Ora, evitar o anacronismo, alcançar a realidade de um tempo e de um espaço determinados, ‘compreender e fazer compreender’ o modo de querer, de sentir, de pensar e de crer — é uma tarefa particularmente difícil.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                             |
|     | 36  | « (...) je me décide à le publier tel quel, comme un acte de foi dans les destins du libre esprit, comme une affirmation de cette volonté de comprendre et de « <b>faire comprendre</b> » par quoi j’aime définir la fonction de l’histoire, la tâche féconde de l’historien. »<br>“(…) decido publicá-lo tal como está, como um ato de fé nos destinos do espírito livre, como uma afirmação dessa vontade de compreender e de ‘fazer compreender’, pela qual gosto de definir a função da história, a tarefa fecunda do historiador.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 1                                                           |
| III | 7   | « Eh bien, qu’on ne cherche pas dans ce petit livre une réponse à si magnifique question. On serait déçu. J’ai refusé, je refuse de composer en histoire, une fois de plus. D’être « complet ». Complet, ce beau mot d’enfant, ou de vieux savant : c’est tout un. Je ne serai pas complet. Je voudrais, une fois de plus, comprendre, et <b>faire comprendre</b> . Comprendre, ramasser, ressaisir, reconstituer, <i>comprehendere</i> . Et ce livre va en rejoindre d’autres — qui eux non plus ne sont pas complets. Mais tous, je l’espère, proposent quelque énigme à notre besoin de trouver. »<br>“Pois bem, não se procure neste pequeno livro uma resposta para tão magnífica questão. Seria uma decepção. Recusei, recuso ainda, compor em história, mais uma vez, sendo ‘completo’. Completo, essa bela palavra de criança ou de velho sábio: dá no mesmo. Não serei completo. Quero, mais uma vez, compreender e fazer compreender. Compreender, reunir, retomar, reconstituir, <i>comprehendere</i> . E este livro vai se juntar a outros — que também não são completos. Mas todos eles, espero, propõem algum enigma à nossa necessidade de buscar.” | 1                                                           |
|     | 210 | « se délibéra de prendre sa consolation en l’amour et seurté qu’elle portait à Amadour, et que toutes fois elle ne lui osait déclarer ; mais lui, qui s’en doutait bien, ne perdait occasion ni temps pour lui <b>faire comprendre</b> la grande amour qu’il lui portait »...<br>“Resolveu buscar sua consolação no amor e na segurança que nutria por Amador, e que, no entanto, não ousava confessar-lhe; mas ele, que já bem o suspeitava, não perdia ocasião nem tempo para lhe fazer compreender o grande amor que lhe tinha.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1 – a passagem é uma citação que Febvre faz de outro autor. |

Fonte: Elaborada pela autora

APÊNDICE D – TABELA 5 - DIVISÕES INTERNAS DAS OBRAS (PARTE I) - PARTE I – O ESFORÇO SOLITÁRIO, RABELAIS ATEÍSTA? E MARGARIDA, A CRISTÃ

| Aspecto | Obra I: Lutero             | Obra II: Rabelais        | Obra III: Margarida de Navarra |
|---------|----------------------------|--------------------------|--------------------------------|
| Parte I | <i>O esforço solitário</i> | <i>Rabelais ateísta?</i> | <i>Margarida, a cristã</i>     |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Divisões Internas</b></p> | <p><b>CAPÍTULO I - DE KÖSTLIN A DENIFLE</b><br/> I - Antes da viagem a Roma<br/> II - De Roma às indulgências<br/> III - Um estraga-prazeres<br/> IV - A argumentação de Denifle<br/> <b>CAPÍTULO II - REVISÕES: ANTES DA DESCOBERTA</b><br/> I - O monástico Lutero<br/> II - De Gabriel a Staupitz<br/> <b>CAPÍTULO III - REVISÕES: A DESCOBERTA</b><br/> I - O que é a descoberta?<br/> II - Suas consequências<br/> III - Lutero em 1516</p> | <p>Nota liminar: O problema do método<br/> <i>LIVRO I - O TESTEMUNHO DOS CONTEMPORÂNEOS</i><br/> <b>CAPÍTULO I - OS BONS CAMARADAS</b><br/> 1 – Os apolos de colégio<br/> 2 – Uma testemunha de Thuasne: Jean Visagier<br/> 3 - Visagier, Bourbon, Dolet<br/> 4 - Étienne Dolet, imitador de Luciano<br/> 5 - Rabelais, Rabella e Chesneau<br/> 6 - De Rabellus a Charidemus<br/> 7 – Júlio César Scaliger e François Rabelais<br/> 8 - Conclusão: sobre a legenda rabelaisiana<br/> <b>CAPÍTULO II - TEÓLOGOS E CONTROVERSISTAS</b><br/> 1 – Uma carta de Calvino<br/> 2 – As imaginações de Guillaume Postel<br/> 3 – Uma condenação na Sorbonne (1543)<br/> 4 - Rabelais Nicodemita?<br/> 5 – O raivoso Putherbe e o « De Scandalis » (1549)<br/> 6 – O que vale a acusação de ateísmo no século XVI<br/> Conclusão: Testemunhos e maneiras de pensar<br/> <i>LIVRO II - ESCÂNDALOS E QUEIXAS</i><br/> <b>CAPÍTULO I - AS INFANTILIDADES DE RABELAIS</b><br/> 1 – Alguns gracejos de homens de igreja<br/> 2 - Thélème sem igreja?<br/> 3 – A natividade de Gargântua<br/> 4 - Charitas omnia credit<br/> 5 – As ousadias de Orígenes<br/> 6 - Rabelais e os pregadores<br/> <b>CAPÍTULO II – A carta de Gargântua e a imortalidade da alma</b><br/> 1 – O sentido de um texto célebre<br/> 2 – Uma negação da vida eterna<br/> 3 – Psicologia do século XVI: a alma<br/> 4 – “Morrer totalmente”<br/> 5 – O erro de Rabelais<br/> 6 - Unus ex multis<br/> <b>CAPÍTULO III – A ressurreição de Epistemon e o milagre</b><br/> 1 – O evangelho ou os quatro filhos de Aymon?<br/> 2 – O século XVI e os milagres<br/> 3 – Uma questão levantada antes de « Pantagruel »<br/> 4 - Rabelais nos infernos</p> | <p>I – De Angoulême a Navarra<br/> II – Os primeiros poetas cristãos<br/> III – Margarida, Erasmo e o Renascimento<br/> IV – Margarida e as lições paulinas de Briçonet<br/> V – Margarida, uma luterana?<br/> Para concluir: um documento</p> |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  |  |
|--|--|--|--|

Fonte: Elaborada pela autora

APÊNDICE E – TABELA 6 - DIVISÕES INTERNAS DAS OBRAS (PARTE II E III) - PARTE II E III – A MATURIDADE/RETRAIMENTO EM SI; CRENÇA OU INCREDELIDADE?; MARGARIDA, A QUE FEZ O HEPTAMERÓN

| Aspecto           | Obra I: Lutero                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Obra II: Rabelais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Obra III: Margarida de Navarra                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Parte II e III    | II – A maturidade<br>III – Retraimento em si                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Crença ou incredulidade?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Margarida, a que fez o Heptaméron                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Divisões Internas | <p><b>II</b></p> <p><b>CAPÍTULO I – O CASO DAS INDULGÊNCIAS</b></p> <p>I – Albrecht, Fugger, Tetzel</p> <p>II – A reação de Lutero</p> <p>III – As 95 teses</p> <p><b>CAPÍTULO II – A ALEMANHA DE 1517 E LUTERO</b></p> <p>I – Dificuldades políticas</p> <p>II – Inquietações sociais</p> <p>III – Lutero à frente da Alemanha</p> <p><b>CAPÍTULO III – ERASMO, HUTTEN, ROMA</b></p> <p>I – Du bist nicht fromm!</p> <p>II – Os huttenistas</p> <p>III – Credis, vel non credis?</p> <p><b>CAPÍTULO IV – O IDEALISTA DE 1520</b></p> <p>I – O Manifesto à nobreza</p> <p>II – Construir uma igreja?</p> <p>III – A intrepidez de Worms</p> <p><b>CAPÍTULO V – OS MESES EM WARTBURGO</b></p> <p>I – A Alemanha conturbada</p> | <p>LIVRO I – O CRISTIANISMO DE RABELAIS</p> <p><b>CAPÍTULO I – O CREDO DOS GIGANTES</b></p> <p>1 – O Deus dos gigantes : criador e providência</p> <p>2– Onipotência de Deus contra o determinismo dos astrólogos</p> <p>3– Uma religião da palavra e do espírito</p> <p>4– O culto e seus ministros</p> <p>5 – A objeção de sinceridade</p> <p>6 – Onde Rabelais confirma-se cristão</p> <p>7 – Se os gigantes enganavam, seria em nome de quê ?</p> <p><b>CAPÍTULO II – RABELAIS, A REFORMA E LUTERO</b></p> <p>1– Entre 1532 e 1535: o que é ser reformado?</p> <p>2– Cremos e critérios: a escritura</p> <p>3–A justificação pela fé</p> <p>4– A fé formada de caridade</p> <p>5 – A questão das obras</p> <p>6 – Justificação, critério delicado</p> <p>7 – Rabelais e as coisas da Alemanha</p> <p>8 – Sopros luteranos sobre a obra rabelaisiana</p> <p>9 – Rabelais amou o evangelho : mas por intermédio de quem?</p> <p><b>CAPÍTULO III – RABELAIS, ERASMO E A FILOSOFIA DO CRISTO</b></p> <p>1– Um Erasmo de hoje</p> <p>2– Esse Erasmo e nosso Rabelais</p> <p>3– Alguns empréstimos</p> <p>4– Ousadias Erasmanas, ousadias</p> | <p>I – A rainha de Navarra</p> <p>II – Em torno de um prólogo</p> <p>III – Um conto do Heptaméron</p> <p>IV – O verdadeiro sentido do Heptaméron</p> <p>V – Da cortesia à violência</p> <p>VI – Amor e casamento no Heptaméron</p> <p>Para concluir : Margarida simples, Margarida dupla ?</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>II – O heroico labor em Wartburgo</p> <p>III – A confecção de um estilo</p> <p>IV – Idealismo antes de tudo</p> <p>V – A violência ou a palavra?</p> <p>VI – Crente, mas não líder</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p><b>CAPÍTULO I – ANABATISTAS E CAMPONESES</b></p> <p>I – Zwickau</p> <p>II – Pregar ou agir?</p> <p>III – A Igreja, o Estado</p> <p>IV – Os camponeses</p> <p>V – As duas cidades</p> <p><b>CAPÍTULO II – IDEALISMO E LUTERANISMO APÓS 1525</b></p> <p>I – Pro fide: Erasmo é a razão</p> <p>II – Provocar o mundo: Catarina</p> <p>III – Obedecer à autoridade</p> <p>IV – Luterismo e Luteranismo</p> | <p>Rabelaisianas</p> <p>5 – Quem foi mais ousado ?</p> <p>6 – Até que ponto Rabelais segue Erasmo?</p> <p>7 – Religião gigantal, religião erasmian</p> <p>8 – Rabelais, erasmiano até o fim?</p> <p><b>LIVRO II – OS LIMITES DA INCREDELIDADE NO SÉCULO XVI</b></p> <p><b>CAPÍTULO I – INFLUÊNCIAS DA RELIGIÃO SOBRE A VIDA</b></p> <p>1– A vida privada</p> <p>2– A vida profissional</p> <p>3– A vida pública</p> <p>4– O problema do precursor</p> <p><b>CAPÍTULO II – OS APOIOS DA IRRELIGIÃO: A FILOSOFIA?</b></p> <p>I – O equipamento mental</p> <p>1-Palavras que faltam</p> <p>2– Sintaxe e perspectiva</p> <p>3– A objeção do latim</p> <p>4– Um exemplo: o infinito</p> <p>II – Os dois pensamentos</p> <p>1-Pensamento grego, fé cristã. Um conflito ?</p> <p>2– Filosofia grega, fé cristã : trocas</p> <p><b>CAPÍTULO III – OS APOIOS DA IRRELIGIÃO: AS CIÊNCIAS?</b></p> <p>1-O velho mito da renascença</p> <p>2– A imprensa e seus efeitos : uvir-dizer</p> <p>3– Carência de instrumentos e de linguagem científica</p> <p>4– Tempo flutuante, tempo parado</p> <p>5 – Hipóteses e realidade : o sistema do mundo</p> <p>6 – O ponto de vista de Copérnico</p> <p>7 – Sistema do mundo, certeza ou medo?</p> <p>8 – A dúvida no século XVI</p> <p>9 – A veracidade no século XVI</p> <p>10 – Mentalidade artesanal</p> <p><b>CAPÍTULO IV – OS APOIOS DA IRRELIGIÃO: O OCULTISMO?</b></p> <p>1-Um século de precursores</p> <p>2-Odores, sabores e sons</p> <p>3-A música</p> <p>4-Atraso da visão</p> <p>5 – O senso do impossível</p> <p>6 – Natural e sobrenatural</p> <p>7 – Um universo cheio de demônios</p> <p>8 – Ocultismo e religião</p> <p>Conclusão: Um século que quer acreditar</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaborada pela autora